

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO CEDETEG  
SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS – SEAA/G  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGG**

**CLAUDETE KUHN**

**JUVENTUDE RURAL DE LARANJEIRAS DO SUL:  
ESPAÇOS DE LAZER, SOCIABILIDADE E TERRITORIALIZAÇÃO**

**GUARAPUAVA-PR, 2014.**

**CLAUDETE KUHN**

**JUVENTUDE RURAL DE LARANJEIRAS DO SUL:  
ESPAÇOS DE LAZER, SOCIABILIDADE E TERRITORIALIZAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Geografia (Área de Concentração: Dinâmica da Paisagem e dos Espaços Rurais e Urbanos).

**Orientadora:** Profa. Dra. Karla Rosário Brumes

**GUARAPUAVA-PR, 2014.**

Catálogo na Publicação  
Biblioteca Central da Unicentro, Campus Cedeteg

K96j Kuhn, Claudete  
Juventude rural de Laranjeiras do Sul: espaços de lazer, sociabilidade e territorialização / Claudete Kuhn. -- Guarapuava, 2013  
xiii, 280 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Dinâmica dos Espaços Rurais e Urbanos, 2013

Orientadora: Karla Rosário Brumes

Banca examinadora: Cecília Hauresko, Nécio Turra Neto

Bibliografia

1. Território. 2. Juventude rural. 3. Espaços de lazer. 4. Sociabilidade. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Geografia.

| CDD 711.98162



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO CEDETEG  
SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS – SEAA/G  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGG



### TERMO DE APROVAÇÃO

CLAUDETE KUHN

JUVENTUDE RURAL DE LARANJEIRAS DO SUL: ESPAÇOS DE LAZER,  
SOCIABILIDADE E TERRITORIALIZAÇÃO

Dissertação **APROVADA** em 15/04/2014 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Geografia, na área de concentração Dinâmica da Paisagem e dos Espaços Rurais e Urbanos, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), pela seguinte banca examinadora:

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Karla Rosário Brumes – Presidente  
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Cecília Hauresko,  
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Prof. Dr. Nécio Turra Neto  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Claudete Kuhn

Dedico este trabalho aqueles que são a luz que iluminam meu projeto de vida: minha família.

## AGRADECIMENTOS

Nessa trajetória de pesquisa, várias foram as dificuldades e desafios encontrados, mas não seria possível superá-los sem a ajuda de algumas pessoas, às quais quero agradecer.

Primeiramente a Deus por ter me concedido saúde e forças para concluir essa caminhada;

A minha orientadora, Karla Rosário Brumes, pela compreensão, cumplicidade e apoio nestes dois anos de mestrado; por ter compartilhado comigo todas as certezas e dúvidas em relação à temática de pesquisa e, sobretudo, por ter me orientado nesta dissertação de uma maneira generosa e democrática;

À professora Dra. Cecília Hauresko pelas contribuições, críticas e apontamentos durante os Seminários de Dissertação e posteriormente na Banca de Qualificação;

Ao professor Dr. Sérgio Fajardo, pelas suas valiosas reflexões, contribuições e críticas durante a Banca de Qualificação;

Ao professor Dr. Nécio Turra Neto e a professora Dra. Cecília Hauresko pela disponibilidade em aceitar participar da defesa final da dissertação;

A toda a juventude rural e as pessoas das comunidades rurais Rio do Tigre, Faxinal Grande e São Pedro do Interior, de Laranjeiras do Sul/PR que, generosamente, nos receberam, falaram de suas vidas, das suas vivências enquanto jovens rurais e de seus projetos, proporcionando-nos um grande aprendizado pessoal e acadêmico. Sem a ajuda de vocês os resultados aqui apresentados não seriam possíveis;

A todos/as os professores/as do Programa de Pós Graduação em Geografia da Unicentro - PPGG, pela excelência de seu corpo docente, pelas discussões proporcionadas durante as aulas que muito contribuíram para meu crescimento intelectual, pessoal e profissional;

À colega de orientação Alessandra Bassani, pelos momentos de troca, estudo e companheirismo;

Aos colegas do PPGG, com quem pude compartilhar minhas alegrias e angústias. Em especial, ao Azemir Müller, Daniele Cristina de Ramos, Letícia Krol Santos, Suellen Chemim de Almeida e Jaqueline Rodrigues dos Passos;

Aos meus amigos de perto e de longe que sempre me encorajaram a seguir em frente. Em especial a Tere, Gizeli e a Josi, pelos momentos de descontração e pela convivência atenciosa nos momentos nos quais precisei desabafar. Ao casal amigo Valquíria e Adriano, que sempre estiveram presentes em minha vida, oferecendo seu carinho e apoio.

A minha amiga e prima Adriana, por ter aberto as portas da sua casa nos momentos em que precisei ficar em Guarapuava. Obrigado pelo seu carinho, apoio e atenção;

Agradeço a diretora Leidilira, as minhas amigas e colegas de trabalho, Nedi e Jaciele, do Colégio Estadual Gabriela Mistral, pelo apoio e compreensão nos momentos em que estive ausente para as atividades do mestrado. Em especial, agradeço a Ecilma que de colega, tornou-se uma das minhas melhores amigas e ainda me presenteou com uma afilhada linda, Emily. Obrigada comadre pelo carinho e apoio incondicional;

Ao meu amigo Daniel Cirilo Augusto, pelo incentivo durante toda essa trajetória desde os “moios” da graduação, e por ter mostrado que isso tudo era possível;

Agradeço aos meus colegas Robson e Emerson, pela ajuda com os mapas presentes nessa dissertação.

Aos meus pais Plínio e Rosane, meus exemplos de perseverança, determinação e honestidade. A eles, meus pais amorosos, agradeço eternamente pelo apoio e que em sua simplicidade de agricultores, sempre mostraram que as sementes bem plantadas geram bons frutos. Tenho muito orgulho de vocês.

As minhas irmãs Claudia, Clarisse e Claudiane, meus cunhados, cunhada, sogro, sogra e meu sobrinho Felipe e sobrinha Isabela por sempre caminharem ao meu lado e acreditarem na minha capacidade. A vocês, minhas irmãs e meus pais, agradeço de modo especial, pela compreensão nos momentos em que estive ausente para concluir este trabalho;

Ao meu esposo Carbone, pelo carinho, compreensão, pela força, paciência e motivação, por ter tornado meus dias mais leves quando pensei em desistir e com seu afeto me fez entender que é possível tornar realidade nossos desejos. Agradeço imensamente pelas leituras, pelos debates proporcionados quando precisei expor meus pensamentos e por toda a dedicação no momento da conclusão desse trabalho. Obrigado pela sua companhia e, mesmo sendo um matemático, aprendeu a fazer geografia e “quase tornou-se um geógrafo”.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE TABELAS	
LISTA DE FOTOS	
RESUMO	
ABSTRACT	
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO I: DIFERENTES OLHARES E PERSPECTIVAS SOBRE A JUVENTUDE</b> .....	21
1.1. Juventudes: contexto histórico dos estudos e a tentativa de definição .....	21
1.2. Juventude rural: estudos, conceitos e discussões .....	32
1.3. Grupos juvenis e sociabilidade .....	41
1.4. Território e territorialidade: conceitos para pensar a juventude rural .....	44
<b>CAPÍTULO II: CONSTRUINDO O CAMINHO METODOLÓGICO: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE, HISTÓRIA ORAL E TÉCNICA DE ENTREVISTAS E GRUPOS FOCAIS</b> .....	53
2.1. A observação participante: entrando em contato com os sujeitos da pesquisa.....	54
2.2. Metodologia da história oral e a técnica de entrevistas .....	61
2.3. A experiência dos grupos focais .....	70
<b>CAPÍTULO III: FORMAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DE LARANJEIRAS DO SUL: A CONSTITUIÇÃO DE UM LUGAR HISTÓRICO, SOCIAL E ECONÔMICO</b> .....	74
3.1. Algumas considerações sobre o povoamento e ocupação de Laranjeiras do Sul.....	75
3.2. Caracterização do município de Laranjeiras do Sul, dinâmica populacional e o espaço rural.....	84
3.3. Caracterização das comunidades estudadas .....	92
<b>CAPÍTULO IV: JUVENTUDE RURAL E A TRANSFORMAÇÃO DOS ESPAÇOS DE LAZER: INTERPRETANDO A SOCIABILIDADE JUVENIL E SUAS TERRITORIALIDADES</b> .....	100
4.1. Espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural laranjeirense na década de	



1980.....	102
4.2. Considerações sobre as vivências, os espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural da geração de 1980.....	146
4.3. Aspectos da sociabilidade juvenil: as práticas de lazer da juventude rural atual.....	154
4.3.1. Vivências, espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural da comunidade Rio do Tigre .....	155
4.3.2. Vivências, espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande .....	173
4.4. Interpretando as vivências, os territórios e a territorialidade da juventude rural atual a partir dos espaços de lazer e sociabilidade .....	206
4.5. Juventude rural em meio às relações familiares e seus olhares sobre os espaços de lazer e projetos de futuro .....	224
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	252
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	263
<b>APÊNDICES</b> .....	269

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Laranjeiras do Sul: localização no contexto nacional e no Estado do Paraná.....	84
Mapa 2	Laranjeiras do Sul: mapa da fragmentação territorial.....	85
Mapa 3	Laranjeiras do Sul: localização das comunidades rurais pesquisadas.....	93
Mapa 4	Laranjeiras do Sul: localização das comunidades rurais frequentadas pela juventude rural da comunidade Rio do Tigre nos momentos de lazer.....	160
Mapa 5	Laranjeiras do Sul: localização das comunidades rurais frequentadas pela juventude rural das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande nos momentos de lazer.....	181

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	População jovem urbana e rural entre 15 a 29 anos no Brasil. (Estimativa realizada sobre a porcentagem geral de população rural de cada região e do país).....	35
Tabela 2	Laranjeiras do Sul: municípios desmembrados.....	85
Tabela 3	Laranjeiras do Sul: população total, urbana e rural a partir da década de 1980-2010.....	86
Tabela 4	Laranjeiras do Sul: taxa de crescimento geométrico da população total, urbana e rural a partir da década de 1980-2010.....	86
Tabela 5 -	Laranjeiras do Sul: número de estabelecimentos agropecuários com agricultura familiar e não familiar no Estado e no município em 2006.....	88
Tabela 6	Laranjeiras do Sul: número de estabelecimentos e área total da agricultura familiar e não familiar em 2006.....	89
Tabela 7	Laranjeiras do Sul: número de estabelecimentos agropecuários, com agricultura familiar e não familiar, por condição do produtor em relação as terras em 2006.....	89
Tabela 8	Laranjeiras do Sul: número de estabelecimentos agropecuários e área segundo atividades econômicas em 2006.....	90

Tabela 9 -	Laranjeiras do Sul: distribuição da população ocupada por grandes grupos de ocupações em 2010.....	90
------------	--	----

#### LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Igreja da comunidade Rio do Tigre.....	95
Figura 2	Pavilhão de festas da comunidade Rio do Tigre .....	95
Figura 3	Campo de futebol da comunidade Rio do Tigre .....	96
Figura 4	Quadra de esportes do Col. Estadual do Campo Professor Valmir Nunes na comunidade Rio do Tigre .....	97
Figura 5	Igreja e o pavilhão de festas (aos fundos) da comunidade Faxinal Grande .....	98
Figura 6	Igreja da comunidade São Pedro do Interior .....	98
Figura 7	Vista parcial do pavilhão da comunidade São Pedro do Interior .....	99
Figura 8	Criação de porcos na propriedade da família do Sr. José, na comunidade Rio do Tigre, provavelmente no final da década de 1960 .....	104
Figura 9	Sr. Heitor (quarta pessoa da esquerda para direita) com seus dois irmãos ao lado da Igreja Matriz Santana, no centro de Laranjeiras do Sul, retornando de um torneio de futebol no ano de 1984 .....	120
Figura 10	Aos fundos da imagem, entre a casa e as árvores, a Kombi utilizada pelo Sr. Heitor, seus irmãos e amigos, para ir aos espaços de lazer, por volta de 1988.....	121
Figura 11	Campo de Futebol da Comunidade Faxinal no dia da inauguração no ano de 1992 – time de futebol masculino do qual o Sr. Heitor fazia parte.....	122
Figura 12	Sr. Heitor com o time de futebol feminino da comunidade no dia da inauguração do campo de futebol no ano de 1992.....	123
Figura 13/14	Grupo de pessoas da comunidade Faxinal Grande organizadas para participar de uma festa nas comunidades vizinhas, no fim dos anos de 1980 e início dos anos de 1990.....	128
Figura 15	Grupo de jovens da comunidade Faxinal Grande reunidos em frente a igreja, logo após um culto, por volta do ano de 1985.....	129

Figura 16	Desfile dos cavaleiros na festa de aniversário do município de Laranjeiras do Sul, provavelmente no início dos anos de 1960.....	131
Figura 17	Grupo musical contratado para animar a festa – Jovens dançando e participando da festa dentro do pavilhão da comunidade .....	162
Figura 18	Jovens dançando e participando da festa dentro do pavilhão da comunidade Alto Alegre do Tigre.....	162
Figura 19	Campo de futebol da Comunidade de Alto Alegre do Tigre .....	163
Figura 20	Campo de Futebol da Comunidade Faxinal no dia 24 de fevereiro de 2013, na Festa em Honra ao Padroeiro São Sebastião .....	185
Figura 21	Campo de futebol da comunidade São Pedro do Interior no dia 30 de junho de 2013, na festa em honra ao Padroeiro São Pedro .....	185

## RESUMO

A pesquisa teve como objetivo principal analisar e compreender quais os espaços de lazer e sociabilidade vividos pela juventude rural de Laranjeiras do Sul e, como estes foram se modificando ou sendo alterados, a partir das transformações ocorridas no lugar, olhando, sempre, para outros contextos mais abrangentes. O estudo foi realizado em três comunidades rurais do interior do município, caracterizadas pela presença da agricultura familiar. Para desenvolver a análise trabalhamos com duas gerações: uma composta por pessoas que vivenciaram sua juventude na década de 1980 e com a juventude rural da geração atual. Utilizamos como procedimentos metodológicos para a produção das informações, a História Oral por meio da Técnica de Entrevistas com as duas gerações e com a atual, também os Grupos Focais e a Observação Participante. A interpretação dessa realidade exigiu a compreensão dos processos de ordem tecnológica, econômica e social, que engendraram as transformações ocorridas nos espaços de lazer, nas redes de sociabilidade juvenil e na dinâmica territorial da juventude rural estudada ao longo do tempo. Em consequência, foi possível verificar alguns aspectos relacionados às relações familiares, a construção das suas identidades individuais e coletivas e os projetos de futuro da juventude rural pertencentes às comunidades estudadas.

**Palavras chave:** juventude rural, espaços de lazer, sociabilidade, território.

## **ABSTRACT**

The research aimed analyze and understand the leisure and sociability, experienced by rural youth of Laranjeiras do Sul-Pr, and how these were changing or being changed, from the changes occurring in the place, always looking at other broader contexts. The study was conducted in three rural communities of the municipality, characterized by the presence of family farming. To develop the analysis we work with two generations: one composed of people who lived his youth in the 1980 and the rural youth of the current generation. Used as instruments for data collection, oral history through technical interviews with the two generations and the present one, also focal groups and participant observation. The interpretation of this reality required an understanding of the technological, economic and social processes that engendered the changes occurring in leisure spaces, networks of youth sociability and territorial dynamics of rural youth studied over time consequently, it was possible to verify some aspects related to family relationships, the construction of their individual and collective identities and projects for the future of youth belonging to rural communities studied.

**Keywords:** rural youth, leisure, sociability, territory.

## INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa, que agora traz a tona seus resultados, não nasceu pronta, foi preciso enfrentar um longo caminho para sua efetivação. Estudar e pensar o espaço rural e os sujeitos que ali vivem, sempre despertou a nossa atenção e curiosidade. O interesse para o seu desenvolvimento e delineamento ocorreu a partir de duas experiências acadêmicas anteriores, pesquisando sobre juventudes.

A primeira delas se passou no ano de 2007, momento em que cursava o segundo ano da graduação em Geografia na Universidade Estadual do Centro Oeste. Na oportunidade, sob a orientação do Professor Dr. Nécio Turra Neto, desenvolvemos um projeto de iniciação científica que teve por objetivo conhecer e interpretar as vivências que os jovens tinham da cidade e da escola, assim como suas visões sobre a Geografia escolar. Neste trabalho tivemos contribuições importantes a partir das discussões de sociabilidade, juventude, identidade, bem como discussões referentes à relação da juventude com a escola e a cidade. A pesquisa, além das discussões teóricas, se pautou ainda em trabalhos de campo, por meio da metodologia da observação participante e aplicação de questionários.

Já a segunda experiência deu-se quando cursava o terceiro ano da graduação. Também por meio da iniciação científica e, mais uma vez com o tema da juventude, mas, dessa vez, trabalhando mais especificamente a juventude rural, pois a temática possuía uma relação direta com minha trajetória de vida. O trabalho teve como objetivo conhecer a realidade de vida de jovens rurais, seus contextos de trabalho e de educação formal, bem como suas vivências e visões de cidade e seus projetos de futuro. Dentro dessa pesquisa ainda investigamos como os/as jovens rurais construíam suas identidades no trânsito diário entre o campo e a cidade, seus grupos de sociabilidade na escola, no espaço urbano e no campo, nos momentos de lazer e como elaboram suas territorialidades. A juventude rural pesquisada foi do município de Laranjeiras do Sul e a escola-campo foi o Colégio Estadual Professor Gildo Aluísio Schuck.

Após o término das duas pesquisas, muitas questões sobre a juventude rural passaram a permear nosso pensamento. A possibilidade de dar continuidade à investigação sobre esse assunto deu-se com a nossa inserção no Programa de Pós Graduação em Geografia, na Unicentro.

Um dos motivos que nos aguçaram a vontade de saber mais sobre a juventude rural está ligado a nossa trajetória de vida, sempre relacionada a pessoas que vivem no campo.

Estas, por sua vez, sempre compartilharam histórias e narrativas sobre as festas que ocorriam em épocas passadas. Outro motivo da escolha dessa temática está ligado à “inexistência” de estudos referentes à espacialidade da juventude rural na ciência geográfica, bem como os poucos trabalhos que relacionam a juventude rural com a problemática da modernização da agricultura, da migração rural-urbana, da aproximação das relações campo-cidade e da própria transformação que foi ocorrendo ao longo do tempo no espaço rural que, ao que tudo indica, afetou de alguma forma as dinâmicas dos espaços de lazer e sociabilidade dos/das jovens rurais.

A inspiração para a realização desse trabalho também se deu após a leitura da tese de doutorado do professor Dr. Nécio Turra Neto, “*Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade*”, a qual buscou estudar as trajetórias juvenis constituídas ao longo do tempo, na cidade de Guarapuava, investigando quais os tempos e espaços de sociabilidade desenvolvidas pela juventude desse lugar até chegar no período atual. Esta pesquisa também buscou estudar os grupos de sociabilidade juvenis, que se articulam em torno das culturas *punk* e *hip-hop*. Os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa juntamente com os resultados obtidos, nos instigaram a pensar a juventude rural de Laranjeiras do Sul. Em linhas gerais, somado a nossa trajetória de pesquisa, mencionada anteriormente, tal trabalho contribuiu sobremaneira para que pensássemos qual seria o delineamento da problemática de pesquisa, seus objetivos e metodologias.

Por fim, além desses fatores, soma-se a falta de estudos sobre o município de Laranjeiras do Sul e região, o qual apresenta uma gama variada de possibilidades de pesquisa, destacando-se a heterogeneidade de processos presentes tanto no campo quanto no espaço urbano.

Diante disso, pensamos na seguinte problemática: Quais as transformações ocorridas nos espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural de Laranjeiras do Sul ao longo do tempo e que fatores poderiam ter contribuído para essa modificação? Essa questão se faz pertinente para compreendermos como a juventude rural ficou inserida em meio a essas transformações e, quais as estratégias elaboradas por eles diante dos processos que alteraram a relação campo-cidade no município, a problemática da questão da migração rural-urbana e da própria modernização da agricultura.

A nossa hipótese principal é de que as transformações, em termos tecnológicos, bem como a própria dinâmica da população tenham alterado de alguma maneira os espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural. Partimos do pressuposto de que essas transformações



explicam muitas das modificações nas relações socioespaciais da juventude rural ao longo do tempo, tanto no campo como na cidade, afetando diretamente na construção de seus grupos de amizade, nos espaços de sociabilidade e nas suas territorialidades.

Além dessa questão principal, outras também nos levaram a refletir mais sobre essa temática: como eram os espaços de lazer e sociabilidade que a juventude rural de Laranjeiras do Sul frequentava em décadas passadas? Quais as formas de sociabilidade desenvolvidas por eles/elas? Qual a relação que a juventude rural possuía com os espaços de lazer urbano? Como se territorializavam? Como construíam suas identidades enquanto jovens do campo?

A partir dos resultados que obtivemos em nossa pesquisa, ainda no período da graduação, observamos que muitos jovens tinham articulação com os jovens urbanos, principalmente, por intermédio da escola. Mas, surgiram outros questionamentos como: até que ponto a modernização da agricultura alterou as relações espaciais da juventude rural no campo e nos espaços de lazer? A migração rural urbana teria alguma relação com esse processo? A chegada da tecnologia teria influenciado na aproximação da relação campo-cidade em Laranjeiras do Sul?

Todas essas questões nos deixaram inquietas e despertaram o interesse em saber mais sobre o assunto. Consideramos essa discussão importante, tendo em vista que é no período da juventude que as pessoas formam suas identidades individuais e coletivas por meio do seu grupo de pares. Também, é no tempo livre e nos espaços de lazer, em especial, que os/ as jovens desenvolvem diferentes formas de sociabilidade e este se apresenta como momento privilegiado de vivências juvenis.

Ainda há outro ponto que vale considerar, como já ressaltamos anteriormente, os poucos estudos voltados para a juventude rural, em especial, na Geografia. Assim consideramos importante entender as diferentes formas de territorialidades que esse grupo social elabora, no campo ou mesmo na cidade.

Buscando responder essas questões, definimos como objetivo principal analisar e compreender quais os espaços de lazer e sociabilidade vividos pela juventude rural de Laranjeiras do Sul e como estes foram se modificando ou sendo alterados pelas transformações ocorridas no lugar, olhando, sempre, para outros contextos mais abrangentes.

Como objetivos específicos pensamos em: 1) conhecer o contexto da agricultura do município e as condições das propriedades, em especial da agricultura familiar; 2) identificar as formas de sociabilidade desenvolvidas pela juventude rural de Laranjeiras do Sul a partir da década de 1980; 3) identificar as territorialidades desenvolvidas pelos jovens rurais e quais

seus pontos de conexão em rede para constituição de suas identidades; 4) refletir se a modernização da agricultura e a migração rural-urbana transformaram de alguma maneira os espaços de sociabilidade e lazer das duas gerações, em estudo, no campo de Laranjeiras do Sul; 5) observar a territorialidade e as formas de sociabilidade praticada pela juventude rural atualmente e o que difere da juventude rural das décadas anteriores; 6) refletir sobre o conceito e sobre essa categoria social que é a juventude rural dentro da Geografia e como esta ciência pode contribuir com a realidade concreta de vida desses sujeitos.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi necessário também delimitar nosso recorte temporal. Vários estudos, entre os quais podemos citar Rodrigues e Soares (2008) e Hespanhol e Hespanhol (2006) entre outros, demonstram que a modernização da agricultura no Brasil foi incentivada entre 1950 a 1980 por meio do padrão tecnológico da Revolução Verde. No entanto, no Paraná, esse processo viria a acontecer um pouco mais tarde, por volta de 1970 e 1980. A modernização não trouxe apenas alterações em termos de produção agrícola, mas também afetou diretamente a dinâmica populacional na maior parte dos municípios do Estado.

Baseados nessas afirmações optamos por fazer nosso recorte temporal a partir da década de 1980 até os dias atuais, tendo em vista que, como as leituras e os dados nos parecem indicar, foi nesse período que ocorreram processos que podem ter contribuído para uma modificação nos espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural de Laranjeiras do Sul. Nesse sentido optamos por trabalhar com as pessoas que foram jovens nas décadas de 1980 a 2000 e com a juventude rural atual.

Em relação ao recorte espacial, trabalhamos com três comunidades rurais do interior de Laranjeiras do Sul, das 33 existentes<sup>1</sup>. Escolhemos uma localizada ao norte do município: Comunidade Rio do Tigre e duas localizadas a sudeste: Faxinal Grande e São Pedro do Interior.

Estas comunidades foram escolhidas por serem constituídas, conforme informações obtidas no Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), por pequenos agricultores familiares. As demais comunidades não foram analisadas devido a distância espacial que se encontram, não havendo tempo hábil para realizar estudos em todas elas, ou as suas características singulares que ultrapassariam os objetivos desse estudo.

Assim, buscamos entender as transformações ocorridas nos espaços de sociabilidade da juventude rural do nosso município, quais as modificações engendradas no lugar ao longo

---

<sup>1</sup> As informações sobre o número de comunidades foi obtido junto a EMATER do município. Tal instituto considera comunidade rural aquelas que possuem a presença de uma igreja ou escola rural em sua sede.

do tempo e como esse processo afetou ou ainda está afetando a espacialidade e territorialidade dos/das jovens rurais.

Para a construção dessa pesquisa foi realizada a coleta de alguns dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), Censo Agropecuário (IBGE, 2006), nos quais buscamos informações sobre as características do município de Laranjeiras do Sul no que diz respeito à população, atividades agrícolas, dados sobre a juventude rural no Brasil, etc.

Também nos utilizamos da metodologia da Observação Participante que possibilitou a nossa inserção nos contextos de vivência da juventude rural atual. Por meio dessa tivemos acesso aos espaços de lazer da juventude rural das três comunidades, no campo, na cidade, nos momentos de tempo livre, em especial, nos seus finais de semana na comunidade e pudemos conhecer a família de alguns deles/as. Tudo o que observamos foi anotado em nosso diário de campo.

Grande parte dos resultados, principalmente, da juventude rural da década de 1980, foi obtido pela História Oral por meio da técnica de entrevistas. Foram realizadas 14 entrevistas no total: sete com pessoas que viveram sua juventude no período de 1980-2000, sendo quatro do sexo feminino e três do sexo masculino; as outras sete, com a juventude rural atual, sendo quatro do sexo masculino e três do sexo feminino. Todas as entrevistas eram semi-estruturadas, com o roteiro elaborado previamente tendo por base nosso objetivo central e os objetivos específicos.

Por último, também utilizamos a metodologia dos Grupos Focais. Foram realizados três grupos, um em cada comunidade. Os grupos foram constituídos por jovens de ambos os sexos. Para essa metodologia também foi elaborado um roteiro prévio com temas que objetivassem a ajudar a esclarecer questões atinentes a pesquisa e assim, possibilitar uma visão mais geral do contexto da juventude rural atual.

Vale ressaltar que, no decorrer da apresentação dos resultados, optamos por não citar o nome dos/das participantes das entrevistas individuais e dos grupos focais, apesar de termos em mãos um termo de consentimento de uso da entrevista, o qual foi assinado por todos/as os entrevistados/as. Para evitar uma exposição dos/as participantes da pesquisa, visto que não influencia em nada nos resultados do trabalho, decidimos utilizar nomes fictícios para as pessoas pertencentes à juventude rural da geração de 1980 e, para a juventude rural atual, citamos apenas a (s) primeira (s) letra (s) do nome (s) e, em alguns casos, a primeira letra do sobrenome.

No primeiro capítulo, apresentamos a discussão teórico conceitual que deu embasamento para a interpretação dos dados obtidos na pesquisa. Esta foi dividida em duas discussões que consideramos de extrema importância para a pesquisa.

Em um primeiro momento, a construção teórica está dedicada à juventude. Apresentamos os enfoques dados por vários trabalhos a respeito da conceituação de juventude, sua construção histórica e os estudos desenvolvidos acerca dessa categoria social. Nesse sentido, nos pautamos nas importantes contribuições de autores como Dayrell (2005, 2007), Abramo (1994, 2007), Carrano (2003), Turra Neto (2003, 2008), entre outros. Buscamos enfatizar de que maneira a juventude vem sendo conceituada, interpretada e tensionada pelas mudanças que vêm ocorrendo na sociedade ao longo do tempo. É a primeira aproximação teórica que apresentamos para compreender quais os estudos realizados acerca da juventude, que como veremos, esteve pautada no espaço urbano.

Para aproximar a discussão do nosso estudo, em seguida, fizemos uma abordagem sobre a juventude rural. Nesse sentido, procuramos delinear algumas problemáticas apresentadas pelos autores que pesquisam esse grupo social. Assim, trazemos as contribuições de Carneiro (1998, 2005), Weisheimer (2005, 2009) e Castro (2005, 2009). Para tanto, começamos com os estudos que relacionam a juventude rural à migração campo-cidade, os conflitos vivenciados pelos jovens rurais em âmbito familiar, social, em relação à estrutura na qual se encontra o campo brasileiro, entre outros aspectos. E dentro disso, como a juventude rural foi elaborada conceitualmente. Em seguida, ainda nessa primeira parte, abordamos sobre a formação dos grupos juvenis e sociabilidade (SIMMEL, 1983).

Em um segundo momento dessa discussão teórica, abordamos o conceito de território e territorialidade. Esta discussão se faz pertinente para podermos discutir as espacialidades da juventude rural e suas diferentes formas de territorialidade. Buscamos, desse modo, compreender os múltiplos territórios vivenciados pela juventude rural com seu grupo de pares, no trânsito entre os espaços de lazer disponíveis no campo e na cidade, e como constroem suas identidades individuais e coletivas dentro desse processo.

No segundo capítulo do nosso trabalho, damos ênfase às metodologias utilizadas no decorrer da pesquisa, quais sejam: a Observação Participante, A História Oral por meio da técnica de entrevistas e os Grupos Focais. Nesse momento, apresentamos de forma mais detalhada como foi realizado o processo de produção das informações junto à juventude rural da década de 1980 e a atual. Julgamos como importante essa apresentação devido à dificuldade encontrada por muitos pesquisadores ao realizarem pesquisas qualitativas em

Geografia Humana. Esperamos contribuir com essa discussão por meio do relato da nossa experiência.

O terceiro capítulo é, com base nas fontes que tínhamos à disposição, constituído por uma discussão histórica e geográfica de Laranjeiras do Sul. Abordamos a formação histórica, social e econômica do município, a dinâmica da população urbana e rural e algumas características sobre a agricultura familiar.

O quarto e último capítulo está dividido em duas partes. Na primeira delas apresentamos, por meio das trajetórias biográficas dos entrevistados/as pertencentes à geração de 1980, quais os espaços de lazer e sociabilidade vivenciados por eles/elas na sua juventude nessas três comunidades. Buscamos compreender quais eram suas práticas de sociabilidade, o que tinham a disposição na época para suas vivências juvenis, a relação estabelecida com o grupo de pares, as referências culturais disponíveis e quais as conexões e territorialidades articuladas no lugar.

Na segunda parte a discussão se volta para a juventude rural pertencente à geração atual. Abordamos quais os espaços de lazer e sociabilidade frequentados e vividos pela juventude rural no campo e na cidade, como constroem suas redes de sociabilidade e amizade com jovens rurais e urbanos, como elaboram suas identidades e suas territorialidades na vivência com seus grupos de pares e, ainda, quais as transformações engendradas nesse lugar ao longo do tempo e quais suas expectativas em relação aos seus projetos de futuro.

Nesse último capítulo, ainda, buscamos explorar a hipótese principal do nosso trabalho e, com isso, identificar quais processos de ordem econômica, tecnológica e social que afetaram nas transformações dos espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural de Laranjeiras do Sul e como isso afetou as dinâmicas socioespaciais dos/das jovens rurais dessas três comunidades.

No decorrer da apresentação textual o leitor (a) irá se deparar com uma breve introdução no início de cada capítulo. No último capítulo, além disso, apresentamos após os resultados atinentes a cada geração, algumas considerações acerca dos pontos mais importantes. Nas considerações finais, ao encerrarmos o trabalho, fazemos um esforço de síntese na tentativa de mostrar quais foram as transformações ocorridas nos espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural estudada, elencando suas principais rupturas e continuidades.

Apesar de todo esforço empreendido durante toda pesquisa, muitas discussões não puderam ser realizadas, tendo em vista sua complexidade e também por exigirem um grande

levantamento documental e o trabalho com outras fontes orais, que ultrapassariam os objetivos dessa pesquisa que por si só já possui seus objetivos, lacunas e limites.

De toda forma, esperamos que esta discussão possa ajudar a desvendar alguns aspectos da constituição desse lugar em específico, a partir da pluralidade de trajetórias de vida desses sujeitos, e as condições objetivas e subjetivas que influenciaram na constituição dos espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural ao longo do tempo e que permitiram a constituição de novas formas espaciais, novas territorialidades, identidades e experiências vivenciadas por essa categoria social.

## **CAPÍTULO I**

### **DIFERENTES OLHARES E PERSPECTIVAS SOBRE A JUVENTUDE**

Para compreender a discussão sobre juventude rural é necessário, a priori, refletir sobre os estudos que ao longo do tempo dão sustentação para aquilo que hoje se fala sobre as juventudes do campo e da cidade. Podemos considerar que os estudos sobre a juventude já possuem um longo percurso de discussões, abordagens e tentativas de compreensão desse grupo social tão complexo e diverso. Algumas áreas do conhecimento ganham destaque nesse processo como a Sociologia, Antropologia, Educação, e recentemente, a Geografia.

Pensar e escrever sobre a juventude é sempre um desafio, tendo em vista a complexidade e dinamismo dessa categoria social. Assim, buscaremos fazer uma breve discussão sobre as diferentes leituras acerca da juventude e como ela foi representada, tensionada, discutida, considerando o contexto histórico no qual estava inserido. Vale ressaltar que as noções criadas sobre a juventude ao longo do tempo e os estudos realizados sobre ela, sempre estiveram ligadas às transformações pelas quais a sociedade vem passando ao longo da história. Podemos entender dentro desta perspectiva que compreender a juventude é cada vez mais complexo, por apresentar uma maior difusão no tempo e no espaço e isto nos leva a maiores discussões acerca dos cenários juvenis presentes em nosso tempo.

#### **1.1. Juventudes: contexto histórico dos estudos e a tentativa de definição**

Ao abordar a questão da juventude, devemos considerar as características históricas presentes no desenvolvimento dos estudos sobre tal categoria, ou seja, é importante analisar como esses sujeitos foram entendidos pela sociedade em diferentes contextos.

Falar sobre a juventude e sua história é articulá-la aos processos que modificaram a sociedade como um todo ao longo do tempo. Durante muito tempo, a juventude não foi considerada como um grupo social específico, com características próprias. Da infância passava-se direto para a idade adulta e sua socialização ocorria no dia-a-dia em meio ao convívio do mundo adulto.

A juventude, como categoria social, passa a ganhar maior visibilidade nas sociedades modernas industriais, resultado das novas condições sociais e das modificações no universo familiar, no mundo do trabalho e principalmente, por meio do surgimento de novas

instituições sociais como a escola (DAYRELL, 2005; PERALVA, 1997; TURRA NETO, 2008).

A juventude como uma etapa da vida, de acordo com Margulis e Urresti (1998), vai surgir nas sociedades ocidentais recentemente, em especial, a partir dos séculos XVIII e XIX, por intermédio das instituições educativas. Ela começa a configurar-se como um grupo social que goza de certos privilégios e tem a disposição, por assim ser, um período para o amadurecimento biológico e social. Esse tempo destinado para estudar, acaba adiando as responsabilidades e exigências do mundo do trabalho a que estão submetidos os jovens das camadas populares. Dessa forma, esse período de “moratória”, por assim dizer, é um privilégio apenas para os jovens dos setores sociais que compõem a aristocracia e a burguesia nessa época. Estes jovens, que compõem essas duas camadas sociais, têm a possibilidade de permanecer por um período mais longo na instituição escolar, situação que para os jovens das classes populares não é possível. Diante disso, podemos supor que provavelmente os/as jovens rurais das camadas mais pobres da população que viviam no campo nessa época, também não tinha acesso ao espaço escolar, sendo este um privilégio para os/as filhos/as de grandes proprietários de terras.

Conforme afirma Dayrell (2005), as formas como a juventude era socializada ocorria de modo rígido, pois tinham como base desenvolver competências e capacidades para assumirem, no futuro, uma posição social privilegiada. Para Peralva (1997), a partir da escolarização ocorre a “cristalização social das idades da vida”, na qual há a separação entre os adultos e os seres em formação. Essa cristalização ocorre de duas maneiras: primeiramente, ocorre uma separação entre o espaço familiar e o mundo exterior.

A criança tem seu papel redefinido no âmbito familiar, tornando-se o alvo de um projeto educativo que tem como base o papel que irá assumir quando adulto em meio à sociedade. Em segundo lugar, a criança é separada do mundo do trabalho, processo que marcava, até então, a passagem para o mundo adulto. Apenas mais tarde, a escola irá atingir os setores populares e as crianças são afastadas do mundo do trabalho, adiando sua entrada no mundo adulto. É nesse momento que a juventude, enquanto condição social particularizada, ganha destaque no interior da sociedade e vai além do setor burguês. Diante deste contexto, a infância é destinada para as brincadeiras, a juventude para a formação e preparação para a idade adulta, na qual terão de trabalhar.

De acordo com Dayrell (2005), a juventude passa a ser entendida como uma transição, em que “é um vir-a-ser, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido



de suas ações no presente. (...) Sob esta ótica, há uma tendência de se encarar a juventude na sua negatividade, o que se é mais ainda não chegou a ser” (DAYRELL, 2005, p. 29).

Essa fase de transição está ligada, conforme Abramo (1994), à ideia de “suspensão da vida social” proporcionada por um certo período na instituição escolar para a preparação de uma atuação futura e também uma situação de “moratória” (também apontada por MARGULIS e URRESTI, 1998) na qual os jovens vivem um “período para o ensaio e o erro, para as experimentações”.

A fase de experimentações ganha força por meio dos grupos de pares formados pela juventude. É por meio deles que realizam descobertas, criam novas atitudes e elaboram suas identidades. Vivem momentos típicos da juventude os quais, em certos momentos, entram em conflito com a família e as instituições encarregadas da sua socialização. Esses conflitos foram entendidos por muitos estudiosos como uma situação de crise da condição juvenil (principalmente, após 1950, com a emergência da indústria cultural e quando os jovens passam a agrupar-se em grupos de identidade).

A juventude passou a ser considerada como um “período de turbulência”, marcada pela necessidade de escolhas, constituição de uma personalidade própria, muitas vezes, divergente da posição familiar e demais autoridades, levando ao questionamento da ordem social. Segundo Abramo (1994), a ideia da juventude aliada à noção do vir-a-ser e a noção de crise acabam ganhando destaque nos estudos sociológicos dessa categoria social. A partir dos estudos da Escola de Chicago, na primeira metade do século XX, a juventude passa a ser vista como um problema da sociedade moderna.

Na visão de Turra Neto (2008), a socialização da juventude por intermédio da educação, estava voltada para a continuidade social. Os jovens estavam sendo preparados para assumir posições dentro da sociedade em um futuro próximo. Nesse sentido, deveriam incorporar o “patrimônio histórico, científico, cultural e moral da sociedade”. Qualquer resistência aos processos socializadores era entendido como um desvio. E esse enfoque ganha visibilidade nos primeiros estudos sobre juventude.

A juventude nesse período de transição deveria integrar-se a vida social e em alguns momentos poderia ser contrária a esse processo. Em relação aos jovens das camadas populares mais pobres, esse desvio foi interpretado pelo viés da delinquência, necessitando de uma reintegração dentro dos padrões da normalidade. Foi com esse olhar, que a juventude passa a ser interpretada ao longo de todo o século XX: como delinquentes, portadores de

atitudes de rebeldia e revolta, tal como apontam Turra Neto (2008), Abramo (1994) e Peralva (1997).

A juventude ganha maior visibilidade após a Segunda Guerra Mundial, quando a sociedade passa por algumas mudanças no nível sociocultural. A partir desse momento, sua afirmação como um período de idade específica não fica mais restrita apenas a um setor social, mas ganha visibilidade por todo mundo, tendo por base a indústria cultural e o consumo, que passa a dar suporte na constituição de uma identidade especificamente juvenil. (DAYRELL, 2005; PERALVA, 1997; ABRAMO, 1994).

Porém, tal perspectiva remete a juventude urbana e, nessas condições, ressaltamos a importância de estudos voltados à juventude rural. Será que esta também teve suporte, assim como os jovens urbanos, após a Segunda Guerra Mundial, para constituir uma identidade juvenil?

Outros fatores, além dos acima citados, irão contribuir para o desencadeamento desse processo como: o aumento da proteção do Estado; no plano familiar, o poder do pai perde forças e, paralelamente, ocorre a ampliação da liberdade da juventude acompanhada de novos costumes e usos. O mercado de consumo despertou nos jovens modismos, adornos, lugares de lazer, músicas e, com a expansão dos meios de comunicação de massa os jovens criaram uma “cultural juvenil” baseada em novos padrões de comportamento e de valores, dando prioridade a liberdade, a autonomia e ao prazer (DAYRREL, 2005).

Novamente, temos aqui condições presentes no espaço urbano. Cabe, mais uma vez, o questionamento acerca da posição da juventude rural frente a tais transformações. Como ela foi “afetada”, por assim dizer, por esses novos costumes e usos? Até que ponto a indústria cultural e os meios de comunicação de massa atingiram a juventude rural nesse período?

Esse novo contexto permite a constituição de grupos juvenis para além do espaço escolar e da criminalidade, mas em torno do tempo livre. Os jovens elaboram suas identidades por meio de seus grupos, que por sua vez, as expressam por meio da escolha de um estilo musical e uma estética visual. Os jovens constroem redes de relações particulares com companheiros de idade e buscam novos referenciais de comportamento. Essa cultura juvenil divulgada pela indústria cultural, ganha força internacionalmente por meio do *rock'n'roll*, muito divulgado pelo cinema, o qual acaba se tornando não apenas um estilo musical, mas um estilo tipicamente juvenil (DAYRELL, 2005; ABRAMO, 1994).

Nessa época os jovens produziram uma imagem de que a revolta e a delinquência são processos intrínsecos a esse período da vida. Os jovens passam a questionar seus valores, a

buscar novas referências e experimentar novos comportamentos. Tais atitudes foram interpretadas pela sociedade como atitudes desviantes, inerentes a fase de integração social, no entanto toleráveis, pois a juventude seria um período turbulento e difícil, entretanto, passageiro (DAYRELL, 2005; ABRAMO, 1994).

Turra Neto (2008) cita mudanças urbanas importantes na Inglaterra na década de 1950, as quais darão suporte para a constituição de uma cultura tipicamente juvenil. O afastamento dos jovens do mundo do trabalho e do universo de socialização familiar, bem como a expansão da escolaridade para as camadas populares passam a influenciar, diretamente, nas mudanças de comportamento da juventude nesse período. Paralelo a isso, o apelo ao consumo e a música *rock* vão propiciar a formação de culturas juvenis no meio operário de Londres. Os grupos juvenis criam estilos próprios a partir de diversos bens culturais, causando impactos visuais no espaço público da cidade, o que não é bem aceito pela sociedade. Observa-se uma fragmentação do cenário juvenil proporcionado pela presença de vários grupos de estilos diferentes, como os *teedy-boys*, *rockers*, *mods*, *skinheads* e o *punk*, que buscam diversão e espaços na cidade tipicamente juvenis. Por vezes, o conflito territorial pelos grupos se fez presente.

Os anos de 1950 apontam para a emergência de uma cultura juvenil ampla e internacionalizada, articulada ao tempo livre e ao lazer. A juventude adota padrões de comportamento especificamente juvenis e passam a exigir espaços de diversão e novas atividades, que acabam entrando em conflito com os modelos vigentes na sociedade. A extensão do período escolar para uma camada mais ampla da população, bem como a expansão do ensino superior, o aumento dos empregos para os jovens que estavam saindo da escola, o aumento da renda familiar e aquisição de dinheiro dos jovens por meio do trabalho dá origem a um mercado de consumo propriamente juvenil. Os jovens passam a procurar espaços para a diversão e, ao mesmo tempo, a indústria cultural responde a esse processo por meio da fabricação de bens específicos para esse público em crescimento. Nesse sentido, os estudos vão procurar interpretar e desvendar o fenômeno da juventude pela ótica cultural. Generaliza-se a ideia de uma ampla cultura juvenil e, não mais uma subcultura escolar ou restrita a grupos na marginalidade (ABRAMO, 1994).

Nos anos de 1960 e parte dos anos de 1970, o problema apareceu como sendo toda uma geração de jovens ameaçando a ordem social nos planos políticos, cultural e moral. Ganham relevância os movimentos estudantis e contrários aos regimes autoritários, contra a tecnocracia e formas de dominação. Surgem movimentos pacifistas com proposições de uma

contracultura (movimento *hippie*, psicodelismo, a proposição de amor livre, etc.). A juventude ganha visibilidade pelo seu engajamento político e pela sua forma de contestação em relação aos diferentes planos da sociedade, buscando uma reversão no modo de ser da sociedade, revelando o fosso entre as gerações (ABRAMO, 2007, 1994; TURRA NETO, 2008, PERALVA, 1997).

Abramo (2007) ressalta que nesse período, por um lado, a juventude surge como uma categoria portadora de uma possibilidade de transformação profunda e por outro, gerava na sociedade o pânico da revolução. O “medo” ocorria pela possibilidade da reversão do sistema vigente ou senão, caso os jovens não conseguissem alterar o sistema, pela real condição deles acabarem por não se reintegrar a sociedade novamente, por sua própria recusa.

Para muitos setores da sociedade os movimentos estudantis foram compreendidos como a esperança de uma transformação. Os jovens são vistos como os indivíduos que podem levar a cabo tal transformação e foram apoiados por alguns setores de esquerda, promotores de uma “contracultura”. Em outros momentos foram interpretados, ainda, como ações pequeno-burguesas e ameaçadoras de um processo mais sério e efetivo de transformação. O medo era de que algumas ações pudessem prejudicar a possibilidade de efetiva transformação (ABRAMO, 2007).

No Brasil, a juventude ganha visibilidade, quando os movimentos estudantis compostos pela classe média, do ensino secundário e superior se unem aos partidos de esquerda contra o regime autoritário imposto no país e aos movimentos culturais que questionavam os padrões sexuais, morais, na relação com o consumo. Abramo (2007) destaca que a juventude foi repreendida pelos aparelhos repressivos devido aos seus comportamentos e, por dar visibilidade as suas ideias e ações políticas.

A juventude da década de 1960 foi interpretada de forma positiva, como uma geração idealista, generosa, criativa, ousada e comprometida com a mudança social. “Essa reelaboração positiva acabou, desse modo, por fixar assim um modelo ideal de juventude: transformando a rebeldia, o idealismo, a inovação e a utopia como características essenciais dessa categoria etária” (ABRAMO, 2007, p. 83).

Nesse aspecto, vale ressaltar, que a imagem da juventude construída no período teve como base jovens estudantes da classe média. Em nenhum momento da literatura apresentada, assim como a própria autora também destaca, os jovens dos setores de baixa renda não são citados. Parece haver uma marginalização dos jovens que compõem a camada mais pobre da população assim como da juventude rural, em meio a esse contexto moderno de visibilidade

da juventude. Este grupo parece estar fora da história da juventude no Brasil e excluída da própria condição juvenil.

Turra Neto (2008) também faz uma ressalva sobre as noções construídas sobre a juventude até esse período. As representações tecidas possuem aspecto generalizante, como se tais características estivessem presentes em todos os jovens. O autor, assim como outros estudos contemporâneos sobre a juventude criticam essa ideia, considerando que existe uma pluralidade de cenários sociais e diferentes formas de manifestação juvenis. A análise da juventude pela ótica das classes médias e altas, na condição de estudantes, pode levar a interpretação dos jovens das camadas populares de forma negativa ou mesmo destituídos da sua juventude.

Pais (2003) classifica os estudos sobre juventude realizado até este período em duas correntes principais: geracional e classista. Na primeira delas a juventude é entendida como um conjunto social composto por indivíduos pertencentes a uma dada “fase da vida”, permeada de aspectos homogêneos e uniformes que caracterizariam esse período da vida. Cada geração possui em si aspectos de uma “cultura juvenil”. A segunda tendência encara a juventude como um conjunto diversificado, pertencentes a diferentes culturas juvenis em função da pertença de classe, apontando para uma diversidade das formas de reprodução social e cultural.

Para Pais (2003), as duas correntes sociológicas da juventude acima citadas trabalham com a ideia de subculturas juvenis em relação a uma cultura dominante. Para a corrente geracional existiria uma cultura juvenil oposta à cultura das gerações anteriores, gerando uma situação de descontinuidade. Ou seja, pelo fato dos jovens se encontrarem em um período de aprendizagem da vida social podem se deparar com novas ideias e assim buscar vivenciar esse processo de uma maneira particular, formando entre eles uma consciência geracional que por vezes confronta com a geração dos pais ou adultos. Por outro lado, pode ocorrer uma continuidade da reprodução adulta na cultura juvenil. Esta última é entendida como aproblemática, não conflituosa.

No caso da perspectiva aproblemática (continuidade) se aceita a ideia de uma cultura juvenil, mas ela está integrada ao tecido social e é compartilhada pelos adultos. Em contrapartida, na perspectiva problemática (descontinuidade) os aspectos culturais dos jovens são incompatíveis ou divergentes do mundo adulto. Os últimos passam a questionar a cultura juvenil, podendo esta apresentar-se como uma *contracultura* “(...) isto é, como cultura que –

na medida em que negaria ou poria em causa a “cultura adulta” – a ameaçaria” (PAIS, 2003, p. 52).

Na corrente classista, de acordo com Pais (2003), as “culturas juvenis são sempre culturas de classe”. São apresentadas por esta corrente como uma forma de resistência no contexto cultural das classes a qual pertencem. As culturas juvenis seriam “soluções de classe” para os problemas inerentes aos jovens de uma determinada classe social. Assim, “essas culturas juvenis (culturas de classe) teriam sempre um significado político. Os rituais dessas culturas acabariam sempre por manifestar uma capacidade de resistência, ganhando e criando espaços culturais” (PAIS, 2003, p. 62).

O autor sugere ainda, que a juventude seja interpretada pela sua aparente unidade (enquanto uma fase da vida) como pela sua diversidade (quando considerados os diferentes atributos que compõe e diferenciam os grupos um do outro). Aqui, já percebemos a ideia de juventudes, no plural, muito presente nos estudos contemporâneos como observaremos mais adiante.

No decorrer da década de 1970, vai ocorrer uma maior diversificação das expressões juvenis, de acordo com Dayrell (2005). A visibilidade da juventude é dada pela grande variedade de estilos decorrente da relação entre a música e o visual adotado pelos grupos, causando certa estetização da vida cotidiana. Esta ocorre por meio da valorização do estilo presente entre os jovens na busca por novas modas, sensações, experiências, modos de vestir incentivada pela dinâmica do mercado capitalista.

Esta variedade de opções estéticas da juventude acaba sendo incentivada pelos meios de comunicação em massa, em especial, pelas formas audiovisuais elaboradas pela indústria do tempo livre em que predominam novas linguagens e a circulação de imagens que incentivam o consumo de bens por esse grupo social. Conforme Margulis e Urresti (1998), os canais de informação e entretenimento, junto com a intensa rede de publicidade, nos expõe diariamente a um conjunto de imagens em constante circulação e gera no mundo juvenil um conjunto de signos e imagens que se transformam em *looks*, alteram seus gostos e preferências, resultando em uma infinidade de grupos juvenis esteticamente e culturalmente diferentes. A articulação dos jovens se dá ainda, não apenas pelo estilo, mas pelos gostos musicais próprios, os quais compartilham entre si.

De acordo com Abramo (1994), depois de 1970, os grandes acontecimentos envolvendo a juventude acabam se configurando de forma diferente, por uma intensa fragmentação. Os movimentos estudantis presentes na década de 1960, perdem a centralidade

na maior parte dos países, apresentando-se apenas de forma pontual e localizada. A contracultura deixa de ser movimento forte e vigoroso e a ideia de uma “revolução juvenil”, pautada em princípios de um novo mundo baseado no “prazer e na beleza”, “de paz e amor” e o desejo da juventude em transformar o mundo já não é mais o mesmo.

O final dos anos de 1970 e a década de 1980 irão apresentar um cenário diferente daquele das décadas anteriores. Por um lado, conforme Abramo (2007), a juventude da década de 1980 surge como patológica, contrária a geração de 1960. Para a autora, a juventude irá se apresentar como “individualista, consumista, conservadora e indiferente aos assuntos públicos, apática. Uma geração que se recusa a assumir o papel de inovação cultural que agora, depois da reelaboração feita sobre os anos 1960, passava a ser atributo da juventude como categoria social” (ABRAMO, 2007, p. 83). A juventude dessa década é tematizada por aqueles que fizeram parte da geração de 1960 e 1970 e apresenta dentro de si certo temor e nega seu papel como fonte de mudança.

Por outro lado, observa-se na juventude da década de 1980 uma grande diversidade social da juventude urbana, gerando uma ampliação do consumo juvenil, especialmente na moda e no lazer. Nas palavras de Dayrell (2005, p. 40)

Se, na década de 60, falar em juventude era referir-se aos jovens estudantes de classe média e à participação política, nos anos 80, falar em juventude implica incorporar os jovens das camadas populares e a diversidade de estilos existentes. Aliado a pulverização das ações coletivas, faz com que a visibilidade social dos jovens se dê por intermédio dos grupos culturais existentes.

A visibilidade da juventude vai ocorrer por meio do aparecimento de várias tribos (bandos, estilos, subculturas, culturas) envolvendo jovens das diferentes camadas sociais, ligadas a um determinado estilo de vestir, que chama a atenção da sociedade e, em torno de um gosto musical. Esse fenômeno, como pontua Abramo (1994), tem início com o *punk* na Inglaterra em 1976. Tal movimento vai se pautar em ritmo musical dentro do rock, por suas diversas variações como o *trash*, *hardcore*, *anarco-punk*. Estes grupos possuem um modo diferente de se vestir e extremamente “anormal” em relação aos padrões da sociedade. As músicas aparecem de forma autêntica e ágil, diferente de toda a estetização, tecnologia e aparatos que o *rock* necessitava. Elas retratam o cotidiano da juventude nas ruas e nas suas experiências diárias. O estilo é compreendido como algo agressivo, pois os jovens utilizavam roupas velhas e materiais aproveitados do lixo o que levou estes grupos a serem interpretados como “mal-intencionados”.

Os jovens que participam desse grupo vivem um período de crise econômica e de desemprego e por meio de seu estilo e letras musicais invocam um espírito de mudança, questionando a sociedade “exploradora e estagnada” da época. Para Abramo (1994), o *punk* vai desencadear uma agitação cultural e novas atitudes em meio ao cenário juvenil do período. Em paralelo, ocorre o surgimento de novas tendências musicais como os *darks*, *heavy metall* e o *reggae* e a difusão de novos grupos no espaço urbano (DAYRELL, 2005).

Para Dayrell (2005), o surgimento desses grupos expressa a realidade urbana juvenil, seus desejos e contradições. Por meio das músicas que curtem e tocam, seus estilos visuais revelam questões importantes sobre a juventude. Os grupos dos quais participam tornam-se espaços propícios para os jovens constituírem-se enquanto sujeitos sociais, elaborarem suas identidades e trazer à tona, para a sociedade em geral, as contradições vividas e a diversidade presente na juventude das camadas populares.

A década de 1990 revela a presença de inúmeros jovens envolvidos em variados tipos de ações coletivas ou individuais, apresentando uma realidade um pouco diferente da década anterior. De acordo com Abramo (2007), as ações juvenis ainda estão pautadas no individualismo e na fragmentação, mas agora, mais do que nunca, está articulada à violência, ao desvio e desrespeito às normas. Para a autora, isso tudo é resultado “de uma situação anômala, da falência das instituições de socialização, da profunda cisão entre integrados e excluídos, de uma cultura que estimula o hedonismo e leva a um extremo individualismo, os jovens aparecem como vítimas e promotores de uma ‘dissolução social’” (ABRAMO, 2007, p.83).

Apesar dessa visão apresentada por Abramo (2007), não podemos negar que a juventude atual, mesmo imersa aos problemas sociais presentes no Brasil e no mundo todo como a falta de trabalho, situações de violência e desagregação das instituições socializadoras, não tenha anseios próprios e desejos de mudanças em relação às situações a que estão submetidos diariamente. Hoje, apesar de aparecerem semi-invisíveis (como a própria autora afirma) e com certo “medo”, anseiam mudanças e transformações em relação ao que está imposto.

A juventude tem alcançado visibilidade em nossa sociedade, principalmente pelos meios de comunicação, que fazem uma leitura desse grupo social apenas pela ótica do consumo ou da delinquência, sem considerar os aspectos intrínsecos aos sujeitos que o compõem. Entender a juventude apenas pela ótica da violência, pela situação de pobreza em



que a maior parte dos jovens das camadas populares está exposta, é negar a sua criatividade e a diversidade cultural presentes no cenário juvenil atual.

Assim corroboramos com a ideia de juventudes no plural, tal como apresentada nas abordagens contemporâneas. Para Dayrell (2005) os jovens, mesmo que submetidos a processos de socialização e interação parecidos, dentro de um mesmo grupo social, vão apresentar respostas diferentes a esse processo, o qual está associado diretamente às trajetórias de vida dos indivíduos e às experiências vivenciadas em seus contextos sociais.

Desse modo, podemos pensar a juventude a partir da conceituação de Dayrell (2005, p. 34), para o qual,

a juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesmo. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Os jovens [...] constroem modos de ser jovem que apresentam especificidades [...]. Assim, enfatizamos a noção de juventudes, no plural, a fim de enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes.

A compreensão da diversidade juvenil pode-se tornar ainda mais relevante se considerada sua espacialidade. Turra Neto (2008) destaca a importância e a necessidade de articular as trajetórias biográficas dos grupos juvenis e seus contextos sociais com o contexto socioespacial no qual as culturas juvenis são engendradas. Para o autor, não basta apenas identificar os grupos juvenis presentes nas periferias ou nas áreas centrais do espaço urbano, “é preciso entender as trajetórias juvenis como trajetórias ao mesmo tempo históricas (de vida) e geográficas, em que conexões e desconexões são constantemente produzidas, organizando um aqui e agora a cada passo” (TURRA NETO, 2008, p. 436).

É nesse sentido que buscaremos interpretar e entender a juventude rural de Laranjeiras do Sul, a partir da década de 1980, até os dias atuais, considerando sua pluralidade e seus contextos sociais e espaciais de afirmação juvenil. Vale ressaltar que a abordagem apresentada até o momento está pautada em uma discussão sobre as juventudes em um contexto totalmente urbano, pois como vimos, a juventude rural não é apresentada em nenhum momento pela literatura. Aparece invisível aos estudos e noções sobre juventudes elaboradas ao longo da história. No entanto, ela se faz pertinente para refletirmos como essa categoria social foi compreendida, elaborada e reelaborada ao longo do tempo.

Na discussão que segue, iremos abordar a trajetória dos estudos sobre juventude rural e sua conceituação. A partir disso, poderemos estabelecer uma ponte de interpretação sobre

essa categoria social tão diversificada e plural. E assim, entender com maior clareza a dinâmica da juventude rural em foco na nossa pesquisa.

## **1.2. Juventude rural: estudos, conceitos e discussões**

Ao olharmos para o processo histórico de constituição do território, percebemos que o campo constitui-se em um espaço de embates, conflitos e discussões. O desenvolvimento histórico da sociedade brasileira deu origem a uma estrutura fundiária com características específicas, pautadas na má distribuição de terras, originando um processo de concentração nas mãos de uma minoria.

As discussões sobre o espaço rural no Brasil estão permeadas por enfoques políticos, sociais, econômicos e culturais, que buscam entender a relação entre o campo e a cidade, as transformações produtivas e sociais advindas do processo de modernização da agricultura; abordagens sobre os sujeitos que vivem no campo; os conflitos gerados pela introdução das relações capitalistas no campo, enfim, todos com contribuições significativas para pensar o espaço rural brasileiro hoje.

Estudos mostram as mudanças trazidas pela modernização da agricultura no Brasil entre as décadas de 1950 até 1980, as quais alteraram de maneira significativa as estruturas produtivas das propriedades rurais. Nesse período ocorre a introdução de um novo modelo produtivo baseado no padrão tecnológico da Revolução Verde, caracterizada pela introdução de tecnologias e capitais nas grandes propriedades rurais, a produção em grande escala e a inserção do campo na economia industrial. Paralelo a isso, houve a expropriação em massa dos pequenos agricultores, os quais, desprovidos de capitais e sem condições de competir no mercado acabam deixando suas propriedades e migrando para as periferias das cidades (RODRIGUES e SOARES, 2008).

Nesse contexto, a agricultura familiar, enquanto unidade de produção agrícola e familiar, também sofreu e continua a sofrer as consequências da introdução do capital na agricultura. Apesar do número considerável de propriedades familiares rurais no Brasil, os pequenos produtores sofrem com a falta de apoio do governo, em relação a créditos e investimentos em infraestrutura.

De acordo com dados do último Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006), o Brasil possuía 4.367.902 estabelecimentos da agricultura familiar, representando 84,4% dos estabelecimentos rurais do país em uma área de

apenas 80,25 milhões de hectares, ou seja, 24,3% da área total. Em relação aos estabelecimentos não familiares, esses representam 15,6% do total de estabelecimentos, ocupando 75,7% da área ocupada. Estes dados demonstram uma estrutura agrária concentrada sendo que a média dos estabelecimentos familiares era de 18,37 hectares e a dos não familiares 309,18 hectares.

Conforme Abramovay *et al* (1998), o que caracteriza o meio rural brasileiro é a presença da agricultura familiar, enquanto unidade de produção, tendo em vista que esta é responsável pela produção da maior parte dos alimentos consumidos no Brasil. No entanto, o autor ressalta que a agricultura familiar tem sido deixada de lado pelo governo. Os problemas econômicos e estruturais atingem diretamente os aspectos sociais e familiares dentro da unidade de produção, tendo em vista que nela vivem, trabalham e buscam a sobrevivência todos os membros da família.

Wanderley (1996, p. 2), por sua vez, destaca que, apesar de a agricultura familiar<sup>2</sup> ser entendida como “(...) aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo”. Esta, na prática, necessita de recursos de terceiros para operar suas unidades de modo mais eficaz, rentável e sustentável.

É dentro desse contexto, no qual permeia a agricultura familiar, que a juventude rural vem se destacando como a categoria social mais afetada por essas transformações, fruto dos processos econômicos que desestabilizaram a agricultura familiar. Para Carneiro (1998, p. 1)

(...) a juventude rural salta aos olhos como a faixa demográfica que é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, combinada com o agravamento da situação de falta de perspectivas para os que vivem da agricultura.

Ao aprofundarmos as leituras sobre a problemática da agricultura familiar, percebemos que a juventude rural começa a ganhar centralidade nas discussões que envolvem o mundo rural no Brasil.

No que diz respeito aos estudos sobre juventude rural, vários autores como Castro (2005, 2009), Carneiro (1998), Weisheimer (2005), Brumer (2007), ressaltam que esse grupo social tem recebido pouco investimento por parte das pesquisas acadêmicas e perante o

---

<sup>2</sup>Em outro trabalho, Wanderley (1999, p. 25) define agricultura familiar “como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. É importante insistir que esse caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo, ou seja, o fato de uma estrutura produtiva associar família produção-trabalho tem consequências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente. No entanto, assim definida, essa categoria é necessariamente genérica, pois a combinação entre propriedade e trabalho assume, no tempo e no espaço, uma grande diversidade de formas sociais”.

sistema político, não sendo considerados como portadores de direitos e assim, são excluídos da agenda governamental que elabora políticas para a juventude no Brasil.

Como vimos na discussão anterior, grande parte dos estudos, discussões que abordam a juventude, bem como as noções criadas ao longo do tempo, na tentativa de definir e delimitar esse grupo social estiveram pautados na juventude urbana e nas suas relações com a cidade, dando a impressão de que não existe juventude no espaço rural.

Castro (2009) ressalta que, embora a juventude rural seja alvo de pouco investimento teórico no Brasil, alguns estudos sobre o campesinato na França por volta de 1960, já debatiam concepções de juventude rural. Nesse sentido, a autora fala sobre o trabalho de Arensberg e Kimball (1968) os quais realizaram uma pesquisa em uma comunidade rural francesa, e mesmo não sendo o objetivo central do trabalho, tentaram dar visibilidade a algumas questões que envolvem a juventude rural. Um dos pontos centrais da discussão é identificar as relações que determinam a noção de velho e jovem dentro da comunidade. Assim, identificaram que os jovens só se tornam adultos e são respeitados como tais a partir do momento em que assumem a pequena propriedade da família. Enquanto estivessem sob a responsabilidade dos pais e não constituíssem uma propriedade autônoma continuam a ser vistos como jovens, independente da idade.

Foi a partir das décadas de 1980 e 1990, quando as discussões trazem à tona a diversidade das juventudes, que a juventude rural começa a ganhar algum enfoque (CASTRO, 2009). Sob o olhar de Brumer (2007), os estudos sobre juventudes no Brasil têm aumentado nos últimos 15 anos, resultado, sobretudo, do aumento da presença de jovens reivindicando maior visibilidade e a formação de políticas públicas que deem respaldo à geração de emprego, renda, educação e lazer.

Em relação às pesquisas envolvendo a juventude rural, vale a pena destacar o trabalho realizado por Weisheimer (2005). Este autor fez um levantamento bibliográfico dos estudos sobre juventude rural no Brasil entre 1990 a 2004, obtendo como resultado desse mapeamento apenas 50 trabalhos, dentre os quais se encontram duas teses de doutorado, três livros, 18 dissertações de mestrado e 27 artigos publicados em periódicos ou anais de congressos. De acordo com o autor, 86% dos trabalhos sobre a juventude rural foram produzidos entre 2001 e 2004, demonstrando um aumento dos trabalhos envolvendo esta temática nos últimos anos.

Durante nosso levantamento bibliográfico acerca de textos que abordem a juventude rural, foi possível identificar uma grande quantidade de trabalhos elaborados pelas Ciências

Sociais, assim como pela área da Educação e Desenvolvimento Rural. Em relação à Geografia, não encontramos nenhum trabalho que tratasse sobre a juventude rural. Apenas algumas discussões relacionando os jovens rurais com a educação, mais propriamente, com a educação do campo. Outro aspecto importante é que, grande parte dos trabalhos foi produzida por autores ligados a universidades da região Sul do país. Este fato pode ser justificado, como aponta Weisheimer (2005), devido a importância da agricultura de base familiar que representa cerca de 95% dos estabelecimentos agrícolas dessa região.

Observamos que existe uma distância considerável no acúmulo de debates sobre a juventude urbana e a juventude rural no Brasil, tal como Castro (2005) já havia observado também. Para essa autora, os jovens que são considerados como pertencentes à juventude rural não são vistos como uma população específica, considerada uma minoria.

No entanto, quando observamos os dados apresentados pelo Censo Populacional de 2010, realizado pelo IBGE, este número não é tão irrelevante. De acordo com dados desse órgão, vivem hoje na área rural do país cerca de 8 milhões de jovens, na faixa etária de 15 a 29 anos<sup>3</sup>, correspondendo a 27% da população rural do Brasil. Na tabela 1 é possível verificar a distribuição da população jovem brasileira de acordo com as regiões.

**Tabela 1** - População jovem urbana e rural entre 15 a 29 anos no Brasil. (Estimativa realizada sobre a porcentagem geral de população rural de cada região e do país).

	<b>Urbanos</b>	<b>%</b>	<b>Rurais</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
<b>Região Sul</b>	5.966.915	84,9	1.061.252	15,1	7.028.167
<b>Região Sudeste</b>	19.515.809	92,9	1.491.520	7,1	21.007.329
<b>Região Centro Oeste</b>	3.451.703	88,8	435.349	11,2	3.887.052
<b>Região Norte</b>	3.436.517	73,5	1.239.016	26,5	4.675.533
<b>Região Nordeste</b>	10.940.226	73,1	4.025.883	26,9	14.966.109
<b>Brasil</b>	43.280.019	84,3	8.060.454	15,7	51.340.473

**Fonte:** Adaptado de Barcellos (2012), com base nos dados do Censo do IBGE de 2010.

Por serem poucos os trabalhos e pesquisas acadêmicas sobre juventude rural, as temáticas não possuem uma variedade intensa. Carneiro (1998, p. 1) destaca que algumas pesquisas “(...) referem-se ao jovem apenas na condição de aprendiz de agricultor no interior dos processos de socialização e de divisão social do trabalho no interior da unidade familiar, o que os tornam adultos precoces já que passam a ser enxergados unicamente na ótica do trabalho”.

<sup>3</sup> Essa classificação da juventude com base em delimitação etária, corresponde aos dados do IBGE, pautados em órgãos internacionais, os quais classificam como jovens as pessoas em idade entre 15 e 24 anos. No entanto, destacamos que para nosso trabalho, a condição juvenil não é definida a partir do critério etário, tendo em vista, que considerá-los por essa ótica implica em dessubstancializar as categorias jovem e juventude.

Nesse mesmo sentido, Brumer (2007) ressalta que dois temas se tornam recorrentes, quando se focaliza a juventude rural, apesar de outros aspectos também serem abordados. Uma das tematizações está relacionada à tendência migratória dos jovens, a qual é justificada, na maioria das vezes, por uma visão negativa da atividade agrícola e de seus benefícios. A segunda tematização trata das características ou problemas existentes na transferência do estabelecimento agrícola familiar para a nova geração.

Castro (2005, p. 1) chama a atenção para o fato de que a juventude rural, geralmente, é articulada ao problema da “migração do campo para a cidade” e que esta imagem, de um jovem sem interesse pelo meio rural, colabora para a “invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais”.

A discussão sobre a migração da juventude rural para as cidades é apresentada em vários trabalhos, dentre os quais podemos destacar Brumer (2007), Gontijo (2007), Weisheimer (2005), Castro (2005), Branco (2003) entre outros. Em seus estudos, os autores apontam a tendência a uma maior migração de jovens do sexo feminino. Dentro dessa discussão, os trabalhos abordam os motivos que levam os/as jovens a migrar para a cidade e apontam como causas desse processo: os atrativos pela vida urbana, principalmente, em relação ao trabalho, escola e lazer; as visões que a juventude rural constrói sobre o campo (geralmente associado à negatividade) e a cidade (vista como positiva); as dificuldades de permanência pela falta de acesso a um pedaço de terra; em relação aos jovens, discute-se a posição da mulher dentro da unidade familiar de produção, entre outros aspectos.

Logo, a saída dos/as jovens do campo traz consequências para a reprodução das unidades familiares de produção. Nesse aspecto, os autores irão abordar a tendência a masculinização do campo, devido à migração dos jovens, e os problemas relacionados à sucessão das propriedades rurais, destacando que a saída da juventude rural para as cidades em busca de trabalho ou maior qualificação profissional acaba comprometendo a continuidade da produção agrícola e a própria reprodução das propriedades (CASTRO, 2005; ABRAMOVAY, 1998; WEISHEIMER, 2005).

Os estudos também apresentam discussões sobre os processos de socialização da juventude rural em âmbito familiar. Segundo Weisheimer (2005), os jovens que vivem na agricultura estão submetidos a um processo de socialização diferente daquele por que passam os jovens que vivem no meio urbano e que não atuam no trabalho agrícola. As relações sociais, que dão sentido e especificidade ao jovem na agricultura familiar, estão ligadas à posição que ele/a ocupa na divisão social do trabalho dentro da unidade de produção.

As discussões abordam ainda a divisão nos papéis ocupados por cada membro dentro da unidade de produção; a importância que a família representa para a juventude rural; os conflitos existentes entre pais e filhos, no sentido de que os últimos tentam conquistar uma maior autonomia em relação aos pais e muitas vezes não possuem voz ativa na tomada de decisões dentro da propriedade. Este último é relacionado, principalmente, às jovens, que além de não poderem opinar, têm seu trabalho dentro da propriedade considerado apenas como “ajuda”. Ainda podemos citar os conflitos existentes em relação à herança, à sucessão da terra na ausência dos pais e ao controle dos pais em relação aos lugares que frequentam e aos possíveis relacionamentos dos filhos (namoro e amizades em geral) (CASTRO, 2005; BRUMER, 2007; BRANCO, 2003; WEISHEIMER, 2005; CARNEIRO, 1998).

A relação da juventude rural com o universo escolar também é apresentada como uma das temáticas que envolvem esse grupo social. Estudos de Silva (2008) apontam que a escola se destaca como um lugar importante na vida dos/das jovens rurais. Além de apresentar-se como instituição formadora e educativa, também é um espaço de socialização, para além do rol familiar e da vizinhança, a qual permite vivenciar, diariamente, experiências individuais e coletivas, mais especificamente juvenis, visto sua peculiar organização de experiências vividas em grupos de idade.

De acordo com Silva (2008); Branco (2003); Silva e Capelo (2005); Carneiro (1998) a educação é muito valorizada pela juventude rural e é encarada como condição de ascensão social – *ser alguém na vida* – o que se traduz na expectativa de melhorar suas condições, sem ser agricultor/a.

Os trabalhos abordam o papel simbólico que a escola possui para a juventude rural; a posição dos pais em relação à continuidade dos estudos dos filhos<sup>4</sup>; as transformações e os conflitos diante do contato da juventude rural com a cidade e a juventude urbana<sup>5</sup>; os problemas estruturais e sociais que dificultam o acesso da juventude rural à escola; a desarticulação entre os conteúdos que aprendem na escola e o cotidiano que vivem no meio rural; e ainda, as interferências provocadas no universo simbólico e cultural a partir do contato com a juventude urbana e a cidade. Este último vai influenciar diretamente na construção dos projetos individuais do/da jovem rural (SILVA, 2008; BRANCO, 2003; SILVA e CAPELO, 2005; CARNEIRO, 1998; GAVIRIA e MENASCHE, 2006).

---

<sup>4</sup> De acordo com Carneiro (1998) os pais estimulam os/ as filhas a estudarem, pois muitos deles não tiveram acesso a educação na sua juventude. Tanto os pais como os/as jovens vislumbram um futuro melhor para suas vidas pessoais com base em dois processos: a possibilidade de terem uma profissão no futuro e o término da formação escolar.

<sup>5</sup> Por meio do contato com os/as jovens que vivem no meio urbano, novos valores são adquiridos. É nesse contexto que os/as jovens rurais passam a incluir, em seus projetos individuais, desejos quanto ao trabalho e ao estilo de vida, praticados pelas juventudes da cidade (GAVIRIA e MENASCHE, 2006; CARNEIRO, 1998).

Na opinião de Carneiro (1998), o contato diário da juventude rural com a escola urbana faz com que esses passem a viver uma situação complexa, fruto da combinação de universos simbólicos e culturais distintos, o que de certa forma, atinge os projetos<sup>6</sup> individuais do/da jovem rural. Ou seja, a partir dessa relação a juventude rural começa a traçar a possibilidade de realização do seu projeto de futuro (como por exemplo, cursar uma universidade, ou conseguir um emprego urbano), que muitas vezes se choca com o projeto coletivo familiar. A partir daí a juventude rural passa a viver uma ambiguidade, entre a vontade de sair e colocar em prática seu projeto, e a necessidade de permanecer e dar continuidade a propriedade agrícola dos pais.

Conforme Castro (2005), o debate atual gira entorno do contexto da política da reforma agrária, implementada no Brasil desde 1985, e do surgimento dos movimentos sociais de luta pela terra. Os trabalhos abordam a posição e atuação da juventude rural dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), e em meio aos assentamentos rurais. Conforme a autora, a juventude rural tem se apresentado como um novo ator social, mas que ainda é pouco conhecido pelas pesquisas bem como pelas políticas públicas da juventude.

Mas a questão que se coloca no momento é a seguinte: como fica a juventude rural nesse contexto? Como os autores definem e percebem a juventude rural em suas análises?

Como podemos verificar, além de serem poucos os estudos a respeito do universo social e cultural da juventude rural, em muitos trabalhos eles são interpretados unicamente pela ótica do trabalho e na sua inserção em âmbito familiar.

Nesse sentido, Weisheimer (2005) ressalta que esta inserção do jovem no universo produtivo levou ao questionamento da própria existência da juventude, tendo em vista que a socialização entre os camponeses ocorre em um único momento: no âmbito das relações familiares. Assim, não haveria o período da juventude, pois as crianças passam da infância diretamente para a condição de adultos. Porém, o autor destaca que, apesar do jovem alcançar a condição de adulto porque trabalha como tal, essa situação ocorre de forma parcial, tendo em vista que ainda está submetido à autoridade dos pais.

Weisheimer (2005) explica que, ao atingir a capacidade para o trabalho, o jovem adquire um novo papel no interior da unidade produtiva, que difere da infância, porque dá apoio, por meio de sua força, ao processo de trabalho da família. Porém, ele ainda não é considerado socialmente como adulto, pois está sob a autoridade do pai. Ele só será

---

<sup>6</sup> A ideia de projeto está ligada ao campo de possibilidades para sua efetivação e pode ser definida como “uma antecipação consciente do futuro contingente, que revela o ser e o transforma, orientando sua conduta em direção a um futuro pretendido” (WEISHEIMER, 2009, p. 261).



considerado adulto, socialmente, a partir do momento em que concluir seu processo de individualização, ou seja, quando constituir uma unidade produtiva autônoma, após o casamento, ou após a passagem sucessória do estabelecimento familiar, de pai para filho. Ainda, para superar sua condição juvenil e ingressar no “mundo adulto”, o jovem terá de possuir o domínio de um saber agrícola que é transmitido pelo pai, no próprio trabalho.

Para Carneiro (2005), o olhar sobre o jovem rural na condição de membro da equipe de trabalho na propriedade dificulta ainda mais a interpretação sobre esses sujeitos. A autora acrescenta que entendida dessa forma desde a ótica do trabalho, “a “juventude rural” – categoria fluída, imprecisa, variável e extremamente heterogênea - permanece na invisibilidade quanto a sua participação nas demais esferas da vida social, dificultando, assim, a compreensão de sua complexa inserção num mundo culturalmente globalizado” (p. 244).

A invisibilidade da juventude rural se torna evidente devido ao olhar baseado na compreensão de juventude urbana e se confronta ainda com as imagens “urbanas” sobre o campo. Para Castro (2005) o jovem rural está longe do isolamento e está vinculado ao mundo globalizado e afirma sua identidade enquanto trabalhador, pequeno produtor familiar, lutando por terra e por seus direitos. “Assim, *jovem da roça, juventude rural, jovem rural*, são categorias aglutinadoras de atuação política” (CASTRO, 2005, p. 2 – grifo no original).

Durston, parafraseado por Silva e Capelo (2005), chama atenção para o fato de que no universo urbano, a noção de juventude está abarcada em dois eixos:

o primeiro na visualização/existência de um espaço cultural propriamente juvenil e no adiamento das responsabilidades e dos papéis dos adultos. No campo, tradicionalmente, o jovem começa a trabalhar mais cedo em relação ao mundo urbano. Outro aspecto apontado pelo autor se refere à família. Os jovens no campo se constituem como chefe de família mais “precocemente” comparando com os jovens que residem na cidade (2005, p. 43 - 44).

Silva e Capelo (2005, p. 44) e Carneiro (2005) apontam para a dificuldade em delimitar o que se caracteriza como Juventude Rural. Para ela “(...) esta é uma categoria socialmente construída, que se caracteriza pela transitoriedade, outro ponto limitador está pautado na imprecisão do que se entende por rural, num contexto de intensificação dos universos do campo e da cidade”.

Em outro trabalho, realizado em duas áreas rurais, uma no estado de Rio de Janeiro e outra no Rio Grande do Sul, Carneiro (1998) considera dois critérios para a definição de jovem rural: estar em um período de preparação para ingressar no mercado de trabalho e não ter constituído uma unidade familiar independente por meio do casamento. Assim “(...) jovem

seria aquele indivíduo que se encontraria em uma fase caracterizada pela discrepância entre o projeto de vida vislumbrado e as atividades em realização” (CARNEIRO, 1998, p. 2). Ou seja, um projeto de futuro seguido de um grau diferenciado de possibilidades de realização.

A autora destaca que é necessário ampliar, academicamente, a discussão sobre a definição do rural, para além de um setor de produção agrícola, devido às variadas ocupações presentes nesse “novo rural”, fruto dos processos recentes que vêm ocorrendo no campo, transformando-o e tornando-o um espaço cada vez mais heterogêneo e diversificado.

No contexto dessas transformações, a juventude rural é a mais afetada, pois vê serem reduzidas as perspectivas de trabalho na agricultura, ao mesmo tempo em que aumentam as referências para novas necessidades de consumo.

Apesar de todas essas mudanças, de acordo com Silva e Capelo (2005), ainda existe, no campo, uma enorme diversidade juvenil (sendo possível falar em juventudes rurais no plural), que remete à impossibilidade de pensar em um único perfil de “juventude do campo”, ou um único perfil de “jovem rural”. É nesse sentido que as políticas públicas devem atuar, levando em consideração essa diversidade, não se restringindo apenas a políticas que deem acesso a terra, ou políticas de financiamento agrícola, mas considerando os diferentes grupos juvenis.

Outro critério para definir o jovem rural, para além do critério etário, diz respeito ao que Guigou<sup>7</sup> (1968, *apud* SILVA E CAPELO, 2005, p. 43), chama de “(...) noção de pertencimento, [que leva a] analisar as relações que estes jovens constroem com a sociedade mais ampla, para que assim possamos entender as continuidades e discontinuidades na formação da noção ser jovem no campo e do campo”.

Tal como destaca Weisheimer (2005), a juventude rural possui uma especificidade que deve ser estabelecida através da análise dos processos de socialização, no qual os jovens estão inseridos, pois os jovens são socializados de formas variadas, e constroem experiências, assim como, identidades juvenis diferentes.

Para o trabalho buscamos delimitar como juventudes rurais os/as jovens que ainda não constituíram uma unidade familiar por intermédio do casamento. Vale destacar ainda, que consideramos esse grupo como uma categoria social e historicamente construída, diversa, não se configurando como algo determinado ou acabado em sua compreensão. Como podemos perceber durante toda a discussão, ainda existe uma imprecisão conceitual sobre a juventude

---

<sup>7</sup> GUIGOU, Jacques. **Problemas de uma Sociologia da Juventude Rural**. In: BRITTO, Sulamita de (org.). v. 2. Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

rural e os trabalhos desenvolvidos não abordam ou apenas citam de forma superficial a relação da juventude rural com os espaços de lazer.

Nesse sentido, pretendemos contribuir com a discussão, apresentando as diversas formas de sociabilidade desenvolvidas pela juventude rural ao longo do tempo e nos dias atuais, como elaboram suas identidades individuais e coletivas, e como estabelecem suas relações socioespaciais e territorialidades individuais ou grupais nos mais diferentes espaços que frequentam seja no campo ou na cidade.

### **1.3. Grupos juvenis e sociabilidade**

Em grande parte dos estudos que abordam a juventude, existe um consenso entre os autores que os/as jovens tendem a agrupar-se, vindo a formar uma rede de amigos, com os quais vivenciam, nos espaços de lazer e diversão, momentos considerados como propriamente juvenis (TURRA NETO, 2008; DAYRELL, 2005).

Os grupos de pares formados pela juventude proporcionam aos jovens circular pelos mais diferentes espaços, desenvolverem diversas formas de sociabilidade e ainda, construir suas identidades individuais e coletivas.

De acordo com Sposito (1996), o jovem busca a idade adulta e sair da infância, passa por uma transição que também se reflete na construção de uma identidade, de forma individual ou em grupo. Esta identidade, individual ou coletiva, exprimiria uma posição de alteridade.

A autora ressalta ainda, que a construção de uma identidade remete também ao se identificar com os outros ou ser diferente, enquanto indivíduo ou grupo. “Esta diferença, paradoxalmente, só pode ser afirmada e vivida como tal, ao supor certa igualdade e reciprocidade” (SPOSITO, 1996, p. 99).

É na juventude que se constrói a identidade individual. Neste momento, procura-se um lugar na família e na sociedade. A partir de então, irá ocorrer um distanciamento da família e os jovens passam a dar mais importância ao seu grupo de pares, passando a desenvolver a sociabilidade, experimentando e tomando novas atitudes.

Nesse sentido, Carrano (2003) destaca que o outro se torna um fator essencial para o jovem no momento da construção da sua própria identidade, isso acontece quando expõe o sujeito frente à alteridade. A sua imagem é construída a partir de uma referência social,

exterior ao sujeito, que é sempre delimitado, sendo garantido pela presença e o relacionamento com os outros.

A participação em grupos se dá a partir do momento que os jovens percebem que possuem as mesmas características, os mesmos anseios e visões da realidade. Nesse grupo ocorrem trocas de experiências e símbolos, contribuindo na construção da própria identidade individual ou coletiva.

Conforme Morcellini (1997 *apud* DAYRELL, 2004, p. 12) “o grupo de pares responde a necessidade de comunicação, de solidariedade, de autonomia de trocas, de conhecimento recíproco e de identidade [...] a força atrativa dos primeiros grupos de pares favorece a construção de uma autonomia em relação ao mundo adulto”.

Os grupos se formam devido à possibilidade das vivências múltiplas e mútuas. Cada grupo elabora seus estímulos, suas leis, seu jeito de ser, enfim, seus próprios valores. A sociação de jovens permite que eles desenvolvam relação de preocupação com o outro e, principalmente, permitam o desenvolvimento da sociabilidade.

Conforme Simmel (1983), a sociabilidade é uma das formas que permite a sociação. Dessa maneira, a “sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses” (SIMMEL, 1983, p. 166). Se a sociação possui uma finalidade, a sociabilidade não a faz. Na sociabilidade, o que existe é uma relação na qual a relação é o próprio fim; o que vale é a pura forma que vai constituir uma unidade. Na sociabilidade não existem objetivos e nem regras. Os objetivos e motivos que levam os indivíduos a se unirem não têm importância para a sociabilidade.

Para Simmel (1983, p. 173), “a sociabilidade é o jogo no qual se “faz de conta” que são todos iguais, e ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um reverenciado em particular (...)”. Para o autor, a conversação é uma confirmação da sociabilidade. Pois, na sociabilidade, o falar torna-se o próprio fim, a conversa não tem nenhum conteúdo de importância própria, o assunto é o meio através do qual se dá a troca de palavras. A conversa é uma relação que não quer ser nada além disso.

A sociabilidade requer, conforme Simmel (1983), uma simetria, uma relação que se dê entre iguais. Dessa forma, ela é bem democrática, pois exige uma relação em que se deve oferecer o máximo de si para com o outro, para ser assim retribuído. Esse caráter democrático só é possível entre uma determinada camada social, pois a sociabilidade entre pares diferentes pode não resistir. Nessa relação, precisa-se de compromisso e confiança.

Através do tato, segundo o autor, é que vai haver a regulação das relações. Quando os limites são rompidos, há uma mudança na relação e o indivíduo deixa de participar da mesma. Assim, Dayrell (2004) afirma que a sociabilidade vai exigir uma relação íntima, mútua e de confiança entre os pares que fazem parte do grupo. O autor, baseando-se em Giddens, expõe que para isso é necessário haver uma relação pura.

O que alicerça uma relação pura é o grau de compromisso existente entre os amigos, que é fruto de uma escolha, e não de uma imposição. É o compromisso que faz com que um possa contar com o outro, numa relação de reciprocidade, na qual se confia que o outro está com você em qualquer situação (DAYRELL, 2004, p. 11).

Conforme Dayrell (2004), isto poderá se dar através de uma relação íntima, que necessita de uma abertura entre as partes, para o conhecer de um e do outro. Assim, cria-se uma confiança para com o outro e o surgimento da amizade, sendo esta muito importante na constituição de uma relação e essencial para a juventude.

É na juventude que se passa a integrar e desenvolver relações em algum grupo. Portanto, a partir do momento que o jovem faz parte de algum grupo, vai buscar novas descobertas e descobrir novos espaços; e os amigos se tornam importantes, pois permitem uma troca de ideias. Em relação a isso, Turra Neto (2003) destaca que uma característica da juventude é a união em grupos que possuem a mesma idade, sendo muito importante para a sociabilidade dos jovens. De acordo com o autor, os jovens possuem uma necessidade de ter relações mais íntimas diante da posição das instituições que não lhes dão permeabilidade. Também procuram criar uma identidade própria, sentirem-se independentes e serem percebidos e incluídos por um grupo que não seja a família, justificando o fato de buscarem fazer novas amizades.

Quando se formam grupos, estes procuram mostrar que têm uma expressividade própria. Procuram se diferenciar entre si e da sociedade, através do seu jeito de vestir, falar e de se comportar, criando assim uma cultura juvenil própria. Para Dayrell (2005), cultura juvenil diz respeito aos modos de vida e práticas específicas que os jovens demonstram no dia-a-dia, expressando significados e valores tanto em relação às instituições como nas suas vidas diárias.

Um fator que tem influenciado na construção da cultura juvenil e de identidades individuais e coletivas, é o mercado e a indústria cultural. Segundo Sposito (1999), a mídia e a publicidade têm exposto diante dos jovens uma série de produtos e modelos culturais que

são internalizados pela juventude. Esses objetos tornam-se verdadeiros ícones e influenciam nos modos de ser e estar, constituindo-se em uma identidade transitória.

Dessa forma, os jovens não podem ser vistos como um todo homogêneo. Pois, na opinião deste autor, eles possuem uma união de significados que partilham, símbolos próprios que os caracterizam com o grupo que pertencem, possuem linguagens e rituais próprios, através dos quais dão sentido à vida. Assim, a construção das culturas juvenis deve ser analisada na ótica da origem social e das condições na qual os jovens estão socializados.

Segundo Dayrell (2005), o *rap* e o *funk* são estilos musicais que resultaram de uma manifestação simbólica das culturas juvenis, eles expressam significados e elementos que os jovens julgam como uma representação das suas identidades tanto individuais como coletivas. Os jovens se apropriam de determinados objetos e lhes dão outro sentido a partir das atividades e dos valores do grupo, criando sua própria identidade.

A partir da adoção de diferentes estilos, formam-se diferentes linguagens ou apropriação de gírias. Mudam-se os visuais e a forma de se vestir, o que vai fortalecer a demarcação do mundo adulto e também de outros grupos juvenis.

Dessa forma, os jovens buscam através de suas identidades, individuais ou coletivas, se territorializar. Ao mesmo tempo em que constroem identidades culturais demarcam seus territórios, sendo este um elemento da identidade. O território, neste sentido, não está relacionado com territórios políticos-administrativos, mas como destaca Turra Neto (2003), está intimamente ligado ao lugar, ou seja, está ligado a relação com o espaço existencial, vivido e percebido, o qual ganha sentido na prática diária, repartida com o grupo do qual se faz parte. Existe uma relação de proximidade, em que ambos se conhecem ou reconhecem.

Assim, considerando que os espaços de lazer e diversão configuram-se como um espaço propício para o desenrolar de diversos tipos de sociabilidade e também como um momento em que a juventude pode vivenciar sua condição juvenil e dada a importância dos grupos de pares, é que buscaremos compreender a juventude rural de Laranjeiras do Sul.

#### **1.4. Território e territorialidade: conceitos para pensar a juventude rural**

Nessa parte da discussão teórico conceitual propomo-nos a fazer uma abordagem sobre o conceito de território e territorialidade. A partir daí, nossa intenção é pensar como podemos estabelecer articulações entres esses dois conceitos com as vivências socioespaciais

engendradas pela juventude rural nos espaços de lazer e sociabilidade que frequentam no campo ou na cidade.

Acreditamos que à medida que novos processos foram se efetivando no espaço rural de Laranjeiras do Sul, houve uma mudança nos espaços de lazer e sociabilidade frequentados pela juventude rural e, por consequência, uma multiplicação nos territórios disponíveis para as práticas juvenis dos/as jovens rurais.

Desse modo, vamos pautar a discussão com base em alguns pressupostos teóricos sobre o território e algumas de suas principais conceituações, buscando articulá-lo dentro da Geografia. Buscaremos apresentar elementos que nos proporcionem uma análise mais coerente com o tema proposto em nosso trabalho. Os limites da discussão também são grandes, pois dependendo da concepção geográfica utilizada, muda-se o entendimento sobre o conceito de território. Mas vamos tentar abordá-lo da melhor maneira possível.

São várias as discussões sobre o conceito de território. De acordo com Haesbaert (2004), o território, desde seu surgimento possui duas significações: uma mais material e outra simbólica. No seu sentido etimológico, a palavra território está próxima tanto de *terra-territorium*, quanto de *terreo-territor*, que quer dizer terror, aterrorizar, ou seja, está ligada a dominação da terra por meio da inspiração do medo. Assim, tem um caráter jurídico-político, pela atuação do Estado, mas também tem uma dimensão simbólica inegável. Paralelamente, para aqueles que podem usufruir de tal território, este possui uma identificação e pode exprimir o caráter de efetiva apropriação.

Nas discussões sobre território, fica claro que ele está diretamente relacionado ao poder, tanto em seu caráter político quanto ao poder no sentido de dominação (mais explícito) e de apropriação, ou seja, ao poder simbólico mais implícito.

Um autor de destaque na Geografia moderna e que discute território é Friedrich Ratzel. De acordo com Saquet (2007), para Ratzel a discussão sobre território está pautada em uma visão mais positivista na qual naturaliza o povo e o território ligando-o ao Estado-Nação. Na obra *Antropogeografia*, Ratzel destaca sua preocupação com a constituição do Estado Alemão e, aponta para a necessidade de conquistar espaços para a posterior evolução da população e do seu Estado. O solo aparece como elemento essencial do Estado e sua unidade. “Em Ratzel (1990, 1990a), o território, ora aparece como sinônimo de ambiente, ora como solo, ora como Estado-Nação, deixando clara a visão naturalista deste conceito” (SAQUET, 2007, p. 64).

Desse modo, podemos observar que, inicialmente, o conceito de território tem caráter jurídico-político, em que delimita-se uma área da superfície terrestre a qual serve para atender as necessidades de uma dada coletividade humana. Souza (2001) também aponta para esta rigidez da compreensão e uso da categoria território. Para o autor o território não precisa ser reduzido à escala nacional ou a figura do Estado.

Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex., uma rua) à internacional (p. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN); territórios são construídos e (desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica. Não obstante essa riqueza de situações não apenas o senso comum, mas também a maior parte da literatura científica, tradicionalmente restringiu o território à sua forma mais grandiloquente e carregada de carga ideológica: o “território nacional” (SOUZA, 2001, p. 81).

O território deve ser apreendido em diferentes escalas temporais e espaciais. Assim, o território é “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2001, p. 78). O poder está ligado a capacidade do ser humano em agir não apenas sozinho, mas com seu grupo. “O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo estiver unido” (SOUZA, 2001, p. 80).

Ademais, Souza (2001) salienta que o território é um “campo de forças”, uma teia de relações sociais que impõe uma alteridade, um limite entre “nós” e os “outros”. O autor exemplifica isso abordando os territórios de prostituição e do crime organizado na favela, na qual são estabelecidos limites de controle e acesso a esse espaço. Desse modo, o território apresenta-se no sentido de apropriação, de modo que os grupos e suas relações delimitam o território. Assim,

Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (...) podem (...) formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (...) ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular mas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo (SOUZA, 2001, p. 87).

A partir disso, é possível observar que o território possui uma materialidade, mas também um lado simbólico imposto pelas relações estabelecidas e projetadas pelos sujeitos no espaço. Para delimitar territorialmente um espaço, é necessário considerar os sujeitos que se territorializam. “Assim, é pelo estudo dos grupos sociais que temos acesso ao território e,



também, ao tipo de território que constituem, visto que, as formas assumidas pelas relações sociais de poder projetadas no espaço, são bastante diversas” (TURRA NETO, 2008, p. 466).

Haesbaert (2004), por sua vez, agrupa a noção de território em três vertentes principais: 1) político: na qual o território é entendido como um espaço delimitado e controlado, por meio do qual se exerce um determinado poder, por exemplo, o território demarcado pelo Estado-Nação; 2) cultural ou simbólica - na qual o território é visto como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido; 3) econômica – em que se enfatizam as relações econômicas. O território sendo visto como fonte de recursos, no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho; como produto da divisão territorial do trabalho. O autor acrescenta, ainda, uma quarta noção: a naturalista, na qual se utiliza uma noção de território com base nas relações entre sociedade e natureza.

Desse modo, podemos afirmar que os territórios são socialmente construídos por um determinado grupo social a partir do exercício do poder. Ele pode apresentar-se com um caráter econômico por meio de um grupo de empresários; mais político, pela ação dos partidos políticos, por exemplo; ou ainda; um caráter mais cultural como os territórios dominados pelo crime organizado, grupos de culturas juvenis como os grupos *punk* e *hip-hop*.

Em uma vertente materialista, Raffestin (1993) também traz uma discussão importante sobre território. Ele afirma que “o território (...) não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São eles que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há, portanto, um “processo” do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder (...)” (RAFFESTIN, 1993, p. 7-8).

O poder, para este autor, representa a essência do sistema territorial. O poder, de acordo com Raffestin (1993) não pode ser categorizado espacialmente nem temporalmente, mas está imerso em toda a “produção” que se apoia no espaço e no tempo.

O território se caracteriza como um lugar de relações, produzido a partir da apropriação e produção de um determinado espaço. Vale considerar a observação de Raffestin (1993) sobre a distinção de espaço e território. Para ele o espaço é anterior ao território.

O território se forma a partir do espaço, é o resultado da ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Ou seja, o espaço é a matéria-prima, a base que dá sustentação para a produção do território. O território é resultado de uma produção a partir do espaço. Por meio da

apropriação econômica, política e cultural do espaço, atores realizam variadas atividades sociais, inserindo nele, intencionalidades e ações de diversos modos, em diferentes tempos e intensidades, territorializando-se e estabelecendo relações de poder.

A construção de um território está aliada ao movimento histórico e às simultaneidades do tempo. De acordo com Saquet (2007), no território convergem aspectos da economia, da política, da cultura e da natureza exterior ao homem. O território é uma conjugação de forças e relações articuladas que variam no tempo e no espaço. Essas três dimensões ocorrem de modo diferente para cada lugar, momento ou período histórico.

Conforme Vale, Saquet e Santos (2005) as três dimensões apresentadas por Saquet, condicionam e são condicionadas pela dinâmica territorial. Na dimensão econômica, o território está ligado à divisão territorial do trabalho; na dimensão política, é determinado por uma delimitação do espaço, no qual se exerce um poder, geralmente ligado ao Estado e na dimensão cultural, é entendido como um produto da apropriação e valorização simbólica.

Desse modo os autores definem território a partir das concepções elaboradas por Saquet (2003 e 2004) para o qual o território é “natureza e sociedade simultaneamente, é economia, política e cultura, ideia e matéria, fixos e fluxos, enraizamento, conexão e redes, domínio e subordinação, degradação e proteção ambiental; é local e global, singular e universal, concomitantemente” (VALE, SAQUET e SANTOS, 2005, p. 14).

Assim, as relações de poder imbricadas nas relações sociais estão presentes em um “jogo” de dominação e subordinação, de controle do espaço em diferentes escalas temporais e territoriais.

O território em sua concepção mais ampla pode ser considerado como um híbrido, tal como aponta Haesbaert (2004), pois está envolvido por relações de poder desde sua forma mais material, ou seja, pelas relações políticas e econômicas ao poder mais simbólico das relações de caráter cultural. Essa multiplicidade revela várias formas de poder e os múltiplos processos e sujeitos envolvidos o que propicia a emergência de múltiplas territorialidades.

Em seu caráter relacional o território apresenta duas faces que permitem sua compreensão. De acordo com Haesbaert (2004) o território é definido com referências as relações sociais e ao contexto histórico do qual faz parte. Ou seja, para fazer uma leitura do território é preciso considerar além do conjunto de relações histórico sociais, as relações dos processos sociais com o espaço material. Desse modo, não se pode fazer uma leitura simplista do território como algo delimitado, estável e enraizado. “Justamente por ser relacional, o território também é movimento, fluidez, interconexão - em síntese e num sentido mais amplo,

temporalidade” (HAESBAERT, 2004, p. 82). Enquanto relação social, um dos aspectos mais importantes do território é sua historicidade.

Os territórios possuem um dinamismo, podendo ser construídos ou destruídos nos mais diversos espaços e em variadas escalas de tempo. Assim as territorialidades, em especial, no sentido simbólico, variam em diferentes situações históricas e geográficas.

Como todo processo de constituição territorial envolve uma territorialidade, vamos pautar a discussão em Sack (1986) e Raffestin (1993).

Nas palavras de Sack (1986, p.3) a territorialidade pode ser entendida como “uma estratégia espacial para afetar, influenciar ou controlar fontes e pessoas, controlando área; e, como uma estratégia, a Territorialidade pode ser ligada e desligada. Em termos geográficos ela é uma forma de comportamento espacial”. Ela está ligada a uma “estratégia” que as pessoas possuem de controlar, afetar e influenciar pessoas, coisas, relações tendo como base um espaço determinado. Caracteriza-se como uma qualidade necessária para a constituição de um território.

Para Raffestin (1993, p. 161) “a territorialidade aparece então como constituída de relações mediatizadas, simétricas ou dissimétricas com a exterioridade”. Ela estaria inserida no quadro da produção, da troca, do consumo. Apresenta-se nas atividades diárias, tem a ver com ligação, interação social; seria a face vivida e agida do poder. A territorialidade vai além da noção de poder inclui uma multidimensionalidade, econômica e simbólica.

Ambos os autores consideram a territorialidade como um processo eminentemente humano, social. Para Sack (1986), a territorialidade humana pode ser formada e analisada em diferentes dimensões da escala do lar, do local de trabalho, de um grupo cultural indígena. É um meio essencial de poder, do nível pessoal até o internacional, pressupõe o controle por meio do poder de um espaço, situação ou relação social.

Haesbaert (2004) constrói sua discussão sobre territorialidade baseado em Sack (1986). O autor destaca que Sack, ao afirmar que a territorialidade pode ser ativada ou desativada, acaba por demonstrar a mobilidade inerente aos territórios, ou seja, cai por terra a ideia de território como algo estático. Entretanto, de acordo com Haesbaert (2004), todo território corresponde a uma territorialidade, mas nem toda territorialidade, para existir, implica, necessariamente, na existência de um território (enquanto base material, concreta).

Ao mesmo tempo, território e territorialidade, entram em “comunicação por fronteira”, mesmo que em forma de coação ou controle, mas que permita ao território classificar-se internamente na relação com os demais territórios. Assim, “toda relação de

poder mediada também é produtora de identidade, pois controla, distingue, separa e, ao separar, de alguma forma nomeia e classifica os indivíduos ou grupos sociais” (HAESBAERT, 2004, p. 89).

Dando seguimento a sua discussão sobre território e territorialidade, Haesbaert (2004) destaca que Sack (1986), mesmo considerando o território como instrumento de poder, não ignora a sua dimensão simbólica e propõe, como uma síntese sobre a territorialidade, que esta “(...) como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado” (SACK, 1986, p. 90).

Assim podemos afirmar, tal como Haesbaert (2004) que uma leitura sobre território, que não abarque sua dimensão simbólica, corre o risco de não compreender a complexidade existente entre espaço e poder. Sack (1986) e Raffestin (1993) acabam por aproximar-se ao afirmarem que a territorialidade é uma expressão geográfica do poder, por meio da qual os grupos sociais e o espaço estão articulados.

Nesse sentido, o território está imbricado por relações de dominação e apropriação entre a sociedade e o espaço em seus aspectos mais concretos como os econômicos, aos mais subjetivos como os simbólicos culturais. Isso dá ao território um caráter amplo de multidimensional levando Haesbaert (2004) a afirmar que atualmente

Territorializar-se, desta forma, significa criar mediações espaciais que nos proporcionem efetivo “poder” sobre nossa reprodução enquanto grupos sociais (para alguns também enquanto indivíduos), poder este que é sempre multiescalar e multidimensional, material e imaterial, de “dominação” e “apropriação” ao mesmo tempo (HAESBAERT, 2004, p. 97).

Considerando todo o dinamismo presente nos processos e nas relações sociais em nossa realidade, os territórios encontram-se muito mais múltiplos e multiterritoriais. É nessa perspectiva que Haesbaert (2004) propõe as alternativas conceituais de território-rede e multiterritorialidade. De acordo com o autor, muitos autores afirmam estarmos vivendo hoje um processo de desterritorialização, mas não consideram sua contraparte, a reterritorialização.

Conforme Haesbaert (2004), nossas experiências espaço-temporais, tem possibilitado, para além de controlar áreas ou definir fronteiras, viver em redes. Assim, nossas referências espaço-simbólicas são constituídas não apenas no enraizamento e na estabilidade, mas na própria mobilidade. “Assim, territorializar-se significa, também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento” (HAESBAERT, 2004, p. 280).

Trata-se da produção de um território no e pelo movimento, no ritmo e na ação. Entretanto, é um movimento dotado de significados e de expressividade, tanto para aquele que constrói determinado território ou dele usufrui. Dessa forma, constituem-se “territórios descontínuos”, fragmentados e superpostos. Nos territórios-rede, o controle do espaço se dá pelo controle de fluxos e conexões (HAESBAERT, 2004). Desse modo, em um mesmo dia, em um mesmo lugar, dependendo da hora e das circunstâncias podemos perceber diferentes sinais de territorialização.

O território é constituído de unidades espaciais, como áreas ou zonas, assim como, de nós e redes, que conectam entre si a multiplicidade de territórios existentes. Haesbaert (2004, p. 290) afirma que “[...] território-zona e território-rede, como espécies de “tipos ideais”, de fato nunca se manifestam de forma completamente distinta”. Ou seja, a rede, estaria ao lado das superfícies ou zonas, compondo de forma paralela o conteúdo territorial.

O autor ressalta, ainda, que os territórios-rede possibilitam a passagem constante de um território a outro, estando sintonizados com a multiplicação de territórios. E mais do que desterritorialização ou “fim dos territórios”, estes territórios nos permitem a vivência de uma multiterritorialidade, ou seja, vivenciar e participar de vários territórios ao mesmo tempo. É diante dessa complexidade e multiplicidade justaposta de territorializações que o autor propõe a ideia de multiterritorialidade. Nas palavras do autor:

A esta reterritorialização complexa, em rede e com fortes conotações rizomáticas, ou seja, não hierárquicas, é que damos o nome de *multiterritorialidade*. As condições para sua realização incluiriam a maior diversidade territorial [...] uma grande disponibilidade de e/ou acessibilidade a redes-conexões (quer dizer, a uma maior fluidez do espaço), a natureza rizomática ou menos centralizada dessas redes e, anteriores a tudo isso, a situação socioeconômica, a liberdade (individual ou coletiva) e, em parte, também a abertura cultural para efetivamente usufruir e/ou construir essa multiterritorialidade (HAESBAERT, 2004, p. 343).

Dessa forma, a multiterritorialidade está ligada a possibilidade de acessar ou articular-se a diversos territórios ao mesmo tempo. Esta mobilidade pode ocorrer de forma “concreta”, pela mobilidade física, ou mesmo de forma “virtual”, no sentido de conectar-se a diferentes territorialidades sem deslocar-se fisicamente, ou seja, por meio das novas experiências espaço-temporais, proporcionadas pelo ciberespaço.

Essas novas articulações territoriais em rede dão origem a territórios-rede flexíveis onde o mais importante é ter acesso aos pontos de conexão que permitem “jogar” com a multiplicidade de territórios existentes, criando assim uma nova territorialidade. Mas não se trata, também, como no passado, da simples possibilidade de “acessar” ou de “ativar” diferentes territórios. Trata-se de fato de

vivenciá-los, concomitantemente e/ou consecutivamente, num mesmo conjunto, sendo possível criar aí um novo tipo de “experiência espacial integrada” (HAESBAERT, 2004, p. 345 - 46).

Essa multiplicidade de territórios se concretiza por meio da concepção de uma sociedade de redes, que permite interligar as várias formas da reprodução das relações sociais. Desse modo, o território se produz pela interação dos territórios-rede, onde se cruzam as diversas manifestações territoriais.

Observamos assim, não apenas uma transformação na quantidade de territórios a nossa disposição, mas a percepção de uma multiplicação nas formas de territorializações que podemos fazer parte. É nesse contexto que pretendemos analisar a juventude rural, buscando identificar quais as formas territoriais praticadas por seus grupos em décadas passadas (1980) e atualmente, considerando sempre contextos mais amplos, ou seja, o fato das identidades territoriais serem constituídas nas relações com o global e o local. Assim, iremos tentar abordar, quais as mudanças qualitativas em curso para essas possíveis mudanças das formas territoriais dos (as) jovens rurais e as possibilidades disponíveis nos diversos espaços-tempos de vivência desse grupo social, e em termos de articulação no campo e na cidade.

## **CAPÍTULO II**

### **CONSTRUINDO O CAMINHO METODOLÓGICO: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE, HISTÓRIA ORAL E TÉCNICA DE ENTREVISTAS E GRUPOS FOCAIS**

Ao pensarmos na problemática e nos objetivos propostos para o desenvolvimento da pesquisa, a principal questão surgida foi sobre quais metodologias deveríamos adotar para a produção de informações atinentes à juventude rural de Laranjeiras do Sul a partir da década de 1980 até hoje. Assim, buscamos investigar quais metodologias vêm sendo utilizadas por diferentes pesquisadores, ao investigar grupos sociais nas mais diversas áreas do conhecimento e também na área da Ciência Geográfica. Após várias leituras, delimitamos e compreendemos que a metodologia da Observação Participante, História Oral e a Técnica de Entrevistas bem como os Grupos Focais poderiam contribuir nessa empreitada.

Estas três metodologias são amplamente discutidas e utilizadas por outros campos do conhecimento como a Antropologia, Sociologia, História e Psicologia. Elas possuem cunho qualitativo e ganham destaque nas pesquisas dos sujeitos sociais em seus aspectos culturais, sociais, ou mesmo nas suas relações com o espaço.

A Geografia Humana, em especial aquela voltada para o estudo cultural dos grupos juvenis, vem a algum tempo se apropriando dessas metodologias e colaborando, por meio das suas pesquisas, com uma reflexão prática e teórica sobre a importância delas nos estudos com grupos sociais.

O que propomos nesse capítulo, em linhas gerais, é o limiar de uma abordagem teórica sobre cada uma das metodologias utilizadas durante o processo de pesquisa e a intenção de demonstrar como foi nossa experiência junto às pessoas que eram jovens rurais na década de 1980 e a juventude rural atual. Longe de querer constituir um manual metodológico, nosso objetivo principal é poder contribuir com uma maior reflexão sobre essas metodologias, demonstrando caminhos possíveis, no que diz respeito à produção de informações em pesquisas de cunho qualitativo dentro das Ciências Humanas, em especial, da Geografia.

Creemos que as pesquisas qualitativas têm ganhado cada vez mais destaque dentro das Ciências Sociais e Humanas, no sentido em que procuram entender o significado dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as motivações, crenças, símbolos e representações sociais que permeiam as relações humanas. Nesse aspecto, a Geografia

Humana ganha destaque, porque além de contribuir no seu entendimento busca espacializar tais processos.

E pesquisar a juventude, em nosso caso a juventude rural, em seus mais diferentes contextos e aspectos, com o objetivo de melhor compreendê-los, é sempre um desafio. E por assim ser, a preocupação metodológica se fez presente durante todo o processo de produção das informações junto à juventude rural de Laranjeiras do Sul. Desse modo, buscamos contribuir com o desenvolvimento de uma pesquisa reflexiva, capaz de mostrar as possibilidades e limitações dessas metodologias, no que diz respeito à produção de diferentes informações sobre o grupo estudado e sobre os diferentes contextos nos quais estão inseridos.

Nesse sentido, faremos na sequência uma reflexão e discussão sobre cada uma dessas metodologias, com vista a esclarecer sua utilização prática, articulando com a discussão teórica existente para então compreendermos como elas vêm sendo apropriadas pelos pesquisadores em seus estudos.

### **2.1. A Observação Participante: entrando em contato com os sujeitos da pesquisa**

A metodologia da Observação Participante já foi utilizada por nós em estudos anteriores desenvolvidos com juventudes. Esta opção metodológica vem se configurando como uma forma de realizar observações de cunho científico e tem apresentado resultados interessantes a respeito do universo cultural dos/das jovens urbanos/as e rurais nos mais diferentes espaços, tanto na escola, como em suas práticas na cidade e no campo. Ela tem nos permitido conhecer e interpretar essa categoria social de forma aprofundada.

Para iniciar a discussão e antes de falarmos sobre o acontecer dessa metodologia em campo, queremos ressaltar que os estudos envolvendo a Observação Participante não são recentes e remontam ao século XIX. Os primeiros tiveram início com a Escola de Chicago, dentro da Antropologia e dos estudos etnográficos, tendo como um dos seus precursores Robert Park. A princípio, os estudos buscaram compreender as mudanças dos fenômenos sociais na cidade de Chicago (1920-1930) e mais tarde, por volta de 1950, os pesquisadores voltam seus olhares para a cultura, buscando descrevê-la em seu sentido sociológico. Recentemente, a etnografia tem se dedicado a grupos culturais mais complexos como a escola, grupo de adolescentes e idosos, etc. (MAY, 2004; WINKIN, 1998; VIANNA, 2007).

A Observação Participante tem se apresentado como uma das mais importantes fontes de informações em pesquisas qualitativas e principalmente nos estudos que abordam



grupos culturais de juventudes, isso porque ela possibilita uma aproximação com os sujeitos envolvidos na discussão.

Ela é uma das mais utilizadas nos estudos antropológicos e nos últimos tempos tem ganhado relevância nos estudos geográficos, com destaque para a Geografia Cultural. Por meio dela, a Geografia tem se dedicado a variados estudos que contemplam sujeitos sociais em seus mais variados aspectos culturais. A Observação Participante, assim como a História Oral, vem preencher as lacunas existentes no que tange aos recursos metodológicos de coleta de dados na Geografia Humana.

Nesse sentido, uma definição sobre observação participante, que tem orientado diversos autores como Turra Neto (2004) e Vianna (2007), assim como em nossas pesquisas com juventudes, é apresentado por Cicourel (1980)

(...) definimos observação participante como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados e, ao participar da vida deles no seu cenário natural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto (SCHWARTZ e SCHWARTZ *apud* CICOUREL, 1980, p. 89).

Como podemos perceber, tal metodologia vai exigir do pesquisador (a) uma vivência mais efetiva com o grupo estudado. Ela requer uma participação constante junto ao cotidiano desses sujeitos, por um determinado período.

De acordo com Winkin (1998), para que se pratique e utilize da Observação Participante é necessário, a priori, delimitar um campo; podendo ser um lugar público ou semi-público, mas que permita ao pesquisador fazer várias “idas e vindas” e, assim, coletar informações e dados atinentes ao trabalho.

Como essa metodologia foi utilizada junto a juventude rural da geração atual, inicialmente tivemos que pensar e planejar quais seriam os espaços e momentos de realização de nossas investidas a campo.

Nesse sentido, começamos nossas observações em campo ainda no decorrer de 2012. Elegemos para tal as festas realizadas pelas comunidades do Rio do Tigre, São Pedro do Interior e Faxinal Grande. Ao passo que fomos nos inserindo junto a juventude rural, passamos a vivenciar outros espaços frequentados por eles/elas como os bailes e festas promovidos nas comunidades vizinhas ou ainda em outros municípios; em alguns espaços e momentos de lazer na cidade; durante os momentos de diversão aos sábados e domingos, no pavilhão ou no campo de futebol das comunidades e, ainda, tivemos a oportunidade de

conhecer e vivenciar alguns momentos em família e conhecê-los um pouco mais. Durante cerca de um ano, mantivemos uma relação de proximidade com esses grupos sociais e com as pessoas das comunidades.

Nas Comunidades de São Pedro do Interior e Faxinal Grande nosso processo de inserção nas festas ocorreu de maneira natural, pois já havíamos participado outras vezes de eventos ocorridos em tais localidades e já tínhamos o contato estabelecido com algumas pessoas que ali vivem. Já na Comunidade do Rio do Tigre, uma vez que não conhecíamos o lugar e nem as pessoas, e tendo em vista o pouco tempo disponível para a pesquisa, resolvemos, dada a possibilidade, incumbir a pesquisadora a atuar como professora no Colégio Estadual do Campo Professor Valmir Nunes, no decorrer do ano letivo de 2013, pois tal estabelecimento se localiza na sede da comunidade e recebe os alunos que moram na mesma. Assim, por intermédio do trabalho, conseguimos ter um contato maior com os/as jovens da comunidade, participar das festas e saber quais os espaços de lazer e diversão frequentavam durante os finais de semana, ajudando, sobremaneira, a realizar a observação participante e a coleta de dados.

Um dos momentos mais difíceis encontrados durante a pesquisa foi o processo de inserção como pesquisadora junto aos sujeitos pesquisados. Em alguns momentos nos sentimos como uma intrusa em meio aos jovens e percebemos que era preciso elaborar algumas estratégias. Na observação Participante, como já apontou Winkin (1998), o pesquisador deve tentar se envolver e ser aceito em determinado grau pelos sujeitos pesquisados.

Uma sugestão apontada por Foote-Whyte (1980) é deixar claro às pessoas o trabalho que está sendo desenvolvido. Assim fizemos. Nas primeiras idas a campo, nos primeiros contatos e diálogos com as pessoas e jovens rurais das comunidades, falamos que estávamos realizando uma pesquisa com a juventude rural. Em consequência, as pessoas e os/as jovens rurais queriam saber do que se tratava. Em alguns momentos percebemos um olhar de estranhamento, de desconfiança e também uma curiosidade por parte deles para saber mais a respeito. Sempre que fomos solicitados explicamos os objetivos da pesquisa.

May (2004) e Vianna (2007) orientam que em vários momentos o pesquisador poderá sentir-se desconfortável perante o grupo. No entanto, sua presença pode ser amenizada por várias idas e vindas ao lugar de pesquisa. Assim, com o passar do tempo, as pessoas acabam se acostumando com a ideia de ter junto de si alguém de fora e passam a agir com maior naturalidade.

Isso foi perceptível ao longo da Observação Participante. De início os/as jovens rurais ficavam desconfiados e não entendiam os motivos pelos quais estávamos ali presentes. Percebemos que nos primeiros contatos havia uma mudança de atitude e em alguns momentos os integrantes dos grupos paravam de conversar. Aos poucos, por meio do diálogo e com as constantes idas e vindas a campo, esta situação foi se tornando menos tensa.

Conforme Turra Neto (2004), ao adentrar o universo cultural de um determinado grupo, os primeiros momentos são reservados a tomar contato com os elementos desse novo mundo, para depois interagir. Sempre procuramos deixar claro quais eram os nossos objetivos e pela troca de ideias ressaltamos como eles/elas constituíam-se em sujeitos importantes para nosso trabalho. Com o passar do tempo, uma relação de confiança foi sendo estabelecida junto aos jovens rurais e foi possível coletar informações valiosas para nossa pesquisa.

É importante frisar que, via de regra, a Observação Participante não é um trabalho qualquer e necessita ter junto de si a teoria. É ela quem irá permitir ir mais longe, observar algo ainda escondido e dialogar com os sujeitos pesquisados no momento da inserção no campo (WINKIN, 1998; TURRA NETO, 2011). Uma pesquisa baseada nessa metodologia, para ser considerada científica, necessita de materiais teóricos consistentes e estruturados, que deem suporte aos fatos e comportamentos observados, evitando assim, a produção de elementos vagos e sem conclusão.

Conforme a discussão apresentada por diversos autores (WINKIN, 1998; MAY, 2004; VIANNA, 2007), à metodologia da Observação Participante não possui regras fixas e espera do pesquisador um certo grau de improvisação diante das situações que vão surgindo. No entanto, ela é um processo que exige de quem a está praticando, a utilização de todos os seus sentidos para identificar e registrar determinados fatos que ocorrem na realidade. Para Winkin (1998), a etnografia, que pode ser utilizada como sinônimo de observação participante é, ao mesmo tempo, “uma arte e uma disciplina científica” que consiste em “saber ler”, “saber estar”- consigo e com os outros - e “saber escrever”. Ou seja, a etnografia convida a desenvolver três competências básicas: “arte de ver, arte de ser, arte de escrever” (WINKIN, 1998, p. 132).

Um dos pontos importantes da observação participante, e que pudemos experienciar na prática, é a possibilidade do pesquisador poder testar hipóteses, criando situações que não surgiriam por si só. Por meio dela foi possível, entre outras coisas, observar comportamentos, diferentes opiniões, atitudes, sentimentos, etc., vividos pela juventude rural que muitas vezes não são considerados nos estudos desenvolvidos a respeito dessa categoria social.

Outro ponto interessante apontado por vários autores, entre os quais podemos citar Vianna (2007), diz respeito à prática dessa metodologia, podendo ela ser aberta ou oculta. Na primeira delas, o observador é identificado e os sujeitos sabem que estão sendo observados. Na segunda, existe um sigilo sobre o observador e ele age como os demais sujeitos. No caso da nossa pesquisa, utilizamos a primeira, pois consideramos a mais indicada e com uma posição ética mais coerente diante dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Já Cicourel (1980), por sua vez, define quatro tipos de papéis que podem ser exercidos pelo pesquisador em relação a sua participação no grupo, a qual varia de acordo com o grau de envolvimento: participante total, participante como observador, observador como participante e observador total.

No início do desenvolvimento dessa metodologia com os/as jovens rurais, nos sentimos no papel de observadora participante, apenas em uma situação passiva. Mas como esta posição não permite a interação, no decorrer do tempo e das situações, fomos nos constituindo como uma participante observadora e, ao percebermos, já estávamos aceitos pelo grupo e podendo participar como uma pesquisadora e como sujeito integrante do grupo. Nesse sentido, Cicourel (1980) alerta que esta posição pode tornar o pesquisador cego para as questões científicas importantes. Mas ao mesmo tempo, esse papel tem a vantagem de expor o observador tanto a rotina, como vivenciar as experiências e as atividades desenvolvidas pelo grupo.

Um dos cuidados que devemos ter durante a realização de uma pesquisa pautada na Observação Participante é em relação ao grau de envolvimento com o grupo estudado. Esse foi um ponto que sempre nos veio à cabeça durante o período de inserção em campo com a juventude rural.

Com os/as jovens rurais das Comunidades de São Pedro do Interior e Faxinal Grande desenvolvemos um contato enorme não apenas nas festas, bailes e nos finais de semana nas comunidades, mas também por intermédio das redes sociais, como o *facebook*. Por meio dessa, alguns jovens dessas comunidades nos contavam o que fariam nos finais de semana, nos convidavam para ir junto a alguma festa em uma comunidade vizinha ou ainda em algum baile. A relação com a juventude rural ficou próxima e não podíamos esquecer os objetivos pretendidos. Era preciso tomar cuidado, a todo momento, para que a relação de proximidade não nos deixasse cegos em relação aos objetivos propostos. Isso se apresentou como uma dificuldade em alguns momentos, mas que foi possível superar.

Na Comunidade do Rio do Tigre a relação com a juventude rural também foi intensa; principalmente pelas nossas aulas, sempre as terças-feiras. Muitos jovens da comunidade ainda frequentam o Ensino Médio no Colégio Estadual da comunidade. Durante as aulas, foi possível ter um contato maior com a juventude rural e assim nos contavam o que faziam nos finais de semana, as festas, bailes ou jogos de futebol que estavam agendados para que nós pudessemos participar. Nesse caso, nossa posição, inclusive nos espaços de lazer, oscilava entre a “professora de Geografia” ou a pesquisadora. Uma solução encontrada e também apontada por Cicourel (1980) é estar consciente dos papéis representados por cada um e sempre que necessário relacionar o que se está observando com a teoria, com os objetivos propostos e os rumos que a pesquisa vem tomando.

Para o registro das informações feitas em campo, vários autores salientam a importância do diário de campo. Ele foi o principal instrumento utilizado no decorrer do trabalho. De acordo com Winkin (1998), nele deve ser registrado tudo aquilo que foi vivenciado e observado em campo. O autor ressalta a importância do diário ser privado, pois é aconselhável que somente o pesquisador leia e releia-o sempre que achar necessário.

Durante a nossa Observação Participante optamos por não fazer as anotações no diário em campo, pois nas pesquisas anteriores percebemos que isso causa inibição por parte dos sujeitos pesquisados. Assim, logo que retornávamos do campo, a tarefa consistia em realizar as anotações em nosso diário, pois nesse momento a memória ainda estava viva e assim não corríamos o risco, sempre existente e crescente com o passar do tempo, de esquecer algum fato importante.

No diário de campo são anotadas todas as emoções vividas durante a observação, a relação com os sujeitos pesquisados, anseios, expectativas, dúvidas. Sempre anotamos tudo o que consideramos importante ou mesmo desnecessário, pois qualquer informação poderia tornar-se interessante mais tarde. A nossa experiência rendeu muitas páginas de anotações sobre as práticas e vivências da juventude rural pesquisada. Muitas das informações foram geradas por conversas informais ou de modo espontâneo, e estas ganharam importância e contornos específicos com o passar do tempo. Grande parte de nossas reflexões e questões foram possíveis graças às anotações feitas no diário de campo.

Também, sempre que possível, realizamos releituras do nosso diário de campo. Essa prática permite observar alguns fatos, emergir questões sobre as hipóteses investigadas, revelar acontecimentos importantes até então não percebidos e incitar novas perguntas ou direcionar uma atenção maior para algumas situações de suma importância.

Em relação ao momento da retirada de campo, Cicourel (1980) orienta que ela irá ocorrer no momento em que o pesquisador sentir que já possui os dados necessários para o término do trabalho. O material existente dirá se já é o suficiente para sair do campo. A saída do campo de ação não remete ao término das relações interpessoais. Conforme o autor, dependendo do “contrato social” estabelecido com os sujeitos observados a relação prolongar-se-á indefinidamente.

Em nosso caso, a retirada de campo foi feita um mês após a realização das entrevistas individuais com a juventude rural atual. Nesse momento, sentimos que já possuíamos elementos suficientes para responder as questões inicialmente propostas pela pesquisa, entre outras mais que foram surgindo no transcorrer do trabalho.

Conforme Turra Neto (2004, p, 91), o grande desafio após o campo “é organizar todo o material num texto coerente, que tenha credibilidade científica e que seja ao mesmo tempo tão apaixonante quanto a pesquisa o foi”. Para o autor, baseado em Becker (1999), os dados obtidos em campo merecem credibilidade por dois fatores essenciais.

1) as pessoas são obrigadas a agir tal como se o pesquisador não estivesse ali, pois estão submetidas às restrições sociais. Assim, as pessoas têm papéis no grupo a cumprir e a obrigação com o grupo é mais forte que a inibição na presença do observador; 2) o (a) pesquisador (a) coleta muitos dados e passa longo tempo no campo, o suficiente para testar várias vezes suas conclusões. Neste sentido, há múltiplas evidências de que as conclusões não estão baseadas em fatos efêmeros (TURRA NETO, 2004, p. 92).

Uma sugestão seria apresentar os resultados da pesquisa tal como ocorreram em campo e como chegaram ao autor no decorrer do trabalho de solução dos problemas investigados. Na construção textual deve-se ter cuidado com a linguagem e escrever o texto de forma livre e transparente, mostrando os diálogos entre o pesquisador e os sujeitos (TURRA NETO, 2004).

Por fim, vale destacar que a metodologia da Observação Participante se constituiu ao longo do trabalho como uma ótima ferramenta na produção de informações junto aos sujeitos pesquisados. Por intermédio dela, podemos estabelecer uma relação de proximidade mais expressiva com a juventude rural das três comunidades e assim tomar contato com seu cotidiano, suas famílias, suas vivências e conhecer as pessoas que vivem nesses lugares.

A Observação Participante também merece destaque, a nosso ver, por ter nos proporcionado conhecer e vivenciar de forma detalhada os espaços de lazer e sociabilidade frequentados pela juventude rural, no campo e na cidade. A partir disso, podemos compreender ainda, como veremos no decorrer do trabalho, como constituem suas

territorialidades, que estão longe de serem fixas. Esta experiência metodológica nos proporcionou entender alguns aspectos que permeiam seu lugar de vivência, qual seja, o espaço rural, os conflitos inerentes a família, a comunidade, seus projetos de futuro e a própria constituição das suas identidades.

Ademais, foi por meio da Observação Participante e por intermédio da juventude rural de cada uma das comunidades, que podemos ter contato e conhecer pessoas que eram jovens na década de 1980, os quais nos ajudaram no desenvolvimento desse trabalho por meio das conversas informais e na realização das entrevistas individuais.

## **2.2. Metodologia da História Oral e a Técnica de Entrevistas**

Além da metodologia da Observação Participante, a História Oral e a Técnica de Entrevistas também se constituíram como importantes ferramentas de produção e coleta de informações, em especial, com a juventude rural da geração da década de 1980. Vale destacar que é a primeira vez que nos utilizamos da História Oral em nossas pesquisas e podemos afirmar sua importância como fonte de informações em nosso trabalho.

Antes de relatarmos nossa experiência, pensamos ser interessante destacar alguns aspectos da constituição dessa metodologia nas Ciências Humanas no decorrer da história.

A História Oral vem crescendo como metodologia de pesquisa dentro das Ciências Humanas. É utilizada por antropólogos, sociólogos, psicólogos sociais, geógrafos, mas principalmente por historiadores. Ela é uma metodologia, que juntamente com as entrevistas são responsáveis pela produção de documentos orais (CALDAS, 2003). Ela proporciona por meio de pedaços reconstituir o todo, ou seja, “ela trata da subjetividade, memória, discurso e diálogo”, que possibilitam reconstituir processos históricos e representações sociais dos sujeitos de uma determinada sociedade (PORTELLI, 1997, p. 26).

A História Oral ganha destaque de acordo com Ferreira (2002), no decorrer do século XIX. Com a consolidação da história enquanto ciência, os historiadores passam a ser os responsáveis pela produção de documentos escritos como fontes. No entanto, com a Fundação da Escola de Annales, em 1929, ocorre um impulso no Movimento de Transformação no Campo da História. Um grupo de historiadores passa a questionar a hegemonia da história política e excluem a possibilidade de uso das fontes orais, pois a consideravam como uma visão particularizada dos fatos.

Um passo importante para a transformação na História Oral foi dado nos Estados Unidos, entre 1918-1920, quando a escola de Sociologia de Chicago passou a elaborar regras que dessem validade as “histórias de vida”. No ano de 1950, várias Universidades iniciam projetos de história oral com as elites (MEIHY, 2002).

O “boom” da história oral acontece no final dos anos de 1960 e ao longo da década de 1970, em especial, nos Estados Unidos da América (THOMPSON, 1982; FERREIRA, 1998). A partir dessa década, a história oral passou a ser vista como uma “contra história” ou “outra história”, estudando e dando vozes aos excluídos e tentando recuperar as trajetórias de grupos dominados. A luta dos negros, mulheres e migrantes seria responsável pela afirmação da história oral. “A história oral se afirmava, assim, como instrumento de construção de identidade de grupos e de transformação social - uma história oral militante” (FERREIRA, 2002, p. 322-323).

No Brasil a história oral inicia-se mais tarde. De acordo com Meihy (2002), isto vai ocorrer devido a dois fatores: “(...) a falta de tradições institucionais não-acadêmicas que se empenhassem em desenvolver projetos registradores de histórias locais e de tradições populares, e a ausência de laços universitários com os localismos e com a cultura popular” (p. 100). Em 1975, a História Oral ganha destaque em nosso país pela criação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea no Brasil – (CPDOC), no Rio de Janeiro, que passou a coletar depoimentos da elite brasileira (THOMPSON, 1982; MEIHY, 2002).

Atualmente, a História Oral tem servido para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas e tem se dedicado aos estudos das elites, das políticas públicas do Estado e na recuperação das trajetórias dos grupos excluídos. E por outro lado, tem tentado estabelecer as relações entre memória e história com base a constituir uma discussão mais refinada do passado (FERREIRA, 2002).

Em relação a sua aplicabilidade, Alberti (2005) destaca em primeiro lugar que “ela só pode ser empregada em pesquisas sobre temas recentes, que a memória dos entrevistados alcance” (p. 21). Assim, ela pode servir para pesquisas futuras. Outra especificidade da História Oral é o fato dela sempre resultar em documentos históricos. No entanto, para isso exige a elaboração de um projeto que possua hipóteses, objetivos e uma orientação teórica plausível para a realização das entrevistas.

A entrevista de História Oral possibilita identificar e obter informações de acontecimentos não encontrados de outra natureza. Para Alberti (2005, p. 23), a peculiaridade



da história oral “decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. É neste sentido que não se pode pensar história oral sem pensar em biografia e memória”.

Pautados nesses aspectos que a História Oral apresentou-se como uma importante ferramenta de produção e coleta de informações em nossa pesquisa. Assim, realizamos sete entrevistas com pessoas residentes nas três comunidades, anteriormente citadas, que eram jovens na década de 1980 e sete entrevistas com jovens da geração atual. Para ambas as gerações, foi elaborado previamente um roteiro de questões. O roteiro da primeira geração teve por base algumas informações disponíveis sobre o município de Laranjeiras do Sul em décadas passadas e as discussões apresentadas por vários autores a respeito das juventudes em geral. Assim, buscamos resgatar os tempos, espaços e as referências culturais que a juventude rural desse período tinha a sua disposição, bem como os espaços de lazer e sociabilidade que frequentavam.

Com a juventude rural atual, por sua vez, o roteiro foi elaborado com base nas informações coletadas por intermédio da metodologia da Observação Participante, buscando aprofundar algumas questões identificadas em campo. A História Oral, nesse caso, permitiu conhecer alguns aspectos do período da infância dos entrevistados, o processo de constituição dos seus grupos de amigos e das suas identidades. Por meio da História Oral também buscamos identificar em ambas as gerações as transformações que foram ocorrendo no lugar ao longo do tempo e as mudanças estruturais percebidas no lugar em que vivem.

Em relação aos tipos de História Oral, podemos destacar as duas que mais interessam para nossa pesquisa: a História Oral de Vida e a História Oral Temática.

A História Oral de Vida, como o nome traduz, indica a “narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa” (MEIHY, 2002, p. 130). Esta possui um caráter subjetivo e permite trabalhar com a experiência pessoal. A História Oral Temática “se compromete com o esclarecimento ou a opinião do entrevistador sobre algum evento definido” (MEIHY, 2002, p. 145). Nesse caso as questões propostas pelo pesquisador são diretas.

Conforme Alberti (2005, p. 38) “pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados.” Desta forma, o tipo de entrevista vai depender dos objetivos do trabalho.

Para Meihy (2002) existem projetos que podem abarcar as histórias de vida e a história temática. É o que parece acontecer em nossa pesquisa. Pois ao mesmo tempo em que

buscamos identificar os espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural da década de 1980, as transformações ocorridas nas comunidades e no espaço rural de Laranjeiras do Sul ao longo do tempo, transitamos também pelas suas trajetórias de vida e sua construção enquanto sujeitos.

Nas entrevistas com a juventude rural da geração atual, mesmo que não tão evidente, a História Oral se faz presente nos relatos sobre sua infância, sobre a lembrança de como era a comunidade e sobre as modificações que foram ocorrendo ao longo do tempo. Vale ressaltar, que ao contrário da juventude rural da geração anterior, podemos vivenciar juntamente com os sujeitos jovens da geração atual os seus mais diversos espaços de lazer e sociabilidade, percebendo como eles vivenciam esse período, suas territorialidades; os conflitos inerentes a juventude rural no que diz respeito à família, a comunidade, a conjuntura social e política que estão inseridos e em relação aos seus projetos de futuro.

Ainda em relação a algumas definições sobre a História Oral, Meihy (2002) e Amado e Ferreira (2006) destacam a importância de o pesquisador ressaltar de que modo irá encarar a História Oral: como técnica, disciplina ou método. Se for tratada como técnica, a história oral é entendida como um recurso a mais, interessado nas experiências das gravações, transcrição e conservação das entrevistas para um acervo oral (MEIHY, 2002; AMADO e FERREIRA, 2006).

Para os que a entendem como disciplina, existe vários argumentos, pois ela possui “técnicas específicas de pesquisa, possui procedimentos metodológicos singulares e um aparato conceitual” (AMADO e FERREIRA, 2006, p. xiii). A história oral possui um corpo teórico distinto relacionado às suas práticas.

No entanto, é como método que a História Oral se faz pertinente nessa pesquisa, pois tem as entrevistas como foco central. Meihy (2002, p. 44) explicita a importância da História Oral como método.

Como método, a história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam os depoimentos como atenção central dos estudos. Trata-se de focalizar as entrevistas como ponto central das análises. Para valorizá-las metodologicamente, os oralistas centram sua atenção, desde o estabelecimento do projeto, nos critérios de recolhimento das entrevistas, em seu processamento, na passagem do oral para o escrito e nos resultados.

Conforme Amado e Ferreira (2006), ela vai ordenar os procedimentos de trabalho, a importância dos depoimentos para a pesquisa e irá funcionar como uma ponte entre a teoria e a prática. “Na área teórica, a história oral é capaz de suscitar, jamais de solucionar, questões:

formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas” (AMADO e FERREIRA, 2006, p. xvi.). Como método ela pode contribuir no entendimento da “construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos nas diferentes sociedades” (FERREIRA, 2002, p. 330).

Na literatura da História Oral foi possível identificar a concordância dos autores de que ela deve ser entendida a luz das memórias individuais e coletivas.

Conforme Alberti (2004) a história oral tem a peculiaridade de privilegiar a recuperação do vivido conforme entendido por meio de quem viveu. Desse modo, “a memória é a presença do passado”. Através das sínteses da memória é possível “reviver” de certa forma o passado. “O que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência” (ALBERTI, 2004, p. 19).

Para Meihy (2002, p. 52) “toda narrativa tem um conteúdo de passado”. Entretanto, é necessário diferenciar a memória individual da que é conhecida como grupal. “A memória pessoal é biológica e cultural, enquanto a grupal é essencialmente cultural e transcendente” (MEIHY, 2002, p. 52).

As memórias trazem a tona elementos organizados e selecionados segundo uma lógica subjetiva e nem sempre estão articulados com fatos concretos ou reais. Sendo elas individuais, coletivas ou sociais possuem intrínsecas um esforço de significação do passado. Meihy (2002, p. 54) destaca que no caso da memória individual, ela só terá sentido “em função da sua inscrição no conjunto social das demais memórias”. Já a memória coletiva “é um fenômeno construído pela força de fatores externos que circunstanciam um determinado grupo, marcando sua identidade” (MEIHY, 2002, p. 55). Dessa forma, a lembrança revela um passado significativo juntando partes da própria memória individual com os símbolos, aspectos e estruturas existentes no grupo social no qual está inserido.

De acordo com Alberti (2005), a história oral não busca ser fonte de verdade. Trata-se de uma interpretação dos fatos do passado a partir do tempo presente. A memória são lembranças que por vezes se misturam com a imaginação, decorrendo daí algumas deformações nos relatos e na reconstituição do passado, decorrentes de alguns esquecimentos.

No decorrer da realização da História Oral por meio de Técnica de Entrevistas foi possível perceber o esforço dos entrevistados na tentativa de reavivar suas memórias. Com as pessoas que viveram sua juventude na década de 1980, verificamos que os relatos apresentaram detalhes interessantes sobre a comunidade, como era o trabalho nas

propriedades, aspectos familiares e, principalmente, sobre o período da juventude. Em algumas entrevistas as ideias não se apresentaram de forma linear no tempo e no espaço. Alguns conseguiram citar nomes, datas, eventos importantes, outros não o fizeram. Mas isso faz parte do processo e cabe ao pesquisador (a), no momento da análise dos resultados, interpretar com cautela tais informações. No entanto, vale destacar, que isto não faz tais relatos menos importantes. Ao contrário, auxilia na busca por informações privilegiadas surgidas desse trabalho composto pela investigação, comparação e registro dos resultados.

Trabalhar com a História Oral, em certa medida, também ajuda a fazer com que os entrevistados relembrem (mesmo que não seja de forma intencional) de momentos marcantes e por vezes tristes da sua trajetória de vida. Durante a coleta de dados tivemos essa experiência e nesse momento o pesquisador deve ativar a percepção e ter “jogo de cintura”, para contornar a situação. A situação da entrevista é marcada pelo inesperado, nunca sabemos o que vai acontecer, por isso a atenção deve ser total.

Também é relevante, neste momento, ressaltar alguns aspectos importantes relacionados à situação da entrevista na História Oral. Tanto o pesquisador como os sujeitos participam ativamente na construção das narrativas. A entrevista é definida como

(...) um processo de interação social, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado. Enquanto técnica de obtenção de informações, trata-se de uma conversa interessada, orientada pelo entrevistador para fins de pesquisa, pela qual objetiva-se apreender informações sobre o comportamento e a consciência dos sujeitos investigados, tanto quanto possível, em seu estado dado, objetivo (COLOGNESE e MÉLO, 1998, p. 143).

Ou seja, através da entrevista pretende-se captar informações que dizem respeito a um objeto específico, podendo o informante fornecer informações que ajudem a compreender determinados questionamentos.

Ao utilizar-se da técnica da entrevista, o pesquisador deve determinar alguns elementos importantes para o bom desempenho da pesquisa, tendo em vista as variações que esta técnica possui.

Para tentar amenizar o desconforto trazido pela situação da entrevista em História Oral, estabelecemos contato com todos os entrevistados antes de realizá-la. As idas a campo, nas comunidades rurais por meio da Observação Participante, nos proporcionaram conhecer e conversar informalmente com vários moradores antigos desses lugares. Por meio dessa interação conseguimos identificar pessoas que vivenciaram o período da sua juventude nessas comunidades e que ainda moram ali. Esses sujeitos acabaram, devido aos objetivos do nosso

estudo, por se tornar peças-chaves para o entendimento do contexto vivenciado pela juventude rural de Laranjeiras do Sul na década de 1980. Já com os/as jovens rurais da geração atual o contato foi, de certa forma, mais intenso devido a nossa convivência com maior participação nos seus espaços cotidianos.

Buscamos durante todo esse tempo, entre as nossas idas e vindas, estabelecer um clima de confiança e de conforto com os entrevistados. Todas as entrevistas foram marcadas previamente com cada um dos informantes, com data e local determinado conforme a possibilidade de cada um. Na maioria dos casos, as entrevistas foram realizadas na casa das pessoas e em três situações foram realizadas no local de trabalho, por opção dos mesmos.

Não há de se negar a dificuldade em criar uma situação de igualdade em uma situação em que ela é praticamente impossível. De acordo com Portelli (1997, p. 21) “quando fazemos uma entrevista, invadimos a privacidade de outras pessoas e tomamos o seu tempo”. Em nosso trabalho, buscamos inibir o constrangimento estabelecendo uma conversa sobre outros assuntos antes mesmo de iniciar o diálogo acerca das questões atinentes a pesquisa. Percebemos que isso gerou, de certa forma, uma relação mais amigável com os sujeitos da pesquisa.

A utilização do gravador também é apontada pelos autores como um fator que poderá interferir no momento de realização da pesquisa. E de fato isso ocorreu em alguns casos, pois muitos dos entrevistados nunca haviam feito relatos no uso desse equipamento. Mesmo assim todos os participantes permitiram o uso do mesmo. No início da entrevista a situação ficava mais “endurecida”, mas aos poucos os/as entrevistados/as passaram a agir com maior naturalidade e todos trouxeram contribuições importantes para o nosso trabalho.

Na opinião de Alberti (2005), a qualidade da entrevista, das informações, opiniões e da própria memória, vai depender estreitamente da relação estabelecida entre as partes. Nesse sentido, durante a entrevista buscamos adequar o ritmo da entrevista ao do entrevistado, tentando não interromper o curso do seu pensamento. Fizemos o possível para conseguir ter um controle metodológico durante a execução da tarefa, pois como bem salienta o autor supracitado, a situação da entrevista é única e em uma nova tentativa as informações não terão mais a mesma qualidade.

Para Meihy (2002), em um projeto de história oral, deve-se considerar as circunstâncias das entrevistas, se irão ocorrer estímulos ou não, a duração da gravação, se serão únicas ou variadas e as questões, se serão livres ou estruturadas.

Neste sentido, Colognese e Mélo (1998) destacam que a entrevista pode ser padronizada de três formas diferentes: entrevista não-diretiva, a qual é utilizada de forma exploratória, visando detalhar questões/problemas, bem como formular conceitos a elas relacionadas de modo preciso. Neste caso, o entrevistador só ouve o que o informante tem a dizer, sem interrompê-lo. A outra forma é a entrevista semi-diretiva, em que as questões são formuladas com antecedência. O entrevistador possui um roteiro com questões mais ou menos ordenadas, podendo desdobrar as mesmas durante a conversa com o informante. E a última é a entrevista padronizada, na qual se utilizam roteiros de entrevista, com perguntas em uma sequência predeterminada, eliminando a liberdade do entrevistador. Esta, devido ao seu padrão homogeneizante, facilita a comparação e a quantificação das respostas.

No caso da nossa pesquisa, optamos pela entrevista semi-diretiva. Tal escolha foi motivada, em especial, pelo maior grau de liberdade alcançado pelos pesquisadores no momento da entrevista de história oral quando este tipo de entrevista é utilizado. No entanto, em todo o momento buscamos centrar nossos questionamentos em torno da problemática citada na tentativa de buscar os melhores resultados e também não perder o foco daquilo que estava contido no roteiro da entrevista com a juventude rural da geração de 1980 e com a geração atual (Apêndice 1 e 2).

Buscamos, durante a realização das entrevistas, ter o cuidado com a duração do tempo das mesmas, para não torná-las cansativa demais aos informantes e evitar a produção de informações desnecessárias aos objetivos propostos. Meihy (2002) também orienta sobre os cuidados com a transcrição da gravação e na manutenção daquilo que foi dito pelo entrevistado. Nesse sentido, ressalta-se a importância e a ligação existente entre a ética e a História Oral. O pesquisador deve ter uma postura em relação aos procedimentos metodológicos e técnicos, bem como ser fiel no momento da transcrição da informação, mesmo que essa não venha ao encontro do esperado.

Outro ponto relevante apontado por Meihy (2002) e Alberti (2005) é a elaboração prévia de uma ficha de entrevista que poderá ser preenchida no momento de realização da mesma, pois nela poderão ser anotados os dados pessoais do entrevistado (nome completo, idade, endereço, telefone, tipo de entrevista, nome dos entrevistadores, etc.) para posterior identificação (Apêndice 3).

Junto com essa, elaboramos e anexamos também um Termo de Consentimento de Uso da Entrevista<sup>8</sup>. Este documento faz parte de um procedimento ético da pesquisa na qual o entrevistado toma ciência da natureza da pesquisa e é solicitado a permitir ao pesquisador a utilização da entrevista no trabalho científico e posterior divulgação, enfim, os direitos de sua publicação. No apêndice 4, apresentamos o documento elaborado para essa pesquisa, o qual foi assinado por todos (as) os (as) entrevistados (as).

Uma última consideração sobre a História Oral e a Técnica de Entrevista se faz pertinente antes de finalizarmos a discussão. Com a aplicação dessa metodologia junto à juventude rural da geração de 1980 foi possível reconstituir aspectos importantes do município, das comunidades e, principalmente, de como eram os espaços de lazer e sociabilidade nessa época; quais as referências culturais que os/as jovens rurais tinham à disposição; como ocorriam suas práticas e vivências juvenis. Ao mesmo tempo, essa geração teve a oportunidade de falar de seus filhos, que constituem a juventude rural atual. Puderam fazer apontamentos sobre as transformações que ocorreram no campo, na cidade, no lugar em que vivem, e ainda, estabelecer comparações e debater sobre o contexto disponível hoje para estes/as jovens rurais em seus mais variados aspectos, como veremos na discussão apresentada no último capítulo.

No que diz respeito à juventude rural atual, a situação da entrevista, no geral, foi mais tranquila devido ao contato estabelecido de forma mais profunda em campo. Por meio delas podemos entender muitos processos em curso nesse lugar e que envolvem essa categoria social. Estes estão ligados aos espaços de lazer e sociabilidade disponíveis para a juventude rural, as suas territorialidades, redes de amizade, suas vivências em família e com a comunidade, seus projetos de futuro e muitos outros aspectos.

Por fim, podemos destacar que a técnica de entrevistas e o uso da História Oral nas pesquisas qualitativas em Geografia, tendo como foco principal a análise das entrevistas, podem trazer contribuições significativas para a coleta de dados e a interpretação da realidade estudada. Lembrando-se sempre que a História Oral possui uma finalidade não apenas histórica, mas social e pessoal.

---

<sup>8</sup> A ficha com os dados do entrevistado e o Termo foram elaborados, para os entrevistados da geração de 1980 (Apêndice 3) e para a entrevista individual da geração atual, (Apêndice 4), e no caso de entrevistados menores de idade, foram solicitados ainda a assinatura dos pais ou responsáveis.

### 2.3. A experiência dos Grupos Focais

A metodologia dos Grupos Focais é muito utilizada nas investigações dos processos sociais e em pesquisas qualitativas. A opção por esta metodologia também está relacionada a um estratégia de inserção em campo junto a juventude rural pesquisada e se faz pertinente por estar associada as outras duas metodologias utilizadas nesta pesquisa, a História Oral por meio de entrevistas e a Observação Participante.

De acordo com Gomes (2005), os grupos focais são apresentados na literatura desde 1920, como técnica de pesquisa em *marketing*. Na década de 1940, começou a ser utilizada pela Sociologia, para verificar os motivos das respostas relacionadas à audiência e posteriormente, a partir de 1970, torna-se comum o uso desta metodologia nas pesquisas de mercado, em períodos de campanhas eleitorais e no treinamento de pessoal.

Mas a guinada dessa metodologia ocorre a partir de 1980, quando passa ser utilizada, além das pesquisas de mercado, nos trabalhos das Ciências Sociais com ênfase nos aspectos políticos, com a análise do perfil dos eleitores. Dando seguimento a esse percurso, ganha espaço nos mais diversos segmentos da pesquisa social (CRUZ NETO, MOREIRA e SUCENA, 2002).

A escolha por esta metodologia está condicionada à orientação teórico metodológica da investigação, do objeto a ser investigado e da real necessidade de coletar dados e informações inerentes ao problema de pesquisa. Conforme Gondim (2003, p.151), os grupos focais como técnica ocupa uma “posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada, também, como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos”.

A principal característica dessa metodologia é a interação entre os participantes, possibilitando a exposição e discussão de diferentes pontos de vista e opiniões sobre um determinado tema. Podendo ser definida, tal como apresentam Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002, p. 5):

Uma técnica de pesquisa na qual o pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico.



Ou seja, a ênfase recai em torno da “fala” dos participantes, por meio da qual se produzem conceitos, impressões e opiniões sobre um tema. A interação do grupo, o debate, vão gerar os dados e, em decorrência disso, as informações produzidas possuem cunho qualitativo.

Em nossa pesquisa optamos por realizar os Grupos Focais com a juventude rural da geração atual, para dar maior sustentabilidade às observações realizadas em campo e também às entrevistas. Desse modo realizamos três grupos focais, um em cada uma das comunidades pesquisadas. Esse foi o último passo da pesquisa após já termos realizado o contato com a maioria dos/das jovens rurais, ou seja, todos já nos conheciam e sabiam que estávamos realizando a pesquisa.

Autores como Gondim (2003), Gomes (2005) e Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002) orientam que o número de pessoas participantes do grupo não pode ser tão grande e pode variar entre quatro a doze pessoas. Em nossos grupos focais convidamos para participar informantes-chaves, que foram observados durante a pesquisa. Tivemos o cuidado para convidar jovens que se conheciam entre si para haver maior desempenho na discussão evitando a inibição por parte dos participantes, tal como orientam Gomes e Barbosa (1999).

O local de realização dos encontros também é fundamental para o bom andamento dessa metodologia, tal como sugerem Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002). Todos os grupos focais foram realizados após as entrevistas individuais e a realização de grande parte da metodologia da Observação participante.

O primeiro grupo focal foi realizado na comunidade Rio do Tigre com a participação de 10 jovens do total de 33 existentes na comunidade: cinco do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Este foi realizado em uma sala de aula do Colégio Estadual do Campo Professor Valmir Nunes, por opção dos próprios participantes. O segundo grupo focal, por sua vez, foi realizado na comunidade São Pedro do Interior na casa de uma das jovens da comunidade. Nesse grupo focal participaram seis jovens dos 12 existentes na comunidade: três do sexo feminino e três do sexo masculino. Os/as próprias jovens optaram por fazer nesse local e aproveitaram o momento para fazerem uma janta e “jogar conversa fora”. E o terceiro e último grupo focal foi realizado na comunidade Faxinal Grande, no pavilhão da igreja. Este teve a participação de seis jovens dos 10 que vivem na comunidade: duas do sexo feminino e quatro do sexo masculino.

Antes de realizar cada um dos grupos focais, procuramos entrar em contato com os/as jovens rurais e explicá-los sobre o que é um grupo focal, seus objetivos e ver a

disponibilidade de cada um dos/as participantes para a realização do mesmo. É interessante destacar, outrossim, que todos/as os/as convidados/as logo se dispuseram a participar e conversaram entre si para ver qual o melhor dia, horário e local para a realização do mesmo. Nos três grupos focais os/as jovens rurais compareceram conforme combinado.

Inicialmente, pedimos para que todos se organizassem em círculo para facilitar a discussão. Antes de iniciar o grupo focal, nós procuramos, na posição de mediador, estabelecer um ambiente de cordialidade, agradecendo a todos pela participação e explicando como seria o procedimento da atividade. Falamos sobre a relevância da participação de todos durante o debate e acrescentamos que as diferenças de opiniões também seriam bem vindas. Explicamos alguns cuidados que cada participante poderia ter para melhor fluidez da discussão tal como: falar um de cada vez; evitar conversas paralelas; todos poderiam falar o que pensavam e tomar cuidado para que uma única pessoa não dominasse a discussão. Todos ouviram atentamente.

Após essas “recomendações”, por assim dizer, iniciamos o trabalho. Vale ressaltar, ainda, que todo o desenrolar de cada um dos grupos focais teve por base um roteiro de discussão (Apêndice 5) onde constavam os tópicos e questões a serem debatidos pelos participantes, tal como sugerem Gomes e Barbosa (1999). O roteiro não possuía muitos itens, não era rígido e sempre que necessário introduzíamos outras questões no debate. De acordo com os autores, “o roteiro fornece a base para que o facilitador possa explorar, investigar e fazer perguntas” (GOMES E BARBOSA, 1999, p. 4).

Assim, íamos “jogando” os temas e questões ao tempo que os/as jovens falavam. É importante destacar que os grupos focais acabaram se configurando como um debate, com informações, opiniões e discussões importantes sobre os assuntos apresentados. Os grupos focais tiveram duração de uma hora a uma hora e meia.

Durante a realização dos grupos focais, na medida do possível, procuramos dar vozes à juventude rural de modo que todos pudessem emitir opiniões, concordar ou discordar sobre algumas situações e temas apresentados. Nossa posição de mediadora exigiu a todo momento total atenção para não deixar a discussão se dispersar ou perder o foco central. A realização dessa metodologia nos mostrou que o pesquisador precisa saber ouvir, observar e falar no momento certo, ou seja, precisa desenvolver a habilidade de controlar a discussão sem ser rígida demais e saber o momento oportuno para introduzir novos temas no debate.

Os grupos focais eram encerrados quando todos os temas propostos no roteiro e outras questões foram suficientemente debatidas e com contribuições importantes para a

pesquisa. O registro das informações foi realizado por meio de gravação em vídeo. Por meio dela podemos, a princípio, ter uma noção mais geral da participação de cada um dos envolvidos, desde os gestos até as expressões faciais.

Assim como nas entrevistas individuais com a juventude rural da geração de 1980 e com a geração da juventude rural contemporânea, nos grupos focais também elaboramos uma ficha com os dados pessoais de cada um dos participantes e um Termo de Consentimento de Uso da Entrevista (Apêndice 6). Este foi assinado por todos e no caso dos participantes menores de idade, este também foi estendido aos pais para que tomassem ciência dos objetivos da pesquisa e seus resultados.

Em relação à utilização dessa metodologia na pesquisa, podemos afirmar que nos possibilitou a elaboração de uma visão mais geral sobre alguns pontos que já havíamos observado durante o campo ou mesmo durante as entrevistas. Os/as jovens rurais participaram a todo o momento da discussão. Tal metodologia nos oportunizou o privilégio, por assim dizer, de vivenciar e interagir na prática com a juventude rural, sendo que muitas “falas” se apresentaram como importantes para os objetivos da nossa pesquisa. Apesar de não termos trabalhado com essa metodologia em pesquisas anteriores, destacamos que ela apresentou-se como pertinente no entendimento desse grupo social e como uma metodologia qualitativa de pesquisa em Geografia, assim como seus teóricos de outras áreas apontam.

### CAPÍTULO III

## FORMAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DE LARANJEIRAS DO SUL: A CONSTITUIÇÃO DE UM LUGAR HISTÓRICO, SOCIAL E ECONÔMICO

Ao falarmos sobre Laranjeiras do Sul buscaremos mostrar não apenas traços importantes de sua história e povoamento, mas como se deu a construção desse lugar, de uma vida urbana e rural, de um espaço social e econômico que ao longo do tempo passou por uma série de transformações. Estas nos permitem entender muitas das suas características atuais, incluindo as que dizem respeito à juventude rural e seus espaços de sociabilidade.

Tal discussão se faz pertinente para pensarmos os diferentes processos aqui engendrados que, com maior ou menor intensidade, podem ter contribuído para as diferentes formas de sociabilidade praticadas pela juventude rural de Laranjeiras do Sul, em décadas anteriores a de 1980, bem como as transformações decorrentes desse período que influenciaram nos aspectos culturais da juventude rural atual<sup>9</sup>.

Um ponto importante observado sobre Laranjeiras do Sul, no decorrer das nossas releituras sobre a história do povoamento do Paraná, é que ela está diretamente ligada à ocupação dos Campos de Guarapuava e, em alguns momentos está relacionada ainda à ocupação do Sudoeste e Oeste do Paraná. Tal fato e, a escassez de trabalhos acadêmicos abordando nosso município dificultou, em alguns momentos, a construção da discussão, mas não a fez menos importante. Ao contrário, torna a tarefa mais desafiante e relevante.

Nesse sentido, precisamos compreender um pouco como ocorreu o processo de ocupação do Paraná. Conforme Padis (2006), o processo de povoamento do nosso Estado esteve ligado diretamente a diferentes fases econômicas e a três frentes de ocupação denominados Paraná Tradicional, Norte e Oeste/Sudoeste.

Para melhor organização da discussão e entendimento desse processo, dividimos o capítulo em três partes: 1. Uma breve leitura sobre os processos de ocupação e povoamento do Paraná, articulando com a constituição histórica e geográfica de Laranjeiras do Sul; 2. Caracterização do município, apresentando aspectos referentes a sua dinâmica populacional e agricultura, fatores fundamentais para entender a dinâmica da juventude rural e; 3. Alguns

---

<sup>9</sup> É importante frisarmos que nosso objetivo nesse capítulo não é focar diretamente a juventude rural existente no decorrer da formação histórico-geográfica de Laranjeiras do Sul, mesmo porque não temos aportes históricos e teóricos que abordem esse aspecto. Buscaremos, entretanto, entender como a conjuntura de formação desse lugar interferiu nos espaços de sociabilidade e na constituição da juventude rural a partir da década de 1980 até hoje.

apontamentos sobre as características das comunidades nas quais realizamos a pesquisa com a juventude rural da década de 1980 e a atual.

### **3.1. Algumas considerações sobre o povoamento e ocupação de Laranjeiras do Sul**

Ao abordar a constituição histórica e geográfica de Laranjeiras do Sul, devemos levar em consideração as frentes de ocupação que foram engendradas no Estado do Paraná. Ao fazermos uma discussão sobre esses processos percebemos que esse município está ligado diretamente à ocupação dos Campos de Guarapuava (pertencente ao denominado Paraná Tradicional), do qual foi desmembrado na década de 1940. Mas ao mesmo tempo, a história de Laranjeiras do Sul se confunde com os movimentos ocupacionais ocorridos mais recentemente na parte Oeste e Sudoeste do Estado.

A região denominada Paraná Tradicional, teve o início de sua ocupação pelo litoral do Estado, em especial após a descoberta do ouro de aluvião. Por volta de 1578 até 1580, o local era povoado por índios carijós e percorrido por indivíduos isoladamente. De acordo com Magalhães Filho (1996) e Padis (2006), com a descoberta do ouro, várias pessoas foram atraídas em sua direção. Foram fundados arraiais que se tornaram vilas, como o caso de Paranaguá elevada a essa condição em 1660. Em busca do ouro, os colonizadores subiram a Serra do Mar adentrando o planalto de Curitiba. Ali, também na beira dos rios, foram encontrados recursos minerais e novas vilas surgiram como a Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, constituída em 1668.

Junto à atividade mineradora desenvolveu-se uma agricultura de subsistência destinada a abastecer as vilas recém formadas. Quando a atividade da busca pelo ouro cessou, o que ocorreu em poucas décadas, a ocupação se manteve e a atividade agrícola voltada para a população local também (MAGALHÃES FILHO, 1996). A atividade aurífera também deu estímulo ao crescimento econômico da região conhecida como “Paraná Tradicional” e a ocupação dos Campos Gerais do Segundo Planalto e aos Campos de Guarapuava por meio do desenvolvimento da atividade pecuária.

Em relação à ocupação dos Campos de Guarapuava, vale destacar que várias expedições foram enviadas para essa região no decorrer do século XVIII, mas somente a comandada por Diogo Pinto de Azevedo Portugal no ano de 1810 obteve resultado positivo. Segundo Wachowicz (1995) essa expedição teve suma importância para o estabelecimento de uma povoação mais efetiva dessa região. Inicialmente foi construída uma fortaleza e um

povoado chamado Atalaia. Os povoadores viviam de roças que faziam em suas chácaras, abasteciam-se de carnes e mercadorias. Conforme Steca e Flores (2008), em 1819 foi criada a Freguesia de Nossa Senhora de Belém dos Campos Gerais de Guarapuava.

Decorrente da atividade pecuária e do tropeirismo, o povoamento da região dos Campos de Guarapuava e Palmas ocorreu de forma mais efetiva durante o século XIX. Devido a essas atividades, várias vilas foram surgindo e mais tarde tornaram-se cidades. Esta região passa a apresentar um dinamismo econômico advindo de várias atividades que foram surgindo para atender às necessidades das tropas e dos tropeiros. Além das fazendas de invernagem e criação de gado, desenvolveu-se uma agricultura de subsistência para atender as necessidades da população local (PADIS, 2006).

No período de ocupação dos Campos de Guarapuava, no século XIX, a região onde se localiza o município de Laranjeiras do Sul era um grande sertão povoado por populações indígenas. À medida que os portugueses ocupavam o território paranaense, essas populações foram sendo empurradas para a parte oeste do território estadual ou se restringindo a algumas reservas organizadas pelo Estado. Por ser um local “abandonado”, distante da civilização e coberto de mata fechada, acabou servindo de local para o desterro de criminosos<sup>10</sup> (IPARDES, 2007; CAMARGO, 1999).

O período de ocupação das terras da região de Laranjeiras do Sul apresentava muitas dificuldades e empecilhos, tanto para explorá-las como para vendê-las a outras famílias, tal como destaca Mussoi (2002, p. 53):

- o perigo permanente dos ataques indígenas que acudados nos Campos Gerais, se abrigavam nos sertões do oeste.
- a grande distância do povoado mais próximo (freguesia de Guarapuava).
- as dificuldades enfrentadas para derrubar as matas e fazer roças com instrumentos de trabalhos rudimentares;
- falta de mercado para os produtos colhidos;
- a falta de estradas em condições de trafegabilidade pelos sertões;
- a falta de outros meios de comunicação.

A população que vivia nessa região dedicava-se a agricultura de subsistência e a criação de animais. As casas eram de pau a pique e assoalho de chão batido. Cultivavam milho, arroz, mandioca, feijão e dedicavam-se a criação de animais como galinhas, porcos e bovinos. Fabricavam seus utensílios e muito pouco se comprava no comércio ainda incipiente.

---

<sup>10</sup> De acordo com Mussoi (2002) um dos primeiros desbravadores da região de Laranjeiras do Sul, José Nogueira do Amaral, teria sido degredado para estes sertões no ano de 1848, por ter cometido crime em São Paulo.

Como forma de iluminação à noite, utilizavam velas feitas com cera de mirim (MUSSOI, 2002).

Parcela importante da economia de Laranjeiras do Sul também advinha da criação de bovinos e animais de carga, desenvolvendo-se uma espécie de tropeirismo intermediário, tal como ocorria nas demais regiões que compunham o chamado Paraná Tradicional. Os bovinos eram vendidos, principalmente, para Minas Gerais e os cavalos e mulas de carga eram fornecidos para São Paulo. Conforme Camargo (1999), os produtos que faltavam no comércio eram trazidos dos portos de Paranaguá e Antonina, como o sal, peças de tecidos e utensílios diversos. Mais tarde estes produtos passaram a estar disponíveis também em Guarapuava.

Desse modo, a ocupação das terras até o século XIX ocorreu somente para estabelecer o domínio das propriedades. O povoamento efetivo só viria a acontecer na virada do século, quando ocorre a ocupação do Oeste/Sudoeste do Estado.

A parte ocidental do Estado do Paraná que compreende a região Oeste e Sudoeste teve seu processo de ocupação efetivado recentemente, partindo dos núcleos populacionais de ocupação mais antiga, como Palmas e Guarapuava. Inicialmente, a ocupação ocorreu por iniciativas particulares ou oficiais.

De acordo com Fajardo (2008), a ocupação inicial dessa região foi realizada de forma esparsa, nômade e com exploração das matas de araucárias. Essa região encontrava-se de certa forma “isolada” do restante do Estado, sendo a ligação mais próxima a ela a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande do Sul que cortava Guarapuava. A partir do surgimento das primeiras estradas no sentido leste oeste irá permitir a colonização pública.

Por iniciativas oficiais, no final do século XIX, foram criados 18 núcleos populacionais em áreas próximas a Guarapuava. Muitos deles desapareceram devido à falta de comunicação. Outra iniciativa governamental de ocupação foi a criação de colônias militares com o objetivo de proteger o território, fruto de preocupações com os limites com a Argentina e Paraguai. Foram instaladas a Colônia Chopin (1882) e a base militar de Foz do Iguaçu (1888). O crescimento populacional foi estimulado por pouco tempo. Na década de 1890, foi criada mais uma colônia militar, a do Bom Retiro (1918), atual Pato Branco. A ocupação dessa região ocorria lentamente (PADIS, 2006; FAJARDO, 2008).

Logo após a criação da base militar em Foz do Iguaçu, instala-se em 1901, em Laranjeiras do Sul, o 1º Batalhão de Engenharia, com a finalidade de instalar a linha telegráfica de Foz do Iguaçu até Ponta Grossa. Estes dois fatores beneficiaram o crescimento do povoado e a vinda de muitas famílias para a região. Junto ao batalhão, estava o capitão

médico Dr. Laranjeiras, que por ser uma pessoa admirada por todos teve seu nome dado às terras da sesmaria, a qual passou a chamar-se Fazenda Laranjeiras (CAMARGO, 1999; MUSSOI, 2002).

Este fato evidencia que Laranjeiras do Sul vivenciou os processos de ocupação decorrentes do Paraná Tradicional, como vimos anteriormente e, também, o processo de ocupação do denominado Oeste/Sudoeste do Paraná apresentando-se, nesse momento, como um “ponto de ligação” entre as duas regiões.

Nos anos seguintes, a presença do Batalhão de Engenharia possibilitou a ascensão do espaço político do povoado. No mês de março de 1911, foi criada a Colônia Militar Mallet<sup>11</sup> e no mês de agosto do mesmo ano o Distrito Judiciário. A partir desse momento a população poderia fazer os registros de óbitos, nascimentos e casamentos sem precisar deslocar-se ao Distrito de Porungos, hoje município de Goioxim (MUSSOI, 2002).

Com a criação da Colônia Militar Mallet muitos fatos políticos marcaram o desenvolvimento do povoado entre os quais podemos destacar, conforme apresenta Mussoi (2002, p. 63)

- a construção da primeira capela em 1910, sob a invocação de Santa Ana;
- a migração para a Colônia de grande número de famílias em busca de novos espaços;
- o ensino, que até 1915 era ministrado por professores particulares e a partir desse ano, passou a ser ministrado por professores públicos;
- o início dos trabalhos da medição da Fazenda Laranjeiras em 1913;
- a abertura e construção da estrada de rodagem no trecho Lagoa Seca a Catanduvas a partir de 1914 (...).

Nesse período havia uma única estrada que ligava Guarapuava a Foz do Iguaçu, passando pela Colônia Mallet. Esta foi concluída no ano de 1919. Uma das atividades econômicas que tiveram importância histórica para o Paraná foi a exploração da erva mate, sobretudo, no século XIX na região Oeste/Sudoeste do Estado (IPARDES, 2007). Nesse período, Laranjeiras do Sul possuía uma grande quantidade de ervais nativos, que passaram a ser explorados mais intensamente a partir da construção da estrada de rodagem, por meio da qual foi possível exportar o produto para o Paraguai e Argentina, via Rio Paraná. Apesar de sua importância econômica, esta atividade acabou entrando em decadência por volta de 1930 (MUSSOI, 2002).

---

<sup>11</sup> A Colônia Mallet foi o nome dado a região de Laranjeiras do Sul neste período. Muitos registros históricos a partir dessa época referem-se ao povoado apenas como “Mallet” (MUSSOI, 2002).



A segunda atividade extrativista de importância econômica para Oeste/Sudoeste foi a madeira, por meio da exploração da floresta de Araucária. Novamente, a população de Laranjeiras do Sul se insere na exploração econômica desse recurso natural. De início, como não haviam serrarias, as matas eram derrubadas para a formação de lavouras e a madeira era queimada. Mais tarde, por volta de 1920, por meio da abertura da estrada de rodagem instalaram-se na região algumas serrarias que fabricavam tábuas para o consumo local. As serrarias enfrentavam muitas dificuldades no início de suas instalações, pois tanto a retirada da madeira como o transporte era difícil, tendo em vista que as estradas apresentavam péssimas condições de tráfego especialmente no período de chuvas. Esta atividade acabou ganhando relevância na década de 1940, com a criação do Território Federal do Iguaçu e a melhoria nas condições das estradas (MUSSOI, 2002).

Ainda em relação ao período de decadência da erva mate e da madeira outra atividade econômica começou a ganhar destaque na economia laranjeirense. Conforme Camargo (1999) e Mussoi (2002) muitos agricultores dedicavam-se a criação de suínos. A grande produção ficou conhecida como “safra de porcos” porque a venda era feita uma vez ao ano. O principal alimento dos animais era o milho plantado pelos agricultores. Uma parcela do milho era colhida e guardada no paiol, e o restante ficava na lavoura, onde os animais eram soltos para se alimentar. Por muitos anos os porcos foram criados, engordados e, posteriormente, vendidos para o comércio de Guarapuava, Ponta Grossa e Castro. Caminho percorrido a pé pelos animais. A renda possibilitava a compra de mercadorias ainda inexistentes no povoado.

A partir da década de 1930 e 1940, o transporte dos animais passou a ser realizado com caminhões, devido à melhora na condição das estradas. Camargo (1999), ressalta que o sistema de safras acabou desaparecendo devido ao aumento do número de propriedades rurais. Assim, os animais passaram a ser criados em locais fechados, contribuindo, inclusive, para a melhora na qualidade dos rebanhos.

Durante muito tempo, a região interiorana do Estado do Paraná ficou em situação de abandono em relação ao restante das regiões. Nessa parte mais a oeste paranaense predominavam populações guaranis e argentinas e era visível a situação de desnacionalização desse lugar. A moeda circundante era o peso argentino; a língua falada era o guarani e a economia era controlada por paraguaios e argentinos. Após a revolução de 1930, o interventor do Paraná, o general Mário Tourinho tomou algumas providências, exigindo que, por meio da prefeitura de Foz do Iguaçu, os documentos só seriam despachados se escritos em português;

os anúncios de preços, comerciais, avisos deveriam ser escritos em português e os impostos e taxas deveriam ser pagos em moeda brasileira (WACHOWICZ, 1995).

No entanto, eram necessárias medidas mais eficazes por parte do governo brasileiro. Nesse contexto (1930), assume o Governo Federal o presidente Getúlio Vargas. Com uma política nacionalista, pretendia criar na região um “território federal<sup>12</sup>”, fato este que resultaria mais tarde, em 1943, na criação do Território Federal do Iguaçu, no qual Laranjeiras do Sul se torna capital, com o nome de Iguaçu.

A criação do Território Federal do Iguaçu fazia parte de um projeto governamental para tentar ocupar os espaços vazios do território brasileiro e despertar nos brasileiros um novo espírito bandeirante. Esse discurso, de acordo com Lopes (2008), ficou conhecido como “Marcha para Oeste”. O governo criava estradas, colônias agrícolas, obras de saneamento rural e até hospitais, para estimular a ocupação desses locais.

No caso do Território Federal do Iguaçu<sup>13</sup>, este tinha por objetivo ocupar os espaços vazios do Oeste e Sudoeste do Paraná e Oeste catarinense, promovendo a defesa e segurança nacional frente à ocupação estrangeira. Outro ponto interessante apontado por Lopes (2008) é que por trás da criação desse território, além do interesse governamental, também havia interesses dos capitalistas e colonizadores do Rio Grande do Sul, que na época viam essa região como uma oportunidade de expansão da fronteira agrícola, tendo em vista as suas já estarem escassas.

Com a criação do Território Federal do Iguaçu, houve um grande progresso na região, em especial, na capital Iguaçu. De acordo com Lopes (2008) e Mussoi (2002), para abrigar as autoridades e funcionários que chegavam ao lugar, foram construídas muitas casas como a sede do Governo, residências do Governador e do secretário geral. Houve a criação de um hotel para atender os visitantes que chegavam à cidade, principalmente, as autoridades. Na época havia apenas uma madeireira, de propriedade de José Pavlak. Esta serraria fazia o corte

---

<sup>12</sup> A constituição de Territórios Federais no Brasil, de acordo com Lopes (2008), ganha destaque em 1903, com a incorporação do Acre ao território brasileiro mediante acordo entre o Brasil e a Bolívia. A partir de então iniciou-se uma discussão sobre quem deveria jurisdicionar aquele território, o Estado ou a União. A partir do Decreto nº 1.181, de 25 de fevereiro de 1904, ficou definido que o Governo Federal era responsável por jurisdicionar o território provisoriamente reconhecido. A constituição de 1934, de acordo com Lopes (2008), vem reforçar a definição legal dos territórios. Em seu parágrafo 1º, estabelecia que “logo que tiver 300.000 habitantes e recursos suficientes para a manutenção dos serviços públicos, o Território poderá ser, por lei especial, erigido em Estado” (p.25). Na mesma época da criação do Território Federal do Iguaçu foram criados ainda os Territórios Federais de Ponta Porã, Guaporé, Rio Branco e Amapá.

<sup>13</sup> O Território Federal do Iguaçu foi criado no governo de Getúlio Vargas pelo Decreto-lei nº 5.812 de 13 de setembro de 1943. O artigo 2º desse decreto também definiu que a capital do território seria a cidade com o mesmo nome. Como não havia na área correspondente do território, alguma cidade com o nome de Iguaçu, entendeu-se que esta seria Foz do Iguaçu. No dia 31 de maio de 1944 criou-se o Decreto-Lei nº 6.550 que definiu os municípios que fariam parte do território: Foz do Iguaçu, localizada na margem esquerda do rio Paraná; Clevelândia situada na Serra da Fartura, a margem do Rio Chopim; Iguaçu (ex- Laranjeiras do Sul); Mangueirinha e Chapecó. Ao todo a área do Território Federal do Iguaçu correspondia a 65.854 km<sup>2</sup>, sendo 51.452 km<sup>2</sup> oriundos do Estado do Paraná e 14.402 km<sup>2</sup> do Estado de Santa Catarina (LOPES, 2008). Esse decreto também redefiniu a capital do Território. De acordo com Lopes (2008) o artigo 4º determinou que: “é a cidade de igual nome (vila de Xagu, ex-Laranjeiras). Dessa forma, a então Vila de Laranjeiras foi elevada à categoria de cidade e capital do território e passou a ser chamada, a partir daquela data, de Iguaçu” (LOPES, 2008, p. 116).

das madeiras para a construção dos estabelecimentos do governo, funcionando noite e dia. Era visível o progresso da capital.

A área do comércio também foi movimentada com a instalação de casas comerciais maiores e com maior diversidade de mercadorias. Também nesse período foi transferida para Iguazu a prelazia de Foz do Iguazu e ainda, para dar força à religiosidade local, no ano de 1944 foi trazida para a capital do Território uma réplica da imagem do Cristo Redentor do Rio de Janeiro, em menor tamanho, mas que serviu para aumentar a religiosidade da população local e tornar-se um ponto turístico (LOPES, 2008; CAMARGO, 1999).

Outro ponto interessante sobre este período e que demonstra o progresso local, apontado por Lopes (2008), diz respeito ao crescimento populacional. Vieram para o Território Federal do Iguazu, em especial, muitos pioneiros do Rio Grande do Sul em busca das terras férteis da região. O progresso deste lugar apresentou-se como um atrativo para a migração, fazendo com que muitos empresários e agricultores viessem para cá.

No entanto, Padis (2006) destaca que a população gaúcha não estabeleceu-se de forma pontual em territórios do Oeste e Sudoeste do Paraná, distribuindo-se por toda essa região vindo a constituir na década de 1960 mais da metade da população ali residente. Outro ponto interessante é que o crescimento da presença de gaúchos na década de 1950, não se fez de forma muito notável nas regiões de ocupação antiga das cidades de Clevelândia, Guarapuava, Laranjeiras do Sul, Palmas, etc., mas nas regiões de terras virgens.

O Território Federal do Iguazu não perdurou por muito tempo, vindo a ser extinto no ano de 1946. Isso ocorreu devido a interesses dos próprios políticos paranaenses que reivindicavam a supressão do território e a anexação dessa área novamente ao Paraná. Também nesse período o país passava por um processo de redemocratização e a conjuntura política nacional contribuiu para sua extinção (LOPES, 2008).

Com a extinção do Território Federal do Iguazu, a região de Laranjeiras do Sul passou a enfrentar uma série de dificuldades, como ressalta Camargo (1999). Segundo o autor, problemas que antes eram resolvidos na capital Iguazu voltariam para a responsabilidade de Guarapuava ou Curitiba. O comércio se viu muito afetado, pois com a extinção do território muitas famílias foram embora, assim como muitos funcionários. Os agricultores sentiram muitas dificuldades também, pois não conseguiam vender seus produtos que antes eram comercializados com facilidade no comércio local. Novamente a região encontrou-se em uma situação de abandono e Laranjeiras do Sul, ainda com o nome de Iguazu, volta à condição de vila de Guarapuava.

A partir daí inicia-se um movimento a favor da emancipação de Laranjeiras do Sul do município de Guarapuava. Desse modo, pelo Decreto Lei Estadual n. 533 foi criado o município de Iguaçu e sua instalação ocorreu no dia 30 de novembro de 1946, ficando esta última, como data de comemoração de aniversário do município. Mas a mudança de nome foi concedida pela Lei Estadual n. 2, de 10 de outubro de 1947, na qual mudou-se a nomeação Iguaçu para Laranjeiras do Sul (CAMARGO, 1999; MUSSOI, 2002).

A partir da criação do município, a região, com muitas dificuldades em relação à condição das estradas, educação e saúde, aos poucos viu o progresso acontecer. Segundo Ipardes (2007), por volta de 1950 vieram para cá muitos imigrantes de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que dedicaram-se à agricultura e ao comércio.

Na década de 1960, foi construído um poço artesiano, por meio de uma iniciativa particular do então vereador Valdemar Becker, que viria abastecer as residências que compunham a cidade. A energia elétrica, com o apoio do Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado do Paraná, por meio da construção de uma Usina Hidrelétrica no Rio Cavernoso, também foi implantada no município. Esta entrou em funcionamento no ano de 1960, com o funcionamento de dois geradores que abasteciam a comunidade local com energia. A eletrificação para a maior parte da população rural do município chega em 1987, quando foi implantado por meio de um programa governamental do Estado o *Clic Rural*, que levou a energia elétrica aos moradores do campo (CAMARGO, 1999).

De acordo com o Banco de Dados do Ipardes<sup>14</sup>, em 1980 apenas 49 famílias possuíam acesso a energia elétrica na área rural e no ano de 1988 o total de famílias atendidas atingiu o número de 3.010. A partir desses dados, é possível ter uma noção de como o programa governamental acima citado contribuiu para levar ao campo esse benefício. Conforme dados do último Censo Agropecuário (2006), atualmente 162 estabelecimentos rurais não possuem acesso a alguma forma de geração de energia elétrica no município.

A década de 1970 vai ser marcada, de acordo com Mussoi (2002), pelo grande crescimento populacional no município. Nessa década, o número de pessoas passou de 39.549 habitantes para 62.830 em 1980. A população urbana era 21.287 pessoas. Conforme o autor, é neste período que Laranjeiras do Sul e região inserem-se no processo de modernização da agricultura (fato que ocorreu de forma mais lenta se comparada a outras regiões do Estado) causando a migração da população rural para a cidade. Outro fator foi a construção da Usina Hidrelétrica de Salto Santiago, que trouxe muitas pessoas de outras regiões para o espaço

---

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/imp/index.php>>. Acesso em: 06 jan. 2013.

urbano. Na área rural, a população teve aumento devido à vinda de migrantes do sul do país em busca de terras férteis e adequadas ao desenvolvimento da agricultura mecanizada.

Aos poucos e, no decorrer dos anos, muitas mudanças ocorreram no município de Laranjeiras do Sul, em seus mais variados aspectos: políticos, econômicos, sociais, culturais e territoriais. É possível verificar que, ao longo da história e do tempo, Laranjeiras do Sul foi ampliando suas relações com outros lugares e com o mundo. A cada época, foram estabelecendo-se relações diferenciadas, de acordo com suas possibilidades. Como vimos, o município estudado sofreu influência direta das frentes de ocupação do Paraná Tradicional e da ocupação do Oeste/Sudoeste do Estado, participando das atividades econômicas desenvolvidas em diferentes períodos. A população que hoje constitui Laranjeiras do Sul é resultante da dinâmica populacional ocorrida no Estado e também de outras regiões do Brasil, com destaque para Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

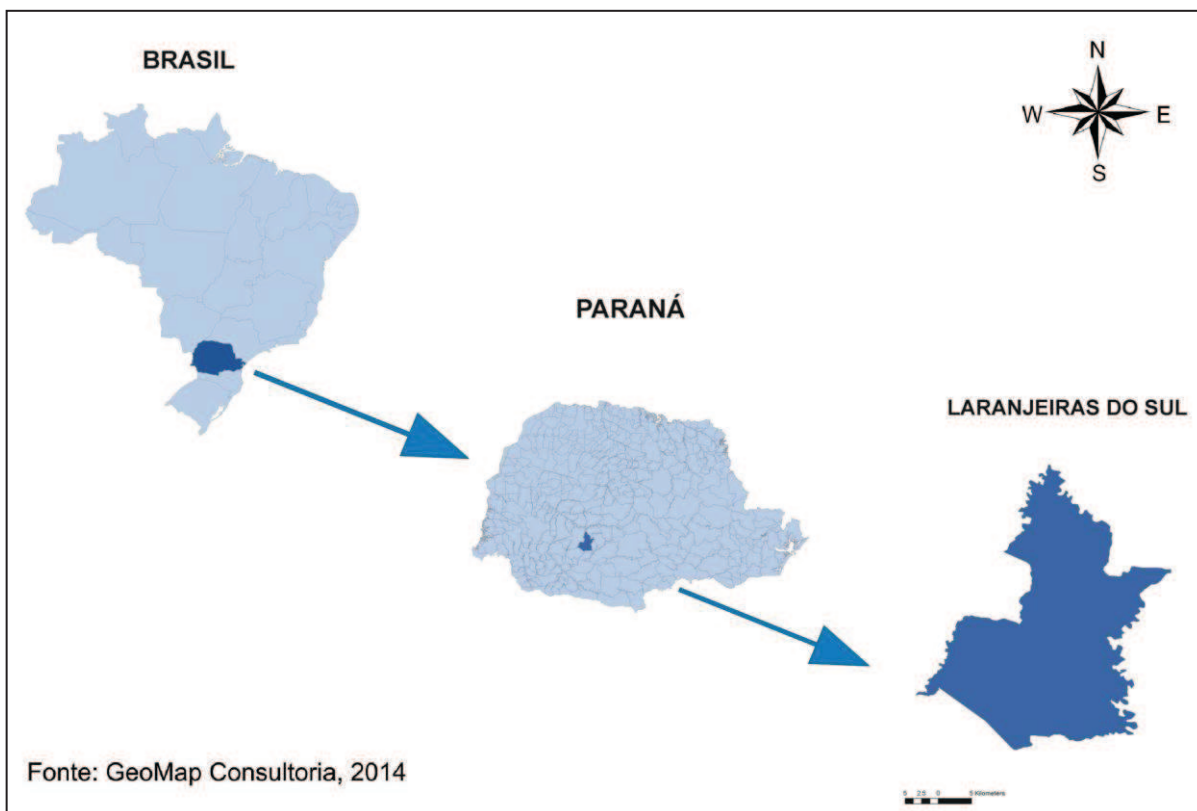
Com base nisso, nos perguntamos: Como imaginar a juventude rural durante a constituição histórica e geográfica de Laranjeiras do Sul?

O contexto apresentado pelas discussões teóricas pesquisadas nos leva a inferir que, no período anterior a década de 1980, a vida social do município estava diretamente ligada ao rural, com maior parcela da população vivendo no campo. Ou seja, a juventude da época estava diretamente ligada a esse espaço e às atividades agrícolas desenvolvidas no período. Mesmo porque, as atividades “urbanas” eram incipientes e as pessoas que viviam no urbano tinham laços muito fortes com o campo. Fica difícil imaginarmos quais eram suas formas de sociabilidades, suas referências culturais e como constituíam suas identidades. Estariam elas ligadas as atividades econômicas? Ou a juventude rural estava diluída em meio a diferentes processos de socialização permeados pelo mundo do trabalho e pelo rol familiar?

Supomos que a partir do momento em que Laranjeiras do Sul amplia sua rede de relações com outros lugares, alteram-se as relações socioespaciais da juventude rural e as referências culturais disponíveis para a construção da identidade desses jovens. Pensar sobre a constituição do lugar nos dá suporte para refletir o contexto político, econômico e social que o município esteve inserido em décadas passadas e que podem ter influenciado ou não na trajetória desses sujeitos sociais.

### 3.2. Caracterização do município de Laranjeiras do Sul, dinâmica populacional e o espaço rural

O município de Laranjeiras do Sul está localizado na mesorregião Centro Sul do Estado do Paraná e toda sua extensão territorial insere-se no Terceiro Planalto Paranaense, (mapa 1).



**Mapa 1-** Laranjeiras do Sul: localização no contexto nacional e no Estado do Paraná.  
**Org.:** KUHN, C. (2013).

Ao longo de sua constituição histórica, Laranjeiras do Sul passou várias modificações em suas dimensões territoriais. À medida que a região foi sendo ocupada e ganhando dinamismo econômico, político e social, o município teve perdas territoriais para a constituição de novas cidades. No período de sua criação, em 1946, possuía uma área de 7.566,588 km<sup>2</sup>, da qual, ao longo dos anos foram sendo criados outros municípios. Alguns foram criados logo depois da emancipação de Laranjeiras do Sul do município de Guarapuava e outros foram desmembrados na década de 1990. Na tabela 2, é possível observar o ano de desmembramento dos municípios e a área territorial cedida.

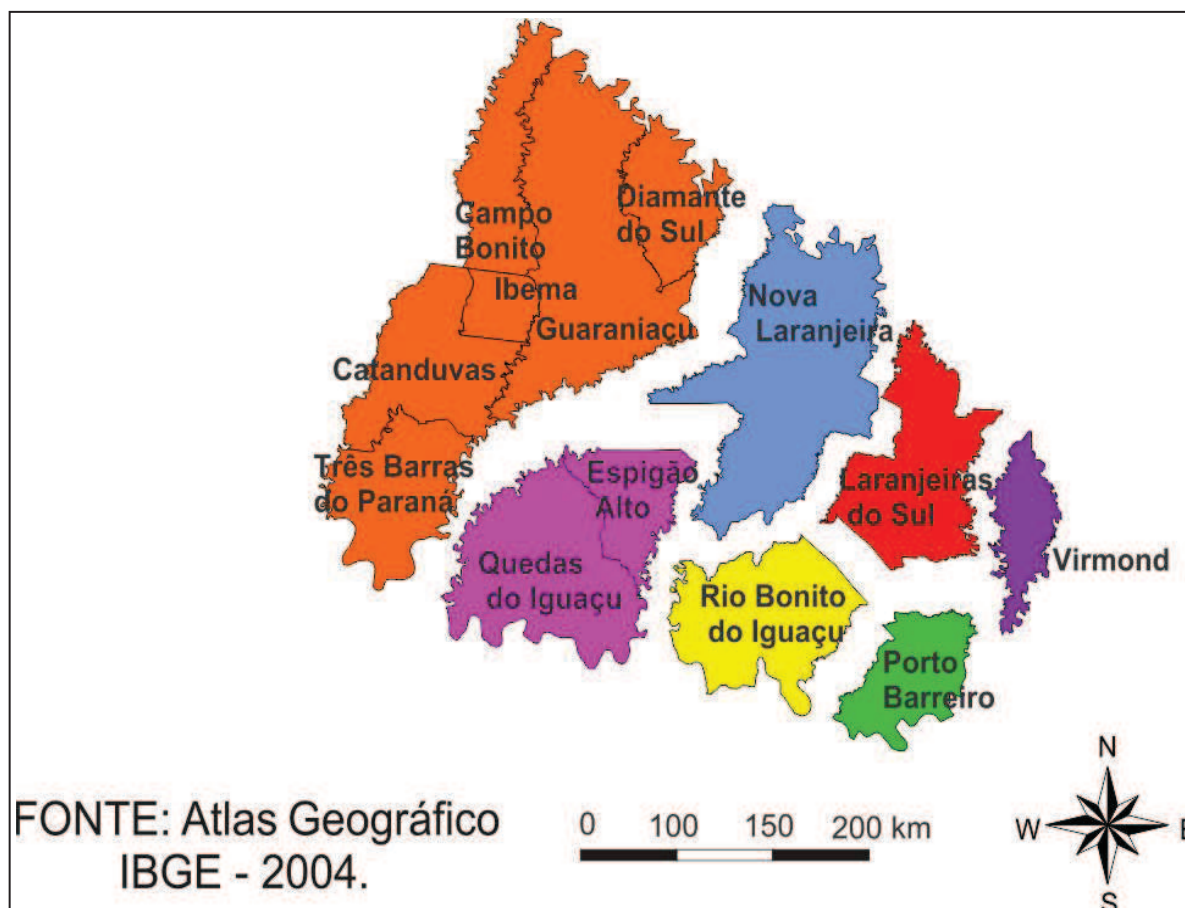
**Tabela 2 - Laranjeiras do Sul: municípios desmembrados.**

Município	Ano do desmembramento	Área territorial cedida
Guaraniaçu <sup>15</sup>	1951	3.250,757km <sup>2</sup>
Campo Novo <sup>16</sup>	1968	1.147,943 km <sup>2</sup>
Virmond	1990	243,173 km <sup>2</sup>
Nova Laranjeiras	1990	1.145,489 km <sup>2</sup>
Rio Bonito do Iguçu	1992	746,121 km <sup>2</sup>
Porto Barreiro	1995	361,021 km <sup>2</sup>

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

Org.: KUHN, C. (2013).

Desde o seu surgimento Laranjeiras do Sul perdeu uma área total de 6.894,504km<sup>2</sup> de extensão territorial, sendo que hoje possui apenas 672,084km<sup>2</sup>. No mapa 2, podemos observar os desmembramentos ocorridos no território de Laranjeiras do Sul.



Mapa 2 – Laranjeiras do Sul: mapa da fragmentação territorial.

Fonte: MUSSOI, A, B. (2002, p. 25).

Org.: KUHN, C. (2013).

<sup>15</sup> O Município de Guaraniaçu era distrito de Laranjeiras do Sul. Depois de elevado a categoria de município deu origem a Catanduvas, Campo Bonito, Diamante do Sul, Ibema e Três Barras do Paraná. (MUSSOI, 2002).

<sup>16</sup> Campo Novo era distrito de Laranjeiras do Sul e foi desmembrado para tornar-se município. Ainda em 1968 passa a ser chamado de Quedas do Iguçu e parte do seu território é desmembrado para a criação do município de Espigão Alto do Iguçu (CAMARGO, 1999).

Outro aspecto importante no que diz respeito a Laranjeiras do Sul, refere-se à dinâmica da população que oscilou ao longo dos anos. Após a emancipação do município podemos observar que a população total cresceu ao longo das décadas. Inicialmente a maior parte da população vivia na área rural e, somente na década de 1990, a população urbana ultrapassa a população rural, como podemos observar na tabela 3.

**Tabela 3** - Laranjeiras do Sul: população total, urbana e rural a partir da década de 1980-2010.

Ano	Pop. urbana	Pop. rural	Total
1980	21.321	41.526	62.847
1991	21.994	32.108	54.102
1996	29.739	13.269	43.008
2000	23.562	6.463	30.025
2007	24.256	6.225	30.471
2010	25.031	5.746	30.777

Fonte: Censos do IBGE 1980, 1991, 1996, 2000, 2007, 2010.

Org.: KUHN, C. (2013).

Para o desenvolvimento de uma análise mais profunda sobre esta dinâmica, também se faz pertinente os dados sobre a taxa de crescimento geométrico da população do município como consta na tabela 4.

**Tabela 4** - Laranjeiras do Sul: taxa de crescimento geométrico da população total, urbana e rural a partir da década de 1980-2010<sup>17</sup>.

Ano	Taxa de crescimento geométrico populacional urbana (%)	Taxa de crescimento geométrico populacional rural (%)	Taxa de crescimento geométrico populacional total (%)
1980	12,76	2,26	4,71
1991	3,08	- 4,02	- 0,44
2000	0,71	- 5,07	- 1,24
2007	0,44	- 0,56	0,23
2010	0,61	- 1,17	0,25

Fonte: IPARDES (2013).

Org.: KUHN, C. (2013).

Analisando as tabelas 3 e 4, podemos observar que no período entre a década de 1970-1980 Laranjeiras do Sul teve um incremento populacional positivo. De acordo com o Ipardes (2004), nesse período a mesorregião Centro Sul do Paraná serviu como fronteira interna de ocupação, absorvendo fluxos populacionais advindos da região oeste e norte do

<sup>17</sup>Vale ressaltar que, de acordo com o Ipardes (2013), para os municípios instalados nos períodos intercensitários, reconstituiu-se suas populações para o ano do censo do início do decênio, a fim de possibilitar o cálculo das taxas de crescimento. Portanto a taxa de crescimento de 1980 é referente ao decênio de 1970/1980, a de 1991 é de 1980/1991, a de 2000 é de 1991/2000 e a de 2010 é de 2000/2010. E no caso de 2007, foi utilizado a referência de 2000/2007.



estado. Este fato proporcionou a esta região, a mais alta taxa de crescimento populacional dentre todas as outras mesorregiões do interior do Paraná, atingindo uma taxa de 3% ao ano, índice bem mais elevado que a taxa estadual. Outro fato interessante, é que esta mesorregião foi, juntamente com o Centro Oriental, são os únicos espaços em que houve crescimento positivo da população rural. Diante disso, podemos afirmar que Laranjeiras do Sul apresentou os mesmos aspectos e dinâmicas populacionais dos demais municípios da região.

Também vale ressaltar, como já havíamos afirmado anteriormente, nesse período o município estava recebendo colonos imigrantes dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que ocuparam a região. A taxa de crescimento geométrico de 12,76% para a população urbana pode ser justificada pelo êxodo rural ocasionado pela modernização da agricultura e pela vinda de pessoas para trabalhar na construção da Usina de Salto Santiago (MUSSOI, 2002).

Já nas duas décadas seguintes, 1980-1990 e 1990-2000, podemos observar que Laranjeiras do Sul teve um decréscimo na sua população total com taxa de crescimento geométrico negativo para a população rural. De acordo com o Ipardes (2004), nessas duas décadas a mesorregião Centro Sul do Paraná teve perdas consideráveis de população rural, se comparada às outras regiões do estado. Nesse contexto os fenômenos migratórios ganham importância, considerando o processo de modernização da agricultura ocorrido na região.

A saída da população rural, em especial na década de 1990, tem possibilitado um crescimento negativo da população total do município, mesmo a população urbana mantendo-se estável. Somente na década de 1990 o município de Laranjeiras do Sul passa a possuir um número maior de pessoas na área urbana, o que pode significar que determinada parcela das pessoas que saíram do campo vieram morar na cidade.

Outro ponto importante a destacar, é que Laranjeiras do Sul no período da década de 1990-2000 sofreu sucessivos desmembramentos alterando a relação entre a área territorial e o contingente de pessoas que viviam no município, o que de certa forma dificulta a avaliação do crescimento numérico exato da população total.

Outro aspecto que podemos considerar, em relação à taxa de crescimento geométrico negativo da população rural de Laranjeiras do Sul nessas duas décadas, é que só não foi maior devido ao incremento de pessoas no campo pela criação de novos assentamentos. De acordo com o Banco de Dados de Luta pela Terra (DATALUTA) do ano de 2009, nesse período foram criados em Laranjeiras do Sul três assentamentos: Passo Liso, Bugre Morto e Rio do Leão. Nestes foram alocadas 118 famílias em uma área de aproximadamente 2.270 hectares.

Isto também pode ter ocasionado um crescimento do centro urbano, tendo em vista o dinamismo econômico, em especial, do comércio, com a chegada dessas pessoas.

De acordo com o censo do IBGE (2010), Laranjeiras do Sul possui uma taxa de urbanização de 81%, a qual veio aumentando desde o ano 2000. No entanto, no âmbito do município é necessário destacar a importância da agricultura familiar.

Assim como no estado do Paraná, em Laranjeiras do Sul também prevalece em maior número os estabelecimentos familiares, como podemos observar na tabela abaixo.

**Tabela 5** - Laranjeiras do Sul: número de estabelecimentos agropecuários com agricultura familiar e não familiar no Estado e no município em 2006

<b>Tipo de estabelecimento</b>	<b>Paraná</b>	<b>Laranjeiras do Sul</b>
<b>Agricultura familiar- Lei nº11326<sup>18</sup></b>	302 907	1 226
<b>Agricultura não familiar</b>	68 144	415
<b>Total</b>	371 051	1 641

**Fonte:** IBGE – Censo Agropecuário (2006)

**Org:** KUHN, C. (2013).

Como podemos verificar, Laranjeiras do Sul, assim como o estado do Paraná, possuem um número significativo de estabelecimentos que desenvolvem a agricultura familiar, sendo que o município corresponde a 0,40% do total do estado.

Ao fazermos uma análise mais específica (tabela 6), podemos observar que existe uma disparidade entre a agricultura familiar e não familiar, no que diz respeito ao número de estabelecimentos e sua área total.

Como podemos observar, a agricultura familiar corresponde a 74,71% dos estabelecimentos rurais e a uma área equivalente a 28,53% do total. A agricultura não familiar corresponde a 25,29% dos estabelecimentos rurais e uma área de 71,47% do total do município. Ou seja, existe uma predominância do tipo de estabelecimento agropecuário familiar, mas é agricultura não familiar que possui a maior concentração de área. Nesse sentido, o município não foge a regra das demais realidades encontradas no restante do país a qual aponta a concentração de terras na mão de uma minoria.

<sup>18</sup> De acordo com a Lei nº11326, de 24 de julho de 2006, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;

II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo;

IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família. (Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/11326.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11326.htm).)

**Tabela 6:** Laranjeiras do Sul: número de estabelecimentos e área total da agricultura familiar e não familiar em 2006.

<b>Tipo do estabelecimento</b>	<b>Número de estabelecimentos</b>	<b>Área total (há)</b>
<b>Agricultura familiar- Lei nº 11326</b>	1 226	16 593
<b>Agricultura não familiar</b>	415	41 567
<b>Total</b>	1 641	58 161

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário (2006).

Org: KUHN, C. (2013).

Ao analisarmos tamanho das propriedades dos agricultores familiares do município, podemos observar, conforme dados do Censo Agropecuário realizado pelo IBGE (2006), que 28,55% dos estabelecimentos tem menos de 5 hectares, 61,49% entre 5 a menos de 50 hectares e 9,96% possuem 50 hectares ou mais. Isso significa que a maioria dos estabelecimentos agropecuários familiares caracteriza-se por pouca disponibilidade de terra e de acordo com o Ipardes (2007), em muitos casos, as propriedades possuem solos inaptos, de baixa fertilidade e áreas de grande declividade, o que dificulta o trabalho dos agricultores.

No que diz respeito à condição do produtor em relação as terras, também existe uma disparidade considerável entre os agricultores familiares e não familiares.

**Tabela 7 -** Laranjeiras do Sul: número de estabelecimentos agropecuários, com agricultura familiar e não familiar, por condição do produtor em relação as terras em 2006

<b>Condição do produtor</b>	<b>Agricultura familiar Lei nº11326</b>	<b>Agricultura não familiar</b>
<b>Proprietário</b>	958	348
<b>Assentado sem titulação definitiva</b>	69	5
<b>Arrendatário</b>	66	21
<b>Parceiro</b>	9	3
<b>Ocupante</b>	62	29
<b>Produtor sem área</b>	62	9
<b>Total</b>	1 226	415

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário (2006).

Org: KUHN, C. (2013).

Podemos verificar que, do total de agricultores familiares, 78,14% e do total dos agricultores não familiares, 83,8% são proprietários da área onde desenvolvem suas atividades. No entanto, quando observamos os demais dados sobre a condição de posse, podemos verificar que uma parcela considerável (21,86%) dos produtores familiares é condicionada a explorar seus recursos através de atividades em outras áreas, sendo que para os não familiares o valor chega a 16,12%. São consideráveis os números de estabelecimentos familiares rurais na condição de ocupante, arrendatário, assentado sem titulação definitiva e

produtor sem área, fator que pode retratar certa desigualdade e baixa incorporação desses agricultores ao acesso a terra.

A maior parte das propriedades agropecuárias do município dedicam-se a atividades econômicas relacionadas à lavoura temporária e à pecuária (tabela 8).

**Tabela 8** - Laranjeiras do Sul: número de estabelecimentos agropecuários e área segundo atividades econômicas em 2006.

<b>Atividades Econômicas</b>	<b>Estabelecimentos</b>	<b>Área (ha)</b>
<b>Lavoura temporária</b>	811	28 119
<b>Pecuária e criação de outros animais</b>	716	28 732
<b>Lavoura Permanente</b>	25	487
<b>Horticultura e Floricultura</b>	54	246
<b>Produção Florestal de Florestas Plantadas</b>	18	374
<b>Produção Florestal de Florestas Nativas</b>	13	188
<b>Aquicultura</b>	4	15
<b>TOTAL</b>	1641	58 161

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário (2006).

Org: KUHN, C. (2013).

De acordo com dados da SEAB (Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Paraná), com base nos levantamentos agrícolas municipais (2006), os produtos da lavoura temporária tiveram uma participação significativa no Valor Bruto da Produção Agropecuária Municipal com destaque para a soja (20%), milho (16%), leite (11%), boi gordo (7%), fumo (6%) e demais produtos (42%).

Desse modo, a distribuição da população ocupada no município vincula-se, principalmente, às atividades agrícolas, como demonstram os dados da tabela abaixo.

**Tabela 9** - Laranjeiras do Sul: distribuição da população ocupada por grandes grupos de ocupações em 2010

<b>Seção de atividade</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	3372	22,8
Indústrias extrativas	80	0,2
Indústrias de transformação	1 042	7,1
Eletricidade e gás	115	0,8
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	89	0,6
Construção	1 293	8,8
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	2 553	17,3
Transporte, armazenagem e correio	514	3,5
Alojamento e alimentação	297	2,0
Informação e comunicação	273	1,8
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	102	0,7
Atividades imobiliárias	12	0,1
Atividades profissionais, científicas e técnicas	364	2,5

Atividades administrativas e serviços complementares	278	1,9
Administração pública, defesa e seguridade social	722	4,9
Educação	984	6,7
Saúde humana e serviços sociais	288	2,0
Artes, cultura, esporte e recreação	145	1,0
Outras atividades de serviços	399	2,7
Serviços domésticos	1.215	8,2
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-
Atividades mal especificadas	682	4,6
<b>Total</b>	<b>14.768</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Censo IBGE- 2010.

**Org:** KUHN, C. (2013).

A distribuição das pessoas ocupadas por seção de atividades revelou que a agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura são responsáveis por 22,8% do total de ocupações do município e se somado o comércio e a reparação de veículos automotores e motocicletas, este percentual atinge os 40,1% do total da população ocupada no município.

No que diz respeito ao Índice de Desenvolvimento Humano municipal de Laranjeiras do Sul, apresentado em 2000, era de 0,75, número bem próximo ao do estado do Paraná que foi de 0,78.

No entanto, de acordo com dados do censo do IBGE de 2010, Laranjeiras do Sul está passando por uma modificação no que se refere a sua estrutura demográfica. Entre o ano 2000 e 2010 ocorreu um aumento na população idosa do município, crescendo em média 3,2% ao ano, representando em 2010, 11,4% do total da população. O segmento etário entre 0 e 14 anos apresentou uma taxa de crescimento negativo. Em 2000 eles detinham 32,2% do contingente populacional e em 2010 este grupo reduziu-se a 25,2%. A faixa etária populacional que apresentou maior crescimento foi a de 15 a 59 anos, com uma taxa de crescimento de 0,94% ao ano, representando, em 2010, 63,5% da população do município.

Em relação à população rural do município, esta ainda precisa de uma maior atenção dos órgãos públicos para a melhoria da sua qualidade de vida. De acordo com o censo do IBGE (2010), cerca de 90% dos estabelecimentos rurais não possuem coleta de lixo e nem rede de esgotamento sanitário adequado. Nesse sentido, é preciso ressaltar a necessidade da demanda desses serviços básicos no campo, tendo em vista a mudança no padrão de consumo da população rural que também tem acesso aos produtos industrializados no espaço urbano.

Quanto aos níveis de pobreza, vale ressaltar de acordo com os resultados do último Censo Demográfico (2010), que 6,1% da população do município vivia em condições de extrema pobreza. Desse percentual, o maior número encontra-se na área rural: 8,6% na área

rural contra 5,6% na área urbana. A taxa de analfabetismo das pessoas de 10 anos ou mais era de 7,6%. A maior taxa é encontrada na área rural com 9,7% contra 7,2% na área urbana.

Diante do que foi exposto, observamos que a partir da década de 1980 e, principalmente, após 1990, a maior parte da população de Laranjeiras do Sul passa a residir no espaço urbano. A partir daí, podemos perguntar como o desenrolar desse processo influenciou nas formas de sociabilidade e nos espaços de lazer frequentados pela juventude rural dessa geração e, em que medida essas transformações contribuíram para as características encontradas na juventude rural atual. Será que a constituição de um espaço urbano, em constante processo de crescimento em Laranjeiras do Sul, teria trazido novos elementos culturais para a juventude local? Até onde essas relações influenciaram a juventude rural?

Ainda, como podemos verificar, a agricultura aparece como uma atividade de extrema importância econômica no município de Laranjeiras do Sul desde o início do seu povoamento. A agricultura familiar ganha destaque dentro desse contexto. Essa discussão se faz relevante para pensarmos como a juventude rural veio se relacionando e se constituindo com os processos mais amplos que, ao longo do tempo, transformaram o espaço rural laranjeirense. Assim, podemos lançar algumas questões: Até que ponto a modernização da agricultura e a diminuição da população rural influenciou ou influencia no modo de viver, nas práticas de sociabilidade, nos espaços de lazer, na constituição de suas identidades, territorialidades, da juventude rural desse lugar? Como as relações entre o espaço rural e o espaço urbano ao longo do tempo influenciaram nas vivências e práticas socioespaciais dessa categoria social?

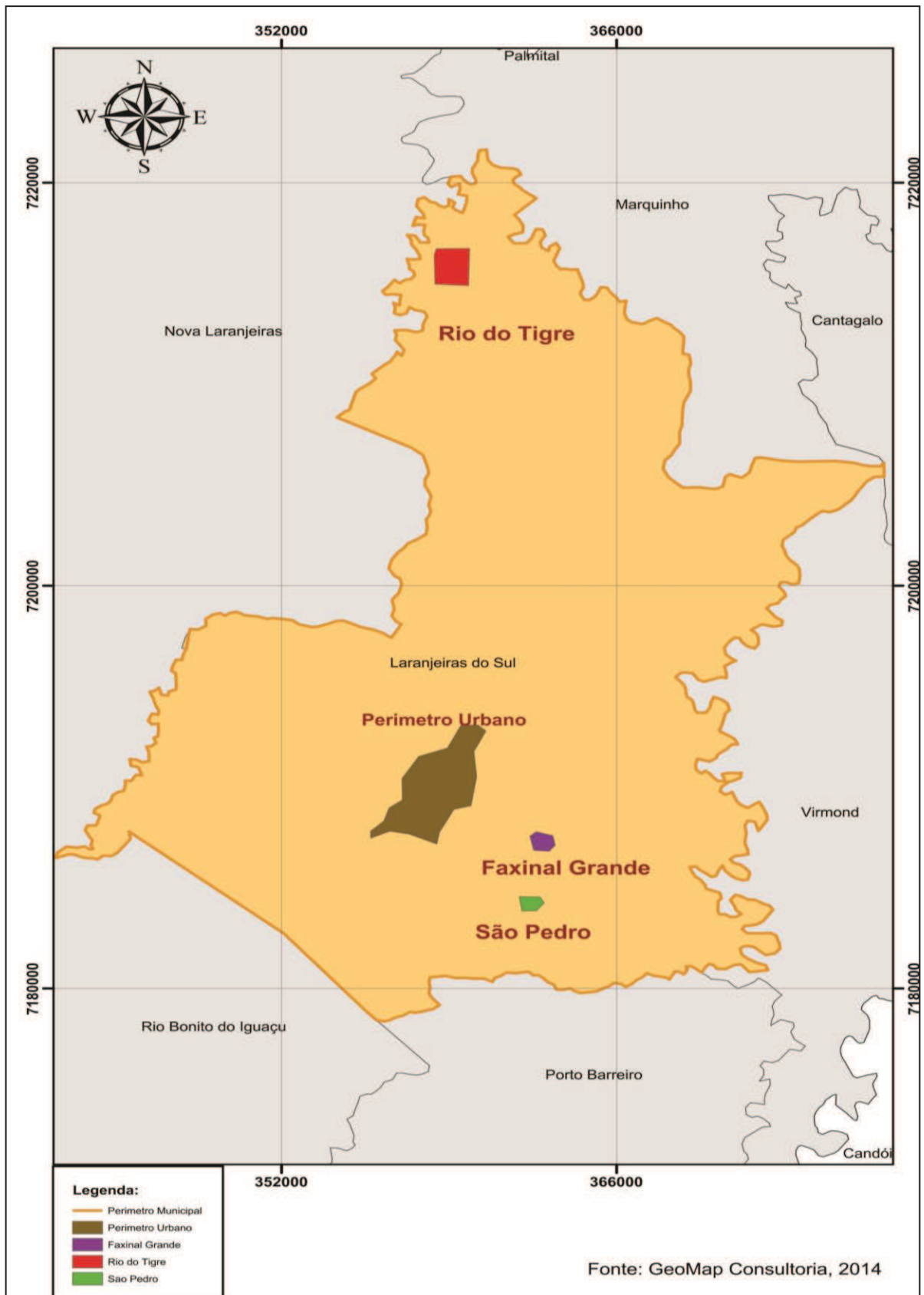
Esperamos responder essas questões e outras mais, levando em consideração os elementos apresentados e, a partir do entendimento da trajetória de vida desses sujeitos ao longo do tempo por meio dos dados obtidos ao longo da pesquisa.

### **3.3. Caracterização das comunidades estudadas<sup>19</sup>**

Para desenvolver a pesquisa, elegemos como recorte espacial três comunidades rurais do município de Laranjeiras do Sul: Rio do Tigre, São Pedro do Interior e Faxinal Grande. No mapa 3 é possível visualizar a localização das três comunidades estudadas.

---

<sup>19</sup> Os dados apresentados sobre as três comunidades nessa parte do trabalho, foram obtidos por meio das conversas informais com os moradores e com a juventude rural desses lugares durante a realização da Observação Participante. À medida que tínhamos acesso a essas informações, anotamos tudo em nosso diário de campo. Ao fim da coleta de dados e da realização das entrevistas organizamos os resultados de modo a dar uma noção mais geral ao leitor (a) de como são organizadas as comunidades e o que possuem em termos de infraestrutura.



**Mapa 3:** Laranjeiras do Sul: localização das comunidades rurais pesquisadas.  
**Org:** KUHN, C. (2013).

Durante a pesquisa de campo, por meio do contato com as pessoas das comunidades e com a juventude rural de cada uma delas, foi possível levantar algumas características importantes sobre esses lugares. Vale lembrar ainda, que nas três comunidades predominam propriedades que desenvolvem agricultura do tipo familiar (conforme classificação – Lei nº11326 de 2006).

A comunidade do Rio do Tigre está localizada na direção norte do município de Laranjeiras do Sul, a cerca de 38 quilômetros da área central, como podemos verificar no mapa 3. A comunidade possui 78 famílias e, em sua maioria, produtores familiares. As atividades desenvolvidas nas propriedades estão voltadas para a produção de fumo, milho para o consumo e venda do excedente, produção de leite para venda, o qual é responsável por grande parte da renda mensal das famílias e é vendido para um laticínio do município de Cantagalo, além de pequenas criações de animais para consumo e eventuais vendas.

A comunidade possui um grupo de mulheres, organizadas em um Clube de mães, por meio do qual fazem reuniões mensais e buscam cursos de aperfeiçoamento junto a prefeitura municipal, principalmente, voltados à área de reaproveitamento de alimentos e artesanato. Os homens, em sua maioria, participam de uma Associação de Moradores, por meio da qual conseguem adquirir equipamentos para o desenvolvimento de suas atividades na agricultura.

Uma das dificuldades encontradas pelas pessoas da comunidade diz respeito à precariedade das estradas que ligam o município até as residências. A grande maioria das pessoas, mesmo as que possuem carro, utiliza como meio de transporte até Laranjeiras do Sul um ônibus particular que faz o trajeto todos os dias.

Em termos de infraestrutura, na sede da comunidade encontramos a igreja (Figura 1), um pavilhão de festas (Figura 2) e um campo de futebol mais ou menos conservado (Figura 3). O local ainda conta com um posto de saúde. Este funciona todas as tardes, sendo que nas quartas-feiras o atendimento é realizado o dia todo, tendo um médico no período da manhã e um dentista no período da tarde para atenderem a população local. Existe ainda um pequeno centro comercial, que revende produtos de primeira necessidade para a população (principalmente alimentos). Em relação aos meios de comunicação, as pessoas têm acesso a celular pela operadora Oi, televisão e acesso às rádios AM de Laranjeiras do Sul e algumas FM.





Figura 1 – Igreja da comunidade Rio do Tigre  
Autora: Kuhn, C. (2013)



Figura 2 – Pavilhão de festas da comunidade Rio do Tigre.  
Autora: Kuhn, C. (2013)



Figura 3 – Campo de futebol da comunidade Rio do Tigre  
Autora: Kuhn, C. (2013)

Todas as famílias possuem energia elétrica em suas residências. Na comunidade ainda existe um Telecentro, com alguns computadores que dão acesso a internet. Segundo os moradores, este estava em funcionamento até o final do ano passado. Havia uma estagiária contratada pela prefeitura que ministrava cursos básicos de informática as crianças e jovens da comunidade. No entanto, agora ele encontra-se desativado com apenas algumas máquinas em funcionamento.

As crianças da comunidade estudam na escola municipal que funciona no mesmo prédio do Colégio Estadual do Campo Professor Valmir Nunes. Este último atende as turmas do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e as turmas do Ensino Médio, com 56 alunos no total. Os professores que trabalham no Colégio residem em Laranjeiras dos Sul e deslocam-se todos os dias até a comunidade para atender aos alunos, não sendo necessário, esses últimos virem até a cidade para estudar. Ele possui uma infraestrutura considerada boa e uma quadra de esportes coberta (Figura 4), que além de ser utilizada pelos alunos também é aproveitada para a prática de esportes nos finais de semana pela comunidade local.



Figura 4 – Quadra de esportes do Col. Estadual do Campo Professor Valmir Nunes na comunidade Rio do Tigre  
Autora: Kuhn, C. (2013)

Já as comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande estão localizadas na direção sudeste do município acerca de 10 e 7 quilômetros da área central, respectivamente. As duas comunidades estão localizadas próximas uma da outra e possuem características semelhantes em vários aspectos.

A comunidade São Pedro do Interior possui 20 famílias e a comunidade do Faxinal Grande possui 28, todas consideradas propriedades familiares. A principal atividade desenvolvida nas propriedades é a produção de leite para a venda (empresa Frimesa, BRF e Cooperativa Corlaf), plantação de fumo, milho e soja.

Assim como a Comunidade do Rio do Tigre, estas duas também possuem Clube de mães, da qual participam as mulheres da comunidade e realizam cursos de artesanato e aproveitamento de alimentos. Ambas, possuem uma Associação de Moradores e por meio de suas reuniões mensais, buscam recursos para compra de máquinas agrícolas para o uso dos moradores.

Em termos de infraestrutura, o acesso às duas comunidades é melhor se comparada a comunidade apresentada anteriormente, com estradas em melhores condições. No entanto, na sede de cada uma delas existe apenas a igreja, pavilhão e um campo de futebol em condições de uso ruins (Figuras 5, 6 e 7). Quando os moradores precisam de atendimento médico precisam deslocar-se até o posto de saúde localizado na área central do município. As crianças

e jovens também estudam em colégios localizados na cidade, pois não existem mais escolas nessas áreas rurais.



Figura 5 – Igreja e o pavilhão de festas (aos fundos) da comunidade Faxinal Grande.  
Autora: Kuhn, C. (2013)



Figura 6 – Igreja da comunidade São Pedro do Interior  
Autora: Kuhn, C. (2013)



Figura 7 – Vista parcial do pavilhão da comunidade São Pedro do Interior (Aos fundos o campo de futebol)

Autora: Kuhn, C. (2013)

Todos os moradores possuem energia elétrica, televisão, acesso a celular (operadoras da Tim, Vivo e Claro), a sintonia das rádios AM e FM funcionam bem e algumas residências já possuem acesso a *internet*. A proximidade com a cidade facilita o deslocamento das pessoas até o centro, o qual é feito por meio de veículo próprio<sup>20</sup> sempre que necessário.

Vale ressaltar, que outras características dessas três comunidades ficarão evidentes no decorrer da apresentação dos resultados da pesquisa.

---

<sup>20</sup> Apenas duas famílias na comunidade São Pedro do Interior não possuem carro. Quando precisam deslocar-se vão de carona com os vizinhos ou ainda utilizam o transporte escolar que leva as crianças e jovens para a escola urbana.

## CAPITULO IV

### JUVENTUDE RURAL E A TRANSFORMAÇÃO DOS ESPAÇOS DE LAZER: INTERPRETANDO A SOCIABILIDADE JUVENIL E SUAS TERRITORIALIDADES

*“(...) Ah, nós jogávamos bola, saía dançar baile, tudo o que tivesse de divertimento por aqui. Jogava bocha. Tinha jogo de bocha aqui também. Tinha uma bodega ali, aí tinha cancha e nós jogávamos no fim de semana, ia jogar bola, dançar baile fora”.*

(Entrevistado da geração de 1980 – Comunidade Rio do Tigre)

*“(...) Não tinha muitas coisas para nós. Tinha a igreja, ou era sarauzinho, ou era jogo de futebol. Essa era a nossa diversão naquela época. A gente saía em torneio fora, mas isso era difícil. Mais era igreja mesmo, jogo de futebol nas comunidades e sarauzinho que a gente inventava ali com um toca disco, toca fita. A gente se divertia aos domingos”.*

(Entrevistada da geração de 1980 – Comunidade São Pedro do Interior)

*“(...) Mas olha, nos finais de semana... primeiramente a gente, depois das tarefas nos domingos, a gente vai à igreja rezar, agradecer a Deus pela semana que teve e tudo. Daí depois, a gente pode jogar uma bola à tarde, ou sair, às vezes, em alguma festa nas comunidades. Nos finais de semana algum baile que a gente vai também com os amigos, aqui no interior, às vezes na cidade ou num município vizinho”.*

(Entrevistado da geração atual – Comunidade Faxinal Grande)

A partir desses três trechos, retirados de duas das entrevistas realizadas com a juventude rural da geração de 1980 de Laranjeiras do Sul e de uma da atual, é possível imaginar o que pretendemos apresentar nesse capítulo. Nossa intenção é tentar mostrar as transformações que foram sendo engendradas nesse lugar, bem como os principais espaços/tempo de lazer e sociabilidade vivenciados pela juventude rural a partir da década de 1980 até hoje. O objetivo aqui é falar sobre as formas de sociabilidade praticadas por estes/estas jovens, seus espaços, tempos, conflitos, territorialidades e como estas foram sendo modificadas ou não, ao longo do tempo. Para isso, a discussão será dividida em dois momentos.

No primeiro deles, buscamos reconstruir as práticas sociais ligadas ao lazer, desenvolvidas pela juventude rural da geração de 1980. A intenção é tentar mostrar e reconstruir na medida do possível os espaços de sociabilidade e diversão disponíveis para essa

categoria social em épocas passadas, quando a realidade socioeconômica do município e das comunidades estudadas era diferente do que encontramos hoje. Ao mesmo tempo, esta discussão busca dar uma dimensão de como era a realidade de vida dos/das jovens rurais que vivenciaram diferentes experiências nesse período, as referências culturais que tinham a disposição para a construção de suas identidades, como ocorria a constituição de suas redes de amizade e sociabilidade, quais eram suas possibilidades e projetos de futuro em um lugar que, de certa forma, encontrava-se “limitado” naquilo que se refere às relações estabelecidas com outros lugares e o que havia a disposição em termos de informação e tecnologias, como veremos a seguir.

Em um segundo momento, a discussão está voltada a juventude rural da geração atual. O objetivo é abordar quais os espaços de lazer e sociabilidade frequentados e vividos pela juventude rural no campo e na cidade, como constroem suas redes de sociabilidade e amizade com jovens rurais e urbanos, como elaboram suas identidades e suas territorialidades na vivência com seus grupos de pares e, ainda, quais as transformações engendradas nesse lugar ao longo do tempo e quais suas expectativas em relação aos seus projetos de futuro.

Esses dois momentos propostos, primeiramente, para a juventude rural da geração de 1980 e, depois para a juventude rural atual, tem em comum o fato de se passarem nas mesmas comunidades rurais, no entanto, em tempos distintos. Apesar da referência espacial ser a mesma, existe uma série de diferenças que permeiam o entendimento dessa categoria social para além da diferença temporal, como veremos adiante.

Nesse capítulo, também queremos explorar a hipótese principal do nosso trabalho, qual seja, que as transformações, em termos tecnológicos, bem como a própria dinâmica da população tenham alterado de alguma maneira os espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural. Partimos do pressuposto de que essas transformações explicam muitas das modificações nas relações socioespaciais da juventude rural ao longo do tempo, tanto no campo como na cidade, afetando diretamente na construção de seus grupos de amizade, nos espaços de sociabilidade e nas suas territorialidades.

Acreditamos ainda, tal como Turra Neto (2008), que em cada período histórico o lugar foi oferecendo contextos diferentes para a realização da juventude, na medida em que foram sendo inseridos novos meios de comunicação, transportes, tecnologias e equipamentos para a realização das atividades laborais no campo e pelo próprio estreitamento das relações campo-cidade e a efetivação de uma sociedade urbana em Laranjeiras do Sul, que na década de 1980 ainda estava em fase embrionária.

À medida que esses processos foram sendo aqui engendrados, supomos ter ocorrido uma ampliação da vida de relações no município e também do/no campo, na qual novas conexões e desconexões foram estabelecidas com outros espaços, lugares e pessoas (TURRA NETO, 2008). Essa pluralidade de relações alterou de forma significativa os espaços de lazer, sociabilidade, rede de amizades, as territorialidades e as referências culturais disponíveis para a constituição das identidades, visões de mundo e projetos de futuro da juventude rural atual, quando analisada em relação à geração de 1980.

Por meio do levantamento teórico realizado, das entrevistas a partir da História Oral com as duas gerações da juventude rural, pela Observação Participante e a realização dos Grupos Focais, esperamos apresentar aspectos da constituição desse lugar pela própria trajetória de vida dos sujeitos da pesquisa e verificar até que ponto nossa linha de pensamento sobre tais questões se confirma ou não.

#### **4.1. Espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural laranjeirense na década de 1980**

Como vimos na discussão apresentada sobre a constituição histórica e geográfica de Laranjeiras do Sul, durante muitas décadas este lugar foi marcado eminentemente por uma vida atrelada ao rural. Entretanto, muitos processos ocorridos no município entre as décadas de 1980-2000, como os sucessivos desmembramentos territoriais para a formação de novos municípios, a vinda de colonos imigrantes dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul para essa região, o processo de modernização da agricultura, a saída da população rural em direção à cidade, criação de alguns assentamentos, entre outros fatores, contribuíram sobremaneira para uma intensa dinâmica populacional. Somente a partir do final de 1990 e início do ano 2000 que esta situação irá se estabilizar e Laranjeiras do Sul passa a ter maior parcela da população vivendo no espaço urbano.

Muitas dessas transformações foram vivenciadas pela juventude rural da década de 1980, justamente pela época em que ocorreram. As entrevistas realizadas com as pessoas pertencentes a esta geração, seus relatos e trajetórias de vida, trouxeram à tona elementos importantes que nos permitem aprofundar um pouco mais a discussão sobre esses processos.

Das sete entrevistas realizadas nas três comunidades, apenas uma entrevistada não é natural de Laranjeiras do Sul, mas veio para cá ainda criança. Dessa forma, todos os relatos apresentaram informações importantes sobre como era a área rural do município nesse período, como veremos em seguida. Vale ressaltar, antes disso, que os entrevistados/as da



geração de 1980 nos permitiram ainda conhecer, mesmo que de forma não tão efetiva, alguns aspectos dos espaços de lazer e sociabilidade vividos pela juventude rural em anos anteriores a década de 1980 até o início da década de 1990. Isso foi possível devido a diferença de idade das pessoas envolvidas no trabalho, o que de modo algum apresentou-se como problema, mas sim como uma oportunidade de entendermos melhor esse contexto.

Além das entrevistas darem voz a tais sujeitos, possibilitando-os, por meio dos seus relatos, falar sobre os vários processos que se engendraram nesse lugar, as formas e práticas de sociabilidade, as conexões e desconexões da juventude rural do período, também proporcionou aos entrevistados traçar um panorama a respeito da juventude rural atual, tendo em vista que seus filhos estão vivenciando esta experiência nesse momento.

O Sr. José<sup>21</sup> nasceu em 1955 e sempre morou em Laranjeiras do Sul. Passou o período da infância e vivenciou sua juventude na comunidade Rio do Tigre, onde mora até hoje. É filho de uma família de cinco irmãos. Seu pai sempre foi agricultor e sua mãe professora. Sua família sempre esteve ligada à comunidade e desempenharam um papel importante na constituição desse lugar. A sede da comunidade, inicialmente esteve localizada próxima à residência de seus pais, havia uma igreja e uma escola que foi construída pelo seu pai. De início, as crianças eram atendidas por um professor, que veio a falecer tempo depois. A infância do Sr. José é marcada por um tempo difícil, em que as dificuldades para estudar eram grandes, tanto que conseguiu terminar a quarta série do antigo primário quando já tinha lá seus 16 para 17 anos de idade, tendo sua mãe como professora.

Ele sempre ajudou seu pai nos trabalhos da roça. Na época, plantavam de 60 até 70 alqueires de milho e criavam porcos para engorda. Conforme seu relato, os porcos eram criados soltos e depois de prontos para o abate eram vendidos na cidade. Também criavam gado, que era comercializado com compradores do município de Corbélia e Quedas do Iguaçu. No início, o transporte era feito todo a cavalo, levando o gado tocado. A atividade pecuária constituía-se em uma importante fonte de renda para a família e somente mais tarde, com a melhora das condições das estradas, o transporte passou a ser feito com caminhões<sup>22</sup>. A partir da figura 8, podemos imaginar como era essa atividade na propriedade.

---

<sup>21</sup> Sr. José, entrevistado pela autora no dia 1 de maio de 2013, em sua residência, na comunidade do Rio do Tigre. Vale lembrar que o nome do entrevistado é fictício, assim como dos demais entrevistados pertencentes a geração de 1980 como já salientamos na introdução. Nos trechos/fragmentos das entrevistas seu nome será representado pela letra "J".

<sup>22</sup> Como vimos no capítulo anterior, a criação de suínos foi uma atividade econômica importante para o município em anos anteriores a 1940. No entanto, ela não veio a perder seu significado econômico como destacado na literatura pois continuou como uma importante fonte de renda para os agricultores ainda no decorrer de 1970, conforme relato do entrevistado.



Figura 8 - Criação de porcos na propriedade da família do Sr. José, na comunidade Rio do Tigre, provavelmente no final da década de 1960.  
Fonte: Arquivo pessoal do Sr. José<sup>23</sup>.

Esta atividade econômica também era importante para outras famílias da comunidade, como ficou evidente nos relatos da Sra. Lúcia<sup>24</sup> e Sra. Glória<sup>25</sup>, as quais afirmaram que seus pais também criavam animais nas propriedades para comercialização.

De acordo com os relatos do Sr. José e da Sra. Glória, a comunidade foi centralizada onde está hoje há cerca de 20 anos atrás. Quando jovem, a Sra. Glória lembra que havia apenas uma igreja e um pavilhão de madeira. O acesso à cidade era muito difícil, as estradas eram ruins e poucas famílias possuíam carros. O deslocamento era feito primeiramente por uma “rural” e só mais tarde o transporte foi facilitado pela instalação de uma linha de ônibus.

Outro aspecto sobre a comunidade apresentado em comum nas entrevistas, é que na década de 1980 havia uma grande quantidade de pessoas vivendo nesse lugar, algo em torno de 140 famílias, todas numerosas e muito participativas. Em um fragmento da entrevista da Sra. Lúcia isso ficou bem evidente.

[...] tinha gente que vinha a cavalo, de longe e vinham participar do culto, da missa e outros vinham até de carroça. Pnhavam a família, que era bastante. Eles enchiam aquela carroça em dia de missa e iam para a igreja de carroça. A igreja ficava cheia.

<sup>23</sup> Todas as figuras fornecidas pelo Sr. José possuem autorização do mesmo para serem publicadas nesse trabalho.

<sup>24</sup> A Sra. Lúcia, nasceu em maio de 1971 na cidade de Laranjeiras do Sul e sempre morou na comunidade do Rio do Tigre. Foi entrevistada pela autora, no dia 14 de maio de 2013, nas dependências do Colégio Estadual do Campo Professor Valmir Nunes. Nos trechos/fragmentos das entrevistas seu nome será representado pela letra “L”.

<sup>25</sup> A Sra. Glória, nasceu em junho de 1965 na cidade de Laranjeiras do Sul e sempre morou na comunidade do Rio do Tigre. Foi entrevistada pela autora, no dia 14 de maio de 2013, nas dependências do Colégio Estadual do Campo Professor Valmir Nunes. Nos trechos/fragmentos das entrevistas seu nome será representado pela letra “G”.

As entrevistas realizadas com pessoas da geração de 1980, das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande, também contribuíram para dar uma dimensão de como era a área rural de Laranjeiras do Sul. A Sra. Regina<sup>26</sup> sempre viveu na comunidade São Pedro do Interior e desde criança ajudava seus pais no trabalho da lavoura. Segundo ela, a comunidade surgiu na década de 1970, quando um morador do lugar, seu Júlio Kranz, construiu uma pequena capela no local onde hoje é a sede da comunidade. Anteriormente as pessoas participavam socialmente e religiosamente das comunidades vizinhas do Faxinal Grande e Erval Grande. A partir da construção dessa igreja, as pessoas do lugar passaram a reunir-se para rezar o terço e mais tarde passou-se a realizar cultos católicos aos domingos. Com o passar do tempo, foi construída uma escola, na qual as crianças da comunidade passaram a estudar, e também um pavilhão pequeno, de madeira, onde eram realizadas as festas da comunidade. Para ela, a comunidade sempre foi um *“lugar bonito, ajeitado e bom de viver”*.

O Sr. Nestor<sup>27</sup> também passou sua infância e juventude nessa comunidade. Seus pais sempre trabalharam na agricultura. Mas ele teve que assumir a responsabilidade de cuidar da propriedade aos 17 anos, quando seu pai veio a falecer. Junto com sua mãe e irmãos plantavam milho, feijão e possuíam algumas vacas de leite. O trabalho na lavoura era difícil, não havia máquinas e implementos, sendo o plantio e a colheita realizados todo de forma manual.

Assim como a Sra. Regina, o Sr. Nestor também comentou as dificuldades enfrentadas pelas pessoas nesse período. Eram tempos difíceis, as estradas eram ruins e como ele mesmo relatou: *“[...] todo mundo ia pra cidade de carroça, a cavalo [...] quando chovia principalmente, era bicho feio!”*. Na época os agricultores dificilmente deslocavam-se até a cidade. Apenas quando era necessário. Como poucas pessoas possuíam automóveis, o principal meio de transporte era a cavalo ou de charrete. Era no lombo dos animais que os produtos eram levados até a cidade e, assim também traziam as mercadorias necessárias para o consumo da família. O contato com a área central da cidade era bastante limitado.

Da comunidade, ele se lembra da escola onde estudou com seus amigos quando criança. Já da sua juventude, recorda que havia muitas famílias, todas participativas e o

---

<sup>26</sup> A Sra. Regina nasceu em novembro de 1961 na cidade de Laranjeiras do Sul e sempre morou na comunidade São Pedro do Interior. Foi entrevistada pela autora no dia 24 de abril de 2013 em sua residência. Nos trechos/fragmentos das entrevistas seu nome será representado pela letra “R”.

<sup>27</sup> O Sr. Nestor nasceu em setembro de 1964 na cidade de Laranjeiras do Sul e sempre morou na comunidade São Pedro do Interior. Foi entrevistado pela autora no dia 22 de abril de 2013 em sua residência. Nos trechos/fragmentos das entrevistas seu nome será representado pela letra “N”.

domingo era marcado pelo encontro com os vizinhos na igreja, no campo de futebol e no pavilhão da comunidade.

De encontro a esses relatos também se fazem pertinentes as entrevistas de duas pessoas da comunidade de Faxinal Grande, os quais fazem considerações importantes sobre a comunidade e a área rural do município.

O Sr. Heitor<sup>28</sup> nasceu em setembro de 1963 e sempre morou na área rural de Laranjeiras do Sul. Primeiramente, sua família morava na comunidade do Km 130, onde tinham algumas vacas de leite e vendiam o produto na cidade. A entrega era feita de charrete e a cavalo. Nessa época, de acordo com o Sr. Heitor, Laranjeiras do Sul era uma cidade pequena, com poucos moradores e havia uma única rua asfaltada, onde hoje se localiza a Rua Marechal Cândido Rondon. Conhecia praticamente todos os moradores da cidade. Mais tarde, sua família passou por dificuldades financeiras, devido a uma crise no preço dos produtos agrícolas, e seu pai acabou vendendo a propriedade para quitar uma dívida com o Banco do Brasil. Durante muito tempo trabalharam como arrendatários até adquirir dinheiro para comprar um novo terreno. Por volta de 1985, seu pai comprou um terreno de 5 alqueires na comunidade do Faxinal Grande. Quando chegaram à comunidade, o lugar era muito diferente dos dias atuais e o trabalho na propriedade era todo manual conforme nos relatou em trecho da entrevista:

**H-** [...] limpávamos o feijão e todo o milho na enxada e carpideira, não tinha defensivo agrícola, herbicida. Era tudo na enxada! Era bem diferente naquela época, o jeito de trabalhar. E daí, depois de um tempo, a gente começou... bom, naquela época era plantado o feijão tudo com maquininha de mão, matacra não é! Depois a gente pegou uma plantadeira de tração animal, depois a gente comprou o tratorzinho e foi modificando o jeito de trabalhar. E daí, aqui no Faxinal Grande naquela época, era... o clima era mais frio, sabe! Dava bastante geadas, geadas fortes em setembro, outubro, matava até as caneleiras e coisas. Era forte mesmo, as geadas. E daí, a gente foi trabalhando aqui e o clima também foi mudando. É... tinha muito mato aqui, aqui em roda da capela tinha bastante mato, tinha pinheiro. Aqui do outro lado, tinha um mato dos Bortolotto, era tapado de mato, de pinheiro. Hoje não tem mais aqui. Aqui do outro lado, também era potreiro e mato, e hoje tá tudo lavoura e foi modificando não é!

Na comunidade havia muitos moradores, as famílias eram numerosas, com oito, dez filhos. Essa quantidade de filhos marcava a presença de um grande número de jovens na comunidade. Eram todos pequenos agricultores que viviam do trabalho na lavoura. O pavilhão da comunidade era, inicialmente, de madeira e chão batido. Mais tarde, foi construído um novo. Na época, o Sr. Heitor lembra que a “piaçada” adorava jogar futebol,

---

<sup>28</sup> O Sr. Heitor foi entrevistado pela autora no dia 24 de abril de 2013, em sua residência, na comunidade de Faxinal Grande. Nos trechos/fragmentos das entrevistas seu nome será representado pela letra “H”.

mas não havia nenhum espaço apropriado para essa atividade esportiva, “[...] a gente brincava ali atrás da igreja, num campinho pequeno que a gente fazia ali [...]”.

A imagem da comunidade com essas características, também tomou forma nas lembranças da Sra. Mariana<sup>29</sup>. Ela veio morar na comunidade quando tinha três anos de idade. Seus pais moravam em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul e adquiriram uma propriedade de 29 alqueires na comunidade do Faxinal Grande. Desde pequena sempre ajudou seus pais no trabalho na lavoura:

**M** - [...] A partir dos sete, oito anos ali, já trabalhava na enxada, na foice. Pouco, mas o que a gente podia, fazia. Ajudava a cuidar da criação, sempre tinha não é! Porco, gado, ovelha, cabrito, galinha. Então, a gente se criou trabalhando desde cedo, ajudando em tudo que o pai fazia, a mãe fazia. Tirar o leite. Nós ajudávamos, crescemos assim até a juventude.

Da sua infância, lembra da escola que havia na comunidade. Era uma construção grande, de madeira, onde todas as turmas estudavam juntas na mesma sala e havia uma única professora para atender todos os alunos. Estudou até a 4ª série do antigo primário. Eram muitas crianças e o domingo era esperado para poderem brincar, antes e depois do culto. A igreja era antiga e de madeira, pequena e com uma calçada ao entorno. Havia muitas famílias, conforme o Sr. Heitor também relatou. A ida para a cidade era muito difícil. Além de as estradas apresentarem condições ruins, as pessoas não tinham como se deslocar. O meio de transporte era a carroça com os bois ou cavalo com charrete. O automóvel só vai surgir na comunidade na sua juventude.

Por meio desses relatos podemos pontuar algumas coisas importantes sobre a área rural de Laranjeiras do Sul que apareceram em comum nas trajetórias de vida dos entrevistados. A memória deles/as possibilitou articular o tempo e o espaço a partir das suas experiências vividas nesses lugares (CARLOS, 1996) e demonstrar como o passado deixou presente no espaço alguns traços materiais e imateriais que caracterizam as suas identidades com o lugar.

As comunidades possuíam muitas famílias, constituídas por pequenos produtores rurais que desenvolviam uma prática agrícola de subsistência e o trabalho era realizado de forma manual. A infraestrutura dos lugares era bastante precária, com dificuldades de acesso até a cidade devido, principalmente, às más condições das estradas. O meio de transporte utilizado era com tração animal ou a pé. Os relatos mostraram que as comunidades possuíam

---

<sup>29</sup> A Sra. Mariana nasceu em março de 1968, na cidade de Jacuizinho (hoje município Campos Borges), no Estado do Rio Grande do Sul. Foi entrevistada pela autora no dia 02 de maio de 2013, em sua residência. Nos trechos/fragmentos das entrevistas seu nome será representado pela letra “M”.

em sua sede apenas uma igreja, um pavilhão de festas e uma escola. Esses objetos reforçam o sentimento de pertencimento dos entrevistados ao lugar, assim como reforçam a ideia de uma unidade territorial, tendo em vista que representam uma centralidade no espaço vivido das pessoas da comunidade e marcaram a infância e a juventude dessa geração (HOLZER, 1999).

Nesse período Laranjeiras do Sul possuía fortes características de uma vida eminentemente rural. Os relatos demonstram a construção particular de um lugar com pouca densidade técnica, que acabava por determinar os ritmos de vida e as relações de trabalho. É nessa conjuntura social e econômica que a geração de 1980 vivenciará diferentes espaços de lazer e práticas de sociabilidade. Como veremos, com o passar do tempo, esses lugares vão passando por uma série de transformações que lhe dão contornos específicos e que, aos poucos, vão criando condições para novas práticas socioespaciais da juventude rural de Laranjeiras do Sul.

O Sr. José vivenciou sua juventude no transcorrer da década de 1970 e participou de vários espaços de lazer e diversão, a partir de uma rede de amizade constituída na comunidade Rio do Tigre. Os seus finais de semana eram marcados por partidas de futebol, jogos de bocha na cancha da comunidade, rodeios, bailes e festas realizadas, principalmente, nas comunidades vizinhas. O tempo destinado ao lazer era restrito aos finais de semana. Como sempre ajudou seu pai, nas atividades da lavoura, durante a semana o tempo era destinado ao trabalho e, dificilmente saía de casa para fazer “algo diferente”. Já o final de semana era um momento muito esperado por ele e seus amigos.

Na época, o Sr. José possuía uma rede de amizade composta por parentes e vizinhos com os quais sempre se relacionava. Nos domingos os/as jovens da comunidade iam até a igreja participar do culto e depois seu grupo de amigos reunia-se para combinar o que fariam no próximo final de semana, se iriam a uma festa ou baile, torneio ou mesmo a algum rodeio.

Um trecho da sua narrativa nos dá um panorama de como eram seus finais de semana e os lugares que frequentava:

**C<sup>30</sup>** - Na época seu José, o senhor tinha um grupo de amigos com quem o senhor saía junto? Como vocês iam para esses lugares?

**J** - Ah, nós tínhamos um grupo bom, de 18 ou 20 amigos que nós íamos junto. Nós íamos de cavalo nos bailes, às vezes íamos a pé. Às vezes arrumava um carro pra ir nos bailes e assim ia a nossa vida.

**C** - E alguém tinha carro nessa época?

**J** - Quando meu pai estava aí pegava o carro dele, que o nosso era uma Picape, aí nós íamos de Picape. Aí nós tínhamos outro vizinho lá, que também tinha uma Picape, aí nós íamos com ele.

**C** - E do teu grupo de amigos seu José, do qual você fazia parte e sempre saía junto, tinha meninos e meninas também ou era mais grupo de meninos?

---

<sup>30</sup> A letra “C”, presente nos fragmentos das entrevistas corresponde a letra inicial do nome da pesquisadora responsável por realizar as entrevistas e fazer os questionamentos.

**J** - Mais, só tinha as minhas irmãs que iam. Daí tinha umas ali que às vezes iam que hoje são minhas cunhadas. Tem um que é casado com uma irmã minha, tinha as irmãs dele que iam junto com nós. Mas a maioria era piaçada. Os amigos mesmo eram homens.

**C** - Esses bailes e festas eram geralmente nos finais de semanas?

**J** - Era no final de semana, no sábado. Sempre no sábado. Às vezes nós íamos às festas aos domingos nas comunidades vizinhas...

**C** - E na época o Alto Alegre, as demais comunidades já existiam?

**J** - Tinha. Mas nós íamos mais no Guarai da Erveira, Rio da Prata, Nova Laranjeiras. Eram as comunidades mais perto que nós íamos, tinha o Divisor. Eram as comunidades que mais faziam festas.

**C** - E na época, quem era o teu grupo de amigos com quem você saía?

**J** - Ah, tinha os que hoje são meus cunhados... meus amigos tinha os Duram, os Karpstein ali. Aí tinha todos os outros que trabalhavam com nós ali. Eram todos amigos nossos. Era muito divertido.

**C** - Seu José, como era na época em que o senhor saía? Os teus pais lhe davam liberdade para sair sozinho ou era sempre acompanhado por eles?

**J** - Eles davam liberdade, só que tinha hora para voltar não é! Chegava a hora, se o baile ia até meia noite, meia noite tinha que estar em casa de volta. Então era sim a nossa... eles davam liberdade, mas a hora de voltar tinha que estar ali, senão eles ficavam preocupados e iam até atrás para ver... e no outro dia para o serviço (risos), levantar cedo!

O Sr. José relatou ainda, que suas irmãs dificilmente podiam sair de casa sozinhas. Só poderiam ir até as festas e bailes se estivessem acompanhadas dele, de seus irmãos ou mesmo dos seus pais. Estes sempre o acompanhavam nesses eventos realizados nas comunidades, apesar de darem liberdade para que ele saísse sozinho com seus amigos.

Situação semelhante a essa também foi verificada por Turra Neto (2008) ao investigar a sociabilidade juvenil das pessoas pertencentes à geração de 1950, em Guarapuava. Conforme o autor, a vida social estava polarizada pela igreja católica e o tempo do lazer dos/as jovens era ritmado pelo tempo da missa, neste período. Outro ponto interessante, que se assemelha a realidade apresentada pelo Sr. José, diz respeito ao controle da família em relação a circulação das jovens, que não saiam de casa desacompanhadas, enquanto os rapazes tinham maior liberdade de circulação.

Na fala do Sr. José, os rodeios se apresentaram como um importante espaço de lazer e sociabilidade. Evento comum na época, os rodeios aconteciam não só em Laranjeiras do Sul, mas também em municípios vizinhos. Mencionou ter participado de rodeios em Quedas do Iguaçu, Cantagalo, Guarapuava e também no Rio Grande do Sul. Chegou a conquistar algumas medalhas. Contou que seu pai sempre o acompanhava. Reuniam um grupo de 10 até 20 laçadores, alguns da comunidade, outros da cidade ou ainda de outras comunidades do município. Esses eventos aconteciam geralmente nos finais de semana e era um momento importante para fazer novas amizades e conhecer pessoas de outros lugares.

Sobre os bailes, o Sr. José relatou alguns aspectos importantes acerca de como eram esses espaços:

**C** - Seu José, na época em que vocês iam aos bailes e festas no final de semana, quem frequentava esses lugares? Eram só jovens do campo, como que era?

**J** - Aqui era só do campo! Tinha o meu pai que ia junto sempre, sempre estava junto em tudo que era festa, desde jogo de bola, rodeio, baile, sempre tava junto.

**C** - E como eram esses bailes? Quem tocava e como eram as músicas que o senhor escutava na época?

**J** - Era só música gaúcha! Era Teixeira, Gildo de Freitas, Os Monarcas, tudo... tinha lá... o Adelar Bertussi (risos).

**C** - Eram as músicas que tocavam?

**J** - Era o que tocava, com gaita não é.

**C** - E o som dos lugares? Era música ao vivo?

**J** - Tinha ao vivo também, a maioria era ao vivo. Quando eu era moço, aqui no interior era música ao vivo, de gaita e violão.

**C** - Era o pessoal da comunidade que...

**J** - Era da comunidade. Agora quando era CTG, daí era conjunto do Rio Grande que vinha sempre.

**C** - E na época seu José, nas festas e nos lugares aonde vocês iam, o que vocês faziam? Nas festas, nos bailes, conversavam com os amigos, como que era?

**J** - É. A gente conversava com amigos, esperava para começar e dançar o baile. Arrumava umas namoradas por lá (risos) e ficava conversando.

**C** - E quais assuntos vocês conversavam? O senhor lembra?

**J** - Ah, sobre jogo de bola e laçada sempre. Nossas conversas era jogo de bola e laço (risos).

**C** - E vocês conversavam com jovens de outras comunidades também?

**J** - Conversava, opa! Nós éramos amigos de todo mundo, até hoje. Cada vez que a gente se encontra com esses amigos, estamos conversando. Relembrando dos tempos passados.

Nessa fala, fica evidente que o público que frequentava esses espaços era composto por pessoas que viviam no lugar ou em comunidades vizinhas. O baile era o momento em que os/as jovens rurais podiam desenvolver diversas formas de sociabilidade, conversando, dançando, rindo. As relações sociais estabelecidas ultrapassavam o limite do grupo e a amizade era comum com jovens de outros lugares. As músicas que animavam os bailes eram tocadas pelas pessoas da comunidade.

Nos bailes gostavam de dançar xote, rancheira, valsa e vaneira. As referências musicais eram cantores como *Teixeirinha*, *Gildo de Freitas*, *Adelar Bertussi* e grupos musicais como *Os Monarcas*. O contato com os lançamentos musicais do período se dava por intermédio do rádio. O Sr. José relatou que ouviam as rádios de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Mais tarde ocorreu a instalação da rádio Educadora no município e, anos depois, a rádio Campo Aberto. Era por meio delas que estavam “ligados” nas músicas que estavam sendo mais tocadas. Pelos seus apontamentos percebemos que predominava o estilo de música e dança gaúcha não apenas nos bailes, mas também no seu dia-a-dia.

Sobre a moda do período, o Sr. José relatou que ficavam sabendo o que estava sendo usado no momento quando iam até as lojas na cidade. Geralmente era sua mãe quem comprava suas roupas ou ela mesma costurava. Ele e seus amigos usavam bota e bombacha. As calças “*boca de sino*” eram usadas em casamentos ou em festas. Somente mais tarde surge a calça *jeans*.

A Sra. Glória também fez um relato importante sobre os espaços de lazer que frequentava na década de 1980. Nos domingos, sua rotina era tranquila. O ponto de encontro



dos/as jovens era a igreja. Ali era realizado o culto católico no período da tarde. Nessa época havia um grupo de jovens na comunidade do qual participavam ativamente cerca de 30 pessoas. Além de participarem da organização litúrgica da igreja, faziam brincadeiras e reuniam-se para participar de festas nas comunidades vizinhas. Após a celebração, o tempo era destinado à diversão no pavilhão da comunidade, no qual as pessoas reuniam-se, ouviam músicas gaúchas e dançavam até o final da tarde. Ela participava com seu grupo de amigas e com os outros jovens da comunidade desse momento de lazer.

Em relação às festas religiosas nas comunidades, a Sra. Glória afirmou que elas aconteciam raramente e, o principal momento de diversão da juventude rural do lugar eram os bailes, aos sábados. Ela e suas irmãs só poderiam ir aos bailes se estivessem acompanhadas de seu irmão mais velho ou na presença dos pais. Quando seus pais não podiam se fazer presentes, o pai de alguma amiga se responsabilizava por levar e trazer as jovens para casa. Comentou que nunca teve a oportunidade de sair sozinha com seu grupo de amigas. Já seu irmão, gozava de maior liberdade para sair de casa e, diferentemente da Sra. Glória, não tinha horário determinado para retornar no final do evento.

Para ir até os bailes, reunia o grupo de amizade, que também era constituído pela presença de algum rapaz, o irmão de uma ou outra amiga, tendo em vista que só poderiam sair na presença de um responsável. Quando o baile era em uma comunidade vizinha, contou que iam a pé e nos lugares mais distantes utilizavam a camioneta do seu pai.

Um trecho da sua entrevista nos dá um panorama de como eram esses bailes e como a juventude participava.

C - Como eram esses bailes Dona Glória?

G - Era com música ao vivo, com gaiteiro só. Tinha só um gaiteiro e um no violão. Um tocava a gaita e outro violão.

C - E eles eram de Laranjeiras?

G - Não. Eles eram... um morava aqui. Você se lembra do Índio Aragano? Que falam Índio Aragano?

C - Sim.

G - O Índio Aragano tocava baile aqui na comunidade. E daí tinha mais uns que moravam aqui, que já foram embora. Tocavam gaita também. Aí foram embora. E assim levava, dele xote! (risos).

C - Dançavam a noite inteira...

G - Dançava a noite inteira! Era bem divertido (risos). Baile, nós ia em baile longe. Às vezes nós íamos até no Rio Verde!

C - E como era a relação nas festas e nos bailes entre as meninas e os rapazes para dançar? Questão de paquera, como que era?

G - Só os rapazes convidavam as meninas para dançar. Se ele gostava, quem sempre tomava a iniciativa para dançar era o rapaz. As meninas não tomavam a iniciativa, nem que tivesse gostando, ficava e esperava a vez do rapaz. E agora, as meninas são mais livres, elas tomam mais a iniciativa. [...] Também tinha uma dança diferente que eu lembro. Era uma dança que nós fazíamos. Era assim: eram três modas que daí os rapazes não convidavam. Eram as moças que convidavam. Daí nesse momento, eu procurava sentar para descansar. Daí as moças que tiravam os rapazes. Eram três modas que diziam. Os rapazes tinham que ficar lá, daí as moças aproveitavam e tiravam quem elas quisessem (risos).

C - Mas aí as moças aproveitavam...

G - A maioria aproveitava não é! Se ela tinha preferência pelo rapaz, pegava e aproveitava, convidava o rapaz que queria dançar (risos). Ah! Você pode ver, muitas vezes a gente dança com quem não quer. Naquela época, a gente dançava na maioria das vezes com quem não queria. A gente não queria, mas daí vinham convidar e a gente não podia dizer não. Tinha que dançar com quem viesse (risos) [...] Já eu tinha sempre o pai não é! Mais complicado. Ficava difícil pra participar.

C - E quando vocês estavam nesses espaços de lazer Dona Glória, o que vocês conversavam?

G - Ah, entre nós, as meninas, ficávamos contando dos piás, passando, se gabando dos piás (risos). Ficava cochichando uma coisa para outra, uma contando os segredinhos para outra. Mas perto da mãe com o pai não. Mas sempre dava os minutinhos para a gente falar. Perto deles ficava mais quieto.

Nesse relato alguns pontos importantes devem ser considerados. Além do aspecto já demonstrado na entrevista do Sr. José sobre as músicas que tocavam nesses bailes, a Sra. Glória deixa evidente alguns aspectos da conduta social do período no qual não era permitido às jovens tomar a iniciativa de convidar algum amigo para a dança, assim como não podiam escolher seu par. Mas no momento em que faziam essa “dança diferente”, este apresentava-se como um pequeno interstício para uma certa “liberdade” por parte das moças. No entanto, no caso da Sra. Glória, ficou claro a presença familiar nesses espaços e o controle social exercido pelos pais sobre os movimentos e atitudes da jovem, evitando que algum “desvio” acontecesse.

Nesse período, a Sra. Glória relatou que não havia energia elétrica e nem televisão na sua casa. O principal meio de informação era o rádio. Era por ele que ficavam sabendo das festas e bailes que movimentariam os finais de semana. As referências musicais do seu grupo de amigas vinha das músicas gaúchas e sertanejas que escutavam nas emissoras da cidade. Esse estilo predominava na maioria dos lugares. Segundo ela, “[...] *nem que nós não gostasse, a gente ouvia e dançava, pois era só o que tinha na época [...] não era moderna, era só o que tinha. Ouvia programa no rádio, eram só aquelas músicas que tinha*”. Os artistas mais tocados e que marcaram a juventude da Sra. Glória, foram o *Trio Parada Dura*, a dupla *Gino e Geno*, *Teixeirinha* e *Gildo de Freitas*. Por mais que ela e suas amigas desejassem ouvir outros estilos, esses não eram tocados nos canais de comunicação e nos eventos, pois os gaiteiros e violeiros não sabiam tocar.

Os bailes também eram o momento da juventude “andar bem vestida”, mesmo sem ter muitas condições financeiras. As roupas eram compradas nas lojas da cidade. As jovens usavam calça *jeans* de “coz alto” e blusinhas. Algumas gostavam de usar vestidos. Já os jovens, usavam calça e camisa. Lembra que dificilmente algum rapaz vestia camiseta.

Tal como a Sra. Glória, a Sra. Lúcia também fez referências a esses mesmos estilos musicais e sobre as roupas que a juventude rural da época usava. De acordo com a Sra. Lúcia, como não tinham energia elétrica e nem televisão ficava difícil de saber ao certo qual era a

moda do momento. Os espaços de lazer e diversão eram frequentados somente por jovens rurais. O que estava sendo lançado de novidade só era descoberto quando vinham à cidade, o que raramente acontecia. Como momentos de encontro, sociabilidade e diversão, a Sra. Lúcia referenciou não apenas os bailes e festas das comunidades, mas também as reuniões feitas pelo grupo de jovens da comunidade no domingo à tarde depois do culto. O grupo reunia-se para fazer *matinê*<sup>31</sup> no pavilhão da igreja, participavam de torneios de futebol em outras comunidades e, às vezes, faziam piqueniques em alguma cachoeira.

Já a Sra. Regina, que sempre morou na comunidade São Pedro do Interior, por sua vez, teve uma vida social marcada pela participação em espaços de lazer e sociabilidade na comunidade e seus relatos revelaram aspectos interessantes sobre as práticas e vivências da juventude rural desse período.

Em sua entrevista relatou a baixa frequência das festas religiosas e que, dificilmente frequentava algum baile. Aos sábados geralmente ficava em casa e aos domingos encontrava-se com as amigas na igreja da comunidade. Seu grupo de amizade era constituído por jovens que moravam próximo a sua residência, filhas de vizinhos. Na comunidade, reuniam-se aos domingos à tarde para conversar, ver os rapazes jogar futebol no campo e, às vezes, inventavam algum bailinho ou *matinê* no pavilhão da comunidade. Para animar o encontro, ligavam o aparelho “toca fitas” e alguém trazia o “disco bolachão” com as músicas para tocar. Ali aproveitavam para dançar com os rapazes e conversar com as amigas sobre namorados.

Das festas, a Sra. Regina lembra que ia às comunidades vizinhas do Faxinal Grande e Erval Grande. Nesses espaços, seus pais permitiam que fosse com suas amigas, desde que os irmãos de alguma delas acompanhassem. As comunidades eram distantes e o trajeto era feito a pé. Mesmo dando essa liberdade, tinha horário para voltar para casa, obrigação que era seguida à risca, pois se assim não o fizesse, estava proibida de sair nos próximos finais de semana. Na comunidade São Pedro do Interior acontecia, todo ano, a festa do padroeiro no final mês de junho, a qual era organizada por toda a comunidade. Ela nos relatou alguns detalhes dessas festas em um trecho da sua entrevista.

**C** - E como eram as festas na época Dona Regina? Dava bastante gente, como eram organizadas, quem organizava? A comunidade participava, como que era?

**R** - Eram mais das outras comunidades. Da cidade, pouca gente vinha. Era trabalhoso! Porque era... a gente carneava, tinha que carrear o boi. Era feito tudo em casa. Era bolo, era tudo feito em casa. Naquela época também, muita gente carneava galinha. Então, era muito trabalhoso naquela época. Mas era divertido, porque sempre de tarde tinha o *matinê*! [...] O pessoal trabalhava quase a semana inteira para organizar a festa no domingo. Então naquela época era... só que foi divertido!

**C** - Mesmo sendo pessoas só da comunidade, das comunidades ao entorno, juntava bastante gente?

---

<sup>31</sup> A *matinê*, diz respeito às danças realizadas pelas pessoas no período da tarde nas comunidades, aos domingos e dias de festa.

**R** - Juntava! Juntava porque não tinha outro divertimento! Ou era aquilo ou era nada! Então, a turma, a juventude vinha. Vinham de outras comunidades, vinha bastante. As famílias eram todas famílias grandes não é! Era tudo família grande então, vinha bastante.

A preparação para a festa constituía-se em um momento no qual ocorria o engajamento de todas as pessoas da comunidade, inclusive, com a participação dos/as jovens rurais. As relações sociais estabelecidas nesses eventos caracterizam a essência do lugar, demonstrando a solidariedade comunitária e o interesse em torno de algo em comum.

Nessa época as pessoas da cidade não participavam, principalmente, devido às dificuldades de acesso. Conforme nos relatou a Sra. Regina, o lucro adquirido com as festas era investido na melhoria da infraestrutura do lugar. Outro ponto interessante é a ênfase dada pela entrevistada, de que os/as jovens rurais vinham participar porque não havia muita opção de lazer e diversão, e o principal atrativo era a matinê no período da tarde. As festas eram percebidas como um momento de encontro e de práticas de sociabilidade para a juventude rural.

Um espaço de diversão disponível para a juventude rural, do qual a Sra. Regina participava e fez questão de relatar, eram as jantas de brodo realizadas nas casas dos moradores da comunidade durante a semana. Um fragmento da sua entrevista nos dá uma dimensão de como eram esses encontros.

**R** - A maioria gostava de fazer “*filó*” antigamente, que era visitar os vizinhos à noite. Mas meu pai não gostava muito, porque meu pai gostava de dormir de noite. Muito de manhã, muito cedo da noite, não é. Mas de vez em quando, eu e minha mãe nós íamos, nós fazíamos filó. Nós íamos na casa da dona Ira Jasson. Nós íamos, mas nós não íamos assim, muito. Nós íamos lá pelas 5 horas da tarde e voltava lá pelas 8 da noite, antes de ficar muito escuro. Mas isso era lá de vez em quando, que nós podíamos ir. Mas aqui no São Pedro mesmo, aqui a maioria eram italianos, era filó todas as noites. Todas as noites faziam filó. Eles faziam aquela janta de brodo. Os homens iam jogar truco e as mulheres faziam aquelas jantas de brodo. Então eles se reuniam. Isso era toda a semana, era numa casa ou em outra. E nessas jantas de brodo que nós inventávamos os bailinhos. Até teve a última, lembro até hoje da última festa, janta de brodo que teve aqui... foi ali na casa da finada Isa Camatti. Ela fez brodo e convidou bastante vizinhos. E daí ali, nós inventamos um bailinho não é! Sei que nós fomos para casa, aquele dia, 8 horas da manhã! Foi o último brodo, janta de brodo que nós fizemos foi aquele. Sei que nós fomos ali na casa dela era umas 7 horas da noite do sábado e fomos embora era oito horas da manhã. Foi muito divertido, aquela vez, aquela janta de brodo.

**C** - Aí enquanto os mais velhos jogavam truco, conversavam...

**R** - Nós dançava.

**C** - E reuniam-se muitos jovens?

**R** - Sim, reunia. E reunia bastante! Bastante! Dava um baile, aquele dia deu um baile. Foi reunido todos os jovens da Linha São Pedro, do Erval Grande, sei que deu um baile. Eu ia muito nessas jantas. Mas esse dia foi o último filó com janta que eu fui, foi aquela vez.

Nessa época não havia energia elétrica. As residências eram iluminadas por meio de lampiões a querosene e, as festas eram animadas por um gaiteiro e um violeiro da comunidade. Enquanto eles tocavam, as moças e os rapazes aproveitavam para dançar. Esse

espaço de diversão e sociabilidade não era especificamente juvenil e se dava em meio ao convívio familiar. No entanto, diante dos poucos espaços de lazer disponíveis nessa época, este acabava se configurando como um momento de diversão importante para esses/as jovens rurais. O estar junto com o grupo era essencial para a troca de experiências e para a constituição de suas identidades.

Sobre os bailes a Sra. Regina nos contou que só poderia frequentar se estivesse acompanhada de seus pais. Eles nunca a deixaram ir sozinha. Somente nas festas, durante o dia, quando ia acompanhada dos amigos/as. Seu pai levava de carro e, de vez em quando, suas amigas iam junto, senão encontravam-se no local. Ela nos deu uma dimensão de como era a relação entre os grupos que frequentavam esse lugar.

**C** - E como que funcionava a relação das paqueras nos bailes? Os meninos se misturavam com as meninas? Tinha muitos grupinhos?

**R** - Não, era separado. As meninas de um lado e os meninos de outro. A paquera era, um olhava para o outro, ficava naquilo não é?! Se olhando. Até que um ou outro dava coragem de vim conversar com a menina, mas isso era muito difícil também. O rapaz chegar na menina ou a menina chegar no rapaz. Sempre tinha que ser o rapaz chegar na menina, conversar com a menina. Mas, senão era tudo separado. Meninos de um lado, meninas de outro. Nos bailes que a gente ia, sempre era o rapaz que vinha convidar. Se o rapaz não vinha convidar a moça, a moça ficava sentada, ela nunca ia dançar. Era assim antigamente. Também tinha vários grupinhos, das comunidades vizinhas. Às vezes a gente conversava com algum conhecido de outra comunidade. Mas ficava mais junto do pai e da mãe e com as amigas da comunidade. Não se misturava muito não. A gente ficava sentada esperando o rapaz vir tirar para dançar e o pai e a mãe sempre de olho.

Pelo trecho de sua entrevista, percebemos que havia uma divisão de gênero entre os grupos. As jovens não se misturavam com os rapazes. A relação ficava restrita ao grupo de amigas. A circulação e a movimentação da jovem e suas amigas durante o baile era limitada ao controle do olhar dos pais.

A restrição da relação das jovens rurais com os rapazes não era controlada somente durante o baile. Conforme a Sra. Regina nos contou, na sua juventude, havia muito controle dos pais em relação ao namoro.

**C** - Em relação aos namorados, eles tinham restrição? Tinha que ser um jovem do campo ou eles deixavam mais livres essa questão?

**R** - [...] Tinha limite de idade para namorar. Não podia namorar muito cedo. Tinha que ser depois dos dezessete anos. Então isso, a gente aprendia desde pequeno, que não tinha que namorar muito cedo. Eles sempre falavam que tinha que ser... namorar gente da roça, do campo não é?! Entre aspas, da cidade era "*playboy*" naquela época (risos). Piazada da cidade, essas piazzadas da cidade, não valiam nada! Para eles não é. Para eles não, tinha que namorar uma pessoa do interior, que conheciam, que sabiam quem era, conheciam a família, tinha que conhecer a família. Então, tinha esse. Mas tinha muitas meninas que não ouviam isso ali e sempre faziam não é, acabavam namorando gente de fora, gente da cidade. Então... até tive umas amigas que engravidaram. Como diziam meus pais: "*playboy da cidade*" (risos).

Pelo seu relato, fica evidente o controle dos pais sobre as filhas. Havia uma preocupação com seu futuro, em especial com referência ao casamento. O namoro e a paquera nos bailes seguiam as normas ditadas pelos adultos, havia um protocolo a ser seguido. O futuro das jovens estaria garantido se casassem com alguém do campo, que soubesse trabalhar na roça.

Na sua mocidade, os pais da Sra. Regina não tinham energia elétrica em casa. Esse recurso chegou no decorrer da década de 1980. Ela relatou que só assistia novela quando vinha até a cidade de Laranjeiras do Sul, na casa da sua tia. Era desse modo que ficava sabendo de alguma novidade que estivesse acontecendo no momento. Assim, o principal meio de informação era o rádio. Sobre as músicas que estavam tocando nesse período e que seu grupo de amigas gostava de ouvir, conversamos o seguinte:

**C** - Na comunidade, você disse que escutavam bastante música no aparelho toca fita. Como vocês ficavam sabendo das músicas que estavam sendo lançadas? Qual era o estilo de música que vocês ouviam?

**R** - Pelo rádio. A gente escutava muito rádio não é! Naquela época era mais discoteca, aquele lançamento tipo... eu me lembro da novela “*Dancin’Days*”<sup>32</sup>! Então, era a “febre” naquela época. E a gente só escutava. Dançar a gente não podia. Mas música sertaneja também. Muitas gostavam de música sertaneja, tinha menina que gostava de música romântica. Eu já preferia sertaneja. Então, a gente sempre sabia de música pelo rádio, lançamento de música, disco que saía e música nova, era pelo rádio. [...] Já nos bailes era xote, vanerão, era o que mais tocava (risos), era o que mais tocava em baile e em festas. Eram esses dois ritmos de música. Era do começo do baile até o fim do baile (risos) [...].

**C** - E as músicas de discoteca eles tocavam?

**R** - Não! Difícilmente, era muito difícil. Era muito difícil porque os bailes de antigamente era tocado com gaita e violão, então sempre tinha um que tocava o baile não é. Então era só aquele tipo de música. Se, às vezes a gente fazia alguma brincadeira na escolinha ali, daí a gente colocava o “discão”, o “bolachão”. Mas se não era só xote e vanerão.

**C** - E os pais não gostavam que vocês ouvissem essas músicas que vocês não dançavam?

**R** - Não, eles não ligavam. Pelo menos o meu pai e a minha mãe não ligavam não é! Só que o pessoal mais velho achavam muito estranho. Muito estranho aquele ritmo. Aquele tipo de música. Mas eles nunca me falaram nada sobre isso. Então, só que a maioria achava muito estranho! Muito estranho. Que não era de “moça decente” (risos).

**C** - As músicas que estavam tocando eram lançamentos?

**R** - É, era lançamento! As músicas de discoteca, *rock*. Naquela época era lançamento, o começo. Foi o começo de tudo! Começou o *rock*, começou as discotecas. Era o ritmo, era música que hoje em dia é tocada e todo mundo escuta, todo mundo dança! É outro tipo de dança! Nós dançávamos juntos, hoje em dia dançam separados (risos).

A Sra. Regina foi a única entrevistada a fazer referências a estilos musicais diferentes da música gaúcha e sertaneja. Ela teve acesso às músicas de estilo *rock* e às músicas tocadas nas discotecas pelo contato com os programas de televisão que assistia na casa da sua tia, na

---

<sup>32</sup> “*Dancin’Days*” foi uma telenovela brasileira exibida pela Rede Globo de Televisão no ano de 1978. Foi apresentada em 174 capítulos e escrita por Gilberto Braga, discutindo os valores da classe média e das elites urbanas brasileiras. O sucesso da música da abertura da novela, também chamada “*Dancin’Days*”, foi escrita por Nelson Motta e gravada pelo grupo “As Frenéticas”. Foi a partir dessa novela que as discotecas ganharam espaço entre os brasileiros. (Fonte: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/07/sucesso-no-horario-nobre-novela-dancin-days-completa-35-anos.html>. Acesso novembro de 2013).

cidade. A juventude rural dessa geração não possuía energia elétrica em suas casas e o meio de informação eram as emissoras de rádio da cidade. Como tais emissoras priorizavam as músicas gaúchas e sertanejas, o contato com essas músicas “modernas” ficava limitado aos discos comprados pela juventude rural no comércio urbano. As pessoas mais velhas das comunidades viam esses novos estilos musicais com um olhar de estranhamento e eram resistentes à inserção dessas danças nesses espaços de lazer e sociabilidade, conforme ela relatou.

Sobre a moda do período, a Sra. Regina também teceu considerações importantes.

**C** - E a moda Regina, quais eram os tipos de roupa que usavam na época?

**R** - (risos) Pantalona! Não sei se você já ouviu falar daquela calça que botava, que fazia cintura e soltava tudo, não é? (risos) Era esse tipo! Camisão! Usava muito, aquela época, o camisão, calça xadrez. Tudo com boca de sino! Enorme não é! E camiseta quase não se usava. Era vestido! Nós usávamos muito vestido de chita naquela época. A mãe fazia aqueles vestidão para nós.

**C** - Não ia na...

**R** - Não, não! Era dificilmente comprar uma peça de roupa pronta na cidade. Era tudo feito em casa. Então, a gente comprava a peça e a própria mãe ou uma vizinha que sabia costurar fazia. Fazia aquelas calça, aqueles vestidos cheios de babadinho.

**C** - E os rapazes?

**R** - Os homens é ... era o mesmo estilo! Aquelas calças boca de sino, camisa larga, enfiado por dentro do cox assim. Era esse estilo. Gadeiudos, gadeiudos (risos)! Cabelão enorme (risos)! Era todo mundo, era desse tipo.

**C** - Os rapazes de cabelo comprido?

**R** - Aham, a maioria usava cabelo comprido pelo ombro.

**C** - Então pela televisão vocês não tinham acesso às roupas que estavam sendo usadas?

**R** - Não!

**C** - Só quando iam nas lojas?

**R** - É, quando a gente passava na frente das vitrines que a gente via o estilo de moda, não é! Quando apareceu a calça *jeans*, que chamavam de “*stop*”, foi um Deus nos acuda! Porque daí, todo mundo queria (risos)! Aí você usava até que rasgava (risos). Isso foi nos anos... eu lembro que a primeira calça de *stop* que eu vi na minha vida foi em 78, 1978, que eu vi. E era a marca o “*stop*”, era a marca da calça! Foi em 1978 que eu vi pela primeira vez. Senão, era calça feita de tecido, que a gente, a própria mãe costurava. Senão a maioria era vestido. A maioria usava saia ou vestido. Depois quando veio a energia elétrica, que o pessoal começou a comprar as TV's preto e branco, aí começamos a acompanhar mais.

Aos poucos o estilo de vida com características ditas “mais urbanas” começam a se fazer presente no campo e em meio à juventude rural de Laranjeiras do Sul, seja pelas músicas novas que estavam sendo lançadas como o *rock* e o fenômeno das discotecas, e que também tornavam-se a sensação do momento entre os/as jovens rurais, ou pelos novos modos de consumo retratados pela moda lançada pelos meios de comunicação. Pelo relato da Sra. Regina, fica perceptível quando a juventude rural passa a ter acesso aos meios de comunicação, em especial, a televisão, o desejo de consumo por determinados objetos também aumenta. Estes fatos podem ser um indicativo das transformações que vão afetar a sociedade local e contribuir para que novos estilos musicais, culturais e o desejo pelo consumo de novos produtos se façam presentes também entre a juventude rural desse período.

O Sr. Nestor também vivenciou alguns espaços de lazer e sociabilidade frequentados pela Sra. Regina. Na sua época as principais práticas e espaços de lazer e sociabilidade eram as festas nas comunidades vizinhas, as quais raramente aconteciam, os bailes, os jogos e torneios no campo da comunidade. Sempre participava desses eventos acompanhado do seu grupo de amigos, constituído por um vizinho e um sobrinho.

Das festas, lembra que não ocorriam com muita frequência. Sobre os bailes, que aconteciam aos sábados à noite, relatou que ia a pé com seus amigos. Apesar de “*não levar jeito para dançar*” gostava de participar desses eventos, pois ali se encontrava com amigos de outras comunidades, tomavam uma “*cervejinha*” e conversavam. O momento do baile mais esperado por ele e seu grupo, era quando tocava uma “*música lenta*” e assim tinham a oportunidade de convidar a moça na qual estavam interessados para dançar. Os locais onde ocorriam os bailes não tinham muita infraestrutura. Eram pavilhões pequenos, alguns de chão batido e outros com assoalho de madeira. A música era tocada, muitas vezes, no aparelho “*toca disco*”.

Durante a semana, sua rotina era restrita ao trabalho na lavoura. Já o domingo à tarde era destinado ao encontro com os jovens da comunidade no campo de futebol. Ali passavam a tarde toda jogando bola, conversando e combinavam se iriam a algum evento no próximo final de semana. Na sua época não havia telefone, então tinham de se combinar quando se encontravam. Os eventos eram divulgados pelas rádios locais.

A sua principal diversão e espaço de lazer eram as partidas de futebol e os torneios que ocorriam em outras comunidades, conforme podemos verificar em um fragmento da sua entrevista.

C - O que você fazia nos finais de semana seu Nestor?

N - Eu ia com a piaçada nas festas e bailes, mas eu gostava mesmo era de jogar bola, participar de torneio.

C - Havia torneios na tua época, quando era jovem?

N - Tinha.

C - E como era esse torneio? Vinha bastante gente?

N - Vinha! Nossa, dava 15, 16 times de futebol. Até no começo era de campo não é. Depois foi para o futebol de salão, suíço.

C - Aham.

N - Mas dava bastante gente. Na comunidade tinha bastante piaçada, aí se reuniam para jogar.

C - E vinham de onde esses times?

N - Ah, vinham de vários lugares. A maioria do interior não é. Mas de várias comunidades vinham participar.

C - E com que frequência ocorriam esses torneios?

N - É, cada comunidade fazia um por mês, às vezes no Erval, às vezes no Km 8, no Sertãozinho, no Faxinal.

C - Aí vocês juntavam o time e iam?

N - Juntava time e íamos lá.

C - E como que vocês iam?

N - De trator, de picape, do tipo que desse. Combinava um horário e todo mundo ia junto. Nossa! Os torneios movimentavam a comunidade. Era coisa grande! As pessoas iam assistir, as meninas iam ver a piaçada jogar.



Era divertido. Ali no São Pedro tem um monte de troféu guardado que ganhamos jogando por aí. Era minha principal diversão.

De acordo com o Sr. Nestor, o futebol era o principal esporte praticado pelos jovens nesse período. Não havia cancha de bocha na comunidade, a qual só foi construída mais tarde. Os adultos jogavam junto com os rapazes, que eram em grande número. Os treinos eram realizados aos domingos à tarde e, de vez em quando, nos sábados à tarde. Mais tarde, quando chegou a energia elétrica, passaram a jogar também à noite, durante a semana.

Na comunidade também havia um grupo de jovens, os quais participavam dos cultos, organizavam matinês e, de vez em quando, reuniam-se aos domingos para fazer piquenique na propriedade de algum morador que tivesse cachoeira ou açude para nadar. Havia cerca de 25 jovens que participavam ativamente. Nesses encontros, cantavam e faziam brincadeiras. Era um espaço tempo em que somente os/as jovens rurais participavam, sem a presença de adultos.

Assim como os demais entrevistados, as músicas que o Sr. Nestor ouvia eram de estilo gaúcho e sertanejo. Mas também fez referência ao *Grupo Titãs*, do qual disse gostar de ouvir. O acesso a essas músicas se dava por meio do rádio ou pela aquisição de fitas compradas na cidade. Na sua casa também não havia energia elétrica. Essa só foi instalada por volta do ano de 1985, 1986. Mas contou que a primeira televisão que seu pai adquiriu era a bateria e “preta e branca”. Seu principal lazer aos domingos passou a ser o futebol no período da tarde e assistir o programa dos *Trapalhões* à noite. Para ele, a chegada da energia elétrica e a televisão podem ser considerados um novo marco para as pessoas que viviam na área rural, pois “[...] a partir daí, a gente começou a assistir o jornal, que minha mãe gostava, ver novela, coisa que antes não tinha! Antes era só pelo rádio. Mudou muito com a chegada da TV [...]”.

Durante a entrevista, o Sr. Nestor não deixou muito claro quais foram as principais mudanças. Mas podemos supor, pelos fragmentos citados que, a partir desse instante as pessoas da comunidade e a própria juventude rural passaram a estar conectada a um mundo mais amplo, não mais apenas pelo som do rádio, mas também pela imagem trazida pela televisão. Passaram a ter contato e conhecimento de mundos culturais distintos dos seus, as músicas, bandas que estavam sendo lançadas e, também, novos modelos de consumo.

O Sr. Heitor também vivenciou vários espaços de lazer na sua juventude com seu grupo de amigos. Na época, sua companhia para os finais de semana eram seus três irmãos e mais oito amigos, todos da comunidade. Formavam um grupo bastante unido e “*companheiro*

*para o que desse e viesse*”. Nos finais de semana gostava de ir pescar, brincar nas piscinas de águas minerais no município de Rio Bonito do Iguçu, jogava bola e participava de torneios de futebol, festas nas comunidades e dos bailes, sempre acompanhado do seu grupo.

O domingo era marcado pelos cultos no período da tarde e depois os/as jovens da comunidade reuniam-se para conversar, dar risada, falar sobre os acontecimentos durante a semana e sobre os bailes e festas que viriam a acontecer nos próximos dias. Uma prática de diversão e sociabilidade comum na comunidade eram as matinês depois do culto. O grupo de jovens da comunidade era bastante unido e entre eles havia um jovem que tocava gaita e o outro violão. Após o culto, as pessoas reuniam-se para dançar no pavilhão da comunidade e passavam a tarde toda ali, participavam jovens, adultos e as pessoas mais velhas.

Um dos espaços de lazer e diversão que o Sr. Heitor adorava participar eram os torneios de futebol. Participavam de torneios nas comunidades vizinhas e em outras mais distantes, como na Linha São José e Km 127. Por volta dos seus 16, 17 anos de idade relatou que iam até esses lugares a pé ou de bicicleta (figura 9). Com o passar do tempo as condições foram melhorando e seu pai comprou uma Kombi, a qual passou a ser utilizada por ele e seus amigos para ir até os torneios e também nos bailes (figura 10).



Figura 9 – Sr. Heitor (quarta pessoa da esquerda para a direita) com seus dois irmãos ao lado da Igreja Matriz Santana, no centro de Laranjeiras do Sul, retornando de um torneio de futebol, no ano de 1984.

Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Heitor<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Todas as figuras fornecidas pelo Sr. Heitor possuem autorização do mesmo para serem publicadas nesse trabalho.



Figura 10 – Aos fundos da imagem, entre a casa e as árvores, a Kombi utilizada pelo Sr. Heitor, seus irmãos e amigos, para ir aos espaços de lazer, por volta de 1988.

Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Heitor

O Sr. Heitor relatou que, quando vieram morar para a comunidade do Faxinal Grande, havia apenas um pequeno campo de futebol atrás da igreja. Mas o gosto pelo esporte fez com que as famílias da comunidade se unissem e adquirissem um terreno para construir um campo com espaço maior. Em um trecho da entrevista, ele relata um pouco sobre este processo:

**H** - [...] a gente brincava ali atrás da igreja, num campinho pequeno que tinha. E daí, tem um fato bem interessante. Na época nós reunimos cinco famílias e fizemos um empréstimo na antiga Cooperativa Camilas, e compramos essa área que tem o campo. Nós reunimos quatro famílias: a família Nalin, a família do seu Jango Neves, a família Godim, a família Tagliari, e mais uma família que hoje já saiu, que até era um cara solteiro que ajudou nós à construir. E daí, era bastante irmão e acabamos comprando aquele terreno ali do lado da igreja e pagamos. Pagamos com o milho. Na Camilas, fizemos um empréstimo e pagamos o terreninho. E daí, naquela época, foi o prefeito José Augusto. Ele era candidato e prometeu que se ele ganhasse as eleições, ele fazia o campo pra nós. Era pra nós comprar a terra que ele fazia o campo. E a gente teve sorte, porque ele ganhou a eleição. E daí, já na primeira semana do mandato, ele já mandou a esteira fazer o campo pra nós. Nós fizemos festa muito grande ali, jogamos muito futebol. Teve torneio de ter quarenta equipes disputando o torneio. A quantia de time de futebol que tinha! Do Alto São João vinha dois, três times. A Flor do Pinho tinha dois times. Era muito time de futebol assim. E tinha time feminino! Até a minha esposa, o pessoal ali jogava. A vizinhança aqui, todos jogavam. O time feminino era bom de bola também. E a gente disputava os campeonatos! Ganhamos vários campeonatos, vários torneios. Até tem ali, na casa do Seu Jango, os troféus que nós ganhamos. Era uma festa muito bonita! Lembro que nós fizemos dois torneios beneficentes e passava tudo pra família que estava em situação difícil. Eu acho que valeu a pena não é! E hoje a gente tem o campo ali, está tudo melhor. Mas só uma coisa que eu acharia importante, que não tivesse saído esse povo daqui, que continuasse! Mas cada um tem um sonho, tem uma expectativa. O pessoal foi embora para outros lugares e meio acabou tudo. Mas continua a amizade. A gente tem contato com esse pessoal.

Ele nos contou ainda que no dia da inauguração do campo a festa foi muita grande. Foram realizados jogos durante todo o dia e, vários times das comunidades vizinhas vieram

participar. Quem fez a inauguração foi, o então prefeito eleito, José Augusto Beck Lima (1992-1996). Na figura 11, está a equipe de futebol masculino da comunidade do Faxinal Grande, do qual o Sr. Heitor fazia parte. Aos fundos é possível observar as pessoas da comunidade assistindo a inauguração e a churrasqueira onde estava sendo assada a carne para o almoço. A construção de madeira azul, (lado direito da foto) era o pavilhão de madeira da comunidade. Na figura 12, está o time de futebol feminino juntamente com o prefeito José Augusto Beck Lima, no dia da inauguração do campo de futebol.



Figura11 – Campo de Futebol da Comunidade Faxinal no dia da inauguração no ano de 1992 – Time de futebol masculino do qual o Sr. Heitor fazia parte (da direita para esquerda, na fila da frente e com a bola na mão está o Sr. Heitor).  
Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Heitor.



Figura 12 - Sr. Heitor com o time de futebol feminino da comunidade no dia da inauguração do campo de futebol, no ano de 1992. (Na fila de trás, da direita para a esquerda está o Sr. Heitor e o prefeito José Augusto Beck Lima).

Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Heitor.

De acordo com o Sr. Heitor, os torneios de futebol eram comuns na época e aconteciam quase todos os finais de semana. O time de futebol masculino da comunidade era bastante unido. Ele e seus amigos participavam ativamente desses eventos. Ele nos contou que eram tempos difíceis e os governantes não ajudavam as comunidades. A infraestrutura dos lugares era precária e a melhoria dependia do esforço das pessoas do lugar.

Para a realização dos torneios havia uma organização. Os jogadores organizavam e apitavam as partidas de futebol, alguns cuidavam da venda das bebidas e outros do preparo da carne para o almoço. O lucro era depositado em uma conta que possuíam no Banco Banestado, ainda existente na época. O dinheiro era retirado sempre que o grupo precisasse.

Sobre os bailes, seu Heitor relatou que sempre frequentava os eventos que aconteciam nas comunidades vizinhas ou no Faxinal Grande e ia acompanhado dos seus amigos e irmãos. Como na época não tinha televisão e nem *internet*, a comunicação acontecia via recados, um avisando o outro. Às vezes, iam a pé ou com a Kombi, emprestada do seu pai. Esses eventos sempre aconteciam no pavilhão das comunidades e eram muito animados. De acordo com o Sr. Heitor a juventude adorava participar, pois ali podiam conversar com os amigos, dar risada e paquerar. Os bailes eram animados, as pessoas se envolviam e participavam das brincadeiras. Ele nos contou alguns aspectos importantes sobre estes bailes:

**H** - [...] E daí nos bailes, tinha uma coisa importante. Tinha a dança do chapéu. Tinha a pessoa que estava dançando e se ela pegava o chapéu, quando era a dança do chapéu, daí ele colocava na cabeça do rapaz, o rapaz soltava aquela moça que ele estava dançando e procurava outra. Aqui a piazada aproveitava escolher a moça para dançar. Às vezes tomava a pretendente do outro (risos). E ia fazendo a rodada. E também tinha outra brincadeira que era o chimango. O chimango ia lá o responsável pelo baile, e amarrava um lenço à par do lampião. Nessa brincadeira era a moça que ia convidar o rapaz. E daí quando ela convidava o rapaz, se fosse baile o rapaz tinha que pagar um refrigerante para moça. E ali que dava os namoros não é! Ali o rapaz sabia que a moça estava afim dele (risos).

**C** - Não era comum a moça...

**H** - Convidar.

**C** - Quem tirava era o rapaz.

**H** - Sim. E daí tinha outras também. Outra que eu lembro era a dança da rosa. Daí na entrada do baile, o rapaz pagava a entrada e ganhava uma rosa. Daí quando fazia a dança da rosa, o rapaz ia e convidava a moça e dava a rosa! Até a minha esposa fala, diz que quando elas não gostavam do rapaz, elas saíam ali e já jogavam a rosa fora. Se elas gostavam do rapaz elas guardavam (risos). Era bem divertido!

**C** - Como que era a relação com as moças? No teu grupo de amizade tinha meninas, jovens, ou era mais constituída de rapazes?

**H** - Era bem separado! Antes não tinha muita intimidade. Você em um carro, levar as meninas sabe? Então, você ia lá e arrumava uma namorada, cada um dançava e arrumava uma namorada. Mas na hora de ir embora, a menina ia embora com o pai dela para casa e você ia sozinho! Não tinha esse negócio de vim com a moça para casa.

**C** - Uhum.

**H** - Depois de certo tempo, se você estivesse noivo com a moça, você ia ao baile, voltava, mas os irmãos iam junto, o pai ia junto. Não era assim que nem é hoje! Hoje, é bem diferente não é! Então era mais... era mais assim, como posso falar, não era muita liberdade sabe! Era bastante respeitoso. Até hoje o pessoal conserva um pouco dessa tradição não é!?

**C** - Como que era a posição do teu pai e da tua mãe em relação ao namoro? Eles estabeleciam com quem você poderia namorar? O que eles te aconselhavam na época?

**H** - Gozado que o pai e a mãe nunca deram opinião sabe, de namorada. Só que eles sempre falavam para reparar muito! Se a moça não te respeitar agora, ela não vai te respeitar depois. Eles sempre falavam essa parte. Eles nunca foram assim de dar muito conselho para gente ou dizer com quem tinha que namorar.

Nesse trecho fica claro que os bailes possuíam uma dimensão de encontro, diversão e também de sociabilidade, a qual é permeada por regras de conduta (SIMMEL, 1983). Como podemos verificar na fala do Sr. Heitor, e que também se fez presente na fala dos entrevistados anteriores, havia um padrão de comportamento vigente na estrutura social das pessoas que frequentam esse espaço de lazer. O convite para a dança deveria ser feito pelo rapaz, pois às jovens isso não era permitido. No momento em que eram realizadas essas brincadeiras, as danças estabeleciam-se como uma situação de simetria, onde todos participavam dos códigos e regras da dança. Nesses interstícios as jovens podiam participar do “jogo”, escolhendo com quem poderiam dançar. Em relação ao namoro, também ficou evidente o “controle” da família em relação às paqueras e relacionamentos dos/das jovens.

Durante a semana, o cotidiano era marcado pelo trabalho. O Sr. Heitor lembra que na sua juventude o trabalho na agricultura era difícil, todo manual. Grande parte das propriedades da comunidade eram encobertas de mata fechada ou “capoeira”. Na época, as famílias, em especial, os homens, tinham o hábito de reunirem-se para fazer o “puxeirão”, que consistia em um trabalho conjunto entre os vizinhos para derrubar a vegetação e preparar a

terra para o plantio. Existia um laço de solidariedade muito grande entre as famílias da comunidade. Apesar das dificuldades tudo se tornava motivo de festa, conforme nos relatou.

**H** - Uma coisa que a gente fazia bastante e que o povo gostava, era fazer surpresa de noite na casa dos vizinhos. Aqui da comunidade, a gente combinava, um vizinho convidava o outro: “Oh, tal dia nós vamos “bater” uma surpresa lá no vizinho que está de aniversário”. Às vezes o cara estava no bom do sono e nós chegávamos. A primeira coisa que nós fazíamos era pegar as galinhas para o risoto. A hora que ele saía na janela para ver o que estava acontecendo, era foguete já em cima, o gaiteiro velho já abria a gaita e já começava a cantar os parabéns e daí não tinha mais (risos).

**Esposa:** Era com aqueles “liquinhos”<sup>34</sup>.

**H** - Era lampião, lampião à querosene, lampião à gás. Eu lembro que um ano, era mês de outubro. Eu lembro nós fomos numa festa no dia vinte e quatro de outubro, ali no seu Alvicio que morava aqui... Ali em cima onde mora o Tadeu Bera, hoje. Ali nós amanhecemos dançando no dia vinte e quatro de outubro e amanheceu branco de geada, tinha feijão grande naquela época e matou tudo (risos).

**C** - Meu Deus!

**H** - Era (risos)... só que nós amanhecemos dançando lá, daí fazemos uma fogueira e... mas era muito bonito! Reunia as famílias, a piaçada e a meninada. A gente ficava dançando, conversando e dando risada (risos). A gente fazia muito isso, era todo mês!

Os círculos de sociabilidade constituídos tanto pelo trabalho na agricultura como pelos encontros nas casas das pessoas da comunidade, eram marcados por uma relação de amizade, solidariedade e de participação de toda a família. Por mais que esses eventos tivessem a presença dos adultos, configuravam-se como momentos importantes para as práticas juvenis, pois conforme o Sr. Heitor não havia muitas opções de lazer e nesses encontros podiam conversar, dançar e dividir experiências entre iguais.

No campo, o Sr. Heitor também gostava de participar das festas religiosas organizadas na comunidade e nas comunidades vizinhas. Sempre acompanhado do seu grupo. Sobre a moda do período, falou que era tudo muito simples e como não havia televisão as novidades chegavam por intermédio das revistas ou quando iam até as lojas. Recordou alguns detalhes dessa época:

**H** - A moda da época, em que eu era jovem, era cabelo comprido, a calça larga embaixo e estreita em cima. Era chique! (risos) [...] E o sapato alto! As moças todas usavam sapato alto e, os jovens, usavam um sapato ou a bota. A bota de couro era charme também. Até ali no joelho, uma bota bem ajustada, bem lustrada era chique mesmo!

**C** - E camisa?

**H** - Camisa de manga comprida e por dentro da calça ali. Uma fivela também, uma fivela bonita de *cowboy* que o pessoal usa. Chapéu também, chapéu bem ajustado. Daí em CTG (Centro de Tradições Gúachas), já era bombacha, lenço. Bem bonito mesmo!

**C** - E as jovens, as meninas?

**H** - As meninas, elas acompanhavam a moda de antes não é! Também usavam, naquela época usavam o *slack*, o *slack* branco era muito bonito [...] E daí o vestido, o vestido de chita e, no CTG, vestiam os vestidos igual está hoje! Não mudou muito, no CTG não mudou muito. Tem umas fotos que eu acho muito bonito o estilo delas se vestirem. Já a calça *jeans* começou depois, mas o *jeans* também sempre foi famoso! (risos).

<sup>34</sup> A esposa do Sr. Heitor participou de toda a entrevista. Deixamos ela livre para intervir na conversa o momento que quisesse.

Segundo ele, a juventude “*fazia o que podia para ficar ajeitados*”. Não havia muitas opções, pois o acesso à televisão, que divulgava grande parte das novidades do momento, não estava presente nessa realidade.

Outra entrevistada dessa geração é a Sra. Mariana e nos trouxe contribuições importantes sobre os espaços de lazer e sociabilidade vivenciados pelos/as jovens rurais da comunidade Faxinal Grande nessa época.

Assim como as demais entrevistadas, a Sra. Mariana possuía um grupo de amigas compostas por vizinhas, com as quais compartilhava segredos e falava sobre as coisas da vida. Dificilmente saía de casa para ir aos eventos sem estar acompanhada dos pais. Isso só era permitido aos domingos à tarde quando ia até a igreja da comunidade ou quando estava com o grupo de jovens da comunidade. O retorno para casa acontecia pelo horário estipulado pelos pais, “[...] *tinha a hora de sair e a hora de voltar... Se saía de manhã, na metade da tarde tinha que estar em casa. Se saía de tarde, antes do anoitecer, com certeza tinha que estar em casa. Se não estivesse levava uma bronca e de castigo não saia mais*”.

O ponto de encontro da juventude rural era na igreja ou no pavilhão da comunidade. Assim como o Sr. Heitor, ela também recordou dos torneios de futebol que aconteciam nos finais de semana. Relatou que participava do time de futebol de campo feminino<sup>35</sup>. Essa prática esportiva era um momento de encontro para as jovens da comunidade, pois além de jogarem juntas no campo, podiam conversar e se divertir. Na época, conforme afirmou, a grande maioria das comunidades possuía time de futebol feminino e, assim como havia torneios de futebol masculino, as partidas envolvendo as moças também ocorriam. Esses jogos aconteciam com bastante frequência, quase todos os finais de semana. Se não houvesse torneios, as jovens reuniam-se nos domingos à tarde para treinar no campo da comunidade.

Ela também gostava de frequentar bailes e festas das comunidades. Lembra que esses eventos não aconteciam com tanta frequência, “*era de vez em quando, eram bem poucas por ano*”. Dos bailes recorda que a animação era ao vivo, com músicas sertanejas e gaúchas tocadas com gaita e violão por pessoas da comunidade ou das comunidades vizinhas.

Sobre os bailes relatou o seguinte:

**M** - [...] ficava todo mundo separado. Quando tinha dança, aí todo mundo dançava o tempo inteiro! Da hora que começava a música até a hora que terminasse. Era aonde se podia conversar, se podia namorar ou chegar perto não é! Era através da dança. Do contrário, era separado. Não era essa mistura homem e mulher não! Eram rapazes e moças separados. A única maneira de conversar, de namorar, era através da dança.

**C** - E como que era a posição dos teus pais em relação ao namoro?

---

<sup>35</sup> Na figura 12 está o time de futebol feminino da comunidade Faxinal Grande do qual a Sra. Mariana fazia parte.



**M** - Ah, bastante rígido! Em casa e tinha que falar com o pai. Vinha um moço, se dava certo o namoro, a primeira coisa era falar com o pai, e passear em casa, sempre em casa.

**C** - E eles tinham restrição em relação a ser um rapaz da cidade ou ser um rapaz do campo?

**M** - Tinham! Porque teria que ser alguém que fosse de boa família. Como todo pai, naquela época, tinha que ser alguém de certo nível. Todo o pai queria que a filha namorasse alguém de certo nível! Não podia ser qualquer um. Já tinha que ser uma pessoa de certa idade também, não podia ser muito novinho não é! Todas as restrições. Era difícil alguém namorar com um rapaz da cidade. Se acontecia... mas era raro! Teria que ser alguém da tua comunidade, alguém parecido com você, com a tua mesma linha de ser sabe, assim, para poder dar continuidade ao namoro. Meu pai queria que fosse alguém da roça.

Em seu relato também fica evidente como era a conduta da juventude que frequentava os bailes. As jovens não podiam misturar-se com os jovens. O contato maior ocorria somente no momento da dança. O namoro também era controlado pelos pais de modo que a jovem deveria procurar relacionar-se com alguém que tivesse o mesmo modo de vida e determinado nível social. O namoro não era uma relação de intimidade e tinha forte participação da família.

Outro espaço de lazer que gostava de frequentar eram as festas. Em um trecho da sua entrevista, ela nos relatou alguns aspectos interessantes quando questionada sobre a organização desses eventos.

**C** - E como eram organizadas as festas da comunidade? Você lembra?

**M** - Lembro! Era assim: se achava alguém que tinha um boi bom para carrear ou um porco que fosse, carneava em casa. Se reuniam... a maioria da comunidade que ajudava a preparar. Carneava tudo manual, tudo simples. Não era que nem hoje em dia, que tem muito jeito de você fazer rápido não! Era tudo assim, bolo feito em casa, à mão. A mulherada se reunia numa casa, principalmente nas das pessoas da diretoria não é, que tinha mais espaço, fazia o bolo tudo a mão. O que servia na festa a maioria era feito em casa.

**C** - E a organização começava cedo no dia da festa?

**M** - Começava um dia antes. Carneando, preparando, salgando, tirando espeto, no caso, para assar a carne. Na época os espetos eram todos de madeira. De um lado tinha a equipe que ia, que ajudava a temperar, sempre muito cedo, de madrugada. Organizavam onde ia ser assado o churrasco, quase sempre era feito um buraco no chão. Que hoje em dia está mais moderno! Não tinha churrasqueira, naquele tempo fazia o buraco no chão, puxava lenha para fazer ali, o churrasco a céu aberto. Não tinha a organização que tem hoje em dia. Era feito assim, armavam um negócio de madeira e o espeto também era de madeira verde, tinha que ser. Tudo no chão. Tudo bem simples e rústico. Durante a semana era feita a divulgação. O meu pai ia nas casas de charrete pedir prendas e todo mundo ajudava, dava uma galinha, ovos, o que tivesse. [...] Quem participava era mais mesmo do interior, da cidade quase não vinha. Vinham, mas era pouco. O povo vinha de carroça, porque no meu tempo era mais carroça de boi. O carro surgiu depois na juventude. Mas carroças, animais, aquilo era bastante, enchia as estradas de carroça, tocada por cavalo, puxada por cavalo e até com boi tinha naquele tempo. O povo comprava a carne, espetava o espeto no chão, comprava a salada e comia ali mesmo. O pavilhão era pequeno. Uns sentavam embaixo das árvores, era muita gente, famílias inteiras.

**C** - E a tarde?

**M** - A tarde tinha a matinê! Começava depois do almoço e ia até o final da tarde.

**C** - E quem participava?

**M** - Todo mundo! Mais a piaçada e a meninada que gostavam. Podiam dançar, paquerar. Era divertido! Às vezes tinha jogo de futebol no campo ou torneio de bocha na cancha também. Tinha premiação, dava bastante gente.

As festas além de configurarem-se como um espaço de lazer e sociabilidade para a juventude rural do período, esse fenômeno festivo rompia com o cotidiano das pessoas do lugar. Os preparativos envolviam todas as pessoas da comunidade, inclusive os/as jovens

rurais como afirmou ainda a Sra. Mariana. Eles/as estavam sempre juntos para “irem aprendendo como fazer”.

Na comunidade também havia um grupo de jovens. Geralmente encontravam-se aos domingos à tarde no pavilhão da igreja. Segundo a Sra. Mariana, *“era bastante jovem. Era de vinte, trinta até quarenta jovens e todos participavam!”*. Esse grupo, formado em torno da religião católica reuniam-se para rezar, cantar e fazer brincadeiras. Conforme ela nos relatou, o grupo era bastante ativo, participava dos momentos litúrgicos durante o culto e elaboravam teatros para apresentarem nas comunidades vizinhas em épocas especiais para a igreja católica, como na Paixão de Cristo e no período do Natal: *“(...) no natal, a gente fazia aquelas encenação do nascimento de Jesus e ia apresentar nas outras comunidades. Aí tinha sempre um rapaz que se vestia de Papai Noel e dava doces para as crianças. Era muito bonito. E hoje isso não existe mais!”*.

Os/as jovens envolviam-se ativamente dessas atividades. Além desses momentos o grupo de jovens combinava de participar de torneios e festas nas comunidades vizinhas. Desses momentos os adultos também participavam. Como o número de pessoas era grande e poucos tinham carro, utilizavam como meio de transporte um trator com uma carreta ou um caminhão (figuras 13/14). A Sra. Mariana recordou que em outras comunidades também haviam grupos de jovens e um hábito comum era a “troca de visitas nas festas”.



Figuras 13/14- Grupo de pessoas da comunidade Faxinal Grande organizadas para participar de uma festa nas comunidades vizinhas, no fim dos anos de 1980 e início dos anos de 1990.

Fonte: Arquivo Pessoal da Sra. Mariana.

Na figura 15 estão alguns jovens, que participavam juntamente com a Sra. Mariana desses encontros na comunidade e ali as moças e rapazes acabavam misturando-se. De acordo com a Sra. Mariana, esse era um dos poucos momentos destinados somente para a

participação dos/das jovens da comunidade, sem a presença dos pais, sendo estimulados por eles e demais adultos por estar articulada a religiosidade.



Figura 15 - Grupo de jovens da comunidade Faxinal Grande reunidos em frente a igreja, logo após um culto, por volta do ano de 1985.  
Fonte: Arquivo Pessoal da Sra. Mariana.

Nos finais de semana, também, a Sra. Mariana costumava frequentar a casa dos vizinhos, parentes e amigos da família. Essas visitas aconteciam sempre acompanhadas dos pais e irmãos. Durante a semana, o tempo era destinado ao trabalho na agricultura. Assim como a Sra. Regina já havia relatado, a Sra. Mariana também se recorda dos bailes realizados nas residências das famílias. Esses encontros aconteciam nos dias próximos aos finais de semana. Participavam todos os membros da família. Era realizada uma janta e depois acontecia a dança animada por pessoas da comunidade que tocavam gaita e violão.

Sobre os meios de informação, a Sra. Mariana contou que a juventude rural do período encontrava muitas dificuldades para estar “antenado”. Primeiro, porque não existia energia elétrica. Era pelo rádio que ficavam sabendo os novos lançamentos musicais. Ela e suas amigas adoravam ouvir música sertaneja e gaúcha, esta última fortemente influenciada pelos pais devido a suas origens ligadas ao Rio Grande do Sul. A moda era acompanhada por uma revista adquirida pelo seu pai, “a antiga *Revista Manchete*”. Ali, ela e suas irmãs acompanhavam as novidades. No entanto, as roupas não possuíam muitos detalhes e a juventude possuía um “estilo bem mais simples, mais rústico e sem muitos detalhes e modelos”. As jovens usavam vestidos e mais tarde passaram a usar calça. Os rapazes, calça

social e camisa. Era sua mãe quem costurava as roupas e, no auge da sua juventude, ela e suas irmãs já podiam vir até a cidade escolher e comprar o modelo desejado.

Como podemos perceber, os espaços de lazer e sociabilidade, frequentados pela juventude rural dessa geração, estavam ligados ao espaço rural. No entanto, durante as entrevistas, alguns entrevistados relataram que frequentavam alguns espaços de lazer e diversão na cidade. Isso se fez mais evidente nas entrevistas dos jovens dessa geração, pois para as jovens a frequência a estes lugares era limitada ou inexistente.

A Sra. Lúcia e a Sra. Glória da comunidade Rio do Tigre, nos relataram que nunca frequentaram espaços de lazer localizados na área urbana de Laranjeiras do Sul. Segundo elas, o acesso até a cidade naquela época era muito difícil. As pessoas não tinham carro, seus pais não deixavam sair sozinhas e também não costumavam vir para a cidade. À distância e a condição financeira era um fator limitante para essas duas jovens. Na época a Sra. Lúcia lembra que ouviam pelo rádio os eventos programados para os fins de semana na cidade. Desses, ela recorda dos anúncios das festas da Padroeira do município (Nossa Senhora Santana), dos rodeios e dos bailes do Centro de Tradições Gaúchas (CTG). De acordo com a Sra. Glória, ela e suas amigas tinham muita curiosidade em saber como eram as festas e o que acontecia nesses espaços, mas não podiam frequentar. Ela lembra que na época gostaria de ter participado das festas juninas e dos bailes de carnaval que ocorriam na cidade.

Alguns detalhes sobre os espaços de lazer e diversão na cidade eram trazidos pelos rapazes, pois segundo a Sra. Glória eles tinham maior liberdade para frequentá-los, conforme nos relatou:

**G** - Os rapazes iam! Os homem iam! A gente sabia que eles iam. Eles iam porque eles tinham carteira, eles... Os rapazes sempre podiam estar saindo não é! O pai diz “vai ou não vai”, e eles vão. Eles tinham maior liberdade. E a gente não. Porque a gente não era igual de agora. Olha essas menininhas de agora, tem uma liberdade...

**C** - E quando eles voltavam das festas eles contavam...

**G** - Contavam! Contavam sim, contavam bastante. Contavam o que tinha acontecido (risos), contavam o que os bonito ficavam fazendo, o que eles aprontavam, o que tinham feito, o que tinham bebido, de música diferente. Mas só que a gente não podia participar não é!

Desse modo os espaços de lazer e sociabilidade para as jovens ficavam mais limitados ao campo, nas comunidades. A Sra. Regina e a Sra. Mariana também não costumavam frequentar os espaços de lazer na cidade, pelos mesmos motivos apontados pelas outras duas entrevistadas citadas anteriormente. No entanto, durante as entrevistas ambas fizeram menção as festas de aniversário de emancipação do município.

A Sra. Regina lembra que participou de uma festa do aniversário de Laranjeiras do Sul. Este evento ocorreu durante toda a semana na área central da cidade. Ela recordou que foi

assistir ao desfile acompanhada dos seus pais. Esta festa envolvia não apenas as pessoas da cidade, mas também do campo. A Sra. Mariana relatou alguns detalhes dessa festa:

**M** - Desfilava as escolas da cidade. Algumas já tinham a fanfarra não é! Cavalheiros, carroceiros daquele tempo. Desfilavam as pouquíssimas máquinas agrícolas que existiam. Mostravam muito do que se produzia também nas carroças do desfile, o que o município tinha naquela época, o que os agricultores produziam, eles mostravam também. Escolas, crianças, jovens, adolescentes, a banda. A banda de música que tinha. Desfile dos cavalheiros. Era o que existia naquele tempo. Não tinha tecnologia, coisas que a gente vê hoje em dia não é. Era só a simplicidade do campo mesmo.

**C** - Era mais voltado aos produtos da agricultura?

**M** - Era uma cidade agrícola, do campo, uma cidade bem interior mesmo não é!

**C** - O pessoal do campo acabava indo participar na cidade?

**M** - Isso mesmo. Acabava o pessoal do campo... da cidade mesmo, que eu lembro, era muita pouca coisa que a cidade tinha a apresentar, mostrar. A maioria era campo mesmo.

O Sr. José, por sua vez, também relatou ter participado desses eventos municipais na sua juventude. Na época, a área urbana de Laranjeiras do Sul era bastante reduzida. Segundo ele, grande parte da população vivia no campo. A grande maioria das ruas da cidade não eram asfaltadas e o comércio era limitado. Onde hoje é a Rua XV de Novembro e a Rua Marechal Cândido Rondon, havia algumas lojas, lanchonetes, farmácias e mercados, mas *“tudo muito simples”*. Segundo ele, as pessoas do campo sempre participavam dessa festa: *“era um evento muito bonito. Eu e meu pai sempre vínhamos participar do desfile de cavalo”*.

Na Figura 16, podemos ver um dos desfiles de cavaleiros realizados em comemoração ao aniversário do município, do qual o Sr. José e seu pai participaram. Ele nos contou que muitas pessoas da comunidade vieram participar. A comemoração reunia pessoas da cidade e do campo e também as autoridades municipais se faziam presentes.



Figura 16 - Desfile dos cavaleiros na festa de Aniversário do município de Laranjeiras do Sul, provavelmente no início dos anos de 1960.

Fonte: Arquivo pessoal do Sr. José.

Nos relatos ficou evidente a forte participação da população rural nessa festa e como a agricultura exercia um papel importante na economia do município. Esta festa apesar de ser frequentada pela juventude rural também tinha a presença da família. Era um evento onde todos participavam.

A Sra. Regina se lembra de ter participado de outros espaços de lazer na cidade, mas sempre acompanhada dos pais.

**R** - E outra vez que nós fomos também, eu lembro, era quando tinha corrida de carro em Laranjeiras. Porque antigamente tinha pista de corrida em Laranjeiras, onde é o CTG hoje em dia. Tinha... vinha pessoal de Curitiba, Ponta Grossa, Foz do Iguaçu para a corrida em Laranjeiras. Então eu lembro... duas vezes nós fomos. Que era divertimento também! Era uma coisa nova para todo mundo não é, ali em Laranjeiras. Daí eu fui, nessas duas vezes. Coisa que gravei na memória e não esqueço até hoje. [...] E fui uma vez também no cinema. Nós fomos com as amigas em uma festa ucraniana, nos ucranianos lá. Daí tinha o matinê que era de dia, nós fomos. Que eu lembro foi a única vez que eu fui no cinema, de solteria foi aquela vez. Que nós fomos na festa e daí como era de dia, o cinema, como nós ia no matinê, ai nós fomos no cinema.

**C** - E como que vocês foram nessa festa na cidade? Foram com os pais ou conseguiram ir sozinhas?

**R** - Não! Com os pais! O pai foi! Daí a outra amiga foi com os pais. A maioria ia com os pais não é!

**C** - E acabaram frequentando...

**R** - É, aquela vez nós fomos no cinema.

Pelo seu relato fica evidente que a participação nos espaços de lazer na cidade era uma coisa rara na sua época. Ela disse nunca ter frequentado nenhum baile realizado nos clubes sociais da cidade<sup>36</sup>. Já em relação aos rapazes, ela lembra que eles participavam dos espaços de lazer que haviam na cidade nos finais de semana. Os jovens participavam dos torneios de futebol realizados no campo do Comercial<sup>37</sup>. Contou que alguns rapazes da comunidade jogavam para o time do Comercial e iam até a cidade de bicicleta participar dos jogos. Lembra que eles também participavam dos bailes que haviam na cidade.

Quando os rapazes retornavam desses espaços de lazer contavam para as jovens que não podiam frequentar, o que acontecia nesses espaços, conforme nos relatou:

**R** - “[...] eles falavam que tinha bastante menina bonita, que era mais divertido e na cidade tinha mais moça. Ah eles contavam... Eu acho que era um monte de baboseira! (risos) que eles falavam. Para ficar mais que os outros

<sup>36</sup> Havia dois clubes sociais em Laranjeiras do Sul nessa época: o Clube Pinheiros, fundado em 1959 (hoje chamado de Iguaçu Tênis Clube) e o União Operário Esportivo e Recreativo, fundado em 1981 (ainda existente e é conhecido como Clube Operário). Esses dois espaços eram constituídos por um time de futebol e uma sede social onde eram realizados bailes e as festas da cidade. Ambos existem até hoje e possuem a mesma finalidade. Apenas o Time do Comercial, pertencente ao Clube Pinheiros, não existe mais.

<sup>37</sup> No ano de 1959 alguns cidadãos de Laranjeiras do Sul reuniram-se e fundaram um clube social, esportivo e recreativo com o nome de Clube Pinheiros. Este era constituído por uma sede social, chamada Clube Pinheiros (inaugurado em 1962). Nesse espaço realizavam-se festas, bailes e casamentos. E ao lado desse centro de eventos havia um campo de futebol de responsabilidade do Clube Esportivo chamado Comercial. O time de futebol era conhecido como Comercial e organizavam torneios nesse lugar. No ano de 1988 as diretorias desses dois clubes se reuniram e fundaram o Iguaçu Tênis Clube (CAMARGO, 1999). Hoje o time do Clube Comercial não existe mais. O Iguaçu Tênis Clube é um clube social mantido por diversos sócios. Nele, são realizados grande parte dos eventos da cidade: bailes, saraus, casamentos, festas de debutantes, aniversários, matinês nos domingos a tarde, entre outros. A antiga sede do Clube Pinheiros ainda é utilizada para realizar eventos, mas ao lado foi construído um novo espaço, mais moderno e amplo. Possui ainda piscinas, quadras esportivas e um campo de futebol para uso dos sócios.

não é! Mas eu nunca acreditei no que eles falavam, aquilo para mim era só gavolice! Só para se gabar do que viam, do que fizeram. Porque antigamente, ir na cidade, as meninas não podiam não é!”.

Sobre estes jogos de futebol, o Sr. Heitor e o Sr. Nestor contaram que sempre que podiam iam assistir a esses jogos no campo do time do Comercial. De início como não tinham carro, cada um com seu grupo, combinavam e iam até a cidade de bicicleta. Mais tarde, quando as pessoas da comunidade já estavam motorizadas, geralmente os rapazes e os homens adultos reuniam-se e iam de caminhão ou camioneta para prestigiar os jogos. De acordo com os relatos desses dois entrevistados essas partidas de futebol movimentavam a cidade e reuniam muitas pessoas nos finais de semana. De acordo com seu Heitor, “*o time do Comercial era famoso, o pessoal gostava de participar e torcer para ele ganhar*”. Vinham pessoas de várias comunidades e quando os jogos eram contra times de outros municípios o movimento era maior. Para o Sr. Nestor era um momento de distração e um “lugar bem movimentado”. Gostavam de ir até lá para “ver as meninas circulando e tomar uma cervejinha com os amigos”.

A Sra. Mariana, assim como as outras três mulheres entrevistadas, também não costumava frequentar os espaços de lazer na cidade. Disse nunca ter ido a sorveterias ou lanchonetes aos domingos e nem ter participado de bailes nos clubes sociais na sua mocidade. No cinema, nunca teve oportunidade de frequentar e assistir algum filme. Para ela, seus pais acreditavam que “*era uma coisa que não precisava ver, era uma coisa que não fazia parte da nossa diversão*”. Relatou que tinha muita curiosidade de saber como era e o que acontecia nesses lugares. Um pouco da curiosidade era amenizada pelos rapazes da comunidade que sempre participavam e depois, ao retornar, contavam para as moças como eram os fins de semana na cidade.

Lembra que participou das festas do município, como citado anteriormente, e de alguns bailes que aconteciam no CTG. Como seus pais sempre tiveram forte ligação com as origens gaúchas, gostavam de participar dos bailes que aconteciam nesse espaço e assim ela podia frequentar. Os bailes eram animados por grupos gauchescos do Rio Grande do Sul, como *Os Mirins* e *Os Monarcas* e, geralmente, ocorriam aos sábados.

Esse espaço de lazer e sociabilidade também foi frequentado pelo Sr. Heitor e o Sr. José. Para os jovens, ir até a cidade nos fins de semana era mais comum do que para as jovens. No espaço urbano, além das festas do município, participavam dos torneios de futebol, bailes, lanchonetes, sorveteria, discotecas, festas de carnaval, bailes no CTG e rodeios.

O Sr. José relatou que era difícil para os jovens do campo vir para a cidade nos fins de semana. Lembra que algumas vezes, no domingo à tarde, foi com seus primos que moravam na cidade, a algumas lanchonetes que se localizavam na área central. A amizade nesse espaço era restrita a parentes ou pessoas que já haviam morado na comunidade e agora estavam na cidade. Nas lanchonetes ficavam conversando, tomando uma “coca” e observando os carros circulando, que na época, eram poucos.

Sobre os bailes do CTG, o Sr. José disse que sempre ia acompanhado dos seus pais, pois eles sempre gostaram muito de dançar. Na época os bailes do CTG aconteciam no Clube Pinheiros, pois salientou que a sede social só foi construída mais tarde<sup>38</sup>. Desses bailes, lembra que muitas pessoas frequentavam o evento. Para participar dos bailes eram vendidas mesas com quatro cadeiras. As pessoas pagavam o valor total e durante a noite podiam ficar sentados conversando. De acordo com o Sr. José, “*só dava baile bom*”, as músicas eram boas e tocadas por conjuntos gaúchos vindos do Rio Grande do Sul. Não era qualquer pessoa que podia participar. Nesses bailes lembra que o traje era calça social, sapato e camisa. Em seu relato, nos contou que a principal finalidade desses bailes era ir dançar. Não tinha amizade com outros jovens da cidade. Quando ia a esses eventos sempre ficava com seu pai e sua mãe. Gostava de participar para poder “*dançar uma música boa*”.

O Sr. Heitor, assim como o Sr. José, gostava de participar de rodeios e dos bailes do CTG. Sobre os rodeios, comentou que na época fazia parte da equipe do CTG Rincão Serrano, do qual também faziam parte jovens de várias comunidades do interior. Gostava muito de participar da gineteada, uma espécie de competição de montaria sobre o lombo de cavalos. Os eventos aconteciam uma vez por ano aqui em Laranjeiras do Sul, mas participavam nos municípios vizinhos como Quedas do Iguaçu. Relatou que quando participavam dos eventos organizados pelos CTGs de outros municípios, ficavam “acampados” em barracas de lonas durante os três dias do evento, iniciando na sexta feira até domingo. As despesas eram divididas entre os integrantes do grupo, constituído somente por rapazes. De acordo com seu Heitor, as jovens, na época, não participavam dessas competições e nem desses acampamentos, apenas iam assistir aos eventos.

Em um trecho da entrevista ele nos dá um panorama de como eram esses eventos:

**C** - Como eram esses rodeios? Aqui em Laranjeiras eles aconteciam no mesmo local onde acontecem atualmente, no Centro de Eventos do CTG?

**H** - É. Mas não era no mesmo lugar onde está agora. Era onde hoje tem a produção. Era ali a pista de rodeio. Era tudo feito de madeira: os palanques, a cabine do radialista era em cima dos bretes. Era rodeio muito forte!

---

<sup>38</sup> De acordo com Camargo (1999), no dia 04 de novembro de 1978 foi fundado o Centro de Tradições Gaúchas Rincão Serrano.



Vinham uns peões muito bons ali. Também no rodeio, tinha que apresentar estilo de montaria. Não dependia de ser tão bom, mas tinha que não derrubar o chapéu, montar com o corpo inclinado para trás e se batesse de mango valia mais ponto. Então o peão tinha que ser muito forte e preparado fisicamente para aguentar o pulo do bicho.

C - E quantas vezes por ano aconteciam esses rodeios?

H - Era uma vez por ano em cada CTG. Daí a gente ia aos outros CTG.

C - E aqui em Laranjeiras os jovens do campo iam assistir, como que era?

H - Iam tudo! Aquela arquibancada ficava lotada, em volta da cerca ficava cheio de gente. O pessoal gosta muito de rodeio até hoje.

C - E os jovens do Faxinal Grande iam assistir o senhor?

H - Iam sim! Tinha até torcida quando eu saía lá! Se eu saía bem, eles aplaudiam! Era gostoso participar! Eu participei em vários rodeios aqui no Rincão Serrano e até fazia parte da equipe deles. Participei em Quedas do Iguaçu num rodeio que fui campeão. E fui campeão lá em Santa Helena num rodeio, um rodeio que era campeiro, gauchesco, tirei dois primeiros lugares. Aí teve uma vez, que nós estávamos voltando de Santa Helena e batemos o carro. Aí meu pai e minha mãe pediram para eu parar de ir em rodeio, que aquilo não era bom, que era perigoso, que eu era para ficar só com o atletismo, aí eu parei.

C - Isso com que idade?

H - Eu estava com... quando eu parei eu estava com 26 anos.

Os rodeios, quando ocorriam, movimentavam toda a população. De acordo com o Sr. Heitor, as pessoas do interior eram o público mais presente durante as competições. Relatou que havia uma solidariedade muito grande entre os integrantes da equipe e muitos deles ainda são seus amigos até hoje.

Os bailes do CTG também se fizeram presentes na memória do Sr. Heitor. Contou que quando era jovem as condições financeiras da família “não eram das melhores” e por intermédio de um conhecido da família passou a trabalhar de garçom em bailes e festas que ocorriam no CTG e no Clube Pinheiros. Nos finais de semana conseguia ganhar alguns “trocados” nesse trabalho. Os detalhes sobre os bailes do CTG vieram a sua mente pelo trabalho de garçom que realizava nesses eventos e, pela participação com seu grupo de amigos em alguns bailes que frequentou. A época na qual o Sr. Heitor participou dos bailes do CTG é em um período posterior a do Sr. José, quando a sede social já estava constituída, como nos relatou em um trecho da entrevista.

C - O senhor chegou a frequentar os bailes promovidos pelo CTG?

H - Sim. Algumas vezes eu fui para trabalhar de garçom, que na época eu trabalhava, e depois eu fui umas vezes com meus amigos.

C - E o CTG seu Heitor, na época em que o senhor era jovem, já era onde hoje é o Parque de Eventos?

H - Era. Mas era um galpão pequeno, feito de madeira. Só que dava um bailão! Naquela época o preço da soja era muito alto, os agricultores gastavam, ficavam loucos! Aí enchia as mesas de garrafa, litro de *whisky*, que não tinha mais lugar para por as garrafas. O que mais dava percentagem para nós é quando vendia os *whisky* importados! Dava um dinheiro bom para os garçons.

C - E quem era o público que frequentava o baile do CTG?

H - Olha, ainda tem uns que estão por aí, que são de família tradicional! Os Belloni que é família tradicional aqui. O Mauro Ortiz era patrão aquela vez e ele ainda vive. Tinha o Lauri, o tio Lauri Padilha era uns dos diretores. Os Pinto, os Thomé, todos participavam.

C - O senhor ia mais para trabalhar então?

H - Sim. No começo eu ia só para trabalhar.

C - Mas e bailes, com teu grupo de amigos, vocês não participavam? Ou de vez em quando iam também?

H - Participei quando eu já estava mais adulto, daí eu participava. E eu participava de rodeio também. Participei de uns bailes. Dançando baile foram poucos. Uns três bailes eu fui, ou mais. Mas aí já tinha namorada.

**C** - E os outros jovens rurais participavam do baile no CTG ou ele era mais um baile da elite?

**H** - Participavam. Tinha os meus amigos, o João Maria, o Elói, o Deoclécio naquela época, o Zézinho participou de uns bailes. Eram meus amigos ali do Faxinal Grande. O Seu Noronha ia com as filhas dele e tudo. Até a Júlia que é minha esposa participava. Então o pessoal se reunia, mas isso passado um tempo porque eu iniciei trabalhando lá com uns doze anos. Lá só dava bailão. Vinham *Os Mirins*, *A Berenice Azamburja*, até o *Gaúcho da Fronteira* veio uma vez! Era bem animado (risos). Às vezes a gente estava trabalhando por lá, aí no final do baile a gente largava as bandejas e dançava umas modas por lá! (risos).

Esses bailes, segundo o Sr. Heitor, eram bastante frequentados pela juventude rural devido ao fato das músicas tocadas serem de estilo gaúcho, preferido pelos/as jovens rurais da época. Muitos frequentavam o baile vestidos a caráter. Os rapazes usavam bota, lenço, chapéus, bombacha e camisa e, as moças vestidos de prenda, “assim como é hoje”.

Como podemos verificar, pelos trechos da entrevista do Sr. Heitor, e alguns pontos citados pelo Sr. José, os rodeios e os bailes do CTG eram espaços de lazer e sociabilidade bastante frequentados pela juventude rural do período. Nesses espaços os/as jovens rurais encontravam uma identificação seja pelo estilo de música e de dança, predominantemente gaúcho, seja pela forte ligação que esses eventos possuíam com o modo de vida do campo. A atração por esses espaços de lazer ocorria por uma forte identificação com seu espaço de vivência.

De acordo com o Sr. Heitor e o Sr. Nestor, quando vinham com seu grupo de amigos para a cidade, nos finais de semana, para assistir algum jogo de futebol do Comercial, gostavam de ir até a sorveteria e a uma lanchonete<sup>39</sup> localizada no centro. O Sr. Heitor nos deu uma dimensão sobre como eram esses espaços de lazer e sociabilidade.

**H** - A gente sempre gostava de ir com a piaçada na sorveteria depois do jogo.

**C** - Qual sorveteria que vocês frequentavam, que o pessoal sempre ia?

**H** - Ela existe até hoje. É a Cremone.

**C** - Onde ela ficava? Ali na rua XV?

**H** - Ali na XV, no mesmo lugar onde ela está hoje. Hoje ela está mais moderna. Naquele tempo era mais simples.

**C** - Além da rua XV, seu Heitor, que outros pontos haviam na XV? A juventude rural chegava a frequentar nos fins de semana?

**H** - Eles iam ali na sorveteria e tinha Lanchonete Pop, que era na esquina ali. Em frente à Farmácia Santa Terezinha tinha a Lanchonete Pop. Era o ponto do pessoal. Iam ali tomar cerveja. O encontro com as namoradas era quase sempre ali. O pessoal do interior vinha de vez em quando não é! Não era sempre não.

**C** - E o senhor chegou a ir nessa lanchonete?

**H** - Fui, fui! Inclusive aquela vez, que eu ganhei o rodeio em Quedas, nós viemos fazer a festa ali (risos).

**C** - E era muito movimentada a rua, como que era?

**H** - Não era muito! Bem menos que agora. Encostava dois ou três carros ali, era o máximo. Daí o dono da Lanchonete às vezes permitia a gente por umas músicas lá. Naquele tempo, quem tinha toca fitas no carro era o cara não é! (risos). Então tocava umas músicas que você gostava ali e ficava, tomando uma cerveja, comendo algo. Depois a gente ia embora para casa.

**C** - E vocês conversavam com os jovens urbanos?

<sup>39</sup> Essa lanchonete chamava-se Lanchonete Pop e também foi citada como um local frequentado pelo Sr. José e pelo Sr. Nestor.

**H** - Geralmente a gente estava com a piizada da comunidade não é! Ficava ali conversando, não se misturava não. Tinha outros jovens da cidade ali, mas era normal, cada um na sua.

Pelo relato dos três entrevistados que eram jovens na década de 1980, percebemos que a Rua XV de Novembro configurava-se como um importante ponto de encontro para a juventude do período, inclusive para os jovens rurais. A Lanchonete Pop e a Sorveteria Cremone tornavam-se referências espaciais para as práticas de sociabilidade juvenil. Mesmo que a movimentação de carros fosse pequena, a circulação dos jovens urbanos e dos jovens rurais que frequentavam esses espaços era significativa. Pelo relato do seu Heitor fica evidente que a Rua XV, a Lanchonete e a sorveteria revelam uma característica de territorialidade (HAESBAERT, 2004), já que os grupos constituídos tanto pelos jovens rurais quanto pelos urbanos distribuem-se de acordo com suas afinidades. Entretanto, esses territórios não possuem uma temporalidade definida. Existem enquanto eles estão ali. São territórios produzidos no e pelo movimento.

Na cidade, o Sr. Nestor também costumava frequentar alguns bailes que ocorriam em um salão localizado no Loteamento Gaúcho<sup>40</sup>, na periferia de Laranjeiras do Sul. Ele disse nunca ter frequentado os bailes no Clube Pinheiros e no Clube Operário. Segundo nos contou, ele e seus amigos eram mais simples e optavam por participar dos bailes realizados nas áreas mais periféricas da cidade, em um salão conhecido como “Dama de Ouro”. Nessa época já tinha adquirido um carro e carteira de motorista, o que facilitava o deslocamento até a cidade. Convidava seus amigos da comunidade e iam até esses espaços de lazer. Não iam todos os finais de semana, mas somente *“de vez em quando, quando sobravam uns trocados”*. Nesse espaço, simplesmente dançava com a “meninada” e não tinha amizade com os jovens urbanos, conforme nos relatou: *“(...) não tinha amizade, eles faziam o grupo e nós fazíamos o grupo, nós três ali. Eles ficavam separados. Eles eram meio mal encarado, assim”*.

A amizade com os jovens urbanos não acontecia de acordo com o Sr. Nestor porque não se conheciam e a realidade era bem diferente. Outro motivo, segundo ele, era a pouca frequência com que iam a esse lugar e acabavam “não se misturando”, gostavam mais de frequentar “os bailinhos do interior”.

O Sr. Heitor também participou dos bailes realizados na “Dama de Ouro” juntamente com seus amigos do Faxinal Grande. Durante a entrevista ele nos contou detalhes de como era este espaço e quem o frequentava.

---

<sup>40</sup> Esse bairro hoje é denominado Loteamento Presidente Vargas e está localizado na periferia da cidade de Laranjeiras do Sul.

**H** - A gente ia também, num lugar que surgiu mais tarde, era a Dama de Ouro. Muito famosa! Ficava ali no Loteamento Gaúcho, onde hoje é o Presidente Vargas. Era de propriedade do seu Osvaldinho Caetano. Dava um bailão! Começava com um matinê as três da tarde e aí cordoava, tocava até madrugada, ia tocando.

**C** - Era sempre no final de semana?

**H** - Era no final de semana! Sábado e domingo.

**C** - E quem participava dos bailes ali seu Heitor?

**H** - Era o povão! Ali não era muito os de gravatinha. Era o povão que ia lá. Era o povo mais da vila, pessoal do interior... Iam pra lá e dançavam pra valer!

**C** - E quem tocava esses bailes?

**H** - Ali eles pegavam esses cantor antigo que tinha aqui. Até o Valderi Pereira tocava lá! O Nego da Gaita, tinha os Cordeirinho. Tinha os gaiteiros antigos de Laranjeiras. Iam lá, tocavam e animavam o pessoal.

**C** - E era um pavilhão grande, como que era?

**H** - Ele era grande! Era tudo de madeira. Aí tinha a copa nos fundo lá, e o resto era salão. E o pessoal ficava de pé, não tinha mesa e nem banco para sentar. Ficava tudo em roda do salão, de pé.

**C** - Pagava a entrada...

**H** - Aham! E para tomar a cerveja tinha que ser no balcão.

**C** - E os jovens do interior iam e participavam também? Como que o senhor ia até lá?

**H** - Naquela época eu ia com o pessoal daqui, o seu Albino Carrador, o Zé, o Constantino, o João Maria, o Deoclécio, o Elói.

**C** - E as meninas, elas iam nesses bailes também ou mais era os rapazes?

**H** - Iam. Mas elas iam mais no matinê, que era de dia. Na parte da noite elas não iam porque daí era mais “boca quente” como diziam. As meninas daqui iam de vez em quando, só que iam acompanhadas dos irmãos ou dos pais. Sozinhas elas não iam.

**C** - E ali vocês se misturavam com outros jovens do interior ou da cidade, como que era? Eram grupinhos separados, como que funcionava?

**H** - É meio igual a hoje. Tem os grupos que são mais amigos e outros que não. Com os da cidade a gente ficava mais assim. Eram bem animados os bailes lá. A Dama de Ouro era famosa aquela época! (risos)

**C** - E mais tarde ela foi desmanchada?

**H** - Até depois deu... ali no final deu um entrevero lá com o dono. Acabaram brigando e o dono acabou matando um homem lá e teve que ir embora de Laranjeiras e acabou o salão. Se desentenderam e acabou acontecendo a morte ali e acabou com o bailão.

Sobre esse espaço de lazer e sociabilidade, alguns aspectos se fazem importantes a partir do relato dos dois entrevistados. Os jovens rurais não possuíam amizade com os jovens urbanos. Cada um ficava restrito ao seu grupo de amigos do campo. De acordo com o relato do Sr. Nestor, eles não possuíam identificação com os jovens urbanos porque o seu modo de vida e seu mundo vivido eram diferentes daqueles vivenciados pelos jovens da cidade. A relação de amizade e sociabilidade só era estabelecida entre iguais, ou seja, entre o grupo de amigos que possuía as mesmas visões de mundo, anseios e características sociais e culturais semelhantes (CARRANO, 2003).

Os dois entrevistados disseram que este espaço de lazer e sociabilidade era frequentado por pessoas de classe social mais baixa, o que não acontecia no Clube Pinheiros. Pelo relato do seu José, citado anteriormente, sobre as pessoas que frequentavam os bailes do Clube Pinheiros, podemos supor que havia uma diferença social entre quem frequentava esses lugares: a “Dama de Ouro” era para o “povão” e o “Clube Pinheiros” para a “elite”. Assim como os jovens com condição financeira mais elevada não costumavam frequentar os bailes periféricos, a juventude rural também não circulava pelos bailes dos outros dois clubes sociais, seja por não se identificarem com o lugar ou mesmo pela falta de dinheiro. Mas isso

não era regra geral, pois como veremos a seguir, alguns jovens rurais participavam de alguns eventos no Clube Pinheiros.

Outro ponto interessante, é que as jovens rurais dificilmente frequentavam os bailes na “Dama de Ouro” e assim como os bailes que aconteciam nas comunidades, elas só estavam autorizadas a frequentar se estivessem na companhia dos pais e/ou dos irmãos, tanto que esse espaço de lazer e sociabilidade não se fez presente em nenhum dos relatos apresentados pelas entrevistadas pertencentes à geração de 1980. O espaço-tempo de diversão noturno na cidade não era permitido para as jovens rurais. Já para os rapazes este espaço de lazer e sociabilidade podia ser vivenciado de forma mais liberal, constituindo-se como um importante ponto de encontro e diversão nos finais de semana na cidade, apesar de não ser tão frequente em alguns casos, como do Sr. Nestor.

Durante a entrevista, o Sr. Heitor relatou que na sua juventude também eram realizados bailes de carnaval na cidade. Esses eventos eram realizados no Clube Pinheiros. Eram quatro dias de festa. Durante o turno da tarde, o espaço era destinado ao carnaval infantil, para as crianças pular e dançar. À noite aconteciam os bailes de carnaval destinado para os adultos e jovens. Nessas festas tocavam bandas de outros municípios contratadas pela diretoria do clube. O estilo musical para animar a festa era samba. Segundo nos relatou, a grande maioria das pessoas que participavam era da cidade. Ele participava dessa festa trabalhando de garçom e, em algumas vezes, teve a oportunidade de participar acompanhado do seu grupo de amigos da comunidade. De acordo com seu Heitor, gostavam de ir nesse espaço de lazer e diversão “mais para bagunçar”. Não usavam trajes de carnaval. Iam mesmo para “tomar uma cerveja e ver a festa”. Os bailes de carnaval reuniam pessoas de vários lugares, até de outros municípios. Lembra que a juventude rural participava, mas não entravam no “*rebolation*”, pois gostavam mesmo de dançar música gaúcha nos “bailes do interior”.

O fenômeno das discotecas também se fez presente nas práticas de lazer e sociabilidade do Sr. Heitor. Relatou que a discoteca estava localizada em um porão em frente ao atual “mercadão” da Rede Lar. Lembra de ter participado de alguns bailes em meados da década de 1980, juntamente com seus irmãos e amigos da comunidade. Para ir até esse local, vinham de bicicleta e as deixavam na casa da sua avó no centro da cidade. Em um trecho da entrevista, o Sr. Heitor nos contou um pouco mais sobre como era essa discoteca.

**H** - A discoteca era dividida em duas partes... eu gostava mais... que tinha uma parte que era discoteca mesmo e outra parte que era dança, tinha dança gauchesca e sertaneja. Eram duas salas e tinha uma parte que dividia. Era

em frente aonde hoje é o Mercado. [...] Ela funcionava num porão. Tinha uma escada assim, uma entrada, daí descia lá embaixo. Ela era toda cheia de luz.

C - Pagavam a entrada e escolhia a pista onde ia dançar?

H - Aham! Pagava e podia dançar. E a música na época era tudo na base do toca fita. Não era ao vivo.

C - E quem frequentava a pista? Os jovens rurais iam na pista das músicas soltas?

H - Ah, mas o pessoal não levava muito jeito para a discoteca! O povo do interior era meio durão não é! (risos).

C - E ali vocês se misturavam com outros jovens? Tinha jovens do interior também ou como que era?

H - Tinha. Mas o pessoal era menos (?)... era cada um na sua. Cada um tomava uma cerveja lá, não fazia aquela rodada de cerveja, era meio controlado.

C - E lá na discoteca o senhor ficava mais no seu grupinho?

H - Quase sempre arrumava uma namorada e ficava por lá (risos).

C - E na outra parte da pista que não era música gaúcha, que músicas tocavam?

H - Era aquela puleria de discoteca!

C - E vocês preferiam a outra, para dançar mais coladinho...

H - Isso! (risos).

C - Então os jovens do interior não se davam muito bem com os jovens da cidade...

H - Não, era bem... bem difícil sabe? Dava muita “peleia” por causa disso. Eles chamavam o pessoal de colono. Se chamava de colono o bicho já pegava, sabe? Ai já fechava a madeira! Só que o pessoal do interior era muito respeitado não é! Nós tínhamos amigos de umas famílias que eram bastante violenta sabe.

C - Aham.

H - Não dava de mexer por que... já ia para o cartucho, que nem diziam antigamente. Mas graças a Deus nós, da nossa família, nunca nos envolvemos em briga.

C - Então, os jovens rurais acabavam se sentindo mais à vontade no campo do que nos espaços da cidade...

H - É! Era meio... era meio dividido sabe. O pessoal da cidade não podia vim “cantar de galo” no interior que eles se quebravam! [...] Era bem dividido. Não adiantava o cara vim querer dar uma de engraçadinho aí que... para gente ir na cidade, tinha que ir no grupo se não o caboclo acabava apanhando lá.

A discoteca, além de ser frequentada pela juventude urbana, também era frequentada pelos jovens rurais. Pelo relato do Sr. Heitor ficou evidente a preferência desses jovens pelo estilo de dança gaúcha. Isso se justifica, de certa forma, pelo fato de outros estilos de danças e de músicas não se fazerem presentes no cotidiano e na maioria dos espaços de lazer e sociabilidade frequentados pela juventude rural. Como vimos anteriormente, nos bailes e festas nas comunidades rurais predominavam as músicas sertanejas e gaúchas. Os/ as jovens rurais e a própria sociedade na qual estavam inseridos viam essas novas danças com estranhamento, mesmo porque, não tinham acesso à energia elétrica e nem televisão o que dificultava o acesso a essas novidades do mundo da música.

Reforçando o que foi dito anteriormente pelos entrevistados, a relação de amizade dos jovens rurais ficava restrita aos amigos do campo. Esses diferentes grupos constituídos por jovens rurais ou por jovens urbanos conviviam no mesmo espaço, mas acabavam por se microsegregar pelas diferentes práticas culturais e identificações, tanto no campo quanto na cidade. Os jovens rurais em seus grupos de amigos buscavam afirmar-se e estabelecer entre si e para com os outros grupos, fronteiras de convivência simbólica. Os jovens rurais buscavam territorializar-se (HAESBAERT, 2004) e conquistar seu espaço nesses eventos, mesmo em um espaço de lazer e diversão diferente do que estavam acostumados a frequentar todos os

finais de semana no campo, procuravam desenvolver as mais diversas formas de sociabilidade e afirmarem-se como jovens rurais na cidade.

De acordo com a Sra. Regina “*ser jovem naquela época não era muito fácil*”. Muitos desejos e anseios da juventude rural desse período não podiam ser realizados e estavam limitados às dificuldades e as próprias condições sociais e econômicas encontradas no lugar.

Durante nossas conversas, todos os/as entrevistados/as mostraram que na sua juventude tinham vontade de continuar os estudos. No caso das jovens entrevistadas, pertencentes à geração de 1980, todas elas afirmaram que gostariam muito de ter tido a oportunidade de dar continuidade nos estudos, mas por uma série de motivos isso não foi possível.

A Sra. Regina relatou que na sua mocidade trabalhou como professora na escola que havia na comunidade de São Pedro do Interior. Disse que gostava muito de dar aula e seu sonho era ter se formado como professora, conforme nos relatou em um trecho da entrevista.

C - Regina, na época, você me falou que, quando jovem, trabalhou como professora. Você tinha vontade de continuar seus estudos não é? Como que seus pais viam, percebiam isso? Eles te apoiavam?

R - Ah, dificilmente era apoiado. Porque antigamente o estudo não era como hoje em dia, tudo fácil. Antigamente era bem difícil não é?! E eu sempre tive vontade de estudar, só que sempre a gente achava barreira! Teve uma época que eu fui estudar na cidade. Teve uma professora... ela foi professora no Erval Grande, ela queria estudar. Daí ela pediu para o meu pai se deixava eu ir junto com ela morar na cidade e estudar. Aí o meu pai deixou. Mas como ela resolveu voltar para o Erval Grande, eu não tive outra opção senão vir embora. Meu pai não deixava eu parar na casa de outro. Mas depois, como eu comecei a dar aula aqui na Linha São Pedro... eu gostaria de ter continuado! Gostaria! Mas só que daí eu teria que voltar a estudar. Mas como eu casei, meu marido não deixou, porque sempre... naquela época falavam que “não precisa, aguenta trabalhar!”, “mulher não precisa estudar!” Então, antigamente o estudo não era para todos! Sempre tinha aquela barreira. Quem tivesse o primário, estava bom! Se soubesse fazer contas, estava ótimo! Mas hoje em dia eu me arrependo. Me arrependo muito de não ter voltado a estudar e continuado dando aula. [...] Sabe, ficou parece que... hoje, não sei se é por causa da idade, ficou uma frustração sabe? Às vezes eu paro e penso: “Bah, e se eu tivesse continuado? Por que eu parei?” Eu me arrependo.

C - Regina, como você se percebia enquanto jovem rural? O que você pensava? Qual era tua vontade na época?

R - (silêncio) Boa pergunta! (silêncio). Olha... eu pensava de não trabalhar na roça, isso eu lembro! Porque eu via a minha mãe tão sofrida, sofrida sabe? De tanto trabalhar na roça. Mas depois, comecei a gostar! Até hoje as minhas irmãs caçoam de mim, fazem piada em cima de mim, que eu criei raiz na terra, que eu gosto de andar com as unhas sujas, que eu gosto de andar com as unhas encravadas. Mas, até que eu gosto! Sempre gostei! Só que teve uma época que eu pensava que eu não queria ficar na roça, que eu não queria ficar morando no interior. Casei e acabei ficando. Mas, mas na minha ideia não tinha muita vontade de ficar, na minha solteria, porque era difícil, aquela época era difícil. Era tudo na base da enxada, de arado de cavalo. Mas daí eu acabei casando e acabei ficando na roça. Mas a maioria daqueles jovens, poucos ficaram na roça. Poucos! Muito poucos estão aqui! Dá para contar nos dedos quem ficou. A maioria foi embora para a cidade ou foi embora para outra cidade.

Pelo relato acima percebemos que na época era muito difícil para a juventude rural dar continuidade aos estudos. Por mais que tivessem vontade e desejassem isso, a efetivação dos seus projetos de futuro ficava limitada àquilo que tinham à disposição. Dois pontos

ficaram claros na sua fala sobre o acesso a educação escolar nesse período: a falta de incentivo por parte da família e a não universalização do ensino. Segundo ela nos relatou, e isso também foi salientado nas outras três entrevistas com as jovens da geração de 1980, os pais não incentivavam a continuidade dos estudos porque era algo que não estava presente nas suas realidades e por mais que desejassem dar continuidade, a distância considerável das comunidades até a cidade, a falta de transporte e o próprio acesso à escola no espaço urbano eram fatores limitadores.

A Sra. Glória, assim como a Sra. Regina, também tinha vontade de estudar, ser professora ou trabalhar em um “salão de beleza”. Mas seus pais não a incentivavam. Na comunidade só havia o ensino “primário” e para dar continuidade teria que morar na cidade, situação que não era apoiada pela família. E, com o passar do tempo, não restou outra alternativa a não ser se casar e constituir uma família.

Conforme a Sra. Mariana “[...] *o jovem rural era muito diferente do jovem urbano que podia estudar, trabalhar em escritório*”. Para ela, como a juventude rural não podia frequentar a escola, construía seus sonhos ligados com a realidade do campo.

**M** – [...] a gente não podia estudar e pensava assim... sei lá... em ter terra, em produzir, ter uma família onde pudesse ter terra para ela crescer, para ela se multiplicar ali [...]. Porque já pelo estudo, era um passo muito grande a dar, sair da família. A gente desde pequena aprendia a ficar com a família, trabalhar, cuidar dos pais até que eles existissem. Você pensava em formar tua família. Não tinha muito sonho. De vez em quando apareciam algumas possibilidades, mas precisaria de um incentivo muito grande para você sair, senão você não saía!

Por mais que as jovens dessa geração desejassem efetivar algum projeto de futuro ligado ao estudo ou ao trabalho fora da propriedade, era difícil para por em prática devido a falta de incentivo. O campo de possibilidades para a efetivação de um projeto de futuro estava limitado às condições sociais e econômicas impostas no lugar.

Os jovens entrevistados dessa geração, assim como as jovens, também tinham vontade de estudar. De acordo com o Sr. Nestor a escola não era acessível a todos, “*isso era coisa para quem estava na cidade, a gente tinha que trabalhar na roça, ajudar em casa*”. Ele gostaria de ter continuado os estudos, mas devido às dificuldades de acesso optou por ficar na lavoura e trabalhar para conseguir comprar “um pedaço de terra”. Seu José, por sua vez, nunca fez muita questão de estudar, seu sonho mesmo era “lidar em fazenda, com gado”. Na sua juventude optou por casar e continuar a trabalhar na lavoura.

Já para o Sr. Heitor, dar continuidade aos estudos era um desejo muito grande quando era jovem. Até iniciou o ensino médio em uma escola urbana, mas o trabalho na agricultura, ajudando seus pais, o fez desistir. Lembra que na sua época era muito difícil para



um jovem rural estudar e os que conseguiam sofriam muito preconceito por parte dos colegas, na sua maioria urbanos. Mas nem por isso “baixava a cabeça”, pois ele sempre procurou mostrar para os jovens urbanos que “os jovens rurais são capazes”. Apesar das dificuldades disse ter alcançado seu objetivo, qual seja, comprar sua própria propriedade e trabalhar na agricultura com sua família. Hoje, segundo ele, “muita coisa mudou”.

As pessoas entrevistadas dessa geração também falaram sobre os espaços de lazer e sociabilidade que frequentam atualmente. No geral costumam frequentar as festas religiosas que acontecem em suas comunidades e nas comunidades vizinhas. Aos domingos, quando possível, visitam os vizinhos, parentes ou ficam em casa descansando e assistindo televisão. As mulheres têm como espaço de encontro na comunidade as reuniões realizadas pelos clubes de mães e os homens, em geral, participam das associações de moradores. Os bailes que frequentavam, quando eram jovens, já não são mais citados por eles/elas.

Foi praticamente um consenso entre todos/as os/as entrevistados/as dessa geração, afirmar que hoje quase não participam de espaços de lazer e diversão devido às mudanças que se engendraram ao longo do tempo nas comunidades e na área rural do município. O Sr. Heitor fez um relato importante sobre algumas coisas que mudaram desde a sua juventude até hoje na sua comunidade.

**H** - Eu percebo que mudou bastante sabe! O regime capitalista entrou de mais. O povo não está mais tendo tempo para tomar um chimarrão, para se preocupar com a família que está doente. Na igreja já estão meio descrente, se tem que colher ele não para e vai colher, se ele tem que tirar leite, ele vai. Não importa se chegou uma visita, não importa se a pessoa vai se ofender e tal. Nós comentamos esses dias no culto até que o serviço você vai ter a vida inteira. Já estou vendo que muitos pais não tem nem tempo para o filho, e isso é ruim. [...] Esse é o ponto de vista que eu tenho, e na comunidade, eu vejo que antigamente o pessoal era bem mais amigo e hoje nem se visitam. Hoje já diminuiu muito as famílias aqui na comunidade e o povo está muito atarefado sabe. Até os jovens não participam mais. Esses dias eu estava na missa ali, e só tinha o Jorginho na missa ali de jovem, de homem. O resto estava estudando, com certeza estudando, e não é para ficar na propriedade. Outra parte estava assistindo filme, ou na internet, ou assistindo televisão e outros estão muito ocupados com o trabalho. Uma parte está em cima de uma ceifa, uma parte está cuidando das vacas de leite e estão se retirando. [...] Eu vejo aqui, bastante gente que diz que vai se aposentar, vender a chácara e comprar uma casa na cidade. Então é um futuro meio feio sabe? As estradas também estão ruins não é! O jovem, às vezes, quer morar aqui e trabalhar lá, não é? Eu fico bastante preocupado sabe, porque os jovens estão saindo e vendendo a propriedade. Vai envelhecer e terminar a agricultura familiar. Eu torço para que meus filhos fiquem por ai, mas já a minha filha está estudando para ser professora, o genro professor, meu filho quer ser veterinário. Se ele se tornar veterinário, ele pode atender aqui, mas a tendência é morar na cidade. Então eu fico bem pensativo sabe.

**C** – Sim.

**H** – A piaçada fica muito em casa. Quando sai, quase não tem aonde ir, só se for para a cidade. [...] Hoje para montar um time aqui no Faxinal não dá mais e antes dava dois, três times. Não é mais como antigamente e eu me preocupo sabe.

O relato do Sr. Heitor deixa evidente uma preocupação com as mudanças engendradas na comunidade a partir do aumento dos “anseios capitalistas” no campo, os quais alteraram as relações sociais no lugar assim como o lócus de sociabilidade das pessoas. Hoje,

a preocupação e a ocupação do tempo giram em torno do trabalho nas propriedades. Ele percebe que a juventude rural não participa das atividades comunitárias como na sua época e, além disso, as possibilidades de permanência dos jovens nas propriedades são reduzidas.

Também a Sra. Mariana percebe essas mudanças. Antes, “(...) *era tudo manual e hoje em dia tem mais tecnologia. As pessoas trabalham mais fácil, tem mais informação, educação, mas convivem menos*”. Para ela, as pessoas não se visitam, não existe mais “aquela convivência de sentar frente a frente”. Ela disse que muitas famílias foram embora para a cidade. Por falta de incentivo, muitos agricultores com pequenas propriedades acabaram vendendo e indo embora para as cidades. Muitos foram “atrás de uma vida melhor, de estudos”.

Argumentou, ainda, que muitas coisas mudaram do período da sua juventude se comparada a de seus filhos. Hoje ela é mãe de dois jovens e relatou estar preocupada com o futuro deles.

**M** – Mudou bastante, tem bastante diferença da minha época. Hoje a juventude tem muito mais lazer, ela vai mais para o lazer. Ela estuda mais e eu acho que trabalha menos. Porque nós tínhamos responsabilidade, trabalhar primeiro. Nas horas de folga a gente se divertia, quando podia, porque a diversão também depende do dinheiro, também depende de você ter dinheiro para se divertir. Está muito diferente, muito mudado. Era tudo dependente dos pais. Hoje em dia a juventude está mais independente. [...] Hoje os meus filhos vão mais em bailes e festas mesmo aqui no entorno da comunidade mesmo e, na cidade, não vão muito não. Eles não saem muito não. Como a gente é do interior na cidade está bastante difícil, há muito perigo, falta segurança não é?! Por isso a diversão deles às vezes fica bastante resumida.

**C** – E eles pretendem permanecer na lavoura?

**M** – Bastante difícil! Eles querem permanecer no campo, mas está bastante difícil. Está muito difícil de progredir. Comprar terra, está difícil de adquirir. Há financiamentos, há tudo. Mas os juros, o preço dos produtos e tem o clima também, tudo fica difícil. Às vezes planta e não colhe. Vira tudo em financiamento! Na verdade teria quer ter uma política para incentivar essa piaçada a ficar na roça. Os meus querem, mas desse jeito não vai dar.

Para ela, a juventude rural possui maior liberdade e condições de frequentar diferentes espaços de lazer e diversão se comparada a sua geração. Assim como o Sr. Heitor, ela também apontou as dificuldades encontradas para a juventude rural permanecer no espaço rural, apesar disso ser a vontade dos seus filhos.

O Sr. Nestor é pai de três jovens, dois rapazes e uma moça. Relatou que seus filhos dificilmente saem de casa, pois “*na comunidade não tem nada para eles fazerem*”. Disse que geralmente vão a bailes na cidade, nos municípios vizinhos, pois nas comunidades dificilmente esses eventos acontecem. Sobre as festas, disse que gosta de frequentar e que seus filhos também participam. Comentou que muitas festas nas comunidades rurais só acontecem devido à participação das pessoas da cidade, que hoje participam muito das festas religiosas no interior. Em sua fala: “(...) *se fosse depender só das pessoas das comunidades*

*não dava mais festa, diminuiu muito o número de famílias”*. Sobre os torneios de futebol que costumava frequentar na sua juventude no campo, já não existem mais. Seus filhos, quando querem “jogar uma bolinha” tem de ir até a cidade, pois no campo faltam rapazes para completar o time.

A Sra. Regina, assim como os demais entrevistados, também disse ter ocorrido muitas mudanças na comunidade desde sua mocidade até hoje. Muitas famílias foram embora, a agricultura passou por muitas transformações e a juventude rural, atualmente, vive uma realidade muito diferente da sua época conforme nos relatou.

**R** – Hoje eu vejo que a comunidade ficou quieta. Ela ficou muito quieta. Porque os jovens de hoje em dia eles tem outra coisa para se divertir. Eles não têm mais aquele divertimento dentro da comunidade. Eles têm o divertimento fora da comunidade e bastante. É só escolher! Então acho que começou por aí, pelos jovens. Eles têm divertimento a mais que era antigamente. Não tem mais aquele barulho que tinha antigamente e as pessoas hoje em dia ficaram mais acomodadas. Trabalham a semana inteira, nos domingos, cada um na sua casa. Eu vejo assim. [...] As amizades dessa juventude tem muita diferença! Muita diferença! Hoje em dia as amizades, pouco tem amizade, mas tem aqueles “amigos”, que se diz amigo, mas não são amigos. E o divertimento é bem diferente! Muito diferente! Porque antigamente a gente gostava de se divertir. Hoje em dia eles estão mais para a bebedeira, para correr de carro. Bem na verdade, às vezes eu não sei qual é o divertimento deles hoje em dia!? Francamente, hoje em dia eu não sei qual é o divertimento deles. Ficam ali, o dia inteiro no computador jogando, os joguinhos do computador não é! Hoje em dia você não vê um jovem jogando bola, você não vê um jovem fazendo alguma coisa que nós fazíamos antigamente, numa rodinha conversando. Eles, se estão em uma rodinha eles estão bebendo, escutando aquelas músicas no último volume. É então, um divertimento bem diferente do que nós tínhamos antigamente.

**C** - E em relação a condição que os jovens tem hoje de permanecer no campo ou sair, mudou bastante da tua época? Comparada a geração do teu filho, por exemplo.

**R** - Mudou, mudou bastante! Porque antigamente, os homens, os rapazes, eles tinham atrativo de ficar na terra, na roça não é! Hoje em dia, eles não têm mais aquele atrativo que antigamente tinha. Então hoje, eles querem um emprego na cidade, estudar, ter seu próprio dinheiro. Porque, antigamente, o rapaz ficava na casa do pai até casar, ele não tinha o dinheiro. Ele tinha lá seus centavos que o pai dava. O pai dava de comer, dava de vestir até casar. Casava, dava um pedacinho de terra e, depois, “se vire!”. Hoje em dia não. Hoje em dia, o jovem quer mais! Mais e mais. Eles querem se formar em alguma coisa, ter seu próprio dinheiro, ser dono do seu nariz. Hoje em dia é assim! Querem ir para a cidade. Porque antigamente nós não tínhamos isso. Então, eu acho muito difícil que daqui 10 ou 20 anos eles fiquem na roça. Muito difícil. Eles veem os pais trabalhar, trabalhar e trabalhar, e no final não ter lucro. Eles só os veem trabalhar para manter o que tem, não fazer futuro. Antigamente, mais é... esse problema do capitalismo. Antigamente tinha terra, tinha ali, não tinha celular, não tinha computador, não tinha televisão, não tinha aquela modernidade não é?! Antigamente você comprava terra facilmente, hoje é muito difícil! Muito difícil, porque quem tem, vamos dizer quem tem um pedacinho ali de uns 6 ou 7 alqueires, se ele mora perto de alguém que tem 30 ou 40, ele vende para esse aí. [...] E foi por causa dessa modernidade que muita gente saiu. Porque antigamente você não financiava em banco, você plantava, era o que você colhia. Você colhia, você guardava para plantar. Então, o que te sobrava era lucro. Você vivia. Não com modernidade, mas vivia. Depois que começou a entrar a modernidade, como digo, o trator, ceifa, coisas modernas, a coisa ficou difícil para o pequeno, porque o pequeno não consegue. Não consegue fazer o que o grande. Então aí que vem a mudança, que os filhos não ficam. Eles querem estudar, eles querem ter sua profissão. Então, como esses dias eu falei, na roça vai ficar os velhos os jovens não. Um ou outro pode ficar. Mas a maioria vai sair. Não permanece mais.

Para a Sra. Regina, as principais mudanças engendradas no lugar aconteceram devido aos processos de modernização da agricultura. Em um primeiro momento destaca as mudanças relacionadas ao lazer, que em sua opinião, houve uma ampliação nos espaços de lazer e práticas de sociabilidade da juventude rural para além da comunidade. O acesso a

outros bens de consumo, aos meios de informação e a própria conquista de um espaço dentro da família e da propriedade por parte do/a jovem rural, os tornou mais independentes. A ampliação das relações econômicas e sociais, para além da comunidade, possibilitou aos jovens novas possibilidades e projetos de futuro, diferente do que havia disponível para a sua geração.

Estes projetos, de acordo com a entrevistada, não estão ligados mais somente ao campo e ao trabalho na agricultura. Os/as jovens querem estudar, buscar um emprego, mesmo porque, segundo ela relatou, as mudanças ocorridas no campo não possibilitam mais a aquisição de um pedaço de terra por parte dos pequenos agricultores para seus filhos/as, assim como não existem políticas públicas que deem esse incentivo. A tendência, na sua visão e na dos demais entrevistados é a saída da juventude rural em busca de novas alternativas.

#### **4.2. Considerações sobre as vivências, os espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural da geração de 1980**

A partir das entrevistas e das trajetórias de vida dos/as entrevistados/as dessa geração é possível tecer algumas considerações importantes sobre este período, acerca dos espaços de lazer, práticas de sociabilidade e das transformações ocorridas no lugar, que influenciaram nas vivências juvenis dessa geração. São pontos importantes para compreendermos, de certa forma, algumas transformações que afetaram a sociedade local e o cotidiano dos/as jovens rurais dessas comunidades.

Pelos relatos obtidos, com as pessoas que vivenciaram sua juventude na década de 1980, percebemos que, ao longo do tempo, a área rural de Laranjeiras do Sul foi se inserindo nos processos de modernização da agricultura. De início, o trabalho agrícola realizado nas pequenas propriedades era feito de forma manual, mas aos poucos novos equipamentos e formas de trabalho foram transformando o meio natural em um meio técnico-científico, do qual fala Santos (1994). Com o passar do tempo esses lugares, aqui representados pelas comunidades, passam a integrar-se a outros espaços pela melhoria das estradas, aumento dos meios de transporte e expansão das redes de energia elétrica. Todos esses novos objetos geográficos vão ampliando as relações sociais e propiciando novas dinâmicas nas comunidades e influenciando nas práticas de sociabilidade da juventude rural desse período.

No entanto, foi possível observar que os espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural da geração de 1980 estavam restritos, quase que totalmente, a comunidade.

Somente para alguns rapazes houve a conquista dos espaços de lazer na cidade. Os bailes, as festas, os torneios de futebol, rodeios, as matinês nos domingos à tarde, as confraternizações realizadas entre a vizinhança, os grupos de jovens formados em torno da igreja, constituíram-se como importantes espaços de lazer, diversão e sociabilidade para os/as jovens rurais que viviam nesses lugares.

A juventude rural dessa geração construiu diferentes relações, práticas e espaços de sociabilidade com os recursos disponíveis nas comunidades naquele momento. Esses espaços eram marcados pela presença constante da família e os/as jovens rurais estavam sempre sobre vigilância das pessoas da comunidade. Mas nem por isso a imagem da juventude se fez ausente para essa geração. Pelo contrário, apresentou-se como um momento muito importante para suas vivências juvenis e a construção das suas identidades enquanto jovens rurais.

Os bailes e as festas nas comunidades rurais caracterizavam-se como importantes espaços de lazer e sociabilidade para a juventude rural. Apesar de ter a presença dos pais nesses eventos, a juventude rural desenvolvia diversas formas de sociabilidade. Era o momento de encontro dos/das jovens rurais com seu grupo de pares. Ali, ficavam conversando, paquerando, dançando e, por meio das suas relações entre iguais elaboravam suas identidades (CARRANO, 2003).

A animação desses espaços, por meio da música, ocorria pela presença de pessoas da comunidade ou mesmo da cidade que tocavam gaita e violão. Foi consenso entre os entrevistados/as a presença da música gaúcha e sertaneja nesses espaços. Nos bailes e festas havia um protocolo social que deveria ser seguido: as moças não podiam misturar-se com os rapazes e não era permitido a elas escolher o seu par na hora da dança.

Os/as jovens rurais formavam grupos de amizade tanto quando se encontravam na comunidade como quando participavam desses espaços de lazer e diversão. Os grupos de amigos/as eram formados por filhos/as de vizinhos/as, primos/as e irmãos/ãs. Nos bailes e festas, conforme foi relatado havia uma divisão de gênero entre os grupos: as moças não formavam grupos de amizades com os rapazes. O contato entre jovens de sexo diferente ocorria somente na hora da dança. As moças evitavam o contato com os rapazes e seguiam as regras para evitar o desvio de conduta imposto pela sociedade local.

Apesar do forte controle da família, algumas brincadeiras e danças (dança do chapéu e dança da rosa) realizadas durante os bailes permitia à juventude rural uma certa autonomia para praticar suas sociabilidades e desfrutar de um momento de liberdade em relação ao “controle” do olhar dos adultos.

As idas e vindas para os espaços de lazer eram controlados pelos pais. Tanto os rapazes como as moças tinham horário de retorno pré-estabelecido, o que seguiam a risca. No caso das jovens, o controle também se dava em relação à frequência a esses espaços. De acordo com as entrevistadas, elas só podiam ir até as festas e bailes se estivessem acompanhadas dos pais, irmãos ou algum responsável, podendo este ser o pai de uma das amigas. Já os rapazes tinham maior liberdade para frequentar os espaços de lazer na comunidade, nas comunidades vizinhas e também no espaço urbano. Para as jovens, a vivência de práticas de sociabilidade especificamente juvenis eram mais difíceis de serem conquistadas se comparada aos rapazes, devido ao forte controle da família.

Os domingos à tarde na comunidade, também se configurou com um espaço privilegiado para o lazer e a sociabilidade da juventude rural desse período. Após o culto, o encontro dos grupos de amigos acontecia no pavilhão da comunidade onde realizavam-se as matinês. Ali, os/as jovens rurais podiam conversar, dar risada, namorar, trocar experiências e falar sobre seus anseios. A partir das diferentes relações sociais estabelecidas com seus grupos de pares os indivíduos iam construindo suas identidades individuais e coletivas.

Diante dos poucos espaços de lazer disponíveis para a juventude rural, a prática de esportes, por meio das partidas de futebol, também se apresentou como um espaço importante para a vivência entre iguais por parte dos jovens rurais. Nos jogos, eles podiam conversar, jogar e trocar experiências. A realização de torneios, ou mesmo a participação nesses jogos, reforçavam o sentido e a união do grupo de amigos. O companheirismo, a relação solidária entre os membros do grupo e, a importância do pertencimento, reforçavam as identidades desses jovens rurais, tal como foi apontado no relato do Sr. Heitor.

Os encontros promovidos pelo grupo de jovens da comunidade, articulados em torno da religiosidade, nos pareceu como um dos únicos espaços de sociabilidade especificamente juvenis, sem o controle social exercido pela família, nos quais os/as jovens rurais podiam articular-se a outros jovens, sem distinção de gênero, e vivenciar trocas de experiências longe do controle das gerações mais velhas.

Sobre os grupos de pares, vimos pelos relatos que a juventude rural pesquisada dessa geração praticamente não possuía relação de amizade com jovens urbanos. As suas relações sociais eram estabelecidas, em geral, com jovens rurais da comunidade e das comunidades vizinhas. Apesar de viverem no mesmo espaço, eles/elas não podem ser entendidas como um todo homogêneo. Os/as jovens rurais estabeleciam e participavam de diferentes grupos de amizade na comunidade e nos espaços de lazer. De acordo com Dayrell (2005), apesar dos

jovens vivenciarem o mesmo cotidiano agregam-se em grupos com os quais se identificam pelos significados que partilham em comum e pelos seus modos de pensar.

Os entrevistados relataram que nos bailes e festas, além dos seus grupos de pares, se faziam presentes vários grupos de jovens da mesma comunidade e de comunidades vizinhas que se distribuíam pelos diferentes espaços. Apesar de todos se conhecerem, a relação ficava mais restrita ao grupo e, com os demais, a relação era mais superficial. Desse modo, as festas, bailes e demais espaços de lazer e diversão frequentados pelos/as jovens rurais, constituíam-se como um espaço-tempo de encontro e como um território, tal como sugere Haesbaert (2004).

Podemos deduzir, pelos relatos estudados, que a disposição de diferentes grupos de amizade nos espaços de lazer no campo revelam uma característica de territorialidade (HAESBAERT, 2004). À medida que os grupos iam se distribuindo por esses espaços, segundo suas afinidades, estabeleciam uma relação de poder em relação ao espaço de reunião dos grupos, por meio do qual eles/as definiam os de dentro e os de fora. Esses territórios, no entanto, não possuíam uma territorialidade definida, sendo demarcados somente quando os grupos estavam ali. Eram territórios produzidos no e pelo movimento.

Outro espaço de lazer vivenciado pela juventude rural dessa geração, citado nas entrevistas, eram as jantas de brodo e os bailinhos realizados nas residências dos moradores da comunidade. Esses encontros, realizados em diferentes momentos do cotidiano das pessoas desses lugares, eram permeados por práticas socioculturais que promoviam sociabilidades em torno de interesses comuns de parentes, amigos e vizinhos. No caso dos/as jovens rurais, apesar desses momentos não configurarem-se como espaços de sociabilidade especificamente juvenis, eram momentos importantes para vivenciar e trocar experiências entre iguais. Diante de um cotidiano marcado pelo trabalho e com poucas possibilidades de diversão, ali havia a possibilidade de conviver um pouco mais com os/as amigos/as da comunidade.

Algumas considerações também podem ser feitas em relação aos estilos e a moda do período citado por essa geração. De acordo com Dayrell (1999) e Abramo (1994), no decorrer da década de 1970, ocorre uma “explosão” de grupos juvenis formados em torno da relação música-visual-projeto ocorrendo uma diversificação de estilos juvenis no espaço urbano. A partir da expansão da mídia e da inserção de novos modelos de consumo, os jovens passam a formar grupos com diferentes modos de vestir, falar, divertir e articulam-se em torno de gostos musicais próprios. Esses estilos são tomados pelos jovens como referência para a condição de pertencimento a um grupo de estilo. Na medida em que esses grupos dão ao estilo

uma condição de pertencimento, criam uma estética e um modelo de comportamento particular, a partir do qual demarcam suas diferenças em relação a outros jovens.

No entanto, ao analisarmos a juventude rural da geração de 1980 por meio dos relatos supracitados, podemos inferir que esse processo não se manifestou da mesma maneira no espaço rural de Laranjeiras do Sul. De acordo com os/as entrevistados/as, tanto os rapazes como as moças dessas comunidades rurais adotavam modos de se vestir que não estavam ligados a indústria cultural. As roupas eram costuradas pelas mães ou compradas nas lojas. A adesão a um estilo não era uma questão que se colocava para a juventude rural dessa época. Como vimos nas entrevistas, o único meio de comunicação disponível para os/as jovens rurais, na década de 1980, era o rádio. Não havia energia elétrica e nem televisão. Talvez isso e uma vida de relações bastante restrita ao campo justifiquem a ausência desse processo entre os/as jovens dessas comunidades. Como eles mesmos afirmaram, a única forma de aquisição de uma roupa da moda era quando iam até as lojas e, mesmo assim, isso não se configurava enquanto uma preocupação fundamental entre eles. Os estilos estavam intrinsecamente ligados à cultura local.

Em relação à música, o contato com variados estilos musicais também era bem limitado. Conforme relatado nas entrevistas, predominavam nos espaços de lazer e diversão no campo, os estilos de música gaúcha e sertaneja, o que também foi citado como preferência musical dos grupos de amizade. A partir da década de 1950, de acordo com Dayrell (1999; 2005), Abramo (1994) e Turra Neto (2008), ocorre a explosão do *rock* como estilo musical na Inglaterra e nos Estados Unidos e, a partir daí, o surgimento de grupos de estilos articulados em torno do lazer, de espaços de diversão e da indústria cultural. Durante este período, e no decorrer da década de 1970, ocorre uma diversificação das expressões juvenis a partir do surgimento do movimento *hippie* e, mais tarde, com a difusão de grupos juvenis culturais *punk* e *hip-hop*, os quais ganharam espaço entre os jovens urbanos.

Entre os/as jovens rurais da geração de 1980, foi possível verificar que esses estilos musicais não tiveram expressividade a ponto de interferir culturalmente nessa categoria social, como ocorreu nas grandes cidades. Apenas dois entrevistados fizeram referência a esses estilos musicais, considerados como “mais urbanos”. A Sra. Regina comentou ter tido contato com as músicas de discoteca por meio da novela “*Dancin’Days*” e o Sr. Heitor, por sua vez, afirmou ter participado de algumas festas em uma discoteca localizada na área central de Laranjeiras do Sul.



A juventude rural dessa época parece, pelo que vimos nas entrevistas, não ter tido um contato constante com essas músicas, pois esses estilos não eram tocados nos espaços de lazer e diversão que frequentavam no campo. Além disso, o principal meio de informação da época, o rádio, não costumava divulgar esse tipo de música nos seus programas. Diante disso podemos afirmar que o universo musical da juventude rural dessa época ainda não acompanhava de forma efetiva os eventos que estavam acontecendo em nível mundial no que diz respeito ao surgimento de grupos juvenis culturais ligados ao estilo, a música e a indústria do consumo criada especificamente para atender aos anseios dos jovens.

Outro ponto a destacar, é que os/as jovens rurais estavam ligados diretamente ao trabalho realizado pela família na propriedade e muitos ainda não haviam conquistado sua independência financeira proporcionada por um emprego, como já estava acontecendo com os jovens urbanos, conforme indicado pela literatura (ABRAMO, 1994). O acesso e o consumo de bens e materiais produzidos pela indústria e destinados aos jovens ainda era bastante limitado aos jovens rurais, tendo em vista que estes eram financeiramente dependentes da família. Eles/elas sabiam que existiam outros estilos musicais, porém não os vivenciavam, pois nas suas vivências comunitárias prevaleciam as músicas sertanejas e gaúchas.

Mas isso não significa que a música sertaneja e gaúcha não tivesse um valor de agregação entre a juventude rural. Ela se constitui, conforme Dayrell (2005), como um agente de socialização para os jovens na medida em que representa características da realidade. A música possibilita desenvolver nos jovens um sentimento de pertencimento coletivo. Assim, vale considerar que por mais que os/as jovens rurais desejassem participar de “vivências modernas de ser jovem” isso era impossibilitado pela falta de acesso a meios de informação como a televisão, responsável pela divulgação de bens culturais (moda e músicas), ou ainda pela falta de acesso a outros espaços de lazer para além das comunidades rurais, as quais eram bastante limitadas e controladas socialmente

Os espaços de lazer e diversão na cidade também eram frequentados por alguns jovens rurais. Como vimos no decorrer das entrevistas, os espaços de lazer urbanos eram difíceis de serem conquistados pela juventude rural dessas comunidades. Na época havia dificuldades em relação ao acesso devido à distância e à falta de transporte. Mas mesmo assim alguns jovens rurais participavam dos bailes promovidos pelo CTG, rodeios na cidade e em outros municípios, torneios de futebol no campo do Comercial, bailes no salão conhecido como “Dama de Ouro”, do movimento da Rua XV de Novembro (lanchonetes e sorveterias), bailes de carnaval no Clube Pinheiros e as festas na discoteca da cidade.

Mesmo que de maneira pouco frequente, esses espaços se fizeram presentes na memória dos entrevistados. Pelos relatos é possível identificar que havia participação da juventude rural nos espaços de lazer urbano, mas torna-se difícil mensurar a intensidade desse processo e a própria dinâmica dos grupos formados pelos jovens rurais nesses lugares. No entanto alguns pontos importantes podem ser analisados.

As jovens rurais não tinham liberdade para frequentar sozinhas ou com o grupo de amigas os espaços de lazer e sociabilidade na cidade. De acordo com as entrevistadas, os raros momentos em que frequentaram a cidade nos finais de semana, fizeram-no acompanhadas dos pais. A ida ao cinema, as festas do desfile do aniversário do município e os bailes no CTG, se fizeram presentes na memória de apenas duas entrevistadas e estes não se configuraram como práticas de sociabilidade especificamente juvenis, pois sempre estavam sob o controle da família e eram eventos com a participação de toda a sociedade. A rede de amizade ficava restrita ao grupo de amigas da comunidade mesmo estando na cidade. No entanto, pelo relato dos entrevistados, foi possível identificar a presença de outras jovens rurais nesses locais, como afirmou o Sr. Heitor durante a entrevista. Talvez a participação delas ocorresse de forma menos expressiva e em menor proporção se comparada aos jovens do sexo masculino.

Já os rapazes, pelos relatos apresentados, puderam frequentar os espaços de lazer urbanos com maior liberdade que as jovens. A formação do grupo de pares na comunidade permitia adentrar festas e conquistar espaços de diversão na cidade, diferentes daqueles encontrados no campo. Apesar de algumas vezes não identificarem-se com as músicas e as formas de diversão desenvolvidas nesses locais não os impediam de participar e estar ali.

A relação de amizade entre os jovens rurais com os jovens urbanos era limitada e em alguns casos inexistente, conforme foi relatado pelo Sr. Heitor e pelo Sr. Nestor. Ao chegarem aos espaços de lazer e diversão urbanos, os grupos de amigos formados pelos jovens rurais buscavam apropriar-se de microparcelas desses espaços e afirmarem-se enquanto jovens rurais na cidade. Por meio do jogo de identidades, esses grupos procuravam se territorializar, definindo as pessoas pertencentes ao grupo e aquele território. Nesse momento eles criavam territorialidades próprias do grupo evitando entrar em contato com outros grupos de jovens urbanos. Ali, estabeleciam uma relação de poder e definiam “os de dentro e os de fora”, pois como afirma Haesbaert (2004), toda identidade implica uma territorialização e uma situação de alteridade em relação a outros grupos sociais.

Mesmo que de forma efêmera, é possível afirmar que nessa época já havia alguns espaços de lazer e diversão no espaço urbano de Laranjeiras do Sul nos quais os jovens

podiam vivenciar práticas de sociabilidade especificamente juvenis, longe do controle dos pais e da sociedade, como a discoteca e os bailes no salão “Dama de Ouro”. Para os rapazes dessas comunidades, essas vivências foram possíveis e, apesar de ser em um contexto social diferente daquele encontrado nas comunidades, puderam desenvolver diversas formas de sociabilidade conversando, dançando e vivendo experiências com seus grupos de pares no espaço urbano e, assim, constituindo suas identidades individuais e coletivas.

Outra característica importante observada sobre a juventude rural da geração de 1980 de Laranjeiras do Sul, é que todas as pessoas entrevistadas não tiveram oportunidade de dar continuidade aos seus estudos. Como vimos, o acesso à escola no período era difícil. Nas comunidades rurais havia apenas as escolas multisseriadas na qual era possível completar somente o “antigo primário” (hoje referente ao 1º ao 6º ano do ensino fundamental). A continuidade dos estudos estava condicionada ao acesso a cidade, nas escolas urbanas onde era oferecido o que seria hoje equivalente ao ensino médio e, ao incentivo da família.

Desse modo é possível afirmar que os/as jovens rurais dessas comunidades não puderam vivenciar o estudo como uma fase de moratória, de preparação para o futuro por meio da escola (MARGULIS e URRESTI, 1998; ABRAMO, 1994). Esse período caracterizado como uma “suspensão da vida social”, na qual os/as jovens podem vivenciar experiências com maior liberdade em relação às normas sociais ainda não estava disposto para essa geração em Laranjeiras do Sul. De acordo com Abramo (1994), a partir da década de 1950 e 1960 ocorre a expansão do acesso ao ensino para os jovens da classe média. No entanto os/as jovens rurais dessas comunidades não tiveram a disposição esse período como suspensão das responsabilidades do mundo adulto, pois pelos relatos biográficos foi possível verificar que desde cedo estavam articulados ao trabalho nas propriedades e muitos constituíram famílias precocemente. A fase de experimentações para eles/elas se dava por meio do grupo de pares nos momentos de lazer e diversão, onde mesmo controlados pelos adultos, realizavam descobertas, criavam atitudes e vivenciavam diferentes formas de sociabilidade.

A falta de acesso ao espaço escolar, e as poucas oportunidades oferecidas pelo lugar, acabaram por limitar os projetos de futuro dessa geração. Todas as entrevistadas gostariam de ter tido a oportunidade de continuar os estudos e duas delas tinham o desejo de serem professoras. Mas a dificuldade de acesso a educação escolar, e todas as demais condições postas naquele período, limitaram a sua efetivação. Já para os jovens rurais dessa época, o estudo tinha uma centralidade menor do que para as moças e a conquista de “um pedaço de

terra” para trabalhar era o maior desejo e apresentava-se com maior possibilidade de realização. Assim, tal como aponta Carneiro (1998), podemos afirmar que nesse período o projeto de futuro da juventude rural estava limitado a diferentes graus de possibilidade de realização, nesse caso, bastante limitado ao campo, com a conquista de terra para dar continuidade ao trabalho na agricultura e a um futuro casamento.

A partir das trajetórias biográficas percebemos que aos poucos as comunidades vão passando por uma série de transformações no plano econômico, político e social. Para esses lugares convergem uma série de processos trazendo mudanças no seu conteúdo, mas sem eliminar suas particularidades e as suas identidades (SANTOS, 1996).

Os/as entrevistados/as deixaram evidentes, no final da discussão, que as relações capitalistas cada vez mais se fazem presentes na área rural de Laranjeiras do Sul. Novos conteúdos técnicos e informacionais passaram a alterar as relações de vizinhança, de trabalho e, ao que tudo indica, influenciaram diretamente nas dinâmicas e práticas socioespaciais, de lazer e sociabilidade da juventude rural atual. Pelos depoimentos apresentados acerca dos questionamentos sobre a juventude rural atual, as pessoas dessa geração apontam para uma mudança de comportamento dos/das jovens e da sociedade como um todo. Está em curso uma “liberalização” dos costumes, com acentuadas mudanças nas relações familiares, que propiciam a essa categoria a constituição de uma rede de sociabilidade mais ampla e, uma maior articulação a novos espaços de lazer e formas de diversão, antes inexistentes, para além das fronteiras das comunidades rurais.

Em paralelo, apresentaram uma preocupação com o futuro da juventude rural atual, categoria a qual seus filhos/as pertencem, demonstrando, de certa forma, uma incerteza e uma insegurança quanto àquilo que eles/elas esperam ou desejam alcançar no futuro e a própria manutenção das propriedades e a continuidade da agricultura familiar no município.

Enfim, os/as jovens rurais da geração de 1980 vivenciaram uma juventude possível diante de um mundo permeado pelas relações de trabalho na agricultura, pela presença constante da família e da igreja, mas nem por isso deixaram de usufruir os recursos que os lugares ofereciam no que diz respeito ao lazer e suas práticas de sociabilidade.

#### **4.3. Aspectos da sociabilidade juvenil: as práticas de lazer da juventude rural atual**

Para tomar contato com as práticas de lazer e sociabilidade da juventude rural atual de Laranjeiras do Sul acionamos a metodologia da Observação Participante. Por meio dela,

das entrevistas e dos grupos focais, podemos traçar um panorama das práticas socioespaciais vivenciadas pelos/as jovens rurais em diversos contextos sociais nas comunidades e na cidade. A partir desse momento passamos a apresentar os aspectos mais relevantes obtidos em campo.

Para tanto, optamos por apresentar a discussão em quatro momentos distintos. Primeiramente, serão apresentados os resultados obtidos com a juventude rural da comunidade Rio do Tigre, destacando suas práticas de sociabilidade, os espaços de lazer e diversão que frequentam e as relações estabelecidas com seus grupos de pares. Em seguida, em um segundo momento, a discussão segue, no mesmo sentido, com a apresentação a respeito da juventude rural das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande.

Isso se apresentou como necessário, pois em nossas vivências junto a esse grupo social, percebemos que, apesar de coabitarem o espaço do município de Laranjeiras do Sul, a juventude rural de cada uma dessas comunidades possui uma grande diversidade e não apresenta-se como um grupo homogêneo. A realidade vivenciada pela juventude rural da comunidade Rio do Tigre difere-se das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande em muitos aspectos e, em outros, assemelha-se. Essas últimas duas, talvez pela proximidade espacial, acabam possuindo uma gama mais acentuada de características em comum, o que nos permitiu apresentá-las em conjunto. Tais diferenças e semelhanças serão identificadas pelo leitor ao longo da discussão. Com isso, cabe salientar nesse momento que nosso objetivo não é comparar os aspectos convergentes e divergentes dos/as jovens rurais dessas comunidades, mas dar uma dimensão de quão diversa é essa categoria social.

Em um terceiro momento, à luz dos resultados apresentados, buscaremos discutir as práticas de sociabilidades, os espaços de lazer e diversão vivenciados por eles/elas e suas territorialidades. Por fim, a discussão se volta para as perspectivas da juventude rural em relação aquilo que tem a disposição nas comunidades no que diz respeito ao lazer, diversão, seus projetos de futuro e as condições encontradas para sua permanência ou não no campo.

#### **4.3.1. Vivências, espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural da comunidade Rio do Tigre**

O primeiro contato que tivemos com a comunidade Rio do Tigre e com os/as jovens rurais que ali residem ocorreu no dia 26 de janeiro de 2013, um sábado. Nesse dia as pessoas desse lugar organizaram um jantar dançante no pavilhão da comunidade. Ficamos sabendo do evento por intermédio de uma amiga e este apresentou-se como um momento privilegiado

para fazer nossa primeira investida a campo junto aos jovens rurais que desejávamos pesquisar.

No caminho até a comunidade, que fica localizada a 35 quilômetros da área central de Laranjeiras do Sul, verificamos que as estradas não estavam em boas condições de tráfego. Ao chegarmos à comunidade, a movimentação ainda era pequena. Algumas pessoas estavam paradas em frente ao pavilhão e conversavam. Logo, observamos um grupo de rapazes sentados próximos a churrasqueira conversando. A igreja estava fechada e podíamos ouvir o som de alguns equipamentos musicais sendo preparados para o início da festa. Em seguida, observamos em frente à infraestrutura do colégio estadual, a quadra da escola e o campo de futebol.

Aos poucos, mais pessoas foram chegando e o grupo de rapazes continuava no mesmo lugar. A conversa estava animada, falavam alto e riam a todo o momento. Ao adentrar o pavilhão resolvemos estabelecer um diálogo com um senhor, morador da comunidade. Comentamos que nesse ano iríamos trabalhar no colégio, ministrando aulas de Geografia, e que era nossa primeira participação em uma festa nessa comunidade. A conversa que tivemos com esse sujeito nos permitiu apreender algumas características da comunidade, das pessoas que ali vivem. Ele nos relatou elementos do cotidiano bem como algumas relações estabelecidas pela população local na comunidade, as quais foram confirmadas no decorrer do levantamento dos dados da pesquisa.

Nesse jantar não houve a presença de muitas pessoas. Mais tarde, começou a aumentar a presença de jovens no local. Estes vieram para participar do baile que seria animado por um grupo musical do município de Marquinho. Aos poucos os rapazes foram chegando e a dança começou. Observamos que a maioria da juventude presente no evento era constituída por rapazes. As moças, em menor número, chegaram para o jantar acompanhadas dos pais.

Os jovens cumprimentavam-se e formaram vários grupos distribuídos ao entorno da pista de dança, onde tomavam cerveja. Estavam conversando, dando risada, observando as poucas jovens ali presentes e, vez ou outra, algum jovem circulava entre os grupos. Todos pareciam conhecer-se. As meninas estavam sentadas próximas umas das outras e conversavam entre si. Dificilmente os rapazes convidavam as moças para dançar. Elas, para não perder a dança, formavam pares entre si e se divertiam. Essa dinâmica se fez presente durante toda a noite. Ao final do baile os rapazes deixaram o salão em grupos e foram embora, em sua maioria de moto. As jovens foram embora acompanhadas dos pais.

Uma relação mais profunda com a juventude rural da comunidade começou a ser estabelecida efetivamente com o início das aulas no mês de fevereiro. A partir das conversas informais com os/as jovens rurais, durante a pesquisa de campo, pudemos conhecer quais os espaços de lazer e sociabilidade vividos por eles/elas nos finais de semana e estabelecer relações com outros jovens para além do espaço escolar.

Nas primeiras conversas que tivemos com a juventude rural dessa comunidade, eles relataram não haver grande diversidade de opções de diversão nos finais de semana, sendo, na maioria das vezes, restritos a algumas festas e bailes realizados na comunidade ou nas comunidades vizinhas. Sempre ouvíamos os meninos comentando sobre as partidas de futebol realizadas nos finais de semana, no campo da comunidade ou na quadra da escola. Com o passar do tempo, começamos a perceber que tais espaços sempre eram citados pelos jovens rurais. As meninas, por sua vez, pouco comentavam sobre seus finais de semana.

No dia 7 de abril de 2013, um domingo à tarde, resolvemos ir até a comunidade Rio do Tigre para conhecer um pouco mais sobre a dinâmica dos fins de semana da juventude rural. Os/as jovens nos disseram que iriam encontrar-se no campo para jogar futebol. Chegamos lá por volta das 14:00. Na mercearia, ao lado da escola, havia um grupo de adultos tomando cerveja e jogando truco. No campo estava reunido um grupo de doze rapazes, que já estavam jogando. Dois deles eram da comunidade vizinha Alto Alegre do Tigre. Na quadra da escola três moças jogavam futsal com os meninos menores. Chegamos e eles/elas logo vieram nos cumprimentar e convidar para jogar. Falamos que apenas íamos ficar observando as partidas.

Os jovens jogaram durante um longo período. Ao mesmo tempo faziam brincadeiras e tiravam sarro um do outro. Enquanto isso, na quadra de esportes, as jovens divertiam-se jogando com os meninos. Quando fizeram um intervalo para o descanso, nos aproximamos da jovem E<sup>41</sup>, para perguntar sobre as demais jovens da comunidade. Ela relatou que dificilmente as outras jovens vinham participar da brincadeira e geralmente ficavam em casa nos domingos. Mas ela, e as outras duas que estavam ali, gostavam de jogar e sempre que podiam se reuniam para brincar. Durante o descanso aproveitavam para comentar sobre algum acontecimento ocorrido durante a semana na escola, sobre algum menino ou mesmo sobre o que fariam no próximo final de semana.

Depois do jogo, por volta das 17:30, as jovens foram para casa pois, segundo elas, os pais haviam estabelecido o horário de retorno. Já os rapazes foram até a mercearia tomar uma

---

<sup>41</sup> A jovem E é do sexo feminino e tem 18 anos. A informação foi anotada em nosso diário de campo.

cerveja. Os acompanhamos até lá e ficamos conversando. O jovem CL<sup>42</sup> comentou que o campo estava ruim e há poucos dias as pessoas da comunidade fizeram o corte da grama e arrumaram as traves para poderem jogar novamente. Questionamos porque havia poucos jovens participando. Ele relatou que alguns tinham ido participar de um torneio na comunidade vizinha do Rio Esperança<sup>43</sup>, e que mesmo assim, na comunidade o número de jovens não é muito grande.

Durante o tempo em que estivemos ali, tentamos deixá-los à vontade. Conversaram sobre o torneio que haviam participado no final de semana na comunidade de Rio da Prata, sobre o trabalho na agricultura, faziam brincadeiras e contavam sobre fatos do cotidiano. Quando começou a anoitecer os jovens foram para casa e nós também retornamos. Essa experiência foi bastante curiosa, pois nos permitiu vivenciar e entender com mais clareza como é o domingo a tarde desses/as jovens rurais na comunidade.

Na terça feira seguinte, quando fomos à escola, conversamos com as outras jovens e pedimos porque não foram jogar na quadra da escola com as outras meninas. Algumas disseram que não gostavam de jogar e preferiam ficar em casa, assistindo televisão. Outras disseram ainda, que os pais não gostavam que fossem até a comunidade desacompanhadas de algum responsável.

Notamos, no decorrer do tempo, que esses encontros no campo e na quadra da escola nos finais de semana sempre geravam comentários entre os/as jovens rurais, caracterizando-se como um espaço importante para reunirem-se com os amigos da comunidade, para jogar futebol ou apenas conversar.

Durante nossas observações, percebemos que a juventude rural da comunidade Rio do Tigre, além de jogar futebol, também gosta de frequentar festas e bailes realizados na comunidade ou nas comunidades vizinhas. Isso ficou evidente nos relatos dos participantes do grupo focal<sup>44</sup>, quando questionados sobre os espaços de lazer que frequentam nos finais de semana:

**C-** Eu gostaria que vocês me contassem o que vocês fazem no final de semana aqui no Rio do Tigre ou aqui nas comunidades ao entorno? Qual o principal lugar que vocês vão, como que é?

**J<sup>45</sup>**- A gente vai jogar futebol todo final de semana (risos). Cada passo faz festinhas, se reúne para ir em baile essas coisas...

<sup>42</sup> O jovem CL é do sexo masculino e tem 16 anos. A informação foi anotada em nosso diário de campo.

<sup>43</sup> A comunidade Rio Esperança pertence ao município de Nova Laranjeiras e faz divisa com a comunidade Rio do Tigre. A primeira, e a comunidade Rio da Prata, também pertencente a Nova Laranjeiras, foram citadas várias vezes pelos/as jovens rurais. As festas e torneios realizados nesses lugares configuram-se como importantes espaços de lazer e sociabilidade frequentados pela juventude rural da comunidade Rio do Tigre. Isso se deve a proximidade espacial que ambas possuem e a distância em relação a outras comunidades rurais de Laranjeiras do Sul, o que facilita o deslocamento dos mesmos até elas, como foi mencionado durante as entrevistas, como veremos no decorrer do trabalho.

<sup>44</sup> O grupo focal foi realizado pela pesquisadora no dia 14 de junho de 2013, em uma das salas de aula do Colégio Estadual do Campo Professor Valmir Nunes.

<sup>45</sup> O participante é do sexo masculino e tem 18 anos.



**CL** - Ah, eu jogo bola com os piá aqui no campo, nado, e cada passo vou junto com meu pai pescar nos açudes.

**C** - E onde vocês vão jogar bola? Só jogam aqui no Rio do Tigre?

**J** - Nos torneios!

**T**<sup>46</sup> - É, se tem jogo no Esperança... a gente vai para lá. Vamos na Colônia, na Prata. Sempre aqui nas comunidades vizinhas. As meninas é mais difícil, geralmente é os piá.

**C** - E vocês meninas, o que fazem nos finais de semana?

**E** - Eu gosto de jogar bola no final de semana e no domingo dou catequese. No começo a gente tinha um time, mas hoje não tem mais. As meninas foram embora e agora a gente só brinca aqui na quadra da escola.

**C** - E vocês meninas jogam também?

**CLE**<sup>47</sup> - Não! Eu não gosto de jogar bola. Eu fico em casa direto. Difícilmente eu saio de casa.

**C** - E nas festas e bailes você vai?

**CLE** - Às vezes eu vou. O dia que meus irmãos resolvem de ir e me levar junto eu vou.

**C** - Só sai com teus irmãos?

**CLE** - É.

**M**<sup>48</sup> - Ah, eu é a mesma coisa! Só quando tem festa alguma coisa porque eu não jogo bola.

**D**<sup>49</sup> - Eu também não jogo bola. Só que eu gosto de ir em baile!

**T** - Na verdade, o nosso fim de semana é ir em festas, quando tem, baile aqui ou em volta, e os piá jogam bastante futebol. As meninas, no geral, eu acho que ficam mais em casa.

**D** - Eu gosto de sair, só que é difícil. Festas quase não tem, daí a gente vai nas comunidades. Senão eu fico em casa mesmo ou vou à casa de uma das meninas. É o que eu mais faço com rotina. Porque baile e festa é difícil ter. Cada comunidade geralmente faz uma festa só mesmo.

Os jovens da comunidade dificilmente ficam em casa nos finais de semana. Quando não jogam na comunidade, participam de torneios de futebol realizados nas comunidades mais próximas ao Rio do Tigre, como as comunidades do Assentamento Rio Verde, Colônia União, Passo Liso, Alto Alegre do Tigre e nas comunidades vizinhas do Guaraí da Erveira e Rio da Prata, no município de Nova Laranjeiras. O mapa 4 traz a localização das comunidades rurais que os/as jovens rurais costumam frequentar nos finais de semana, quando são realizados os torneios, festas ou bailes. É nos espaços próximos do lugar onde vivem que eles/elas circulam, em especial, nos finais de semana.

As partidas de futebol acontecem aos sábados à tarde e, em alguns domingos costumam reunir os times somente para fazer amistosos<sup>50</sup>. Os rapazes reúnem o time e vão de moto ou de carro até esses locais. Conforme o jovem J nos disse durante o grupo focal, muitos jovens ainda não possuem carteira, mas as motos são o meio de transporte mais utilizado por eles, tendo em vista a distância entre uma comunidade e outra. As meninas costumam participar dos jogos quando estes acontecem na comunidade. O time de futebol feminino da comunidade não existe mais, pois conforme elas nos relataram, muitas das integrantes do time foram embora e faltam meninas para completar a equipe. Assim, quando não são realizados bailes ou festas nos finais de semana, elas acabam ficando em casa ou se visitando entre si.

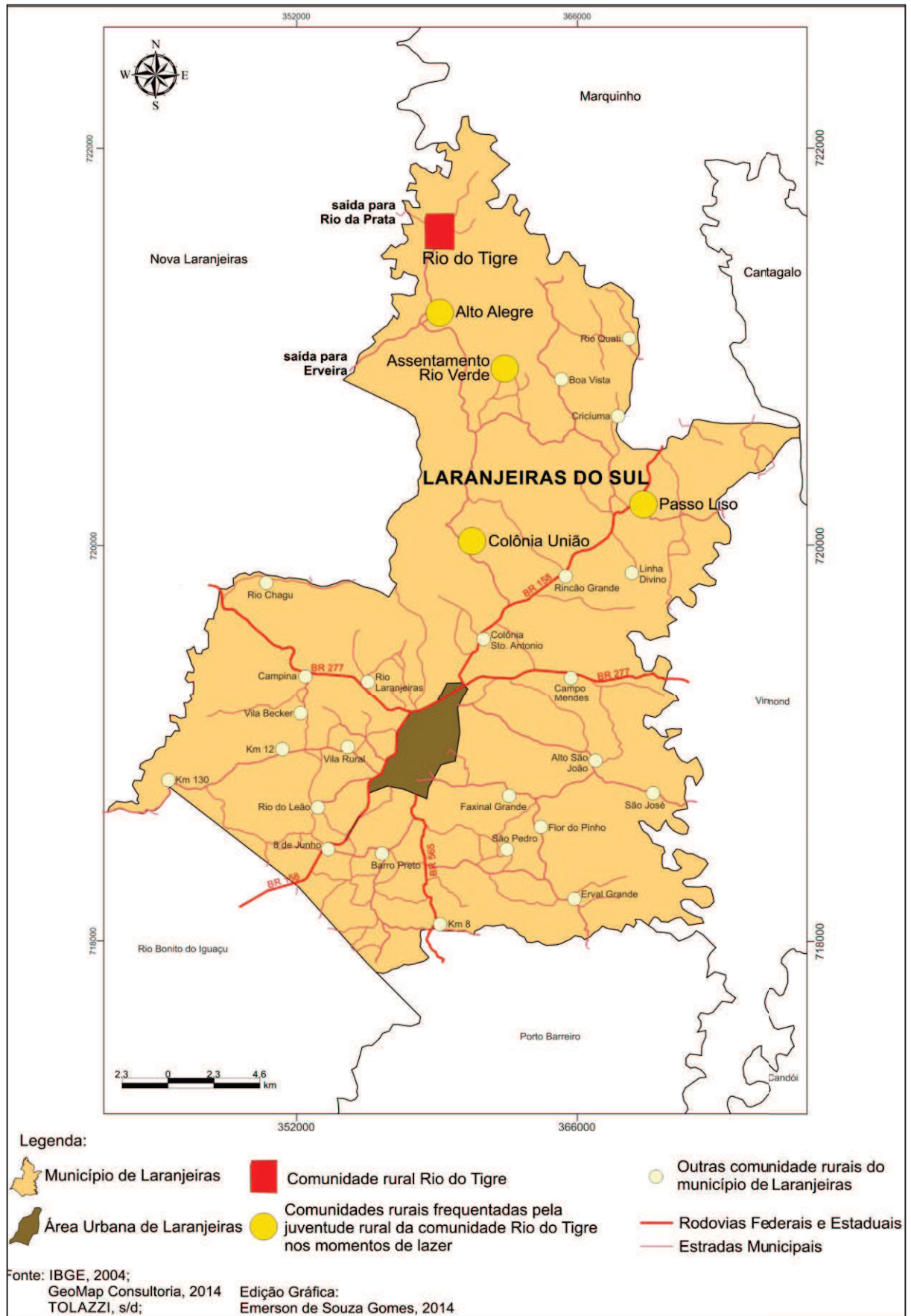
<sup>46</sup> A participante é do sexo feminino e tem 19 anos.

<sup>47</sup> A participante é do sexo feminino e tem 15 anos.

<sup>48</sup> A participante é do sexo feminino e tem 16 anos.

<sup>49</sup> A participante é do sexo feminino e tem 15 anos.

<sup>50</sup> São partidas de futebol realizadas entre os times das comunidades, sem haver premiação.



**Mapa 4:** Laranjeiras do Sul: localização das comunidades rurais frequentadas pela juventude rural da comunidade Rio do Tigre nos momentos de lazer.

**Org:** KUHN, C. (2013).

Os bailes e as festas não ocorrem todo final de semana. Durante a nossa participação junto aos jovens rurais, observamos que as festas acontecem uma vez por mês e, às vezes, com intervalo de até dois meses. As comunidades procuram intercalar essas festas, ou seja, evitam de fazer no mesmo final de semana para que as pessoas da comunidade e das comunidades vizinhas possam participar. As festividades estão intrinsecamente relacionadas ao padroeiro da comunidade.

No dia 26 de maio de 2013, num domingo, participamos de uma festa realizada na comunidade Alto Alegre do Tigre, que fica próxima da comunidade Rio do Tigre (cerca de 6 quilômetros). A participação nesse espaço de lazer foi importante para entendermos um pouco mais sobre a dinâmica e as práticas de sociabilidade da juventude rural nesses eventos. Chegamos à festa por volta das 11:00 da manhã. A igreja estava lotada e no pavilhão havia algumas pessoas esperando o horário do almoço. Assim que chegamos encontramos o jovem CL e o jovem J da comunidade Rio do Tigre. Os dois estavam conversando próximo à churrasqueira. Estabelecemos um diálogo e eles nos contaram que vieram à festa acompanhados dos pais e que, à tarde os outros jovens da comunidade viriam para participar da matinê. Os dois jovens ficaram ali conversando sobre os acontecimentos da semana e dando risadas.

No pavilhão, haviam instalado equipamentos de som. O grupo que animaria a festa era de Laranjeiras do Sul. Quando terminou a missa, vimos duas jovens da comunidade Rio do Tigre saindo da igreja. Elas foram até o pavilhão e ficaram com seus pais. Depois do almoço teve início a realização de um bingo e, por volta das 14:00, iniciou o matinê.

O período da manhã foi tranquilo, com a presença de alguns jovens da comunidade Rio do Tigre que vieram acompanhados da família. Havia pessoas de várias comunidades vizinhas e, em menor número, pessoas da cidade de Laranjeiras do Sul. Já no período da tarde, observamos que aos poucos o número de jovens foi aumentando. Alguns rapazes da comunidade Rio do Tigre chegaram de moto para participar da festa. Com o passar do tempo, vários grupos foram se formando e se distribuindo nos espaços dentro e fora do pavilhão. Lá dentro estavam aqueles grupos que gostavam de dançar. As moças e os rapazes participavam da festa dançando as músicas gaúchas que estavam sendo tocadas pelo grupo musical, como podemos observar nas figuras 17 e 18. Outros grupos estavam distribuídos ao entorno da pista, conversando entre si.



Figura 17- Grupo musical contratado para animar a festa na Comunidade Alto Alegre do Tigre.  
 Autora: Kuhn, C. (2013).



Figura 18: Jovens dançando e participando da festa dentro do pavilhão da comunidade Alto Alegre do Tigre.  
 Autora: Kuhn, C. (2013)

Observamos que as jovens formavam grupos separados dos jovens e, vez ou outra conversavam entre si. Nessa tarde aproveitamos para conversar um pouco com a jovem CLE<sup>51</sup>, a qual estava acompanhada de mais duas amigas. Perguntamos a ela por que os demais jovens da comunidade não estavam participando da festa. Comentou que muitos estavam

<sup>51</sup> As informações obtidas junto a jovem foram anotadas em nosso diário de campo.

participando de um torneio de futebol na comunidade Rio da Prata, em Nova Laranjeiras e, que algumas meninas não estavam ali, devido a distância ou por não terem companhia para vir até a festa<sup>52</sup>. Elas conversavam sobre alguns rapazes que estavam presentes no evento, faziam brincadeiras entre si, comentaram sobre alguns acontecimentos ocorridos na escola durante a semana, enfim, desenvolviam diferentes práticas de sociabilidade. Mais tarde, entraram no pavilhão e participaram da dança.

Outro contato que tivemos foi com o jovem J. Ele estava com seu grupo de amigos da comunidade Rio do Tigre. Enquanto tomavam uma cerveja, conversavam sobre uma festa de aniversário que tinha acontecido na noite anterior na casa de um rapaz da comunidade. Aproveitamos e pedimos quem havia participado da comemoração. Ele relatou que nessa festa foram apenas os amigos do aniversariante, pois os pais do mesmo estavam viajando. Contou que a noite foi divertida, assaram uma carne, tomaram cerveja, ouviram músicas e realizaram brincadeiras.

Em seguida, observamos que o grupo comentava sobre as partidas de futebol realizadas no campo da comunidade Rio do Tigre. Perguntamos se na comunidade Alto Alegre do Tigre, também eram realizados jogos de futebol, pois observamos a situação de abandono na qual encontra o campo de futebol dessa comunidade, como podemos observar na foto abaixo (Figura 19).



Figura 19 - Campo de futebol da Comunidade de Alto Alegre do Tigre.  
Autora: Kuhn, C. (2013)

---

<sup>52</sup> Essa informação foi confirmada durante a semana, quando realizamos conversas informais com algumas jovens da comunidade. O registro foi realizado em nosso diário de campo.

Durante a conversa, anotada em nosso diário de campo, o jovem J relatou que há algum tempo o campo era para ter sido arrumado pela prefeitura, mas isso não aconteceu. Assim, os jovens da comunidade do Alto Alegre acabam indo jogar no campo da comunidade do Rio do Tigre, tal como observamos no domingo à tarde em que fomos até a comunidade. Ele comentou, ainda, que grande parte dos campos de futebol das comunidades vizinhas não está em boas condições de uso. Esse grupo de rapazes ficou a maior parte da tarde conversando do lado de fora do pavilhão.

No que se refere aos demais grupos de jovens presentes na festa, observamos que durante toda a tarde circulavam entre os espaços dentro e fora do pavilhão da comunidade, conversavam entre os integrantes do grupo, riam, paqueravam, entravam na pista para dançar. Mesmo com a presença dos pais, os/as jovens rurais podiam vivenciar momentos restritos ao grupo. No decorrer da tarde, algumas famílias foram embora. Algumas jovens tiveram que ir mais cedo acompanhando os pais, pois não tinham como ir embora sozinhas no final da festa. Os rapazes, em sua maioria, ficaram até o final do evento e foram embora com seu grupo de amigos.

A partir da participação junto aos jovens rurais nesses espaços de lazer e diversão, percebemos que o grupo de amizade assume uma característica importante para eles/elas no que diz respeito as suas práticas de sociabilidade. Por meio do fragmento abaixo, retirado das falas dos/das jovens rurais durante a realização do grupo focal, podemos traçar algumas considerações importantes:

**C** - Pessoal, vocês têm algum grupo de amizade, que vocês saiam juntos todo final de semana, como que é quando vocês saem? Ou a maioria vai acompanhada dos pais?

**T** - Ah, mais ou menos! Que nem a M., se ela sai, sai com o pai dela. O O. também sai, mais com os piá! Já a E. tem o grupo dela, mas tem o irmão junto. Eu tenho, a minha prima e o meu tio.

**D** - Na verdade é assim professora, geralmente eu vou com a minha prima também. As meninas tem grupinho, mas é difícil de sair juntas, porque os pais não gostam de deixar ir sozinha.

**T** - Às vezes forma um grupinho para sair todo mundo, mas é bem difícil para as meninas, mais é quando a gente tá aqui nas festas ou de tarde no campo.

**C** - E vocês meninas que quase não saem de casa, vocês tem algum grupo de amigos para sair?

**CLE** - Às vezes, nem sempre! Às vezes a gente sai com os irmãos, quando eles resolvem de levar a gente (risos), ou com o pai e a mãe. E assim vai.

**C** - E os meninos? É mais fácil sair com os amigos ou é com o pai e a mãe, como as meninas?

**J** - É mais fácil, não é!

(RISOS)

**C** - Quem é o grupo de amigos de vocês?

**J** - Meu primo, meus tios. De vez em quando com o CL, o L. Os piá acho que é mais fácil, porque queira ou não, tem mais liberdade pra sair. Que nem quando vamos jogar bola, num baile ou numa festa, os piá combinam, se reúnem e vão. Já as meninas, é mais difícil não é! Tipo, os piá por jogar bola junto, todos se conhecem, aí quando tem as coisas, combina e vai.

**D** - Isso é verdade! As meninas, eu acho que se encontram mais nas festas, difícil de ir juntas assim.

**M** - Para nós, na verdade, eu acho que a sorte é de ter a escola (risos).

**C** - Por quê?

**M** – Porque pelo menos durante a semana a gente se vê e pode conversar um pouquinho. Se fosse esperar só pelo final de semana a gente tava lascado! Assim, pelo menos eu vejo as meninas! (risos).

**CLE** – Aham.

Tanto os jovens como as jovens possuem grupos de amigos na comunidade. No entanto, no caso dos rapazes, a relação com o grupo de amigos ocorre de forma mais efetiva do que para as jovens. Conforme já havíamos observado, os jovens costumam frequentar os espaços de lazer acompanhados por outros jovens, possuem maior liberdade para frequentar esses espaços e, o controle dos pais em relação ao horário de retorno, bem como aos locais que frequentam é menos rígido.

Já para as jovens a vivência com o grupo de pares é dificultada por não possuírem maior liberdade para saírem sozinhas, pois como disseram geralmente vão acompanhadas dos pais ou de algum irmão. O trajeto da casa até as festas ou bailes é realizado com a família, ao contrário dos meninos que já conquistaram maior liberdade de circulação.

Em vários momentos da nossa observação participante percebemos que a escola possui uma centralidade importante na vida desses/as jovens rurais no que diz respeito às vivências e sociabilidade estabelecidas junto ao grupo de pares, principalmente, para as jovens. Conforme a jovem M afirmou durante a realização do grupo focal, as jovens da comunidade dificilmente conseguem unir o grupo de amizade e sair sozinhas para algum espaço de lazer e diversão nos finais de semana. Fora os encontros no campo da comunidade aos domingos, um dos únicos espaços que podem conversar, dar risada ou trocar uma ideia com o grupo de pares, é no momento em que estão na escola, durante a semana. A grande maioria dos/as jovens ainda estuda no colégio estadual da comunidade. É nesse espaço, via de regra, que eles/elas acabaram formando seus grupos de amizade.

Isso foi relatado pelo jovem EL<sup>53</sup>. Este jovem sempre estudou no colégio estadual da comunidade Rio do Tigre. Hoje já possui o ensino médio completo e ajuda seus pais nos trabalhos realizados na propriedade. Nos finais de semana, junto com seu grupo de amigos, frequenta bailes, festas, torneios de futebol e, de vez em quando, participa de festas promovidas na casa de algum jovem da comunidade. Durante a entrevista, relatou como formou seu grupo de amizade na comunidade.

**C** – Você tem algum grupo de amigos aqui na comunidade?

**EL** – Sim.

**C** – Como vocês formaram esse grupo? Vocês saem junto nos finais de semana?

---

<sup>53</sup> O jovem EL, é do sexo masculino, tem 20 anos e foi entrevistado pela autora no dia 11 de junho de 2013 no Telecentro da Comunidade do Rio do Tigre.

**EL** – Então, nós somos seis, que sempre saímos juntos (...). Tem uns que são meus vizinhos, mas a amizade mesmo começou na escola. A gente estudava junto com uns e outros a gente sempre conversava. Aí foi indo até que formamos esse grupo.

**C** – Então o grupo começou na escola?

**EL** - Sim. Ali a gente sempre se via não é, todo dia! Daí fomos conversando e fizemos amizade.

**C** – E o que vocês fazem no final de semana?

**EL** – Ah, geralmente vamos a alguma festa, baile, torneio...

**C** – E como que vocês vão nesses lugares? O que vocês fazem?

**EL** – Ah, nós vamos de moto. Geralmente de moto, porque nós vamos ali em Nova, na Prata e no Esperança ou senão nas comunidades mais perto. A gente sempre conversa, damos risada, enchemos a cara (risos), jogamos bola quando é torneio... fazemos um pouco de tudo.

**C** – E você sente falta da escola?

**EL** – Ah, eu sim! Porque ali eu via os piá todo dia não é? Agora é só mais no fim de semana mesmo, durante a semana todo mundo trabalha, aí é mais difícil de se encontrar.

Desse modo, a escola aparece como um espaço importante para a formação do grupo de pares e, também constitui-se como um lugar de encontro para a juventude rural dessa comunidade. Em suas vivências diárias na escola acabam, por meio da convivência, identificando outros jovens que possuem as mesmas afinidades e formam seus grupos de sociabilidade que, nesse caso, vão para além do espaço escolar, atingindo suas vivências juvenis também nos espaços de lazer e diversão que costumam frequentar nos finais de semana.

Para a jovem P<sup>54</sup>, a relação com os outros jovens da comunidade não é a mesma. Ela mora com seus avós e vive na comunidade desde criança. Ao contrário dos/as outros/as jovens da comunidade, ela frequenta uma escola urbana de Laranjeiras do Sul. Isto, segundo ela, dificulta a amizade com a juventude rural dessa comunidade, conforme nos relatou durante a entrevista individual:

**C** – O que você faz nos teus finais de semana?

**P** – Bom, no final de semana, como eu trabalho aqui e estudo na cidade, fica tudo bem complicado não é? Porque é longe para vir todo dia, aí eu canso muito. Geralmente no domingo eu fico em casa, faço minhas tarefas, preparo as aulas dos estágios que faço na escola (...). Às vezes eu vou no culto no domingo de manhã.

**C** – E você tem algum grupo de amigos na comunidade?

**P** – Pior que na comunidade não tenho nenhum.

**C** – Não tem?

**P** – Não. Porque como quase não vou na comunidade e não estudo lá, fica mais difícil.

**C** – O teu grupo de amizade são...

**P** – É lá da escola mesmo, do Gildo.

**C** – E quem são tuas amigas?

**P** – Lá na escola, na verdade, eu tenho várias amigas. Eu tenho a D., a A. P., a J., eu tenho a S., e tenho a J. também.

**C** – E elas são residentes na cidade?

**P** – Sim. Todas elas.

**C** - E nos finais de semana, como conversei com os demais jovens da comunidade, eles falaram que vão na cachoeira, as vezes eles vão a bailes e festas. Você costuma frequentar também?

---

<sup>54</sup> A jovem P, é do sexo feminino, tem 15 anos e foi entrevistada pela autora no dia 05 de julho de 2013 em sua residência na comunidade Rio do Tigre.



P – Muito pouco! É muito difícil eu sair de casa. E quando vou em algum lugar, vou com a minha tia. (...) Para falar a verdade, na minha comunidade só tenho uma amiga que é a M. A gente se encontra só quando eu to lá na escola de manhã. Mas assim, a gente não sai juntas. O pai dela não deixa, e como ela mora meio longe da minha casa, aí a gente se vê só lá de vez em quando, no fim de semana. Mas como eu trabalho no colégio do Rio do Tigre e ela estuda lá, a gente se vê quase todos os dias.

C – E com as demais meninas?

P – Olha a gente conversa pouco, mas amizade mesmo não.

Como podemos perceber pela fala dessa jovem, o fato de estudar em uma escola urbana e estabelecer poucas relações com as atividades desenvolvidas na comunidade, acaba dificultando, de certa forma, o estabelecimento de uma relação de amizade com outros jovens rurais do lugar. Durante a entrevista, a jovem P relatou ainda que dificilmente frequenta os espaços de lazer e diversão, como festas e bailes, promovidos na comunidade ou nas comunidades vizinhas. E apesar de possuir um grupo de amigas da escola, constituído por jovens urbanas, dificilmente participa de algum espaço de lazer na cidade. Segundo ela, seus avós impõem restrições em relação aos lugares possíveis de frequentar e exercem um controle em relação ao grupo de amizade e aos horários de retorno, quando sai nos fins de semana da comunidade.

Durante as festas e bailes que frequentamos na comunidade e nas comunidades vizinhas, percebemos a participação de algumas pessoas e jovens que moram no espaço urbano de Laranjeiras do Sul. De acordo com os relatos dos/as jovens rurais da comunidade, nas festas, muitas pessoas da cidade acabam vindo participar do evento porque possuem relação de parentesco ou são ex-vizinhos das famílias da comunidade. Quando questionados sobre a relação de amizade com esses jovens urbanos, disseram que conversam apenas com aqueles que são conhecidos ou parentes, e pessoas sem nenhuma ligação com a comunidade dificilmente participam, exceto as pessoas ligadas ao comércio.

Já nos bailes e torneios realizados nas comunidades, dificilmente ocorre a participação de algum jovem urbano. De acordo com a fala do jovem J durante o grupo focal, nos torneios participam somente times da região e das comunidades vizinhas de Nova Laranjeiras, com os quais sempre jogam em torneios e amistosos. Nos bailes, a juventude urbana também não se faz presente, pois segundo ele *“porque vão vir se é longe e na cidade tem mais opções de coisa para fazer?”*. Assim, a relação com jovens urbanos ocorre somente por intermédio de algum grau de parentesco ou por uma relação já estabelecida quando essas pessoas viviam na comunidade.

Apesar da pouca participação da juventude urbana nos espaços de lazer e diversão frequentados no campo pelos/as jovens rurais dessa comunidade, é possível identificar a formação de vários grupos de sociabilidade nesses espaços, os quais em alguns momentos

estabelecem relações e em outros ficam mais restritos. Conforme a jovem T<sup>55</sup>, quando vão a festas e bailes, procuram ficar mais restritos aos seus grupos de amizade e identificam a presença de outros grupos. Isso foi observado durante a realização dos nossos campos. Segundo ela, “*cada grupo tem um jeito, gosta de fazer alguma coisa. Alguns gostam mais de dançar, conversar, outros preferem ficar bebendo*”. Para ela não há muita diferença em relação ao estilo, mas sim, em relação àquilo que gostam de fazer. Desse modo, podemos afirmar que os grupos distribuem-se nesses espaços de acordo com suas afinidades, apesar de todos se conhecerem.

No tempo em que estivemos realizando a Observação Participante junto à juventude rural, percebemos que sempre estavam acompanhados de algum aparelho eletrônico no qual ouviam os mais variados tipos de músicas. Todos os/as jovens rurais que participaram do grupo focal possuem celulares. No entanto, em algumas residências, o sinal da telefonia móvel ainda não está disponível, o que em alguns casos dificulta a comunicação entre os/as jovens rurais quando precisam ou desejam marcar algum encontro com o grupo de amigos/as no campo de futebol ou na quadra da escola, ou ainda, para combinar os horários de saída para as festas, bailes ou torneios.

O acesso à internet também é difícil para os/as jovens da comunidade, pois nenhum deles/as tem esse recurso instalado na residência. Na comunidade existe um Telecentro, mas apenas dois computadores estão funcionando e com acesso à internet. De acordo com os/as jovens rurais da comunidade, até o ano passado, o local funcionava, estava em boas condições e havia uma estagiária da prefeitura que dava aula de informática para as pessoas da comunidade. Mas a falta de manutenção acabou deixando o local abandonado e os computadores sem funcionamento. Devido a isso, os/as jovens rurais ficam limitados ao acesso de redes sociais como o *facebook*. Conforme a jovem D, na escola existe um laboratório de informática com acesso a internet, mas algumas páginas não podem ser acessadas, pois são bloqueadas pelo governo estadual, entre elas a página do *facebook*. Isso dificulta a relação com outros jovens ou com amigos mais distantes, conforme nos relatou a jovem T e a jovem D, em um trecho da discussão do grupo focal:

**T** – Sem internet fica tudo mais difícil. Nossa, seria ótimo se a gente tivesse em casa, não é piizada? Por causa disso fica difícil de falar com um amigo que está longe. As novidades, tipo de música ou outras coisas, a gente fica sabendo mais pela TV mesmo! As músicas pelo rádio também.

---

<sup>55</sup> Informação obtida durante a realização do grupo focal no dia 14 de junho de 2013.

**D** – Tipo na cidade, a gente sabe que todo mundo tem. Aqui até alguns fizeram face, mas daí não tem como acessar, aí não tem graça! (risos). Acho que todo mundo gostaria que tivesse para poder falar com os amigos, postar umas fotos. Talvez os pais não iam gostar, porque a gente ia ficar direto lá, mas eu ia adorar ter! (risos).

Os/as jovens rurais sentem falta e gostariam de conectar-se e estabelecer relações com outros lugares e pessoas. A apropriação das redes sociais e virtuais apresenta-se como precária e, muitas vezes, distantes de efetivar-se para essa categoria social. Ainda existe uma desigualdade no acesso ao mundo digital por parte desses/as jovens rurais. Talvez a internet possibilitasse a eles/elas o contato mais efetivo com formas modernas de ser jovem, tendo em vista que estão, até certo ponto, limitados às vivências no campo.

Desse modo, o celular acaba tornando-se o aparelho eletrônico mais utilizado pelos/as jovens rurais. É por meio dele que ouvem, junto com seus amigos/as, os mais variados estilos musicais. Durante a realização do grupo focal, foi consenso entre eles/elas que adoram ouvir músicas sertanejas e gaúchas. No entanto, também gostam de ouvir músicas eletrônicas, românticas ou até mesmo *rock*. Conforme o jovem J, “*desde que tenha uma música tocando, está valendo!*”. Os lançamentos de músicas novas são acompanhados pelo rádio e pela TV. Para ter acesso a elas, os/as jovens rurais baixam da internet, como afirmou o jovem Cl: “*(...) quando sai uma música nova, nós vamos na cidade e baixamos no celular, porque a internet é muito lenta. Aí quando chega na escola, um passa para o outro e logo aquilo vira mania! (risos)*”.

Nos bailes e nas festas, observamos que os estilos mais tocados pelos grupos contratados pelos organizadores, são o sertanejo e o gaúcho. De acordo com os/as jovens rurais, dificilmente são tocados outros estilos musicais para dançar. Um dos motivos, de acordo com a jovem T, é a presença de pessoas mais idosas, principalmente nas festas, que não gostam de músicas soltas. Assim como os demais jovens da comunidade, a jovem D também afirmou que sentem falta de uma música diferente nesses eventos, conforme trecho de seu relato no grupo focal:

**D** – (...) tem hora que os músicos param de tocar para fazer intervalo. Daí nessa hora eles poderiam colocar uma música mais divertida para os jovens. Por que daí, o que adianta ficar a tarde inteira tocando só música gaúcha, que só os mais idosos gostam. Até teve umas vezes que tentaram colocar, mas aí tiraram, porque os mais velhos reclamaram. Tipo, lá em Nova, num baile que eu fui, eles tocaram música solta, até os velhinhos se empolgaram! (risos). Só que daí, era em baile fora não é! Tipo, a gente sabe que no Boliche, no Iguaçu toca esse tipo de música. Aqui nas comunidades é mais tradicional.

Os/as jovens rurais sentem falta de um momento especialmente destinado, nesses espaços de lazer, para a juventude. Na fala dos participantes foi possível perceber uma

situação de conflito entre a juventude rural, que deseja ter vivências juvenis mais modernas no campo e, o tradicionalismo presente entre as pessoas das gerações mais velhas. A sociabilidade juvenil fica, nestas condições, restrita a um padrão comportamental imposto pelos adultos.

Na comunidade, conforme observamos, não existe um grupo de jovens formado em torno da religiosidade como havia em épocas passadas. Durante as conversas informais com os/as jovens rurais, estes/as relataram que existem poucos jovens na comunidade e o interesse em participar, também, é bastante reduzido. De acordo com a jovem CLE, até uma época atrás havia um grupo, mas este foi desfeito quando as jovens, líderes do grupo, acabaram indo embora para a cidade estudar. Como não havia alguém disposto a assumir esta responsabilidade de coordenação o grupo de jovens não teve continuidade.

Na realização do grupo focal, as jovens participantes ressaltaram que seria interessante a formação de um grupo de jovens e, quem sabe, assim teriam a oportunidade de sair mais de casa nos finais de semana. De acordo com a jovem T, em alguns momentos conseguem reunir um grupo maior de jovens da comunidade para fazerem algo diferente no fim de semana, como relatou:

T- (...) de vez em quando a gente combina com os piá e as meninas aqui da comunidade de ir brincar nas cachoeiras, mas isso no verão. Um avisa o outro, ou combina da igreja de manhã, e de tarde a gente vai brincar na água. É muito divertido! E às vezes acontece também de combinar de jogar bola no campo. Daí a gente consegue reunir um grupo maior, senão é cada um com o seu.

A formação de um grupo de jovens poderia oportunizar para as jovens, em especial, maiores vivências com seus grupos de amigos/as, tendo em vista que dificilmente saem de casa, conforme dito anteriormente. Em alguns momentos, eles/elas reúnem-se para fazer algo de diferente na comunidade nos finais de semana. São temporalidades que podem vivenciar momentos entre iguais e praticar diferentes formas de sociabilidade longe do controle dos adultos.

A vinda até os espaços de lazer e sociabilidade no espaço urbano também é bastante limitado para a juventude rural dessa comunidade. Durante a realização da observação participante em apenas um momento alguns jovens rurais disseram ter vindo até a cidade no final de semana.

Isso ocorreu no final de semana do dia 3 de março, um domingo, quando estava acontecendo em Laranjeiras do Sul a Expoagro<sup>56</sup>. Conversando com os/as jovens rurais na semana seguinte<sup>57</sup>, comentaram que grande parte das pessoas da comunidade participou do evento no sábado, durante o dia, na qual foram realizadas várias palestras técnicas sobre criação de gado leiteiro e palestras relacionadas à produção agrícola de soja e milho. Nesse dia os jovens CL e J aproveitaram para participar, pois foi disponibilizado um ônibus para o transporte dos interessados da comunidade até o Parque de Eventos do município onde estava ocorrendo as festividades.

Os dois jovens disseram ter ido acompanhados de seus pais e poucos jovens participaram, sendo que a maioria das pessoas da comunidade que foram até lá eram adultos. Perguntamos aos dois, o que haviam feito no local. Disseram que apenas participaram das palestras e que o evento não estava muito movimentado. Conversando com os/as jovens rurais da comunidade, contaram que alguns rapazes da comunidade foram ao evento no sábado a noite, mas disseram não ter entrado no show porque o ingresso estava com valor muito elevado. Ao questionar as jovens M, CLE e D, sobre sua participação no evento, nos disseram que não foram em nenhum dia e nem à noite, pois os pais não permitiram que fossem sozinhas no sábado e que à noite não tiveram como ir até a cidade participar da festa.

Raras vezes ouvimos os/as jovens rurais comentarem sobre sua participação em algum espaço de lazer urbano, durante nossas observações e conversas informais com eles/elas. Por meio da realização do grupo focal a juventude rural da comunidade Rio do Tigre expôs algumas dificuldades encontradas por essa categoria social no que diz respeito à participação nos espaços de lazer urbanos.

**C** - E na cidade? Vocês costumam frequentar algum espaço de lazer também, ou vocês ficam mais restritos aqui na comunidade e as comunidades vizinhas?

**T** - A gente vai mais para a cidade quando precisa. Nas festas a gente fica mais aqui, na cidade a gente não vai.

**D** - De vez em quando, quando tem baile. Mas é bem difícil mesmo.

**C** - E com que frequência vocês vão? Sempre que tem alguma coisa em Laranjeiras...

**D** - Ah, não sei dizer!

**C** - Agora, nesse ano, vocês foram em algum baile ou alguma festa em Laranjeiras ou não?

**T** - Não, em Laranjeiras eu não fui.

**CLE e M** - Não!

**CLE** - Ah, a gente só vai quando precisa, mais durante a semana, no comércio mesmo.

**C** - Mas e nas festas nos finais de semana, vocês acabam indo ou não?

**D** - Difícilmente!

**E e M** - Não.

<sup>56</sup> Este evento, promovido pela Sociedade Rural, acontece todos os anos no Parque de Exposições de Laranjeiras do Sul. Neste ano, o evento teve início no dia 28 de fevereiro e com término no dia 03 de março. Trata-se de uma feira agropecuária, na qual são realizadas exposições de gado, máquinas agrícolas, palestras técnicas aos agricultores na área da produção agrícola e leiteira; torneios leiteiros e leilões de gado; parque de diversões; estandes expostos pelo comércio local e regional, etc. O final de semana é marcado pela realização de shows com grupos e duplas sertanejas no período da noite, com venda de ingressos.

<sup>57</sup> Essas informações foram retiradas das anotações registradas em nosso diário de campo.

**C** - E os meninos? Que tem mais liberdade, que os pais deixam sair, vocês chegam a ir a Laranjeiras ou não?

**O<sup>58</sup>** - Olha eu não vou. Fico mais na comunidade.

**J** - Volta e meia a gente vai lá na cidade. Mas é difícil. Às vezes só vai dar uma volta com a moto.

**T** - É que nos finais de semana sempre tem um lugar que tem festa ou baile. A gente fica mais por aqui mesmo.

**C** - E qual o motivo que vocês não vão para Laranjeiras? É por que vocês não tem um grupo de amigos lá...

**D** - A distância, eu acho mais.

**O e J** - É a distância!

**CL** - Por ser de menor...

**L<sup>59</sup>** - Não tem como ir nos lugares.

**C** - É a questão do acesso então? Por vocês não possuírem carteira de motorista fica mais complicado?

**T** - É. No final de semana não tem ônibus. Não tem como ir!

**D** - Se for, tem que ficar o final de semana inteiro na cidade, na casa de algum parente. Daí se as vezes que ir, mas teus colegas não vão, aí você acaba não indo porque não tem companhia, o teu grupo não vai.

**C** - E a M e a CLE, vocês vão?

**CLE** - Eu gostaria de poder ir mais, mas é difícil ir!

**C** - Para vocês se reunirem e ir até os bailes e saraus que tem no Iguazu e no Operário...

**CLE** - É beeeem difícil!

**D** - É bem difícil!

**T** - É, eu nunca fui! (risos).

**CLE** - Uma que a mãe não deixa eu sair sozinha. Daí eu não vou porque falta companhia.

**C** - Os pais não deixam vocês irem meninas?

**CLE** - É isso! E outra porque o irmão não quer ir...

**D** - E porque os pais não deixam.

**M** - Os pais não deixam e a gente acaba não saindo.

**C** - E os meninos, vão com mais frequência? Vocês que convivem com os demais meninos da comunidade, eles chegam a ir mais para Laranjeiras nos finais de semana?

**J** - É assim professora, os rapazes vão, mas é bem difícil. Tipo esse ano, algum foi na Expoagro só. A gente só vai quando tem esses eventos maiores. É difícil de ir. É longe, muitos não tem carteira e pra voltar de moto de madrugada é frio e às vezes bebe, tudo complica! (risos).

**T** - Acaba todo mundo ficando mais aqui na comunidade mesmo.

Como podemos observar, os/as jovens rurais destacam alguns motivos pelos quais encontram dificuldades para ir até a cidade nos finais de semana. A distância da comunidade da área central da cidade e a falta de transporte aparecem como fatores limitantes para que eles/elas possam frequentar os espaços de lazer urbanos. Além disso, encontram dificuldades pelo fato de serem menores de idade e não possuírem carteira de motorista. No entanto, mesmo que com pouca frequência alguns jovens vão até a cidade nos finais de semana. Já para as jovens, além das dificuldades já apontadas, ainda não possuem liberdade para saírem sozinhas nos finais de semana.

Os/as jovens rurais também relataram que não possuem grupo de amigos/as na cidade. O grupo de amizade está limitado aos jovens da comunidade. Na cidade, têm contato estabelecido apenas com pessoas da família, primos. Mas estes não se constituem como um grupo de amizade para frequentar espaços de lazer e diversão na cidade. Outro fato interessante é o caso da jovem P. Durante a entrevista ela afirmou não ter um grupo de amigas na comunidade, pois como frequenta a escola urbana sua relação em grupo de pares é

<sup>58</sup> O participante é do sexo masculino e tem 18 anos.

<sup>59</sup> O participante é do sexo masculino e tem 16 anos.

estabelecida com outras jovens urbanas. Ao questioná-la sobre os espaços de lazer urbanos ela nos relatou o seguinte:

C - E na cidade, você frequenta algum espaço de lazer?

P - Geralmente não.

C - Fica mais restrita a comunidade?

P - Aham. Geralmente eu vou em alguma festa. Em baile eu gosto, mas é difícil.

C - E mesmo tendo as amigas, o grupo de amigas na cidade, nem na cidade você vem?

P - Nem na cidade! É difícil porque é longe. Se for pra vir tem que ficar na casa de uma delas, aí meus avós já não deixam.

C - Eles tem restrição?

P - Tem sim. Eles não conhecem as meninas e acham que sou muito nova pra ficar saindo assim. Às vezes elas vão em sarau ou alguma festa no Boliche, na XV e me convidam. Eu tenho vontade, mas não posso.

Essa jovem, ao contrário dos demais possui um grupo de amigas formadas por jovens da cidade, no entanto não frequenta os espaços de lazer urbanos da mesma forma que as demais jovens da comunidade. Os motivos apresentados são os mesmos das outras jovens. Isso significa que mesmo tendo uma relação com as jovens urbanas, o grupo de pares da escola urbana não está associado à frequência nos espaços de lazer e diversão na cidade.

Diante dos relatos acima, podemos supor, sem maiores restrições, que a conquista dos espaços de lazer urbanos pelos/as jovens rurais poderia ocorrer de forma efetiva se o grupo de pares da comunidade pudesse frequentá-lo em conjunto, pois como disseram, sem este não tem sentido ir até a cidade nos fins de semana. Como isto não é possível, os espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural da comunidade Rio do Tigre acabam ficando restritos a ela e as comunidades vizinhas.

#### **4.3.2. Vivências, espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande<sup>60</sup>**

Nossa primeira observação em campo, junto aos jovens rurais dessas duas comunidades, ocorreu no dia 1 de julho de 2012, um domingo, quando foi realizada uma festa na comunidade de São Pedro do Interior em honra ao padroeiro São Pedro. Chegamos ao local ainda pela manhã. A movimentação estava grande. Dentro do pavilhão as mulheres da comunidade estavam organizando o almoço e, na churrasqueira, os homens estavam assando a carne para o churrasco. Assim que chegamos, observamos algumas jovens da comunidade

---

<sup>60</sup> Essas comunidades serão apresentadas em conjunto por estarem localizadas espacialmente próximas uma da outra e pelo fato dos/das jovens rurais das comunidades sempre estarem presentes nos mesmos espaços de lazer e diversão. Assim, quando fizemos a observação participante, foi possível observar os/as jovens rurais de ambas as comunidades.

ajudando na cozinha, os rapazes trabalhando na venda de bebidas e, uma jovem auxiliava na organização da liturgia para a missa que logo teria início.

Aos poucos, muitas famílias da cidade e das comunidades vizinhas foram chegando. O pavilhão foi ficando lotado. A igreja também estava cheia e um grupo de religiosos da Igreja Matriz Santa'Ana animava a missa.

Após o término da missa, observamos a presença de vários jovens da comunidade São Pedro do Interior e, em menor número, da comunidade Faxinal Grande. Alguns estavam próximos aos pais e outros conversavam entre si, com seus grupos de amigos/as. Tivemos facilidade em identificar os/as jovens rurais porque já vínhamos participando de festas nas duas comunidades em eventos anteriores, não com intenção de pesquisa, mas pelo fato de termos uma rede de amizade constituída com algumas famílias do lugar. Isso, de certa forma, facilitou nosso trabalho.

O estacionamento da comunidade ficou lotado, inclusive o campo de futebol. Dentro do pavilhão já estavam montados os equipamentos para o matinê que iria ocorrer depois do almoço. A animação ficou por conta do músico Adilson Nogueira, de Laranjeiras do Sul. Após o almoço a dinâmica da festa ficou bem mais intensa. Muitas pessoas da cidade e das comunidades vizinhas permaneceram no local e participaram dos leilões de prêmios e sorteios de rifas.

Por volta das 14:00 teve início o matinê. Observamos que outros jovens das comunidades vizinhas do Alto São João, Flor do Pinho e Erval Grande foram chegando. Aos poucos vários grupos foram formando-se próximo à pista. Os/as jovens rurais da comunidade São Pedro do Interior fizeram um grupo só. Eram rapazes e moças que conversavam entre si, davam risadas, faziam brincadeiras e dançavam. Os/as jovens da comunidade Faxinal Grande também fizeram um grupo constituído por três rapazes e duas moças e conversavam entre si. Observamos que o número de rapazes presente na festa era bem maior que o número de moças. A maioria delas estava participando do evento desde o período da manhã. Já os rapazes chegaram, em maior número, no período da tarde.

Durante a tarde toda houve participação das pessoas nas danças. Os/as jovens rurais dançavam a todo o momento. Os rapazes convidavam as poucas moças ali presentes para dançar, retornavam ao grupo, tomavam uma cerveja e continuavam conversando. Observamos que os/as jovens rurais, vez ou outra, circulavam e conversavam com jovens de outras comunidades que também estavam ali. Todos pareciam conhecer-se.



Mais tarde, depois de dançar várias músicas, o grupo de jovens da comunidade do Faxinal aproximou-se do grupo constituído por jovens da comunidade São Pedro Interior. Resolvemos nos aproximar e estabelecer um diálogo com eles/elas. Contamos que estávamos realizando uma pesquisa, nossos objetivos e logo eles/elas mostraram interesse em saber mais. A partir desse dia, mal sabíamos nós, que o contato com a juventude rural dessas comunidades seria intenso. Logo trocamos números de telefone e combinamos em estabelecer contato com alguns deles/as pelo *facebook*.

Durante o tempo em que estive ali, conversaram a respeito do trabalho na lavoura no decorrer da semana, sobre os estudos, comentaram acerca de algumas pessoas que estavam na festa, faziam brincadeiras e riam. Perguntei para a jovem JU<sup>61</sup>, da comunidade São Pedro do Interior, como conheceu os demais jovens da comunidade Faxinal Grande. Ela relatou que ali todos se conheciam. Alguns estudaram juntos na escola, outros foram se conhecendo por meio das festas, bailes, enfim, um foi apresentando o amigo ao outro e a relação de amizade acabou sendo estabelecida. Isso, de certa forma, nos fez compreender a facilidade de relação que há entre eles/elas.

Na festa também estavam presentes alguns grupos constituídos por jovens urbanos, mas os/as jovens rurais não estabeleceram relações com nenhum deles. No estacionamento, além dos grupos presentes no pavilhão da comunidade, havia outro grupo de rapazes urbanos. Estes, por sua vez, estavam tomando cerveja e ouvindo música *rock* com som automotivo. Dentro do pavilhão, via de regra, o cantor tocava músicas gauchescas, sertanejas ou das bandas do sul do Brasil.

Depois do almoço muitos adultos foram embora e os/as jovens rurais ficaram na festa com seu grupo de pares. No final da tarde observamos que algumas jovens foram embora acompanhadas dos pais ou com o irmão. Já a maioria dos rapazes foi embora com seu grupo de pares.

Na comunidade São Pedro do Interior também participamos de um jantar dançante promovido pelo clube de mães no dia 24 de novembro de 2012. Ficamos sabendo do evento por intermédio do jovem AL<sup>62</sup>, que nos avisou pelo *facebook*. Chegamos ao evento por volta das 20:00. O pavilhão da comunidade estava lotado e muitas famílias estavam participando. Assim como na festa do mês de julho, também havia presença de pessoas da cidade. Alguns

---

<sup>61</sup> A jovem é do sexo feminino, tem 17 anos e mora na comunidade São Pedro do Interior. As informações foram registradas em nosso diário de campo.

<sup>62</sup> O jovem participante é do sexo masculino, tem 21 anos e mora na comunidade São Pedro do Interior.

jovens rurais da comunidade São Pedro do Interior e Faxinal Grande estavam presentes no jantar, mas dessa vez em menor número que no dia da festa.

A janta foi servida por volta das 20:30. Os/as jovens rurais da comunidade e do Faxinal Grande jantaram acompanhados de suas famílias. Ao contrário da festa, a participação da juventude rural foi menor. Não vieram jovens das comunidades mais próximas do Alto São João, Erval Grande e Flor do Pinho. Esse evento caracterizou-se pela participação mais densa de famílias. Os/as jovens rurais que estavam ali vieram ao evento, acompanhados dos pais, tanto os jovens como as jovens.

Depois do jantar muitas famílias foram embora, inclusive, as da cidade. Os/as jovens urbanos, que vieram acompanhados dos pais, também não permaneceram no local. Percebemos que novamente os/as jovens da comunidade não conversaram com os/as jovens urbanos que estavam presentes, apenas cumprimentaram de longe.

Quando iniciou a dança, a juventude rural da comunidade São Pedro do Interior reuniu-se próximo ao balcão onde estava sendo vendido as bebidas e ficaram parados conversando. Logo a jovem G<sup>63</sup>, que chegou acompanhada dos pais, e os jovens JO<sup>64</sup> e AR<sup>65</sup>, todos da comunidade Faxinal Grande, uniram-se com o grupo formado pelos jovens da comunidade São Pedro do Interior, formando um único grupo. Ali permaneceram, a maior parte do tempo, parados conversando sobre assuntos do cotidiano, fazendo brincadeiras e ingerindo cerveja e refrigerante.

Nessa noite os/as jovens rurais quase não dançaram. A pista estava tomada pelos casais ali presentes. O baile estava sendo animado pela dupla Adriano e Alexandre, de Laranjeiras do Sul. Os estilos musicais tocados foram gaúcho, sertanejo universitário e músicas de bandas. Perguntamos a eles/elas se não iriam dançar. Disseram-nos que não. A jovem D<sup>66</sup> disse que estava muito sem graça, pois o número de jovens presentes no local era pequeno. Novamente o número de rapazes na festa era superior ao número de moças.

Em conversa informal com o jovem JO, da comunidade do Faxinal Grande, este nos relatou que na maioria das festas, a participação das moças ocorre em número menor, apontando como causa disso o fato de muitas jovens estarem na cidade trabalhando e/ou estudando.

Apesar da presença dos pais, os/as jovens rurais se sentiam livres para conversar. Vez ou outra, alguma jovem convidava um dos amigos para dançar e faziam “vaquinhas” para

---

<sup>63</sup> A jovem participante, é do sexo feminino, tem 20 anos e mora na comunidade Faxinal Grande.

<sup>64</sup> O jovem participante, é do sexo masculino, tem 27 anos e mora na comunidade Faxinal Grande.

<sup>65</sup> O jovem participante, é do sexo masculino, tem 29 anos e mora na comunidade Faxinal Grande.

<sup>66</sup> A jovem participante, é do sexo feminino, tem 19 anos e mora na comunidade São Pedro do Interior. A informação dada pela jovem foi anotada em nosso diário de campo.

comprar a bebida. Percebemos que havia certa liberdade entre a juventude rural para fazer brincadeiras dentro do grupo. Mesmo com a presença de alguns pais, os/as jovens rurais desenvolviam diversas formas de sociabilidade.

Perguntamos a eles porque os demais jovens não vieram participar do evento. O jovem AL, da comunidade São Pedro do Interior, disse que os jovens gostam mais de participar de bailes gaúchos ou com alguma “banda sulista”. As jantas acabam não sendo muito atrativas para a maioria.

A seguir, indagamos sobre o que fazem nos finais de semana na comunidade. Os/as jovens rurais nos disseram que dificilmente saem de casa, a não ser quando ocorre uma festa em alguma comunidade próxima, algum baile na cidade ou nos municípios vizinhos. Os rapazes disseram que, às vezes, jogam bola na cidade ou no campo de futebol da comunidade Faxinal Grande. A jovem JU também comentou que de vez em quando vão até a pizzaria ou no Boliche. A partir dessas afirmações, redirecionamos nossa atenção a respeito de outros espaços de lazer e diversão frequentados por eles/elas, os quais acompanhamos em alguns momentos, como veremos a seguir. No final do jantar os/as jovens rurais foram embora acompanhados dos pais.

No dia 24 de fevereiro de 2013, um domingo, participamos de uma festa em honra a São Sebastião, na comunidade Faxinal Grande. Chegamos à festa no período da manhã, por volta das 11:00. Na igreja estava sendo realizada a missa do padroeiro. Muitas pessoas se faziam presentes. Observamos que o campo de futebol da comunidade estava servindo como estacionamento para os veículos que chegavam à festa, assim como ocorreu na comunidade São Pedro do Interior.

Ao término da missa, as pessoas deslocaram-se até o pavilhão. Logo o espaço foi ficando cheio. Nessa festa, também se faziam presentes pessoas da cidade, principalmente, aquelas ligadas ao comércio local e, famílias de várias comunidades vizinhas. Ao adentrarmos no pavilhão, observamos alguns jovens das comunidades São Pedro do Interior, que estavam acompanhados dos pais e, os/as jovens da comunidade Faxinal Grande que, em sua maioria, estavam envolvidos com a organização da festa. O jovem JO auxiliava na venda de cartelas de churrasco. O jovem AB<sup>67</sup> trabalhava na venda de bebidas e duas jovens estavam auxiliando nos trabalhos da cozinha.

Durante o período da manhã observamos que os/as jovens rurais da comunidade ficaram envolvidos com o trabalho da festa. Os demais jovens da comunidade São Pedro do

---

<sup>67</sup> O jovem participante é do sexo masculino, tem 20 anos e mora na comunidade Faxinal Grande.

Interior permaneceram junto da família, conversando. No período da tarde, logo após o almoço, teve início o *matinê*. Quem estava animando a festa era o músico Adilson Nogueira, o mesmo que tocou na festa da comunidade São Pedro do Interior.

A tarde foi bastante movimentada. Participaram da festa jovens de outras comunidades e, também, jovens da cidade que chegavam em grupos. Logo, vários grupos foram se estabelecendo dentro do pavilhão e, também, do lado de fora. Próximos à pista estavam aqueles que gostavam de dançar: eram grupos de jovens rurais formados apenas por rapazes, outros mistos; alguns dividiam-se por comunidade e alguns misturavam-se; outros ainda, eram compostos apenas por jovens urbanos, divididos por sexo ou mistos. Em alguns momentos nossos olhos pareciam não dar conta. Mas fixamos nossa atenção nos jovens rurais das duas comunidades pesquisadas. Do lado de fora estavam alguns grupos de jovens urbanos formados por rapazes e moças. Estes ouviam música de estilo *rock* e eletrônica e, ao mesmo tempo, tomavam cerveja. Enquanto isso, dentro do pavilhão eram tocadas músicas sertanejas, gaúchas e de bandas do sul, assim como observamos nos outros dois eventos supracitados.

A jovem JU, da comunidade São Pedro do Interior, estava junto com seu grupo de amigos da comunidade. Ficaram parados próximos a pista de dança. Conversavam, davam risadas, dançavam e faziam brincadeiras entre si. Os/as jovens rurais da comunidade do Faxinal Grande também formaram um grupo próximo à pista. Ainda, durante a tarde, observamos que, vez ou outra, algum jovem deixava o grupo e conversava com jovens de outras comunidades. No entanto, logo retornava ao grupo. Os/as jovens rurais, nessa festa, aproveitaram para dançar bastante. Formavam pares entre si, com jovens de outras comunidades e dançaram com alguns jovens urbanos, tanto as moças como os rapazes.

A hora da dança era aproveitada pelos rapazes para convidar alguma moça em que estavam interessados para dançar. O *matinê* realizado na festa, além de apresentar-se como um espaço de sociabilidade para a juventude rural, também é um momento propício para a paquera. Mesmo com a presença dos pais, os/as jovens rurais pareciam sentir-se bem à vontade para dançar, conversar, dar risada e tomar alguma bebida.

Além disso, o contato dos jovens rurais com algum grupo dos jovens da cidade foi observado em dois momentos. Primeiramente, observamos a jovem JU, da comunidade São Pedro do Interior, conversando com algumas meninas da cidade, mas depois retornou ao seu grupo. E posteriormente o jovem JO, da comunidade Faxinal Grande, se aproximou de um grupo de rapazes urbanos que ouviam som alto em um carro próximo ao campo de futebol.

Mais tarde resolvemos nos aproximar e pedir aos dois como conheciam esses/as jovens urbanos/as e se eram amigos/as. A jovem JU disse que as moças com as quais conversou são conhecidas da escola. Ela faz o Ensino Médio em uma escola urbana e as conhece da vivência escolar, mas essas não são suas amigas com qual forma um grupo de pares onde estuda. O jovem JO, assim como a jovem JU, disse conhecer os rapazes do tempo em que estudava na escola na cidade, bem como já jogou futsal algumas vezes com eles na quadra de um colégio urbano.

A partir daí, começamos a perceber que estes/as jovens rurais também possuem relações estabelecidas com jovens urbanos, o que veio a confirmar-se a partir da realização dos grupos focais e das entrevistas individuais, como veremos em seguida.

Nessa tarde, eles/as apenas conversaram com os/as jovens urbanos/as e, no mais, ficaram praticamente todo tempo restritos ao seu grupo de pares, desenvolvendo diversas formas de sociabilidade. Os/as jovens urbanos/as, por sua vez, também não se misturaram com os/as jovens rurais. Apenas em alguns momentos os rapazes do campo convidaram as moças da cidade para dançar.

Essa dinâmica repetiu-se durante toda a tarde. No final da festa, tanto os rapazes como as moças foram embora acompanhados dos pais, assim como vieram ao evento.

A participação nessas três festas nos proporcionou, em linhas gerais, o estabelecimento de uma relação mais estreita com os/as jovens rurais dessas duas comunidades. Então, por meio das conversas informais, registradas em nosso diário de campo, elegemos os/as informantes participantes das entrevistas individuais e realizamos contato com os demais jovens para a realização dos grupos focais.

Durante a realização das entrevistas individuais e dos grupos focais<sup>68</sup>, nas duas comunidades, foi consenso entre os/as jovens rurais participantes que, os principais espaços de lazer frequentados por eles/elas, no campo, são as festas religiosas e os jantares dançantes promovidos pelos clubes de mães ou associações de moradores. E na cidade, sempre que possível, frequentam o Boliche e a pizzaria. Já em relação aos bailes, como eles não acontecem mais nas comunidades rurais, acabam participando de alguns eventos que acontecem na cidade, como no Clube Operário e Iguazu Tênis Clube, ou ainda, em municípios vizinhos como Nova Laranjeiras, Rio Bonito do Iguazu e Porto Barreiro.

---

<sup>68</sup> O grupo focal com a juventude rural da comunidade São Pedro do Interior foi realizado pela pesquisadora no dia 21 de junho de 2013, na residência de uma das jovens da comunidade. Na comunidade Faxinal Grande, o grupo focal foi realizado pela pesquisadora no dia 16 de julho de 2013, no pavilhão da comunidade.

De acordo com a jovem D<sup>69</sup>, as festas nas comunidades rurais não acontecem com tanta frequência. Segundo ela, “(...) é só de vez em quando que tem festa. Geralmente cada comunidade faz uma festa por ano, quando é o mês do padroeiro. Aí acaba tendo uma por ano em cada comunidade. A gente acaba indo quando tem aqui ou nas comunidades mais perto”.

Durante a realização dos grupos focais os/as jovens rurais da comunidade Faxinal Grande e da comunidade São Pedro do Interior, relataram que frequentam os espaços de lazer nas comunidades próximas de onde moram como KM 8, Erval Grande, Flor do Pinho, Alto São João e Linha São José. Como podemos observar no mapa 5 todas as comunidades citadas por eles/elas, estão espacialmente próximas às comunidades onde moram.

Caso não ocorram festas ou bailes em algum lugar, geralmente os/as jovens rurais acabam ficando em casa nos sábados e domingos, conforme nos relataram durante as discussões. Segundo o jovem JO<sup>70</sup>, da comunidade Faxinal Grande, não existe muita coisa a ser feita no final de semana. Sobre sua rotina, contou que aos sábados geralmente organiza os trabalhos na propriedade para o domingo. Quando acontece algum baile, se reúne com o grupo de amigos e vão participar do evento. Aos domingos de manhã, ele e os/as jovens rurais da comunidade participam do culto que acontece as 9:00 da manhã na igreja da comunidade. Após o culto, conversam um pouco e vão para casa. Dificilmente os/as jovens rurais reúnem-se para fazer algo no período da tarde. Às vezes, no verão, combinam de brincar em algum rio da localidade.

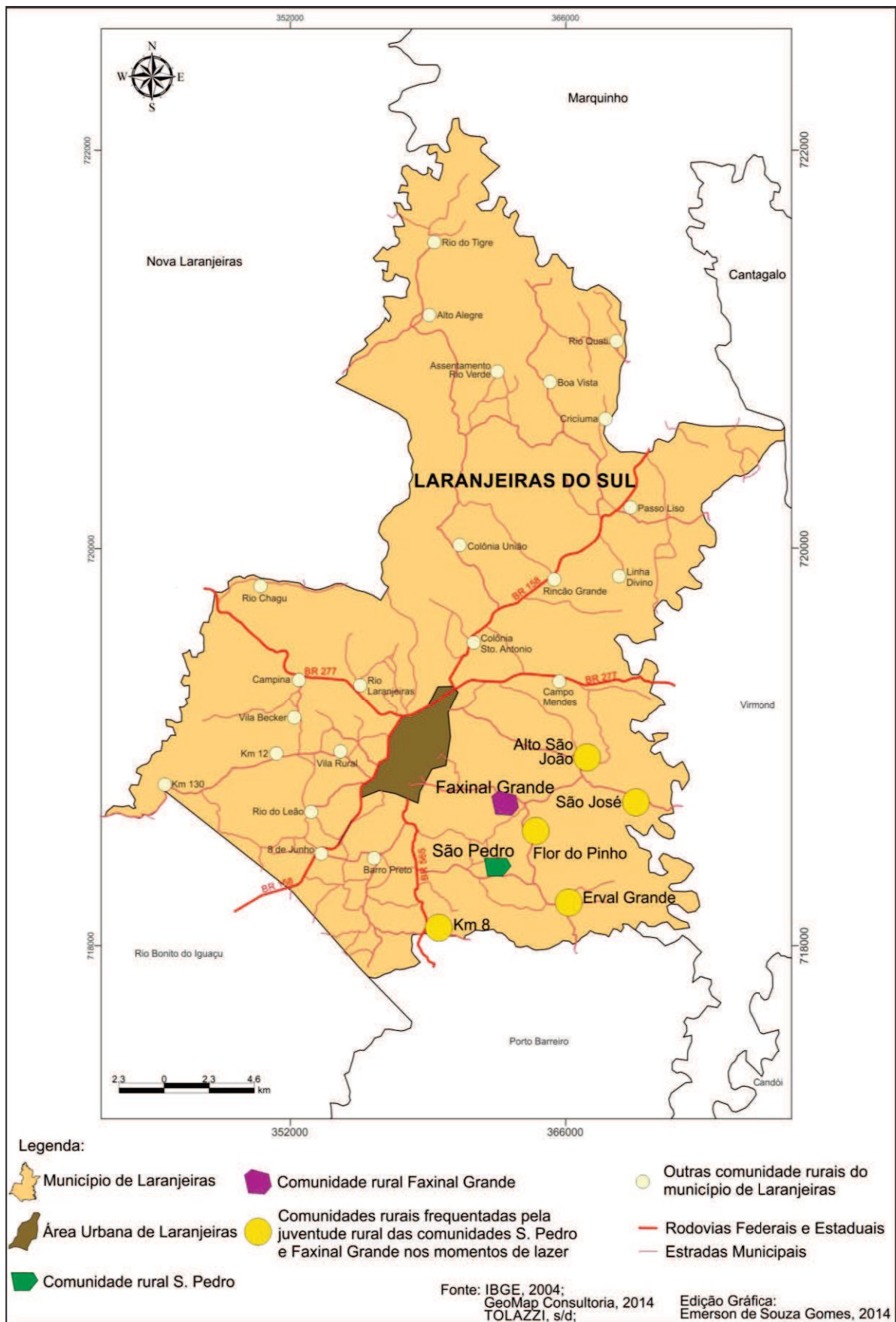
Para frequentar os espaços de lazer e diversão os/as jovens rurais possuem grupos de amizade na comunidade. No caso da juventude rural da comunidade São Pedro do Interior, existem ao todo apenas doze jovens. Destes, quatro não participam ativamente da comunidade, pois durante a semana moram na cidade para estudar e, dificilmente vão para a casa dos pais no final de semana. Assim o grupo é constituído por quatro moças e quatro rapazes que possuem laços de parentesco ou vizinhança. De acordo com a jovem JU<sup>71</sup>, em alguns momentos o jovem JO, da comunidade Faxinal Grande, também acaba participando do grupo.

---

<sup>69</sup> A jovem D é do sexo feminino, tem 19 anos e foi entrevistada pela autora no dia 06 de julho de 2013, em sua residência, na comunidade São Pedro do Interior. (Observação: esta jovem é a mesma que aparece em uma conversa informal e foi citada na nota de rodapé número 66)

<sup>70</sup> O jovem JO é do sexo masculino, tem 27 anos e foi entrevistado pela autora no dia 15 de julho de 2013, em sua residência, na comunidade Faxinal Grande. (Observação: este jovem é o mesmo que aparece em uma conversa informal e foi citado na nota de rodapé número 64).

<sup>71</sup> Informação obtida durante o grupo focal da comunidade São Pedro no dia 21 de junho de 2013.



**Mapa 5:** Laranjeiras do Sul: localização das comunidades rurais frequentadas pela juventude rural das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande nos momentos de lazer.

**Org:** KUHN, C. (2013).

Para irem às festas e bailes, aos finais de semana, os/as jovens rurais conversam entre si por meio do *facebook*, via mensagem de celular ou se comunicam indo à casa de um ou outro afim de articular a saída para o evento. Como os rapazes já são maiores de idade e, possuem carteira de motorista, vão aos espaços de lazer de carro, geralmente, em dois veículos devido ao número de pessoas.

Já os/as jovens rurais da comunidade Faxinal Grande possuem uma maior diversidade no que diz respeito aos grupos de amizade, conforme foi observado durante a realização do grupo focal. Os jovens JO, AR e P<sup>72</sup> formam um grupo de amigos, juntamente com mais um rapaz da comunidade. O jovem AB frequenta os espaços de lazer acompanhado de sua irmã e mais uma amiga da comunidade. Já a jovem G<sup>73</sup>, por sua vez, afirmou que, dificilmente frequenta os espaços de lazer na companhia de um grupo de amigas. Comentou que seus pais não dão liberdade para sair sozinha. Quando vai a festas ou bailes, sempre está acompanhada pelos seus pais ou tios. Segundo ela, pelo fato de não ter um irmão mais velho, encontra dificuldade para sair de casa nos finais de semana. Alguns jovens da comunidade também possuem grupos de amigos/as fora da comunidade, como veremos a seguir.

Apesar de cada um participar de um grupo, todos se conhecem e mantém uma relação de amizade. Para ir até os eventos, em geral, algum dos rapazes disponibiliza o carro e passa nas casas para pegar os demais. Em outros momentos, quando o grupo mais próximo não pode acompanhar, como citou o jovem AR durante o grupo focal da comunidade Faxinal Grande, acabam indo sozinhos, mas na certeza de que irá encontrar outros jovens da comunidade na festa ou no baile, conforme nos relatou: “(...) às vezes eu vou sozinho, quando a piazzada não pode ir comigo. *Aí eu ligo para os outros e peço: “você vai em tal baile?”... “vou!”.* *Aí eu falo: “então nos achamos lá”.* *Muitas vezes a gente faz isso mesmo. *Aí na festa acaba todo mundo se encontrando”.**

Isso foi observado várias vezes durante a realização da observação participante, principalmente, nas festas realizadas nas comunidades. Alguns/as jovens rurais, geralmente vão acompanhados dos pais e o ponto de encontro do grupo acaba sendo a própria festa. Em outros momentos observamos que alguns chegam juntos no evento, mas apenas no período da tarde. O objetivo, neste caso, é participar do *matinê* e encontrar os demais integrantes do grupo.

---

<sup>72</sup> O jovem P é do sexo masculino, tem 30 anos e mora na comunidade Faxinal Grande. Este jovem também participou do grupo focal da comunidade Faxinal Grande realizado no dia 16 de julho de 2013.

<sup>73</sup> A jovem G é do sexo feminino, tem 20 anos e foi entrevistada pela autora no dia 07 de julho de 2013, em sua residência, na comunidade Faxinal Grande. (Observação: esta jovem também participou do grupo focal e é a mesma que aparece em uma conversa informal citada na nota de rodapé número 63).



Durante a semana a juventude rural das duas comunidades dificilmente desenvolve alguma atividade relacionada ao lazer. Tal fato foi relatado pelo jovem AR durante o grupo focal da comunidade Faxinal Grande, quando disse: “(...) *dificilmente fazemos alguma coisa, porque a atividade da agricultura é bastante intensa, principalmente para quem planta fumo, então a gente acaba dispondo de pouco tempo para fazer alguma coisa*”.

Já o jovem AL<sup>74</sup>, da comunidade São Pedro do Interior, destacou como uma dificuldade, além dessa apontada pelo jovem AR, o envolvimento com os estudos. De acordo com seu relato na entrevista individual, alguns jovens da comunidade que são seus/as amigos/as ainda estão estudando. Ele faz agronomia na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), em Laranjeiras do Sul, e dedica seu tempo semanal para os trabalhos na propriedade e para os estudos, ficando limitado o tempo destinado ao lazer. Outros/as jovens das duas comunidades ainda estão fazendo o Ensino Médio ou cursando algum curso de graduação, o que dificulta o encontro por parte deles/as durante a semana.

O jovem JO, da comunidade Faxinal Grande, nos relatou que dificilmente ele e seus pais vão visitar os vizinhos durante a semana ou combina alguma coisa de diferente com seu grupo de amigos/as. Segundo ele, de vez em quando, participa de um grupo de reflexão que existe na comunidade, conforme nos contou em um fragmento da entrevista individual:

**JO** - “(...) dificilmente a gente vai visitar um vizinho. Nós temos aqui em nossa comunidade um grupo de reflexão e vivência, era o antigo círculo bíblico. Então a cada quinze dias tem um encontro que a gente sai. Tem um roteiro, cada encontro é uma família, na casa de uma família. Então a gente vai fazendo um trajeto, que a gente visita algumas famílias da nossa comunidade.

**C** – O encontro então é realizado mais em torno da oração?

**JO** – Da oração! Mas daí depois da oração tem um bate-papo com os amigos. Porque nesses encontros sempre acaba reunindo um ou outro jovem. Às vezes tem alguma coisa para comer e beber. Com a piazada a gente escuta uma música, conversa e tudo, é bem divertido!

Apesar de esses encontros envolverem o núcleo familiar, apresenta-se para este jovem como um dos únicos momentos de encontro com o grupo de pares durante a semana, tendo em vista o trabalho desenvolvido nas propriedades rurais. Nesse espaço-tempo aproveitam para conversar com os amigos/as ali presentes, trocar uma ideia com o grupo de pares e desenvolver diferentes práticas de sociabilidade. Além desses encontros, o jovem JO comentou que durante a semana, às vezes, combina com alguns rapazes da comunidade para jogar bola na cidade.

---

<sup>74</sup> O jovem AL é do sexo masculino, tem 21 anos e foi entrevistado pela autora no dia 05 de julho em sua residência, na comunidade São Pedro do Interior. (Observação: este jovem também participou do grupo focal e é o mesmo que aparece em uma conversa informal, conforme citado na nota de rodapé número 62).

A respeito dos jogos de futebol, sempre que realizávamos a observação participante junto à juventude rural, ouvíamos os rapazes comentando sobre as partidas de futebol que jogavam na cidade e, de vez em quando, no campo de futebol da comunidade Faxinal Grande.

No dia 12 de maio de 2013 resolvemos ir até a comunidade Faxinal Grande para encontrar com os jovens rurais que haviam marcado uma partida de futebol. Ficamos sabendo desse encontro por intermédio do jovem AL, da comunidade São Pedro do Interior, que nos avisou pelo *facebook*, como já havia feito em outros momentos. Ao chegar à comunidade havia um grupo de rapazes que já estava jogando. Observamos que quatro deles eram da comunidade São Pedro do Interior e outros três da comunidade Faxinal Grande. Entre eles também estavam alguns jovens das comunidades vizinhas Flor do Pinho e Alto São João. Os demais eram todos homens adultos e casados.

No intervalo da partida conversamos com o jovem JO<sup>75</sup>, da comunidade Faxinal Grande. Ele relatou que nesse domingo à tarde tinham conseguido reunir alguns jovens para jogar no campo da comunidade. Perguntamos sobre as jovens do lugar e ele contou que elas não costumam assistir os jogos no campo, porque dificilmente eles acontecem e não há nada de diferente para ser feito ali. Nessa tarde, eles jogaram futebol por cerca de duas horas. Em meio ao jogo, faziam brincadeiras, davam risadas e durante os intervalos, descansavam e aproveitavam para conversar sobre o cotidiano e o trabalho na lavoura.

A partir da realização dos grupos focais e das entrevistas individuais, os rapazes relataram algumas dificuldades encontradas por eles no que diz respeito a prática de esportes nas comunidades. O jovem AL, da comunidade São Pedro do Interior, relatou que nessa comunidade não são mais realizadas partidas de futebol nos finais de semana. Um dos motivos, em sua opinião, é o pequeno número de rapazes que moram ali, não sendo o suficiente para completar um time. Sobre essa situação, o jovem MA<sup>76</sup> fez o seguinte comentário durante a realização do grupo focal nessa comunidade:

**MA** – “(...) aqui na comunidade ninguém joga mais, porque não dá time. Eu que sou mais velho posso falar (risos). Nossa! Se for lembrar uns 13, 14 anos atrás tinha gente sempre jogando e agora não tem mais. O campo tinha gente todo domingo. Mas aí a piaçada saiu, uns pararam de jogar e o campo está abandonado. Nas festas, a tarde sempre tinha torneio e hoje não tem mais nada. Não acha gente para jogar, só se for em outras comunidades e se juntar.

Os mesmos motivos foram apontados pelos rapazes da comunidade Faxinal Grande. Quando querem jogar bola no final de semana, um amigo avisa o outro por celular e reúnem-

---

<sup>75</sup> A informação foi registrada em nosso diário de campo.

<sup>76</sup> O jovem participante é do sexo masculino, tem 30 anos e mora na comunidade São Pedro do Interior.

se em um campo de uma das comunidades. O jovem JO<sup>77</sup> comentou que anos atrás o campo da comunidade Faxinal Grande era bastante movimentado. Sempre eram realizados torneios nos finais de semana, nas festas havia amistosos, “movimentava a comunidade”.

Durante a nossa participação nas festas dessas duas comunidades foi possível observar a situação de abandono dos dois campos de futebol. Isso pode ser observado nas figuras abaixo (Figuras 20 e 21). Hoje, ao invés da movimentação de torneios ou amistosos, os campos de futebol servem como estacionamento para os carros nos dias de festa.



Figura 20 – Campo de Futebol da Comunidade Faxinal no dia 24 de fevereiro de 2013, na Festa em Honra ao Padroeiro São Sebastião.  
Autora: Kuhn,C. (2013).



Figura 21 - Campo de futebol da comunidade São Pedro do Interior no dia 30 de junho de 2013, na festa em honra ao Padroeiro São Pedro.  
Autora: Kuhn, C. (2013).

<sup>77</sup> Informação foi obtida durante a realização da entrevista individual no dia 15 de julho de 2013 em sua residência na comunidade Faxinal Grande.

Tendo em vista as condições dos campos de futebol e a ausência de pessoas para completar os times, os jovens rurais dessas duas comunidades acabam jogando nas quadras esportivas dos colégios urbanos. Conforme o jovem AL, ele e seus amigos da comunidade São Pedro do Interior reúnem-se com alguns jovens da comunidade vizinha de Erval Grande e vão jogar futsal na quadra da Escola Estadual Érico Veríssimo, localizado na área central de Laranjeiras do Sul. O time possui autorização e paga um determinado valor para jogar durante um período fixo de tempo, o conhecido “horário”. Tal denominação advém do fato de um “horário” corresponder a uma hora.

Ele relatou que nesses espaços jogam futsal com jovens rurais de outras comunidades e também com alguns jovens urbanos. Em um trecho da entrevista individual falou sobre como organizam esses jogos:

**AL** – (...) eu vou com o IV, o IG e MA e mais uns amigo do Erval. Daí lá, às vezes vem uns amigos do Alto São João ou da Linha São José. Sempre junta umas pessoa.

**C** – Mas como vocês combinam com os jovens das outras comunidades?

**AL** – É que os horários são meio fixos na semana. Eles pegam um horário e nós outro, e acabamos jogando junto ali. Sempre tem algum que conhece, tem amizade do tempo da escola, das festas e dos jogo que a gente faz ali no campo do Faxinal.

**C** – E vocês jogam com os jovens urbanos também?

**AL** – Jogamos.

**C** – Com quem vocês jogam da cidade?

**AL** – Ah, tem o time do mercado Marechal e do mercado Cascatinha que são conhecidos do meu cunhado. Aí às vezes a gente joga com o pessoal da universidade e tem uma piazzada que a gente conhece do tempo da escola. Sempre acha uns pra jogar.

Diante das poucas possibilidades disponíveis no campo para a prática de esportes, as quadras esportivas urbanas aparecem como um espaço propício para jogarem futsal com o grupo de amigos. Logo, uma rede de conhecidos e amigos é ativada em torno dos jogos. É nesse momento que os jovens rurais estabelecem contato com outros jovens para além da comunidade, seja com outros jovens do campo ou ainda da cidade.

Os rapazes da comunidade Faxinal Grande também jogam futsal nas quadras esportivas dos colégios urbanos. Durante a entrevista individual, o jovem JO relatou que ele e mais alguns amigos da comunidade sempre jogam na quinta-feira à noite, a partir das 21:30 até às 23:30. Para jogar reúnem alguns jovens da comunidade, das comunidades vizinhas ou ainda da cidade.

No dia 18 de julho de 2013, uma quinta-feira, fomos até a quadra da escola no intuito de realizar uma observação junto aos jovens rurais. Chegando ao local, os jovens já estavam jogando. Da comunidade Faxinal Grande estavam os jovens JO, AB e MG e mais três moradores do lugar. Estavam jogando contra um time composto por jovens da cidade. A

partida terminou por volta das 22:30. Quando terminou o jogo, os jovens combinaram uma nova partida para a próxima semana. Os jovens urbanos despediram-se e foram embora. Os três jogadores adultos também resolveram ir para casa. Já os rapazes optaram em fazer um lanche na lanchonete *Apetit*, localizada na esquina da escola, no centro de Laranjeiras do Sul. Dissemos que íamos acompanhá-los.

Os três rapazes estavam de moto e estacionaram na frente da lanchonete. Entramos no local e sentamos em uma mesa. Os jovens rurais começaram a conversar sobre a partida que haviam acabado de jogar, faziam comentários sobre os lances e gols que fizeram. Procuramos deixá-los bem à vontade. Depois de um tempo perguntamos ao jovem JO quem era o time contra o qual estavam jogando. Falou que um dos rapazes da cidade era seu amigo do tempo da escola e a tarde havia ligado para ele organizar um time para jogarem à noite. Disse que com os demais participantes não possui uma relação de amizade, são apenas conhecidos.

Comentou que, na quinta-feira anterior, vieram participar alguns jovens da comunidade São Pedro do Interior e da comunidade do Alto São João e que depois do jogo também tinham vindo até essa mesma lanchonete para tomar uma cerveja.

Enquanto ficaram ali, fizeram um lanche, tomaram uma coca e conversavam diversos assuntos: comentaram sobre alguns jogos do campeonato brasileiro de futebol, a respeito do jogo da semana anterior na quadra da escola, acerca de acontecimentos da semana e sobre o trabalho na lavoura.

Na lanchonete haviam outros grupos de jovens urbanos sentados em algumas mesas. Outros estavam parados na calçada da rua. O jovem AB levantou e cumprimentou um grupo de rapazes que estavam ali próximos. Conversou com os mesmos por um curto período e logo retornou ao grupo. Pedimos quem eram eles. Comentou que estudou com dois dos rapazes na época em que fez o Ensino Médio no Colégio Estadual Floriano Peixoto. Perguntamos se possuem relação de amizade. O jovem comentou que quando estudava possuía uma relação bem próxima a eles, mas que há algum tempo não os via, pois está fazendo curso superior em Engenharia Civil em Guarapuava, e acabou se afastando um pouco.

Durante o tempo em que ficamos na lanchonete em questão, o grupo conversou sobre vários assuntos, ao mesmo tempo em que curtiam a música sertaneja do ambiente. Com os demais jovens urbanos presentes no local, não estabeleceram nenhuma relação. Por volta da meia noite resolveram ir para casa, porque no outro dia tinham que ajudar nos trabalhos da propriedade. Despediram-se e foram embora com suas motos.

Dessa participação, junto aos jovens rurais, conseguimos apurar o tanto que tais jovens dedicam tempo e esforço na organização e, na sua articulação com outros jovens, para que os jogos de fato aconteçam. O tempo disponível depois do jogo e a ida até a lanchonete caracterizam-se como um espaço importante para a vivência e o desenvolvimento de práticas de sociabilidade entre o grupo de pares. Nesse momento estão sem a presença dos pais e podem experimentar vivências juvenis no espaço urbano, ouvir uma música e observar o movimento da cidade.

Já as jovens das duas comunidades relataram que não realizam nenhuma atividade esportiva na comunidade, haja vista o número de moças ser menor ainda quando comparado ao de rapazes. O único espaço disponível para prática de vôlei ou futsal é na escola, conforme relatou a jovem JU, da comunidade São Pedro do Interior, durante o grupo focal. Para as jovens que já concluíram o Ensino Médio, como o caso da jovem AN<sup>78</sup>, isso se torna inexistente.

Outro espaço de lazer e diversão frequentado pela juventude rural dessas duas comunidades são os bailes. No entanto esses eventos dificilmente acontecem nas duas comunidades rurais ou nas comunidades vizinhas. Durante a realização da Observação Participante, foi realizado um único baile na comunidade vizinha de Alto São João. O baile ocorreu no dia 17 de junho de 2013, um sábado. Este evento fazia parte da programação das festividades juninas da comunidade, relacionadas ao padroeiro São João. Ficamos sabendo do evento pela jovem JU, da comunidade São Pedro do Interior, que nos convidou para participar, pois ela e seu grupo de amigos/as da comunidade haviam combinado de ir até o evento.

Chegamos ao local por volta das 21:00. Nesse horário já estava acesa a fogueira e logo avistamos alguns jovens da comunidade Faxinal Grande. O jovem JO estava acompanhado do jovem AR, P e o jovem AB com sua irmã ALE<sup>79</sup>. A jovem G chegou mais tarde, acompanhada de seus tios e foi ao encontro dos outros jovens da comunidade, com os quais permaneceu durante a noite. Faziam-se presentes ainda muitas pessoas da cidade, vários grupos de jovens urbanos, conversando e tomando quentão, jovens rurais das comunidades vizinhas, todos espalhados com seus amigos/as dentro e fora do pavilhão. Em seguida chegou um grupo formado pelos (as) jovens da comunidade São Pedro do Interior.

---

<sup>78</sup> A jovem participante é do sexo feminino, tem 21 anos e mora na comunidade São Pedro do Interior. Esta jovem participou do grupo focal realizado com os/as jovens rurais da comunidade São Pedro do Interior.

<sup>79</sup> A jovem participante é do sexo feminino, tem 18 anos e mora na comunidade Faxinal Grande. Esta jovem participou do grupo focal realizado com os/as jovens rurais dessa comunidade.

Os grupos formados pelos jovens das duas comunidades entraram no pavilhão, onde já estava acontecendo o baile com música ao vivo. Aproximamo-nos e conversamos com os/as jovens rurais da comunidade São Pedro do Interior. Pedimos se os pais também estavam no baile. A jovem JU relatou que, desta vez, estavam todos desacompanhados dos pais e que para virem os rapazes trouxeram as moças de carro. Perguntamos se os pais não se importavam em permitir que a jovem viesse sozinha com o grupo até o baile. Ela relatou que os pais da maioria dos/as jovens do seu grupo não costumam participar desses eventos e geralmente o grupo sai sozinho, pois possuem grau de parentesco e são todos conhecidos, vizinhos na comunidade. Observamos que os/as jovens rurais da comunidade Faxinal Grande também vieram desacompanhados dos pais, diferentemente do observado nas festas, quando toda família está presente.

Durante toda a noite, tanto os/as jovens rurais da comunidade Faxinal Grande como da comunidade São Pedro do Interior ficaram juntos ao seu grupo de pares. Ao circular entre um grupo e outro observamos que falavam sobre diversos assuntos, faziam brincadeiras, comentavam sobre as pessoas presentes no evento, ingeriam quentão ou cerveja. Vez ou outra circulavam nos espaços dentro ou fora do pavilhão. Iam até o banheiro e retornavam ao grupo. Apesar da presença de jovens de outras comunidades e mesmo da cidade, os/as jovens rurais ficaram durante a maior parte do tempo restrito ao grupo. Às vezes, algum integrante conversava com algum outro conhecido, mas logo retornava.

Nesse baile, devido ao elevado número de pessoas, a dança foi bem animada. O grupo musical tocava música gaúcha, sertaneja universitária e algumas músicas de estilo forró. Os rapazes transmitiam euforia, pois como as mulheres não pagavam ingresso, o número de moças era bem maior do que nas festas realizadas nas comunidades. O baile apresentou-se propício também para a dança e a paquera. Além da grande quantidade de jovens presentes no evento, eles/elas estavam livres do controle dos pais. Isso possibilitou a eles/elas desenvolverem diversas formas de sociabilidade e conquistar vivências tipicamente juvenis pela conquista da noite.

Este baile foi o único realizado nas comunidades rurais durante todo o tempo em que desenvolvemos a coleta de dados junto à juventude rural dessas comunidades. Desse modo os/as jovens rurais relataram que diante dos poucos bailes realizados no campo, sempre que possível, participam de bailes promovidos nos centros de eventos ou ginásios poliesportivos dos municípios de Porto Barreiro, Rio Bonito do Iguaçú e Nova Laranjeiras. Alguns rapazes afirmaram participar de bailes promovidos na cidade, no Iguaçú Tênis Clube e no Clube

Operário. Os/as jovens rurais disseram que gostam e preferem bailes animados por grupos gaúchos ou bandas da região sul do Brasil.

Acompanhamos os/as jovens rurais da comunidade São Pedro do Interior em um Baile de Chopp, realizado no dia 3 de maio de 2013, no ginásio municipal de esportes do município de Porto Barreiro. Os/as jovens rurais ficaram sabendo do baile por uma emissora de rádio da cidade e pela divulgação de um *folder*, por um colega do jovem AL, no *facebook*. Compraram os ingressos antecipados, combinaram por telefone e foram até o evento. Quando chegamos ao baile, a pista de dança já estava lotada. Observamos que o grupo estava sentado na arquibancada tomando um *chopp* e o jovem JO da comunidade Faxinal Grande também estava presente. Novamente eles/elas estavam desacompanhados dos pais.

Esse espaço de lazer e diversão apresentou-se como propício para observarmos a relação estabelecida pelos integrantes do grupo em um espaço diferenciado daquele vivido nas festas nas comunidades rurais. Durante toda a noite o grupo aproveitou para dançar com outros/as jovens que se faziam presentes no evento. Enquanto alguns integrantes dançavam, os demais aproveitavam para conversar, fazer brincadeiras e observar o movimento. Enquanto estivemos presentes, conversavam sobre vários assuntos, sem objetivos estabelecidos, onde o falar era o próprio fim. Percebemos que o grupo estava no plano da mais pura sociabilidade do qual fala Simmel (1983).

Nessa noite, os/as jovens rurais ficaram basicamente restritos ao grupo da comunidade. O único jovem que deixou o grupo por um determinado tempo foi o jovem AL. Ele ficou parado próximo a pista de dança conversando com duas jovens. Quando retornou ao grupo, perguntamos a ele de onde conhecia as duas jovens e se eram suas amigas. Relatou que estudam juntos no curso de agronomia que faz na UFFS e de vez em quando frequenta com elas e mais alguns rapazes o Boliche. Segundo ele, as duas moças moravam em outro município e vieram para cá para estudar e acabou estabelecendo amizade com elas durante as aulas. Contou que estavam conversando sobre as aulas que tiveram durante a semana e sobre alguns acontecimentos presenciados durante a mesma.

Em um determinado momento observamos que as jovens JU e D estavam rindo sem parar. Perguntamos o que havia acontecido. De acordo com a jovem D, estavam observando alguns estilos de roupa usados por alguns rapazes e moças presentes no baile. Ao olharmos em direção ao grupo do qual elas estavam falando, vimos que se tratava de alguns jovens urbanos de Laranjeiras do Sul. Usavam roupas largas, *piercings* e bebiam *chopp*. A jovem JU comentou que não acha legal o estilo dos jovens e que não teria coragem de usar algo do tipo.



No mais, a dinâmica do baile não mudou muito durante toda a noite. Antes de encerrar o baile viemos embora e deixamos o grupo aproveitando o fim do evento.

A juventude rural das duas comunidades afirmou, durante a realização dos grupos focais, que sempre que possível frequentam os bailes nos municípios vizinhos ou mesmo em algum clube da cidade. De acordo com o jovem MA, da comunidade São Pedro do Interior, todos os finais de semana acontecem bailes nesses dois clubes, conforme nos relatou durante a realização do grupo focal:

**MA** – (...) no Operário geralmente é sábado de noite e no Iguaçu tem o bailinho dos idosos.

**C** – Mas aí vocês participam junto com as pessoas mais velhas?

**MA** – Não. É assim: no Operário toca algum grupo da cidade no sábado de noite. No Iguaçu, de tarde tem o baile dos véios, que começa duas horas. Daí, bem de tardinha, o pessoal mais novo vai lá participar. Aí vem gente de toda parte (risos).

**C** – E vocês meninas, também participam?

**JU** – Eu não!

**DA** – Nem eu! (risos)

**IV**<sup>80</sup> – Geralmente vai eu e o MA, por que ali é mais baile pro povão sabe. Agora faz tempo que não fomos mais. É só quando a gente quer sair e não tem nada pra fazer, que nós vamos lá com os piá.

**C** – Mas e daí o que vocês dois fazem nesses bailes?

**IV** – Mais a gente vai pra olhar o movimento e tomar uma cerveja.

As jovens das duas comunidades disseram que não frequentam os bailes citados pelos rapazes no Clube Iguaçu e Operário. A jovem D afirmou, durante a realização da entrevista individual, que prefere ficar em casa ao invés de ir com os meninos até esses locais, “(...) porque não tem nada de interessante pra fazer lá”. Diante dos poucos espaços de lazer e sociabilidade disponíveis no campo, os rapazes acabam frequentando esses dois clubes na cidade, pois apresentam-se como oportunidade de diversão.

Tendo em vista que no campo o lazer está bastante restrito a ocorrência de festas, algum jantar dançante, baile ou mesmo aos poucos jogos de futebol, no caso dos rapazes, nos campos das comunidades, os espaços de lazer urbanos apresentam-se como uma oportunidade de diversão e sociabilidade para os/as jovens rurais de ambas as comunidades. Além dos bailes nos centros de eventos, ginásios e clubes da cidade e, também, de municípios vizinhos, bem como as partidas de futebol nas quadras das escolas urbanas, citados acima, os/as jovens rurais também frequentam pizzarias e o Boliche.

De acordo com o jovem AL, da comunidade São Pedro do Interior, quando vão ao boliche a intenção do seu grupo de amigos é de ir jogar e brincar um pouco. Durante a entrevista individual relatou um pouco sobre esse espaço de lazer: “(...) a gente vai de vez em

---

<sup>80</sup> O jovem participante é do sexo masculino, tem 23 anos e mora na comunidade São Pedro do Interior.

*quando, não é sempre. Vamos lá com o JO, IV, MA e com a JU e a D para jogar um pouquinho, conversar e dar risada. Tomamos alguma coisa e comemos, e depois a gente vem pra casa. Nada demais”.*

Em um sábado, dia 23 de março de 2013, acompanhamos os/as jovens rurais da comunidade São Pedro do Interior até a pizzaria *Du’Marco*, localizada na rua XV de Novembro, na área central da cidade. Nesse dia o convite foi realizado pela jovem D. Ela havia deixado um recado no *facebook*, dizendo que à noite estaria com os demais jovens nesse local. Resolvemos ir até lá para conversarmos um pouco com eles/elas. Chegando lá, observamos que haviam escolhido uma mesa localizada na posição frontal para a rua XV, que estava bastante movimentada. Estavam presentes os jovens AL, IV, MA, as jovens JU e D, e o jovem JO, da comunidade Faxinal Grande.

Ao chegarmos, fizemos uma brincadeira com o grupo por terem escolhido aquela mesa. E a jovem JU, com risos, nos respondeu que *“foi tudo estrategicamente pensado”*, ou seja, o local escolhido permitia observar os carros e as pessoas que passavam por ali. Os/as jovens fizeram o pedido dos sabores das pizzas para comer e as bebidas para tomar. Perguntamos a eles/elas o que haviam feito durante a semana. A jovem JU e o jovem AL disseram que estudaram a semana toda e que estavam bastante cansados. O jovem IV e MA, comentaram sobre os trabalhos que realizaram na propriedade durante a semana.

Durante as nossas conversas informais, anotadas no diário de campo, o grupo disse não terem mais frequentado nenhum espaço de lazer desde a festa da comunidade Faxinal Grande, na qual estivemos presentes, no dia 24 de fevereiro e, por isso resolveram marcar o encontro e vir até a pizzaria. Contaram que nessa época, dificilmente ocorre alguma promoção nas comunidades rurais devido ao período da quaresma. Enquanto estivemos ali, os/as jovens rurais comentaram sobre os trabalhos e suas atividades nas propriedades, conversaram e lembraram de alguns acontecimentos do tempo de criança, das brincadeiras que faziam, comentaram sobre alguns vídeos de humor que assistiram na televisão, futebol, sobre suas paqueras, faziam brincadeiras e riam a todo o momento.

Tivemos a impressão de que este encontro havia sido bastante esperado por eles/elas, tendo em vista que há algum tempo não se encontravam para sair de casa e conversar um pouco. Depois de alimentarem-se, resolveram dar uma volta na rua XV. Deixamos nosso carro em frente à pizzaria e fomos juntos com o jovem AL em seu carro, acompanhados pela jovem JU e o jovem JO. Os demais foram em outro carro. Circulamos pela rua XV e

observamos o movimento. Enquanto isso no carro tocava música sertaneja universitária intercalada com músicas gaúchas e de bandas sulistas.

Em seguida o grupo resolveu parar com os carros em frente à loja de confecções *Ki-Barato*, em uma das esquinas mais movimentadas da rua, para conversar um pouco e observar o movimento. Todos desembarcaram e sentaram em um espaço na porta de entrada da loja. Ali ficaram conversando, dando risada. Aproveitavam para observar outros rapazes e moças que circulavam pela rua em grupos, em seus carros ou a pé. Os jovens comentavam sobre os carros que passavam na rua, sobre as músicas altas emitidas pelo som de alguns carros. Durante cerca de uma hora ficamos parados neste local observando o movimento. E, ao mesmo tempo, nós observávamos o grupo.

Outros grupos constituídos por jovens urbanos estavam distribuídos por toda a rua. Este é o local mais movimentado da cidade, onde concentram-se várias lanchonetes, sorveteria, panificadora, pizzaria e a praça central da cidade. Os demais grupos ouviam som alto nos carros, tomavam cerveja e outras bebidas, alguns fumavam. Já o grupo dos/das jovens rurais estava ali mesmo na intenção de conversar. Em nenhum momento os/as jovens rurais deixaram o grupo para conversar com outros/s jovens, apenas cumprimentaram algum conhecido de longe. Por volta da meia noite o grupo resolveu ir para a casa. De acordo com a jovem JU, já estava ficando tarde e os pais poderiam ficar preocupados se chegassem muito tarde.

Nesse dia percebemos a importância que o grupo de pares possui para os/as jovens rurais. Enquanto estão com o grupo compartilham experiências, trocam ideias, falam sobre os seus cotidianos, ideias, visões de mundo e desenvolvem diversas formas de sociabilidade a partir dos quais desenvolvem suas identidades individuais e coletivas. Isso foi confirmado durante a entrevista individual com o jovem JO, da comunidade Faxinal Grande. Quando questionado sobre a importância do grupo de amizade nos fez a seguinte afirmação: “(...) *para mim olha... é como se fosse uma outra família! Além do meu pai e da minha mãe, da família que eu tenho aqui, eu tenho com quem contar, com esse grupo. A gente sai se divertir, dar risada, conversa várias coisas, fala sobre as ideias que temos (...) com eles eu sei que estou seguro, que vão tá ali pra aquilo que eu precisar, sempre estamos juntos com eles*”.

Outra oportunidade que tivemos, em participar da vivência da juventude rural nos espaços de lazer urbanos, foi no dia 13 de julho de 2013. Nesse dia foi promovido, em Laranjeiras do Sul, no Ginásio Municipal Laranjinha, localizado no centro da cidade, um evento dos acadêmicos da Universidade Federal da Fronteira Sul, o “*Arraia da UFFS*”.

Dessa vez, quem nos avisou do evento foi o jovem AL, da comunidade São Pedro do Interior, por meio de uma mensagem de texto no celular.

Chegamos ao local e, de imediato, observamos que o público presente era em sua maioria de jovens, principalmente, acadêmicos da universidade. Nossos olhos pareciam não dar conta de tamanha movimentação. Para onde olhávamos haviam grupos de rapazes, moças, grupos mistos, jovens urbanos, jovens de outras comunidades rurais, todos espalhados, conversando, rindo, tomando quentão. Na quadra do ginásio haviam sido montadas barracas nas quais eram vendidas comidas variadas ligadas a festa junina e quentão. O espaço estava todo decorado com bandeirinhas e as músicas tocadas estavam ligadas ao estilo sertanejo universitário.

Nesse evento estavam presentes a jovem JU, com seu namorado, e o jovem AL da comunidade São Pedro do Interior. Quando chegamos, o grupo estava sentado em uma mesa do lado de fora do ginásio. Perguntamos por que os demais integrantes do grupo não se faziam presentes. Disseram que a ideia partiu do jovem AL, pois como estuda na universidade quis participar da festa e para não vir sozinho convidou a amiga.

Durante o tempo em que estiveram ali, tomaram quentão, conversavam sobre diversos assuntos, riam, curtiam a música que estava sendo tocada no local. Mais tarde, juntou-se ao grupo outra jovem, a qual é amiga da jovem JU. Perguntamos de onde se conhecem. A jovem JU contou que estudam juntas no colégio e que havia mandado uma mensagem por celular para a amiga ir até o local para que pudessem conversar. Essa jovem mora na cidade.

Esta jovem, por sua vez, comentou que, dificilmente consegue unir o grupo de amigas para frequentar algum espaço de lazer na cidade, pois nem sempre a jovem JU é liberada pelos pais para vir até a cidade no final de semana. A jovem JU comentou que na cidade possui, além dessa, mais duas amigas com as quais, quando é possível, vão até a pizzaria ou em algum evento como foi o caso da Expoagro. Foi com esse grupo de amigas que pode ir até o show do cantor *Cristiano Araújo*, que ocorreu no dia 2 de março, um sábado. Para ir até o evento, seus pais permitiram que ficasse na casa de uma das amigas na cidade. Aproveitamos e perguntamos como foi o evento. A jovem JU disse que foi muito divertido. Para ir até lá, pagaram um táxi. Assistiram ao show, caminharam pelos espaços da feira e depois retornaram para casa.

Enquanto conversávamos, observamos que o jovem AL, por várias vezes deixou o grupo para conversar com outro grupo de rapazes e moças que estavam no local. Quando

retornou, aproveitamos e perguntamos quem eram aquelas pessoas. Falou que são amigos da faculdade e que, às vezes, saem juntos no fim de semana, vão até o Boliche ou jogam futsal em algum ginásio da cidade. Questionamos de onde eles são. Disse que a maioria são jovens urbanos e apenas um deles mora no campo. O grupo formou-se a partir das aulas no curso de agronomia. Durante o tempo em que estivemos ali, percebemos que o jovem circulava entre os dois grupos. Já a jovem JU ficou no mesmo lugar o tempo todo, com seu namorado e sua amiga, sem relacionar-se com os demais. Como a noite estava fria, por volta das 23:00 o grupo resolveu ir embora e nós também.

Durante a observação participante percebemos que os/as jovens rurais das duas comunidades possuem certa liberdade para frequentar os espaços de lazer e diversão, no campo e na cidade. Isso foi confirmado pela juventude rural da comunidade São Pedro do Interior, nas falas do grupo focal:

**C** - E como que é a relação de vocês com os pais, eles deixam vocês saírem com bastante frequência? Vocês tem liberdade?

**MA** - Normal! Deixam sim!

**C** - E vocês meninas?

**JU** - Ah, quando vai primo ou com amigos ai pode!

**C** - E as meninas, vocês podem sair sozinhas ou só se estiverem acompanhadas, como que é?

**D** - Eles me deixam sair sozinha. Mas a maioria das vezes vou com meus irmão, neh! Não tem outra alternativa (risos).

**AN** - Já eu não, sozinha não! Na verdade quando não to com o pai e a mãe, to com os primos, com eles aqui.

**JU** - Geralmente nos bailes a gente vai mais com os amigos mesmo. Os pais de nenhum aqui acho que se preocupa, porque todo mundo se conhece não é? E nas festas é de dia, os pais quase sempre vão.

**C** - E em relação ao horário? Os pais estabelecem algum horário para vocês voltar?

**AL** - Chegar de manhã antes de tirar leite.

**JU** - Bem assim! E se chegar de manhã e tiver culto, primeiro tira o leite e ainda tem que ir no culto!

**C** - E se não for?

**JU** - Aí complica!

(RISOS)

Como podemos verificar, tanto os rapazes como as moças possuem liberdade para frequentar os espaços de lazer e diversão nos finais de semana. Como já havíamos observado em campo, nas festas geralmente a família está presente e quando os/as jovens rurais vão aos bailes ou em algum espaço de lazer na cidade, o fazem acompanhados do grupo de amizade. Segundo nos relataram, os pais dão liberdade porque todos se conhecem e possuem laços de parentesco ou vizinhança. Isso gera uma confiança por parte dos pais, pois sabem onde e com quem os/as jovens rurais estão. Em relação ao horário, não há um controle formal por parte dos pais, mas eles/elas sabem das responsabilidades que possuem em relação ao trabalho na propriedade e aos compromissos nos domingos pela manhã, que no caso citado, está ligado à participação no culto que é realizado na igreja da comunidade.

Os/as jovens rurais da comunidade Faxinal Grande também comentaram que possuem liberdade para sair com o grupo de amigos/as nos finais de semana e não há uma rigidez em relação ao horário de retorno. Destacaram que as preocupações dos pais não são apenas em relação ao grupo de amigos e ao horário, mas a outros fatores, como podemos verificar no fragmento retirado do grupo focal:

**AR** - Eu já tenho 29 anos (risos)! Mas a preocupação da minha mãe é a questão da violência! A violência também já chegou ao campo e de uma maneira bem forte. Como dizem: antigamente a tranca da porta era um prego assim só! Só o preguinho ali... Todos vocês vão concordar que a preocupação dos nossos pais, e se for perguntar a eles, é a questão da violência mesmo. Está acontecendo muito isso! E a gente vê no grupo que a gente sai, a preocupação é grande! Medo que a gente se envolva em alguma confusão ou que aconteça alguma coisa, sei lá.

**JO** - (...) meu pai deixa, libera porque ele sabe que a gente vai com pessoas que a gente conhece. Sabe para onde a gente vai e, sabe mais ou menos o horário que a gente vai voltar. Só que ele sempre toma cuidado, ele e minha mãe, de orientar sobre as companhias. Se vai com os conhecidos, eles ficam bem mais tranquilos.

**AB** - Já no meu caso, normalmente dão o carro e dizem “vão!” - Aí eu digo - “eu vou e volto tal hora!”. Mas nem sempre eles são liberal. No caso da minha irmã, já é um pouco diferente não é? Meus pais não deixam sair tanto. É mais difícil eles deixarem ela sair sozinha! Até por ser menina e tal, mesmo que seja de maior, mesmo que a gente já está, como se diz... em outros... o mundo já está diferente! As moças já saem desde cedo de casa, mas ainda existe muito... pelo menos no meio rural, dos pais ainda preservar e tal! Eles têm medo que aconteça algo pra ela. Mas assim, ela acaba saindo porque sempre que dá eu levo ela junto. Aonde eu vou, ela vai também! (risos).

**ALE** - Eu acho assim: no tempo da minha mãe ela saia mais, ela ia em baile essas coisas. E agora, tem a questão da violência essas coisas. Uma parte, acho que é por isso que não deixam muito sair! E hoje as pessoas, o acesso às drogas e ao álcool é muito mais, mais exposto do que era! Eu acabo indo com meu irmão, como ele falou. Aí eu acabo saindo de casa.

**C** - Então mesmo assim meninas vocês acabam saindo nos fins de semana, porque vão com o irmão, amigos...

**G e ALE** - Isso!

**P** - E hoje é fácil porque tem a questão do celular, não é! Eu sempre dou uma ligadinha se vou me atrasar, aonde que eu estou, de certa forma isso ajuda.

Na opinião dos/as participantes, a maior preocupação dos pais atualmente é com a questão da violência que não está presente somente nos grandes centros urbanos, mas também nas pequenas cidades e no campo. Os pais preocupam-se com as amizades dos/as filhos/as, com as pessoas que vão encontrar em determinado lugar, com o consumo de álcool e drogas. Esses fatores, na opinião dos/as participantes, também dificultam para que as jovens saiam sozinhas nos finais de semana. As falas apontam para uma tentativa de proteção por parte dos pais em relação aos filhos quando eles/elas saem de casa nos finais de semana. O grupo de amigos, a presença de um irmão mais velho nos espaços de lazer remete de certa forma a uma segurança para os pais, pois sabem que os/as filhos/as não estão sozinhos/as, principalmente, no caso das jovens. Outro ponto interessante é a fala do jovem P, ao salientar que mesmo sem os pais estarem presentes no espaço de lazer, a comunicação é estabelecida por meio do celular. Isso também confere uma maior tranquilidade para a família, pois podem estar em contato com os/as jovens rurais sem estarem fisicamente junto a eles/elas.

Como observamos até o momento, a juventude rural dessas duas comunidades, sempre que possível, frequenta os espaços de lazer urbanos. Durante a observação participante, a jovem JU e o jovem AL da comunidade São Pedro do Interior nos relataram que possuem grupo de amizades com jovens urbanos.

A jovem JU está cursando o Ensino Médio em um colégio urbano da cidade, onde segundo ela constituiu um grupo de amigas formado por jovens urbanas. A vivência com esse grupo não fica restrito somente a escola, durante a semana, mas atinge alguns espaços de lazer e diversão nos finais de semana, mesmo que não tão frequentes. O jovem AL também relatou que na cidade possui um grupo de amigos/as formados por jovens urbanos/as e um jovem rural. O contato com esse grupo foi estabelecido na faculdade e também atinge os momentos destinados ao lazer e diversão nos finais de semana.

Durante a realização do grupo focal com a juventude rural da comunidade São Pedro do Interior, os outros/as jovens participantes também disseram que possuem amizades com alguns jovens da cidade. As jovens D e AN e os jovens MA e IV, já completaram o Ensino Médio em uma escola urbana e, no momento, não estão fazendo curso superior. No geral, todos eles/elas afirmaram que quando estudavam possuíam grupos de amigos/as com jovens urbanos/as. Mas hoje, só os/as encontram quando frequentam algum espaço de lazer na cidade ou quando, por uma eventualidade, algum deles/as participa de alguma festa realizada nas comunidades. Nesses momentos de encontro aproveitam, grosso modo, para conversar e falar sobre os seus cotidianos. No entanto, a relação de amizade tornou-se, de certa forma, mais frágil, devido ao fato de encontrarem-se ocasionalmente. O grupo de amizade estabelecido com a juventude urbana na escola, no caso destes jovens, não é o mesmo grupo de pares com os quais frequentam os espaços de lazer e diversão nos finais de semana. Isso é realizado com o grupo de pares da comunidade, ao contrário da situação vivida pelo jovem AL e a jovem JU, como vimos anteriormente.

A juventude rural da comunidade Faxinal Grande também possui articulação com a juventude urbana, conforme nos foi relatado durante as entrevistas individuais e no grupo focal.

A jovem G está fazendo curso superior em pedagogia na Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), em Laranjeiras do Sul. Na entrevista individual contou que a maioria das vezes frequenta os espaços de lazer e diversão acompanhada dos pais ou tios e, vez ou outra, vai com o grupo de amigos/as da comunidade. Na cidade, possui um grupo de amigas formadas somente por jovens urbanas as quais conheceu durante as aulas da

graduação. Sobre sua amizade relatou o seguinte: *“(...) a gente se conheceu na sala mesmo (...) são todas da cidade, mas a gente não sai junto no fim de semana. As meninas organizam assim, no meio da semana, mesmo porque no final de semana é mais difícil, meus pais não deixam sair, aí elas organizam churrasco na casa de uma delas. Ou as vezes a gente combina um dia para nós comer pizza”*.

Ela dificilmente encontra com os amigos/as da comunidade nos fins de semana, somente quando ocorre uma festa ou baile e, durante a semana também não os vê. Falou que *“(...) acaba ficando meio dividido: durante a semana com as meninas da sala e no fim de semana, quando dá, com os daqui da comunidade”*.

O jovem P relatou, durante o grupo focal, que possui um grupo de amigos na comunidade, mas dificilmente frequenta festas ou bailes. E todo final de semana, no sábado ou domingo, encontra-se com um amigo que mora na cidade. A amizade formou-se a partir da sua participação em um grupo de jovens chamado *“Jornada Jovem”* ou *“JJ”*. Trata-se de um grupo formado entorno da igreja católica, no qual os jovens reúnem-se para cantar, louvar a Deus e fazer brincadeiras. Nesse grupo de jovens participam, principalmente, jovens urbanos/as. Quando vai à casa do seu amigo, encontra outros jovens urbanos com os quais fica conversando, mexendo na internet e ouvindo músicas. Para ele *“(...) os amigos são muitos importantes, me ajudam, a gente conversa. Se tem alguém com problema ali, a gente procura saber o que aconteceu e tenta ajudar”*.

Quando estão reunidos no grupo de jovens do JJ, também desenvolvem diversas formas de sociabilidade:

**P** - *“(...) nesse grupo a gente gosta de cantar! Cantar assim, música para Deus, para Jesus. Fazer dinâmica também, o pessoal faz bastante! Tem palestras assim. (...) Aí em alguns finais de semana tem retiro. A gente fica o fim de semana inteiro lá na Casa de Líderes. Lá tem momentos de oração, palestras para orientar o jovem a seguir o melhor caminho. Faz brincadeiras, dinâmicas com grupos. (...) A maioria do pessoal é da cidade, do interior tem um outro só. Mas eu vou lá, gosto de participar.*

Mesmo morando no campo, o jovem P possui relação de amizade com a juventude urbana. Contou que sempre foi muito ligado à religião. Foi por meio da participação nos cultos da igreja católica que ficou sabendo da existência desse grupo de jovens na cidade, do qual resolveu participar. Então, a partir desses encontros, estabeleceu relações de amizade com esse grupo de amigos urbanos.



O jovem AR<sup>81</sup> também possui um grupo de amigos para além da comunidade. Ele participa do “Centro de Tradições Gaúchas Laços da Amizade”, de Laranjeiras do Sul. Faz parte da diretoria e atua na parte artística do CTG. É vocalista do grupo de danças, canta e toca violão. Seu pai sempre gostou de participar dos eventos promovidos pelo CTG. Foi com ele que tomou conhecimento das atividades promovidas nesse espaço e, há algum tempo vem atuando dentro do grupo.

Durante a entrevista individual, disse que a maior parcela de jovens frequentadores das atividades promovidas pelo CTG é de jovens urbanos/as, sendo a participação da juventude rural em menor número de pessoas. Elencou sua participação efetiva junto ao CTG como fator responsável pela sua presença em um grupo de amigos formados por jovens urbanos/as e salientou, ainda, que alguns deles/as conhece desde o tempo da escola, quando estudava na cidade. Com esse grupo participa de apresentações do grupo de danças do CTG em eventos realizados em outros municípios. Sobre esse grupo de amigos/as fez o seguinte relato<sup>82</sup>:

**AR** – Os meus amigos do CTG, a maioria do pessoal é urbano. Então eu procuro me enturmar com eles, procuro me inteirar dos assuntos e também não deixo de colocar meus assuntos também. Então eles têm conhecimento da minha vida, do meu trabalho na roça, e eu tenho da vida deles. Então a gente fica trocando informações sobre cursos, sobre... até bulica nós jogamos! (risos). Falamos sobre o tempo, a gente sai viajar junto com o grupo do CTG. Até para a Argentina e pro Rio Grande do Sul nós fomos! (...) Então é legal isso, sabe! Eu me dou tanto com o pessoal do interior, que a gente troca experiências entre nós mesmos, como com o urbano. Eles têm vários conhecimentos, alguns até sobre o campo, que eu tento pegar alguma coisa e eles comigo. A gente vai se divertindo ali. Às vezes vamos em bailes gaúchos, quando tem por perto. A gente liga, combina e vai. A gente vai se divertindo, vai contando piada, um tira sarro do outro. A gente faz isso aí!

A articulação com os jovens urbanos possibilita a esse jovem a vivência em um grupo de amizade diferente, em certos aspectos, daquela experienciada com o grupo de amigos/as da comunidade. Esse grupo também se constitui como o grupo de lazer, pois sempre que possível frequentam bailes gaúchos. Por meio desse grupo de pares o jovem estabelece conexões com outros lugares, para além da comunidade onde vive.

Assim como o jovem P, o jovem AR também participa dos encontros promovidos pelo JJ. Relatou que faz parte do grupo há sete anos. Seu primeiro contato foi estabelecido por intermédio de um amigo do CTG, que o convidou para participar de um curso de formação da Jornada Jovem, em Francisco Beltrão. Ele e mais uma amiga da cidade participaram desse encontro e quando retornaram a Laranjeiras do Sul, juntamente com outros jovens da igreja

<sup>81</sup> O jovem AR é do sexo masculino, tem 29 anos e foi entrevistado pela autora no dia 08 de julho de 2013, em sua residência, na comunidade Faxinal Grande. (Obs: Este jovem é o mesmo citado na nota de rodapé número 65 e também participou do grupo focal realizado na comunidade).

<sup>82</sup> Este fragmento foi retirado de uma fala do jovem durante a realização do grupo focal com os/as jovens rurais da comunidade Faxinal Grande.

católica, fundaram o grupo de jovens da cidade. Disse durante a entrevista individual que esse grupo contribuiu muito para seu crescimento espiritual e possibilitou a formação de uma nova rede de amizade. Pela sua atuação junto ao JJ, constituiu um grupo de amigos/as formado por seis jovens, todos da cidade, com os quais possui uma relação de maior proximidade dentro desse grupo maior. Desses seis jovens, dois também fazem parte do grupo de amigos constituído no CTG.

De acordo com o jovem AR, “(...) esse JJ tem um canal na internet em que todos se relacionam por facebook, por e-mails. Então é uma organização bem grande assim, de jovens, que trocam as ideias”. Diferentemente dos grupos de amigos/as formados na comunidade e no CTG, com esse grupo não frequenta bailes e festas. As relações de sociabilidade e diversão são estabelecidas de forma mais efetiva em torno dos eventos promovidos pelo grupo de jovens JJ, mais voltados para a religiosidade.

O jovem AB faz curso de graduação em Engenharia Civil, na Faculdade Guarapuava, no município de Guarapuava. Assim como os demais jovens citados, também possui uma rede de amizade para além do grupo de amigos/as constituído na comunidade, conforme relatou durante o grupo focal:

**AB** – No meu caso, assim como o do P, eu também tenho outros grupos de amigos com que eu saio no fim de semana. Eu saio também com os amigos da faculdade, que já são outro tipo de grupo do que eu tenho aqui. Já são outra forma de convivência. Tipo, já são mais de festa, de balada, de dançar sarau também, curtir. Alguns bebem também! Muitos bebem na verdade! Saio também com colegas que são amigos do dia-a-dia... não de faculdade, são amigos do dia-a-dia... tenho os meus amigos do tempo do colégio, quando eu estudava na cidade, que as vezes saímos junto em Laranjeiras, no Iguaçu, saraus que tiver. Vários grupos assim, eu saio, na verdade. Não um grupo apenas, mas eu tenho uns três grupos com que eu saio. Sempre que dá, eu saio.

Sobre o grupo de amigos da faculdade, contou que a maioria são jovens urbanos, apenas um amigo vivia no campo e hoje mora na cidade de Guarapuava para estudar. Para sair com esse grupo, nos finais de semana, acaba ficando na casa de algum deles e combinam de ir até o Boliche, na área central daquela cidade ou ainda, em algum show no Paly Centro de Eventos. O outro grupo de amigos é constituído por jovens urbanos do tempo da escola, ou que conheceu indo de ônibus para a faculdade em Guarapuava. Com esses, contou que costumam frequentar a Rua XV de Laranjeiras do Sul, ou ainda algumas festas ou saraus promovidos no Iguaçu Tênis Clube.

Já a jovem ALE relatou que, além do grupo de amigos/as da comunidade, possui outro grupo de amizade no colégio onde estuda na cidade. Contou que são todos jovens do campo e não frequenta os espaços de lazer e diversão acompanhados desse grupo, no final de semana. Falou que a amizade está ligada mesmo aos momentos no interior da escola. Como

cada um mora em uma comunidade diferente, dificilmente conseguem reunir o grupo em alguma festa ou baile. Assim, quando saí com o grupo nos finais de semana no campo, vez ou outra, encontra algum dos amigos/as da escola.

O jovem JO, por sua vez, relatou que sua amizade com o grupo de pares é restrita à comunidade. É com os/as jovens rurais que frequenta os espaços de lazer tanto no campo quanto na cidade. Sobre a amizade com a juventude urbana, disse possuir relação de amizade apenas com alguns rapazes, com os quais estudou junto na época em que fazia o ensino médio no Colégio Estadual Gildo Aluísio Schuck, na área central de Laranjeiras do Sul. Hoje, possui relação de amizade, mas não sai com eles para festas e bailes. O contato com os jovens urbanos é estabelecido somente nos jogos de futsal que realizam no decorrer da semana, nas quadras das escolas urbanas.

Os/as jovens rurais das duas comunidades afirmaram, durante a realização das entrevistas individuais e nos grupos focais, que ao frequentar os espaços de lazer e diversão tanto no campo como na cidade, conseguem identificar a presença de outros grupos de jovens com características diferentes do grupo do qual fazem parte. De acordo com o jovem AR, a principal diferença está relacionada ao estilo e as formas de comunicação, conforme nos relatou durante o grupo focal na comunidade Faxinal Grande: *“(...) a gente identifica a diferença pela roupa, às vezes pelo jeito das pessoas se comportar, até pelo jeito de falar, pelo corte de cabelo!”*.

De acordo com o jovem AB, da comunidade Faxinal Grande, a maior diferença de grupos é encontrada na cidade: *“(...) tipo, quando eu vou para Guarapuava ou no Iguaçu a gente vê grupos de vários estilos diferentes. Tem os grupos que usam calça larga, curtem tipo um rap, rock. Até grupo de punk eu já vi. Quando a gente está ali perto, logo vê a diferença deles, no jeito de se comunicarem e tudo. No campo já é mais tudo parecido”*.

Diante dessa fala, o jovem AR fez um contraponto interessante: *“(...) mas no campo eu já vi grupo diferente também. Hoje está tudo meio misturado. O pessoal da cidade também vem nas festas. Ele não se limita só ao urbano. Às vezes nas festas a gente vê um grupo pro lado de fora ouvindo rock, com as calças larga e não tem nada a ver com o rural!(risos). Só que são jovens da cidade no campo”*. De acordo com o jovem P, alguns jovens rurais acabam adotando estilos ligados aos jovens urbanos: *“(...) ele começa a vestir a roupa do pessoal da cidade lá, que ele acha bonito lá e tal. Para criar um estilo ele pega, tipo o melhor amigo e usa uma roupa ou alguma coisa pra ficar parecido”*.

Já a jovem D da comunidade São Pedro do Interior fez a seguinte afirmação durante a entrevista individual: *“(...) o nosso grupo, e acho que a maior parte dos jovens rurais, não tem um estilo assim de roupa. Às vezes os piá combinam e usam uma bota e um chapéu com calça jeans, mas só pra fazer fervo. A gente vê que tem outros grupos quando vai na cidade, que falam diferente, mas a gente fica mais na nossa”*.

Sobre esse assunto, a jovem JU disse durante o grupo focal, que nos bailes e, principalmente, nas festas, existem grupos de jovens rurais que buscam se diferenciar usando bota, cinto, chapéu e uma calça jeans, *“tipo estilo dos sertanejo universitário”*. Segundo ela: *“(...) da pra perceber sim outros grupos, ou é pela roupa, jeito de falar, comportamento. E fica tudo separado. A gente não se mistura muito não”*.

Tanto nos espaços de lazer e sociabilidade urbanos quanto rurais, os/as jovens rurais disseram perceber diferentes grupos formados em torno de um estilo específico, seja pelos modos de se vestir, falar ou pela música. A diversidade de grupos juvenis não está presente somente nos centros urbanos, mas também no espaço rural, como foi observado pelos/as jovens. Em alguns casos, a relação estabelecida com a juventude urbana pode influenciar para que algum jovem do campo articule-se a outros estilos ditos urbanos, como citou o jovem P. Mas ao mesmo tempo, os/as jovens rurais procuram diferenciar-se dos demais, como falou a jovem D, adotando formas de se vestir ligados ao rural, nesse caso representado pela bota, chapéu e o cinto.

Sobre a moda, os/as jovens rurais das duas comunidades disseram, nos grupos focais, acompanhar os lançamentos pela televisão, pela internet ou mesmo no contato com outros jovens na escola, na faculdade ou mesmo nos espaços de lazer e diversão que frequentam. De acordo com a jovem JU, *“(...) às vezes chega na escola as meninas tem uma novidade, me mostram e ai um já vai divulgando pro outro!”*. No geral, os/as jovens rurais disseram que os grupos de amizade dos quais fazem parte na comunidade não adotam estilo específico de roupa ou visual. Para a jovem D, às vezes, usam algum acessório, calçado ou blusinha que está na moda, mas *“(...) a gente não tem dinheiro pra ficar comprando tudo que aparece não é! Todo dia tem coisa nova, não tem como. Algumas coisas a gente usa, outras não!”*. De acordo com o jovem JO, da comunidade Faxinal Grande, *“(...) cada um usa aquilo que é mais confortável, sempre todo mundo simples e na humildade”*.

Como a juventude rural dessas duas comunidades tem acesso a celular e internet, fazem uso de tais tecnologias para estabelecerem contato com os amigos da comunidade e com outros grupos de amizade. Dos/das jovens rurais da comunidade São Pedro do Interior,

participantes do grupo focal, apenas três deles não têm computador com acesso a internet em casa e, um deles não tem *facebook*, os demais todos possuem. Como a comunidade não está tão distante da cidade, conectam a internet nos computadores via rádio e/ou acessam as informações disponíveis na rede por meio dos celulares.

Questionados quanto a importância da disponibilidade dessas tecnologias na comunidade, os/as jovens rurais fizeram as seguintes afirmações:

**AL** - (...) o celular é bom porque a gente pode conversar bastante com os amigos, tem as promoção (risos).  
Manda mensagem quando quer combinar de ir em algum lugar.

**JU** – Para fazer os trabalhos da escola, ajuda um monte.

**AL** – Também.

**C** – E o *facebook*?

Todos - (RISOS)...

**C** – Vocês gostam?

**AL** – Claro que sim!

**C** – Por que?

**AL** – É por ali que a gente combina também pra ir nas festas e bailes, fica sabendo dos fervero que vai ter no fim de semana na cidade (risos).

**JU** – É bom porque a gente pode conversar com os amigos da gente. As vezes não se vê durante a semana, ai acaba conversando por ali mesmo.

**AN** – Eu uso pra falar com alguns amigos do tempo da escola. Tem uma amiga que foi embora pra Curitiba, sempre falo com ela por ali.

Tanto o celular como a internet apresenta-se para a juventude rural como uma possibilidade de conexão com o grupo de amigos/as durante a semana, quando dificilmente se encontram. Além disso, as redes sociais, como o *facebook*, possibilitam a eles/elas o contato com outros/as jovens mais distantes, como no caso da jovem AN.

Os/as jovens rurais da comunidade Faxinal Grande também possuem acesso a celular. É por meio dele que acessam a internet, pois via rádio o sinal ainda é precário. Para essa tecnologia atribuíram a mesma importância apresentada pelos jovens da comunidade São Pedro do Interior.

E é por meio da internet, do rádio e da televisão, principalmente, que a juventude rural dessas duas comunidades tem acesso aos novos lançamentos musicais. Via de regra, disseram que a maior parte das novidades relacionadas ao mundo da música é divulgada pelas emissoras de rádio FM<sup>83</sup>. Logo que ficam sabendo de alguma novidade, baixam da internet e divulgam para os/as amigas.

Durante nossas observações junto à juventude rural das duas comunidades, percebemos que a música sempre está presente entre eles/elas, por meio do celular ou ouvida

---

<sup>83</sup> Em Laranjeiras do Sul, existem duas emissoras de rádio FM: a Rádio Líder Sul e a Rádio São Francisco. De acordo com os/as jovens rurais das duas comunidades, além dessas duas emissoras citadas, outras da região também são ouvidas por eles/elas, como a Rádio FM92 e a Rádio Cultura FM93, ambas de Guarapuava, PR.

pelo som do carro. Os estilos ouvidos pelos/as jovens rurais sempre estavam ligados à música gaúcha, sertaneja ou músicas de bandas da região Sul. Quando realizamos o grupo focal, com a juventude rural da comunidade São Pedro do Interior, foi consenso entre os/as participantes a preferência por esses três estilos musicais. Quando questionamos se curtiam e ouviam outros estilos musicais mais ligados ao urbano, como o *rock*, *rap* e *funk*, responderam que não. A jovem JU fez a seguinte afirmação: “*eu acho que funk não tem letra. É uma coisa sem noção... acho que é isso. Eu não ouço porque não me identifico!*”.

A resposta do jovem IV seguiu na mesma direção:

IV – A gente acaba não ouvindo, acho que pelo costume também. Os pais já escutavam, a gente se criou escutando música sertaneja, gaúcha. Os meus pais sempre gostaram de músicas de banda. Então mais é costume mesmo. E também aqui onde a gente mora não se ouve falar “ah vamos num baile funk!”. Você vai num baile de música gaúcha. Não tem tanta... digamos assim, não é tão... como posso falar! A mídia não expressa tanto o lado da música funk como a sertaneja ou o gaúcho. Na rádio é o que a gente ouve. Não que todos não curtam, talvez alguns gostem. Não que a gente esteja discriminando a música, mas é uma cultura que não faz parte do nosso dia-a-dia. E a letra das músicas que nós ouvimos geralmente fala do campo, da agricultura, é diferente!

Na opinião dos/das jovens rurais a opção pela música de estilo sertanejo, gaúcho ou de bandas, está ligada ao seu cotidiano e as vivências estabelecidas no lugar. Ao ouvirem uma música de estilo sertanejo ou gaúcho acabam criando uma identificação com o meio em que vivem, pois as letras traduzem e expressam aquilo que sentem, pensam ou vivenciam. O estilo musical está ligado ao universo cultural e simbólico do qual fazem parte.

Devido a isso, os/as jovens rurais têm preferência por bailes com música gaúcha e de bandas, conforme relataram no grupo focal. Comentaram que nas festas das comunidades dificilmente são tocadas “músicas soltas” e nos bailes somente entre o intervalo para o descanso feito pela banda ou conjunto que está animando o evento. Isso foi perceptível durante nossas observações. Em nenhuma das festas que participamos foram tocados estilos diferentes das músicas gaúchas, sertanejas e de bandas sulistas. Já no baile em que acompanhamos a juventude rural da comunidade São Pedro do Interior, no município de Porto Barreiro, durante o intervalo foram tocadas algumas músicas eletrônicas, samba ou para relembrar estilos musicais dos anos 60, 70. Nesse dia, os/as jovens rurais, com seu grupo de pares, participaram da dança. Ao questioná-los sobre esse fato, a jovem JU fez a seguinte afirmação: “*(...) a gente prefere gaúcha, mas é legal pular um pouco, dançar e dar risada, ainda mais quando a gente está com os/as amigos não é!*”. Diante desta fala percebemos, grosso modo, a preferência pelo estilo musical, mas por outro lado identificamos um desejo por maior “liberdade”, por parte da juventude rural, em um espaço de sociabilidade tipicamente juvenil, que são os bailes.

Os/as jovens rurais da comunidade Faxinal Grande possuem a mesma preferência musical que a juventude rural da comunidade São Pedro do Interior. No entanto, o jovem P<sup>84</sup> disse ser bastante variado em relação às músicas que ouve: *“(...) então eu gosto do sertanejo, eu gosto do gaúcho também. Gosto de música internacional, country, pop, rap, rock. De todo tipo está bom. Sendo música bonita, que tenha harmonia... às vezes a gente não entende o que significa a palavra da música de fora e tal, só que o som, a melodia, você acaba gostando. Não fazia muito tempo que eu gostava de um tipo de música só, mas depois começou a mudar, conversando com meus amigos lá da cidade não é, comecei a variar”*.

No caso do jovem P podemos afirmar, analisando sua fala, que a relação de amizade com seu grupo de amigos urbanos influenciou nas suas escolhas em relação a outros estilos musicais. Por meio da convivência com seu grupo de pares acabou criando uma identificação com outras músicas, não pela sua letra como afirmou, mas pela própria melodia. Talvez um ponto de agregação entre o grupo urbano do qual o jovem P participa ocorra, entre outros fatores como a participação no JJ, pela identidade com estilos de músicas, tradicionalmente consideradas como urbanas.

Assim como na comunidade Rio do Tigre, nessas duas comunidades também não existe um grupo de jovens formado em torno da religiosidade.

De acordo com os/as jovens rurais da comunidade São Pedro do Interior, o principal fator pelo qual não existe um grupo de jovens na comunidade é o reduzido número de jovens no lugar. A pouca quantidade de jovens reduz o interesse dos/das jovens rurais em torno da criação de um grupo. E também, hoje disseram estar bastante envolvidos com o trabalho na agricultura e com os estudos. Disseram não sentir falta, porque sempre que possível reúnem-se para fazer alguma coisa, frequentar algum baile ou festa.

Na comunidade Faxinal Grande, os/as jovens rurais salientaram que houve uma tentativa de criação de um grupo de jovens há dois anos atrás. Mas a jovem que estava organizando o grupo acabou indo embora para Curitiba e nunca mais cogitou-se essa possibilidade. De acordo com o jovem P, um dos motivos que dificultou a criação do grupo foi a evasão dos/das jovens da comunidade, pois a grande maioria acabou indo embora para a cidade.

Sobre esse assunto, o jovem AR fez o seguinte relato durante o grupo focal:

**AR** - (...) antigamente tinha um grupo muito forte aqui! Antigamente tinha mais de trinta, quarenta jovens. Eu sei por que as minhas irmãs participavam. Mas isso a uns 15 ou 20 anos atrás. (...) Tinha bailes, as festas

---

<sup>84</sup> Essa informação foi obtida a partir da realização do grupo focal na comunidade Faxinal Grande no dia 16 de julho de 2013.

organizadas por eles. Tinha encenação de Natal, Páscoa, todas as comemorações que poderia haver litúrgicos, eles faziam. (...) Tem muita coisa que não cria condições pra gente montar o grupo: eu trabalho, tenho meus compromissos com o CTG. O AB, a ALE e a G estudam. Vontade a gente tem, mas o problema é a questão de reunir esse povo mesmo.

De acordo com esse jovem, o grupo existente na comunidade era bastante ativo e, hoje, por uma série de motivos como os já citados, isso não é mais possível. Como não existe um grupo de jovens na comunidade, os jovem P e AR acabam participando do grupo de jovens Jornada Jovem, da cidade de Laranjeiras do Sul. Por fim, relataram que mesmo não havendo um grupo unido em torno da espiritualidade na comunidade, sempre que possível tentam reunir-se para frequentar os espaços de lazer e diversão nos finais de semana.

#### **4.4. Interpretando as vivências, os territórios e a territorialidade da juventude rural atual a partir dos espaços de lazer e sociabilidade**

Nesta parte do trabalho, procuramos fazer uma leitura da juventude rural a partir das discussões teóricas propostas sobre território e territorialidade de modo que possamos interpretar a espacialidade desse grupo social pelas redes de sociabilidades estabelecidas nos espaços de lazer e diversão que frequentam.

O lazer apresenta-se para a juventude como um momento de maior autonomia e ludicidade, um campo potencial para a liberdade (CARRANO, 2003). É no âmbito do lazer, por meio das atividades realizadas e pelas práticas de sociabilidade desenvolvidas, que os/as jovens elaboram suas identidades individuais e coletivas. E, no caso da juventude rural, esses espaços apresentam-se ainda como um espaço de maior autonomia frente aos compromissos com o trabalho na agricultura e diante dos processos de regulação moral muitas vezes imposta pela família e pela comunidade onde vivem.

Como podemos verificar diante dos resultados apresentados, as trajetórias de lazer da juventude rural das comunidades Rio do Tigre, São Pedro do Interior e Faxinal Grande, são compartilhadas no campo e na cidade (esta de forma mais efetiva pelos/as jovens rurais das duas últimas comunidades) por meio das partidas de futebol no campo das comunidades ou nas quadras dos colégios urbanos, nas festas, nos bailes, no Boliche, na pizzaria e pelas ruas da cidade. E, sobretudo, a escola também aparece como um ponto de conexão para a formação de diversas redes de sociabilidade e vivências com os grupos de pares.

Os/as jovens rurais das três comunidades estudadas possuem grupos de amizade no lugar onde vivem. São grupos formados por irmãos/ãs, primos/as e vizinhos/as. Foi pelo



compartilhar do mesmo espaço e pelo estabelecimento de relações na comunidade que ocorreram os encontros e as conexões e, a partir daí, a formação de um grupo de pares com os quais têm a oportunidade de ampliar suas relações sociais frequentando diferentes espaços de lazer e diversão, no campo e na cidade.

Durante a observação participante tivemos a oportunidade de vivenciar e entender as dinâmicas territoriais vivenciadas pela juventude rural das três comunidades. Estas, em alguns momentos apresentaram características semelhantes e em outros, apresentou-se diferenciada. Desse modo, para melhor abarcar esses aspectos, apresentamos a discussão no mesmo sentido em que foram apresentados os resultados no texto anterior a este.

Os/as jovens rurais da comunidade do Rio do Tigre não possuem muitas opções de lazer nos finais de semana, estando estes restritos às festas, bailes, torneios de futebol e alguns encontros na comunidade.

Ao realizarmos nossas observações nas festas e nos bailes, percebemos que os/as jovens rurais vão formando diversos grupos de amizades com jovens que moram na mesma comunidade ou nas comunidades vizinhas. Outros jovens, que moram nas proximidades, também chegam a esses eventos e se estabelecem nos mais diferentes espaços dentro e fora do pavilhão. Os grupos também são divididos por sexo, com as jovens formando grupos separados dos rapazes.

À medida que os grupos vão se formando e se posicionando nesses locais, estabelecem uma relação de poder a partir da qual definem quem faz parte do grupo ou não, ou seja, os grupos ali presentes impõem uma alteridade, um limite entre o “nós” e os “outros” (SOUZA, 2001) e assim delimitam seus territórios. Então, os espaços dentro do pavilhão, ao entorno da pista de dança e lá fora, revelam uma característica de territorialidade na medida em que os grupos de pares controlam o acesso de outras pessoas ao grupo (SACK, 1986).

As festas e os bailes promovidos na comunidade do Rio do Tigre e nas comunidades vizinhas são lugares importantes de convergência de várias redes de sociabilidade, no qual se fazem presentes amigos/as de vários locais da área rural dessa região. Eles/elas se reúnem em torno de um momento de encontro e diversão com o grupo de amigos/as com os quais desenvolvem diferentes práticas de sociabilidade. Isso nos leva a sugerir, neste momento, que as festas e bailes constituem-se como um espaço-tempo de encontro e como um espaço disponível para a constituição de vários territórios, tal como sugere Haesbaert (2004).

Outro espaço de lazer e sociabilidade, considerado importante para os/as jovens rurais dessa comunidade, são as partidas de futebol realizadas no campo da comunidade e os torneios, dos quais geralmente os jovens participam de forma mais efetiva.

Nos domingos à tarde, quando vários grupos de rapazes se reúnem para jogar futebol no campo da comunidade, podemos afirmar que este se constitui como um território (HAESBAERT, 2004), na medida em que se apropriam desse espaço para desenvolverem uma prática esportiva e ao mesmo tempo vivenciar momentos com seus grupos de pares. O campo de futebol acaba se tornando um ponto de encontro para os/as jovens rurais da comunidade e também das comunidades vizinhas, como no caso dos rapazes do Alto Alegre do Tigre. O território existe enquanto eles/elas estão ali. Nesses encontros os/as jovens rurais podem desenvolver diferentes práticas de sociabilidade, tendo em vista que estão longe do controle dos adultos.

A convivência no grupo de pares torna-se importante para eles/elas, pois ali constroem sua autonomia, seus sentidos e trocam experiências. As partidas de futebol no campo e na quadra, torna-se um espaço-tempo para a diversão, uma oportunidade de “estar-junto à toa” (TURRA NETO, 2008).

Outro ponto interessante percebido durante nossas observações e também apresentado durante as entrevistas e os grupos focais, é que dificilmente as jovens frequentam os espaços de lazer e diversão sem a companhia dos pais ou de algum responsável. Isso acaba limitando a possibilidade de encontro com o grupo de amigas/os nos finais de semana. O mesmo não ocorre com os rapazes.

Como eles possuem maior autonomia, frequentam bailes, festas e torneios realizados nas comunidades vizinhas. Atingem, também, os espaços de lazer e diversão nas comunidades vizinhas do município de Nova Laranjeiras. É por meio do grupo de pares que eles circulam e se articulam com jovens, para além do espaço da sua comunidade.

Ao participarem desses eventos promovidos em comunidades diferentes da que vivem, os grupos de rapazes sofrem um processo de multiplicação dos territórios (HAESBAERT, 2004). Na medida em que circulam entre esses espaços, criam mediações espaciais que interferem nas suas referências espaço-simbólicas e assim, têm a possibilidade de vivenciar uma experiência multiterritorial no lugar em que vivem, ou seja, nas comunidades rurais. É por meio do grupo de amizade que os jovens rurais estabelecem conexões com outros lugares, tomam contato com outros jovens rurais e vivenciam práticas

de sociabilidade especificamente juvenis porque geralmente o fazem sem a companhia dos pais, o que para as moças já se torna mais difícil.

Principalmente nos torneios de futebol, os rapazes estabelecem contatos com outros jovens rurais, bem como uma relação de amizade. Isso justifica o fato de que, geralmente nos bailes e festas, os rapazes circularem entre diferentes grupos. Nesse movimento entre um grupo e outro, os jovens experienciam vivências para além do seu grupo de pares estabelecido na comunidade. A partir do momento no qual os jovens rurais circulam com seu grupo de amigos em outras comunidades, estabelecem fluxos e conexões com outros grupos e com outros territórios mais amplos que o da comunidade, constituem um território-rede (HAESBAERT, 2004). Nesses movimentos, os rapazes podem experimentar diferentes formas de territorialização nos espaços em que circulam.

Como as jovens encontram maiores dificuldades para sair de casa nos finais de semana, e diante das poucas oportunidades de lazer e diversão no campo, a escola na comunidade se apresentou como um importante espaço de sociabilidade para eles/elas. Todos os dias convergem para a escola a maior parte dos/das jovens rurais que vivem na comunidade. A partir das relações estabelecidas entre eles/elas, identificam características em comum e acabam formando grupos de amizades. No entanto, esses grupos não ficam restritos apenas ao espaço escolar, como vimos no caso do entrevistado EL. É por meio do grupo de amigos/as formados na escola que ele e outros/as jovens rurais vivenciam os espaços de lazer e diversão na comunidade.

A escola, de acordo com Dayrell (2001), se torna um espaço de encontro entre iguais, pois ali identificam outros jovens com as mesmas características e acabam por se agregar. A escola aparece como um espaço para além da educação formal, pois entre os interstícios das atividades escolares e das regras a serem seguidas, os grupos aproveitam para falarem um pouco de si, trocarem ideias e sentimentos. E para as jovens, o momento em que estão na escola, ganha uma conotação especial, tendo em vista que nos espaços de lazer sempre estão acompanhadas dos pais e não possuem liberdade para saírem sozinhas ou com o seu grupo de amigas.

É nos espaços de lazer e na escola que os/as jovens rurais constroem suas identidades individuais e coletivas, pois como afirma Dayrell (2004), baseado em Melucci (1996), as identidades são construídas a partir das relações sociais que estabelecemos em relação ao outro, ela carrega a necessidade de “autorreconhecimento e heterorreconhecimento”. Desse modo, as vivências com o grupo de pares, os espaços de lazer que frequentam e as relações

que estabelecem na escola, são o suporte para a constituição das identidades da juventude rural dessa comunidade.

No caso da jovem P, como não estuda no colégio estadual da comunidade, a relação com outras jovens torna-se efêmera e quase inexistente, conforme nos relatou. Ela, assim como as demais jovens, não possui liberdade para sair sozinha de casa nos fins de semana. Esses dois fatores dificultam a sua relação com os/as jovens rurais da comunidade, interferindo diretamente na constituição da sua identidade enquanto jovem rural, tendo em vista que seu grupo de amigas está restrito às jovens urbanas que encontra na escola da cidade todos os dias.

Outro ponto interessante a destacar sobre a juventude rural da comunidade Rio do Tigre, é que são poucas as articulações que possuem com a juventude urbana de Laranjeiras do Sul. Durante as festas e bailes observamos a presença de poucos jovens da cidade frequentando esses espaços. De acordo com a juventude rural dessa comunidade, a juventude urbana, vez ou outra, frequenta os espaços de lazer e diversão na comunidade. Estes geralmente possuem algum laço de parentesco ou vizinhança com os moradores desse lugar. Desse modo, os/as jovens rurais não possuem uma rede de amizade constituída por jovens urbanos. A relação que estabelecem são com alguns parentes que ainda possuem ligações com o rural ou se identificam com a comunidade. O grupo de amizades está restrito aos jovens do lugar.

Assim como os/as jovens urbanas dificilmente frequentam os espaços de lazer e diversão nessa comunidade e nas comunidades vizinhas, a juventude rural dessa comunidade dificilmente frequenta os espaços de lazer urbanos. Além da maior parte dos jovens não possuírem carteira de motorista, não haver meio de transporte da comunidade até a cidade nos fins de semana e os pais não darem liberdade para saírem de casa, especialmente no caso das jovens, eles/elas encontram outra dificuldade, apontado como a maior de todas: a distância da comunidade da área central de Laranjeiras do Sul.

Diante disso, podemos afirmar que a condição socioespacial de jovem rural e a ausência de uma série de recursos e possibilidades os deixam, de certa forma, segregados dos espaços de lazer e diversão disponíveis para a juventude em geral, na cidade. Se a comunidade pode ser entendida como um ponto de conexão de várias redes de sociabilidade, a partir do qual os/as jovens rurais formam grupos de pares e por meio deles conquistam os espaços de lazer no campo, o mesmo não ocorre com os espaços de lazer urbanos. As conexões estabelecidas com outros/as jovens no campo não é o suficiente para construírem

trajetórias e vivenciarem momentos de sociabilidade na cidade, pois a condição espacial se sobrepõe a isso.

Assim, a juventude rural da comunidade Rio do Tigre acaba mantendo-se restrita aos espaços de lazer e diversão disponíveis no campo. Apesar de frequentar de forma reduzida os espaços de lazer oferecidos para a juventude na cidade, os/as jovens rurais constituem uma rede territorial nas comunidades rurais onde vivem. Essas são percorridas intensamente por eles/elas. No campo e nos espaços de lazer estabelecem vários pontos de conexão, seja entre a juventude rural que ali vive, seja entre os espaços do campo de futebol, as festas e bailes, possibilitando assim a constituição de um território-rede (HAESBAERT, 2004). É por meio das vivências que estabelecem nesses lugares, territorializando-se, desterritorializando-se e se reterritorializando, que podem viver uma multiterritorialidade. Pois, conforme aponta Haesbaert (2004), a fluidez no espaço, a possibilidade de passar de um território a outro, permite cruzar e estabelecer diferentes relações com outros sujeitos sociais.

Os únicos momentos de conexão dos/das jovens rurais, com a cidade, ocorrem durante a semana, quando vem até a cidade com os pais ou sozinhos à procura de um serviço urbano. A articulação com o urbano não está ligado desse modo às práticas de lazer e diversão, ela tem outra finalidade.

Sobre os espaços de lazer e as práticas de sociabilidade da juventude rural do Rio do Tigre, podemos afirmar que, para as jovens a conquista dos espaços de lazer e diversão, com o grupo de pares, especificamente, ainda precisa ser estruturado dentro da família, por meio de uma maior autonomia. Já em relação aos espaços de lazer urbano, tanto para os jovens como para as jovens, apresentam-se ainda como um desejo e enquanto uma possibilidade de conquista para ter a oportunidade de vivenciar formas diferentes de sociabilidade daquelas encontradas no campo.

Assim como para a juventude rural da comunidade Rio do Tigre, as festas, bailes e jogos de futebol no campo das comunidades rurais também se apresentam como importantes pontos de conexões para os/as jovens rurais das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande. As festas caracterizam-se pela presença da família, o que já não ocorre nos bailes que os/as jovens rurais costumam frequentar. A rede inicial de formação do grupo de pares teve início na comunidade e nas relações estabelecidas durante o trajeto até a escola, pois estes/as jovens rurais tiveram sua formação escolar nas escolas urbanas, ao contrário da juventude rural da comunidade Rio do Tigre. O grupo de amigos/as é constituído também por irmãos/ãs, primos/as e vizinhos/as.

As festas e os bailes realizados nessas duas comunidades podem ser entendidos como um ponto de encontro (MASSEY, 2000) de várias trajetórias juvenis e como um território (HAESBAERT, 2004). As festas apresentam-se como os eventos mais significativos para essa juventude rural, pois os bailes dificilmente acontecem e os jogos de futebol estão limitados à possibilidade de reunirem um número de jovens suficientes para fazerem as equipes.

Para esses espaços convergem várias redes de sociabilidade. São grupos formados por jovens da comunidade, das comunidades vizinhas e também por jovens urbanos e esses territórios são permanentemente negociados. Nos espaços de lazer no campo, os/as jovens rurais dificilmente estabelecem contato com a juventude urbana ali presente. Geralmente ficam restritos ao grupo de amizade do campo. Assim como na comunidade Rio do Tigre, os grupos que frequentam as festas e bailes vão se apropriando dos espaços e delimitando seus territórios.

Nos espaços de lazer e diversão, a juventude rural dessas duas comunidades procura estabelecer uma conexão com outros/as jovens presentes no local. A juventude rural que frequenta esses espaços não fica restrita somente ao seu grupo de amigos/as. Enquanto estão nesses lugares estabelecem conexões com jovens de diferentes comunidades, como se cada jovem de um grupo fosse um ponto que se costura a outro jovem e logo a outro grupo, formando uma rede de sociabilidade em que todos/as se conhecem. Ao circular entre os diferentes grupos presentes nesses eventos, a juventude rural troca experiências e símbolos, contribuindo para a construção de suas identidades individuais e coletivas.

Sempre que possível os/as jovens rurais frequentam as festas organizadas nas comunidades rurais. Tanto os jovens como as jovens possuem liberdade para sair de casa nos finais de semana. Os grupos de pares são constituídos por moças e rapazes. As jovens rurais da comunidade São Pedro do Interior e Faxinal Grande já conseguiram conquistar uma maior autonomia em relação ao controle dos pais, podendo vivenciar momentos de lazer e sociabilidade com o grupo de amizades. É com o grupo de pares que eles/elas circulam entre os espaços de lazer no campo, territorializando-se e construindo experiências especificamente juvenis.

O campo de futebol da comunidade Faxinal Grande também pode ser considerado como um ponto de encontro para os jovens rurais desse lugar e das comunidades vizinhas. Para ele convergem jovens de várias comunidades que possuem diferentes trajetórias e experiências de vida. Ao se encontrarem fazem brincadeiras, dão risadas e jogam futebol. As partidas de futebol é que permite a socialização (SIMMEL, 1983) dos jovens rurais em torno de

um objetivo em comum, que é jogar bola. Mas logo, por meio de suas brincadeiras, conversas, troca de experiências, acabam desenvolvendo diferentes formas de sociabilidade, na qual a relação é o próprio fim (SIMMEL, 1983). Enquanto estão ali, podemos afirmar que o campo constitui-se em um território temporário, que ganha sentido somente enquanto os jovens estão presentes.

É por meio do grupo de pares da comunidade que os/as jovens rurais dessas duas comunidades também conquistam os espaços de lazer localizados na área urbana de Laranjeiras do Sul e atingem também outros municípios, como nos momentos em que frequentam os bailes.

Durante a semana os/as jovens rurais dificilmente se encontram para fazer alguma coisa na comunidade e também não frequentam nenhum outro espaço de lazer no campo. Isso também ocorre com os/as jovens rurais da comunidade Rio do Tigre. Geralmente, os/as jovens rurais estudam ou estão envolvidos com os trabalhos na agricultura e na propriedade e esses encontros não acontecem. Vez ou outra, os/as jovens da comunidade Rio do Tigre promovem alguma festa de aniversário na casa de um/uma jovem, o que não foi citado pelos/as jovens dessas duas outras comunidades.

Como vimos durante o relato dos rapazes das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande, dificilmente jogam futebol no campo da comunidade, pois ambos não estão em boas condições e o número de jovens para jogar encontra-se bastante reduzido.

Sendo assim, eles acabam jogando futebol na quadra dos colégios urbanos. Esses espaços acabam tornando-se um ponto de conexão para os jovens rurais de várias comunidades. Desse modo, podemos afirmar que as quadras dos colégios urbanos assumem uma característica de “territorialidades rurais” (se é que assim podemos denominar) dentro da cidade, pois enquanto os jovens rurais estão ali, apropriam-se desse espaço e estabelecem relações entre iguais. Ao mesmo tempo, a quadra da escola caracteriza-se como uma ponte territorial para os jovens rurais estabelecerem relações com outros jovens urbanos enquanto estão jogando. Com os jovens urbanos o que ocorre é uma sociação (SIMMEL, 1983) em torno de um objetivo, que é jogar bola.

É com o grupo de pares da comunidade que os jovens rurais conquistam o espaço urbano e vivenciam experiências juvenis nesse espaço. Após as partidas aproveitam para frequentar a lanchonete. Nesse local, apropriam-se de um determinado espaço e estabelecem suas territorialidades. É por meio de suas atitudes, modos de agir e pensar, que projetam suas relações no espaço (HAESBAERT, 2004) e estabelecem uma relação de alteridade frente a

outros grupos ali presentes, demarcando seus territórios enquanto jovens do campo na cidade. São territórios temporários que constituem e dissolvem-se rapidamente, existindo enquanto eles estão ali.

As jovens rurais também frequentam os espaços de lazer na cidade. O fazem acompanhadas do seu grupo de pares, muitas vezes, constituído por ambos os sexos. Diante dos poucos espaços de lazer e diversão disponíveis no campo, sempre que possível os/as jovens rurais vão até a cidade nos finais de semana para se divertirem. Frequentam o Boliche, a pizzaria e vão a alguns bailes no Clube Operário, no Iguazu Tênis Clube, no caso dos jovens e, em alguns momentos frequentam bailes promovidos em ginásios e centro de eventos de outros municípios como Nova Laranjeiras, Porto Barreiro e Rio Bonito do Iguazu.

É por meio do grupo de pares da comunidade que a juventude rural conquista maior autonomia em relação à circulação na cidade. Enquanto estão nesses espaços, seja na pizzaria ou em um baile, demarcam seus territórios enquanto jovens rurais na cidade em busca de vivências especificamente juvenis. É através de seus comportamentos, atitudes e práticas de sociabilidade, que buscam diferenciar-se dos outros grupos urbanos ali presentes. As relações sociais são bastante restritas ao grupo de pares. As conexões com outros/as jovens urbanos/as só ocorre se ali estiverem presentes jovens pertencentes a outra rede de sociabilidade da qual os/as jovens rurais fazem parte, ou seja, do grupo de pares da escola, universidade, igreja, etc., como veremos a seguir.

Podemos afirmar que à medida que os/as jovens rurais dessas duas comunidades circulam pela cidade, apropriando-se dos seus espaços, podem vivenciar experiências juvenis diferentes daquelas encontradas no campo. A multiplicação dos contextos socioespaciais conduz os/as jovens rurais a múltiplos territórios no campo e na cidade. Eles/elas se desterritorializam e reterritorializam entre um espaço de lazer e outro e assim podem vivenciar uma multiterritorialidade (HAESBAERT, 2004), a qual só é possível pelas articulações territoriais estabelecidas com o grupo de pares.

Enquanto estão nesses espaços de lazer e diversão no campo e na cidade, os/as jovens rurais desenvolvem diferentes formas de sociabilidade de modo que o grupo adquire uma importância muito grande na vida desses sujeitos, tendo em vista os processos de socialização a que estão submetidos na família, o trabalho na propriedade e, muitas vezes, diante dos poucos espaços de encontros disponíveis para eles/elas. Isso ficou evidente na fala do jovem JO, da comunidade faxinal Grande, quando denominou seu grupo de amizade como uma “família”, que lhe oferece segurança. Nesse caso, podemos afirmar que formou-se nesse



grupo uma relação de intimidade, “o grupo aparece como espaço privilegiado de investimento emocional e de construção de relações de confiança, mais do que a linguagem cultural em si mesma” (DAYRELL, 2004, p.14). O grau de compromisso entre os integrantes do grupo é o que alicerça a amizade, fazendo emergir uma reciprocidade na qual um pode contar com o outro diante de qualquer dificuldade ou situação.

A juventude rural dessas duas comunidades, diferentemente dos/das jovens rurais da comunidade Rio do Tigre, possui uma rede de sociabilidade estabelecida com a juventude urbana, as quais atingem também os espaços de lazer e diversão na cidade.

Como podemos perceber durante os resultados apresentados, a jovem JU e o jovem AL da comunidade São Pedro do Interior, e o jovem AB e a jovem G da comunidade Faxinal Grande, possuem um grupo de amizade com jovens urbanos/as. A amizade para a jovem JU teve início na escola urbana e para os outros três nas relações estabelecidas na Universidade. Por meio desse grupo de amizade que os/as jovens rurais frequentam espaços de lazer e diversão na cidade.

No caso dos jovens IV, IG e MA e das jovens D e AN, da comunidade São Pedro do Interior, e do jovem JO, da comunidade Faxinal Grande, afirmaram ter amizade com alguns/as jovens urbanos/as. Essas amizades foram articuladas na época em que faziam Ensino Médio nas escolas urbanas na área central de Laranjeiras do Sul. Nesse período, o grupo de pares era constituído com os/as jovens urbanos/as. No entanto, todos eles/as completaram o Ensino Médio e o vínculo de amizade tornou-se mais efêmero. Hoje esses/as jovens não se constituem mais como um grupo de lazer e diversão com os quais saem nos finais de semana. No entanto, sempre que se encontram em alguma festa ou baile, estabelecem alguma relação.

Isso justifica a desconexão que os/as jovens rurais fazem dos seus grupos de pares quando frequentam os espaços de lazer e diversão na cidade ou mesmo quando um grupo de jovens urbanos/as se faz presente nos bailes e festas das comunidades rurais. Eles/as deixam rapidamente o grupo de amigos/as da comunidade e ativam velhas redes de sociabilidade, de modo a retomar vivências que tiveram com aquele grupo de amigos/as da escola. Mas isso ocorre temporariamente, pois logo retornam ao seu grupo de pares da comunidade. É por meio dessas antigas redes de sociabilidade que os rapazes estabelecem conexões com os jovens urbanos quando vão jogar futebol nas quadras dos colégios urbanos.

Desse modo, a escola apresentou-se como um importante ponto de articulação da juventude rural com a juventude urbana e como um espaço propício para a formação de grupo

de pares e o desenvolvimento de diferentes práticas de sociabilidade. Em alguns casos, como dos quatro jovens citados acima, a escola e a universidade ainda possibilitam a vivência nos espaços de lazer e diversão nos finais de semana.

No caso do jovem P, da comunidade Faxinal Grande, a rede de amizade constituiu-se a partir da sua participação em grupo de jovens formado em torno da religiosidade católica. Foi ali que seu grupo de amizade com jovens urbanos acabou constituindo-se. Pelo relato do jovem P, o grupo de pares formou-se a partir do momento em que eles perceberam ter uma característica em comum, traduzida em torno da espiritualidade. A religião oferece um modo de ser e estar da juventude, a partir dos quais eles dão sentido as suas vidas e traçam seus projetos de futuro. Com esse grupo de jovens urbanos estabelecem-se diversas formas de sociabilidade, diferentes daquela praticada com o grupo de jovens rurais da comunidade. É com o grupo de amigos urbanos que frequenta espaços de sociabilidade, não especificamente voltados ao lazer, mas à religiosidade, como é o caso dos retiros e encontros promovidos pela igreja. É na articulação entre esses dois grupos e, por meio dos espaços em que circula no campo e na cidade, que o jovem P elabora sua identidade individual e coletiva.

Assim como o jovem P, o jovem AR da comunidade Faxinal Grande também possui um grupo de amigos/as urbanos/as. Além do grupo de pares formado na comunidade possui articulação com outros dois grupos. Um deles foi articulado em torno da sua participação no CTG, o qual é constituído por amigos do tempo da escola e, o outro está ligado à religiosidade. É com os dois primeiros, grupo da comunidade e do CTG, que o jovem frequenta os espaços de lazer e diversão nos finais de semana. Com o grupo formado em volta da religião desenvolve outras formas de sociabilidade, tal como o jovem P.

Diante disso a pergunta que fica é a seguinte: Como é possível os/as jovens rurais articularem-se em grupo de amizade com os/as jovens urbanos/as?

De acordo com Dayrell (2004) e Simmel (1983), no grupo de pares, mesmo que exista alguma diferença, os/as integrantes fazem de conta que elas não existem. A sociabilidade necessita de certa simetria e um certo equilíbrio, uma relação entre iguais. Tal como aponta Simmel (1983), a sociabilidade é democrática, pois nela não existem objetivos preestabelecidos e nem regras a serem seguidas. Ela é um jogo “de faz de conta” que todos são iguais e, ao mesmo tempo, em que cada um possui uma característica particular. Desse modo, cada um deve oferecer o máximo de si e também receber o máximo do outro. E é isso que parece ocorrer na relação estabelecida entre a juventude rural dessas comunidades com a

juventude urbana, sem isso, seria difícil uma relação de amizade e o desenvolvimento das suas sociabilidades.

Por outro lado, podemos pensar ainda, que mesmo vindos de universos culturais com características que ora se assemelham e se distinguem, e formas de socialização diferenciadas, é possível encontrar pontos de agregação entre a juventude rural e a juventude urbana. Estes podem estar ligados a interesses comuns como o gosto por uma música, anseios, expectativas, emoções, ou até por meio da religiosidade como vimos.

O grupo de amigos formado por jovens urbanos/as permite aos jovens rurais a conquista de maior autonomia para circular nos espaços da cidade, tecendo novos trajetos e participando de novas redes de sociabilidade e, assim, construir territorialidades enquanto jovens rurais na cidade. A conexão com diferentes espaços de lazer e diversão, muitas vezes, ultrapassa os limites da cidade de Laranjeiras do Sul, como no caso do jovem AR e AB, da comunidade Faxinal Grande, os quais afirmaram ter frequentado espaços de lazer e diversão em outras cidades, como Guarapuava e até em outros Estados.

A forma como os/as jovens rurais se articulam em diferentes grupos de amizade passa pelas redes de sociabilidade e suas conexões estabelecidas, no campo e na comunidade onde vivem, e na cidade, por meio do grupo de pares formados no campo ou ainda pelo grupo de amigos/as urbanos/as constituídos na escola ou na universidade. Isso gera uma pluralidade de conexões, podendo-se falar em territórios-rede (HAESBAERT, 2004). No entanto, estas conexões são efêmeras, pois na cidade duram enquanto estão estudando ou nos espaços de lazer e diversão urbanos com seus amigos/as e no campo, enquanto se divertem nos espaços de lazer e diversão, dando assim um caráter dinâmico as conexões e desconexões com seus grupos de pares.

A juventude rural, ao participar de múltiplos grupos de identidade (grupos de amizade no campo e na cidade) revelam uma múltipla territorialidade e a possibilidade de vivenciar múltiplos territórios, investindo em cada grupo, do qual fazem parte, um pouco de si. Frequentar os espaços de lazer no campo e na cidade com o grupo de amigos/as constituídos por jovens rurais, ou ainda ao frequentarem os espaços de lazer urbanos com o grupo de jovens formados nesse espaço, permite aos jovens rurais a vivência de uma multiterritorialidade.

Quando os/as jovens rurais têm a possibilidade de tecer uma rede de sociabilidade com a juventude urbana, eles/elas de certa forma “abandonam” seu grupo de pares formados nas comunidades e se conectem com outros grupos. Nessa dinâmica, acabam por sofrer um

processo de desterritorialização em relação as trajetórias sociais que haviam construído até o momento. Entretanto, esta nova territorialização não substituiu a da vizinhança e da comunidade, e sim, proporcionou uma multiplicação das articulações territoriais e, por consequência, a vivência de uma multiterritorialidade, tal como sugere Haesbaert (2004) e uma experiência mais alargada da experiência juvenil.

Sem essa possibilidade de estar em mobilidade entre o campo e a cidade cotidianamente (quando vão à escola e a universidade), eles/elas estariam mais restritos a uma rede de amizades no lugar de vivência e, de certa forma, limitados a esse território, o qual Haesbaert (2004) denomina territórios-zona. É essa condição que parecem estar limitados os/as jovens rurais da comunidade Rio do Tigre, conforme falamos anteriormente. Ao que tudo indica, se os/as jovens rurais dessa última comunidade estivessem articulados a uma escola urbana, a conexão com os/as jovens urbanos/as se efetivaria. Talvez, não a ponto de atingir de forma efetiva os espaços de lazer e diversão urbanos nos finais de semana, pois como bem foi colocada, a questão limitante para isso é a condição socioespacial. Mas ao menos poderiam viver outras práticas de sociabilidade juvenis e trocar experiências com jovens de uma realidade distinta daquela encontrada na comunidade, pelo menos durante a semana, enquanto estariam na escola.

A falta de possibilidades de acesso dos grupos formados pela juventude rural da comunidade Rio do Tigre aos espaços de lazer e diversão urbanos está ligada as suas situações socioespaciais e, dessa forma, ficam restringidos aos territórios estabelecidos com seu grupo de pares no lugar onde moram, sendo submetidos a certo controle em relação a sua circulação. Assim como observou Dayrell (2001), em suas pesquisas, vivenciar práticas especificamente juvenis nos espaços de lazer e diversão localizados na área central das cidades, ainda é um direito a ser adquirido por grande parte dos/das jovens que vivem nas periferias e, também, conforme observamos agora, é um direito a ser conquistado por uma grande quantidade de jovens rurais que vivem no campo.

Outro ponto a destacar, é que os/as jovens rurais quando se desterritorializam e se reterritorializam com outro grupo de pares, na cidade e nos seus espaços de lazer, diferentes dos que possuem na vizinhança e na comunidade, acabam por mesclar suas identidades. Ou seja, entram em contato com um universo simbólico e cultural produzido pelos jovens urbanos (em torno da música, do consumo, do estilo, etc.) dando origem a um hibridismo cultural. A partir do contato com essas referências e com a cultura urbana, os/as jovens rurais

passam a modelar seus projetos de futuro, ou seja, um ideal urbano, do qual fala Carneiro (1998).

Vale destacar que essa possibilidade de circulação, conexões e desconexões, vivenciadas pelos/as jovens rurais da comunidade São Pedro do Interior e Faxinal Grande, entre os espaços de lazer no campo e na cidade e, com diferentes grupos de amigos/as, só foi possível devido a conquista de uma maior autonomia em relação ao controle dos pais sobre os espaços que frequentam e aos grupos do qual fazem parte. A conquista dessa “liberdade” também permitiu a conquista da noite, tempo propício para as práticas juvenis (DAYRELL, 2004). É nesse espaço/tempo do lazer noturno que os/as jovens têm oportunidade de experimentar uma “ilusão libertadora” longe do tempo rígido do trabalho na agricultura, das instituições educativas formais e dos próprios pais. É nesses momentos que elaboram seus cotidianos, divertem-se, perambulam pela cidade e pelos caminhos do espaço rural, reinventando seus sentidos, criando suas próprias normas, diferentes modos de ser jovem e criam e recriam suas expressões culturais.

Ao frequentar os espaços de lazer e diversão, no campo e na cidade, os/as jovens rurais conseguem identificar outros grupos de jovens com características diferentes daquelas encontradas no seu grupo de pares. Nos espaços de lazer no campo, a diferença se dá em relação a outros grupos constituídos somente por jovens rurais, como foi apontado pelos participantes da comunidade Rio do Tigre e, ainda, em relação aos grupos formados por jovens urbanos/as conforme disseram os/as jovens rurais das outras duas comunidades.

A diferença do grupo do qual fazem parte no campo, em relação a outros jovens rurais, se dá pela diferença de comportamentos, atitudes, modos de pensar, gostos etc., e em relação aos jovens urbanos, além disso, acrescentam-se os estilos representados pelos visuais em torno da roupa, comportamento, corte de cabelo. Hoje, a juventude urbana se faz presente também nos espaços de lazer rurais, tal como foi observado nas festas e bailes da comunidade São Pedro do Interior, Faxinal Grande e comunidades vizinhas. Assim como a juventude rural, aos poucos conquista os espaços de lazer urbanos. Na cidade, tal como foi apontado pelo jovem AB, da comunidade Faxinal Grande, a variedade de grupos com estilos juvenis diferenciados é bem maior, se comparado ao campo.

Mas o que tudo isso significa? Vale destacar que os/as jovens rurais participantes, mesmo morando em comunidades rurais diferentes, têm em comum o fato de morarem no campo, possuírem relações com esse espaço, sejam elas sociais ou econômicas, e compartilhem de universos culturais semelhantes. Mas, ao mesmo tempo, no campo é

possível encontrar vários modos de ser jovem, podendo se falar em juventudes rurais no plural, tal como sugere Dayrell (2005) e as abordagens contemporâneas sobre juventude.

Ou seja, mesmo que os/as jovens rurais sejam submetidos a processos de socialização e interação semelhantes, cada indivíduo ou grupo responde a esse processo de maneira diferente. As trajetórias de vida, as condições sociais, econômicas, territoriais e espaciais proporcionam a eles/elas diferentes experiências. Ao formarem seu grupo de amizade no campo identificam entre seus pares, características em comum e que ao mesmo tempo são diferentes dos demais. Isso nos leva a concordar com Pais (2003, p.94), quando afirma que o grupo de amigos “constituem o espelho de sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros”.

Em relação à juventude urbana, os/as jovens rurais estabelecem diferenças, principalmente, em relação ao estilo e ao comportamento. Alguns jovens rurais, como o jovem AB, da comunidade Faxinal Grande, até conseguem identificar grupos de jovens urbanos que se diferenciam pelo fato de participarem de uma cultura juvenil, tal como os grupos que se agregam em torno da cultura *punk* ou *rock*, não só como estilo musical, mas também como um estilo de vida e formas de ser jovem. Nesse caso, a diferença se dá em relação ao universo simbólico cultural que cada qual faz parte.

É a partir do reconhecimento dessa diferença que os/as jovens rurais delimitam seus territórios no campo e na cidade, mais especificamente, quando frequentam os espaços de lazer e diversão. No entanto, os/as jovens rurais também conseguem identificar grupos de jovens rurais que se diferenciam pelo estilo, como apontou a jovem JU, da comunidade São Pedro do Interior, ao afirmar haver jovens do campo que usam roupas relacionadas ao estilo musical conhecido como sertanejo universitário. O jovem P, da comunidade Faxinal Grande, ressaltou que alguns jovens rurais também aderem a estilos, ditos como característicos da juventude urbana. Um dos motivos apontados pelo jovem P está ligado à articulação estabelecida em grupos de amizade com jovens urbanos.

Diante disso, podemos inferir que, a medida com a qual a juventude rural passa a ter contato com jovens com características, vivências e experiências diferentes daquelas encontradas no campo, nesse caso com jovens urbanos, pode haver uma mudança de atitude, ou seja, os/as jovens rurais acabam mesclando suas identidades com um universo simbólico cultural distinto daquele experienciado até então.

Os/as jovens rurais participantes da pesquisa não possuem estilos específicos no que diz respeito ao visual, de modo a diferenciar-se por isso de outros grupos juvenis. Podemos

afirmar, diante dos resultados apresentados, que a juventude rural encontrada nessa realidade pesquisada, não se agrega entorno de grupos de estilos, no qual o estilo adotado pelo grupo revela um condição de pertencimento, de afirmação perante a outros grupos ou ainda como uma criação consciente de traços com princípios de organização, tal como sugere Dayrell, (1999). Os/as jovens rurais das três comunidades não atribuem importância ao estilo propriamente dito, mas compartilham de alguns modismos destinados ao público jovem criados pela indústria cultural juvenil e fortemente divulgado pela mídia.

Os/as jovens rurais acompanham o lançamento de novos modelos de roupas, calçados e acessórios pela televisão e, os que possuem acesso, também o fazem pela internet. Em alguns casos as novidades chegam por meio de conversas entre os/as amigos/as do campo ou da cidade. O consumo desses produtos também é limitado a condição financeira desses/as jovens, que como bem afirmaram, não é possível acompanhar e comprar tudo aquilo que está sendo lançado no mercado.

A música também faz parte do cotidiano dos/das jovens rurais dessas comunidades. Tal como foi apresentado nos resultados, os/as jovens rurais, em sua maioria, curtem músicas com estilo gaúcho, sertanejo e aquelas tocadas pelas bandas do Sul do Brasil. Nos bailes e nas festas nas comunidades rurais e mesmo entre o grupo de pares, esses estilos musicais sempre se fazem presentes. A música, além de constituir-se como uma forma de agregação entre os/as jovens rurais, traduz em suas letras aspectos que representam a sua realidade (DAYRELL, 2005). Isso foi apontado pelos/as jovens rurais ao justificarem suas preferências por esses três estilos musicais. As letras dessas músicas, por vezes, remetem ao universo simbólico cultural vivenciado pela juventude rural no âmbito familiar e comunitário.

Mas há também aqueles/as que curtem músicas de outros estilos, mais ligados ao espaço urbano como o *rock*, *pop*, *rap*, músicas eletrônicas ou românticas, como foi citado por alguns jovens da comunidade Rio do Tigre e da comunidade Faxinal Grande. Essas músicas, por vezes, não possuem ligação direta com as vivências estabelecidas no campo. No entanto, eles/elas identificam-se com as melodias, tal como relatou o jovem P da comunidade Faxinal Grande e, em alguns momentos sentem pela música algo que não conseguem explicar e nem exprimir, como afirma Dayrell (2005).

Como foi apresentado nos resultados, nas festas e bailes realizados nas comunidades rurais, os estilos musicais que animam os eventos são as músicas gaúchas, sertanejo universitário e músicas das bandas do Sul do Brasil. Em nenhum momento outros estilos foram tocados, apesar de isso ser desejado por uma parcela dos/das jovens rurais. Conforme

relatado, ainda existe uma resistência por parte dos adultos e das pessoas mais velhas da comunidade quanto à inserção de outros estilos musicais nesses eventos. Mesmo que de forma implícita é notável uma situação de conflito. De um lado os/as jovens rurais que desejam vivenciar nesses espaços de lazer, práticas juvenis mais “modernas”, no sentido do que veem como tal na mídia, nesse caso representados por outros estilos de música e outras formas de dança e, do outro lado os adultos, que não veem essas músicas e danças com “bons olhos”, mantendo nesses espaços as músicas mais tradicionais.

Ao mesmo tempo em que os/as jovens rurais têm preferência por esses três estilos musicais e aproveitam esses encontros nas festas e bailes para dançar e se divertir, em alguns momentos desejam o diferente, principalmente, a juventude rural da comunidade Rio do Tigre. Supomos aqui, grosso modo, que talvez um motivo pelo qual os/as jovens rurais falaram sobre isso com mais ênfase que a juventude rural das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande esteja ligado à limitação espacial que possuem em relação aos espaços de lazer urbanos, pois como observamos na fala dos/das jovens rurais em outros espaços de lazer e diversão urbanos, como o Boliche e bailes em outros municípios, esses estilos são tocados. Os/as jovens rurais da comunidade Rio do Tigre também desejam vivenciar experiências juvenis modernas, novamente em consonância com práticas culturais apresentadas pela indústria midiática e, diferente daquelas encontradas no campo.

Outro ponto a destacar é que os estilos de música sertaneja, gaúcha e de bandas do Sul apontados como as preferidas pelos/as jovens rurais não se caracterizam, entre a juventude rural pesquisada, como uma transferência de um estilo musical para uma estética visual (traduzidas em roupas ou cortes de cabelo, por exemplo), tal como ocorre com outros estilos musicais como o *rock* ou *punk* que ganham visibilidade entre os/s jovens pela relação música-projeto-visual (DAYRELL, 1999).

Nesse caso, a juventude rural se identifica com a sonoridade e as letras e, a música acaba tornando-se um ponto de agregação entre os/as jovens rurais. Sua materialidade se efetiva nos espaços de lazer e diversão, como os bailes e as festas, quando os/as jovens rurais reúnem-se em volta de um objetivo comum mediado pela música que se traduz nas danças e nos momentos que vivenciam diferentes práticas de sociabilidades com o grupo de pares nesses lugares. Quando eles/elas optam por ir a um baile ou festa nas comunidades rurais, o fazem sabendo quais tipos de músicas e danças vão encontrar nesses locais.

Desse modo, podemos afirmar que a juventude rural constitui uma cultura juvenil específica pelas suas vivências estabelecidas no meio rural e também com seus grupos de



pares nos espaços de lazer e diversão, como as festas e bailes, pois ali expressam, por meio das músicas e danças ligadas ao estilo gaúcho e sertanejo, um conjunto de significados compartilhados entre si e, um conjunto de símbolos que expressam a pertença a um determinado grupo e ao espaço rural. É na dimensão do encontro e na participação com o grupo de amigos/as, nos espaços de lazer e diversão, e pelas diferentes práticas de sociabilidade que atribuem um sentido a suas vidas.

Outro ponto observado junto à juventude rural dessas duas comunidades é que em nenhuma delas existe mais um grupo de jovens formados em torno da religiosidade católica, como havia em décadas passadas. Isso se deve, segundo os/as participantes, ao envolvimento com o trabalho na agricultura, a dedicação aos estudos e também a diminuição do número de jovens nas comunidades.

Além desses motivos, podemos inferir, diante da análise de todos os resultados apresentados, que outros fatores possam ter contribuído para a desagregação da juventude rural entorno da espiritualidade e de práticas voltadas a religião católica, representada, nesse caso, pelo grupo de jovens. Um deles é o enfraquecimento da igreja como instituição reguladora das relações sociais estabelecidas pelas pessoas da comunidade e pela própria juventude e o outro, é o prolongamento dos estudos para os/as jovens rurais. Esse último fator tem-se apresentado como um importante espaço de sociabilidade e de formação de grupos de pares entre os/as jovens rurais dessas comunidades. Assim, para muitos, a escola propicia vivências juvenis com o grupo de pares, e em outros momentos, ela é feita nos espaços de lazer e diversão nos finais de semana.

A respeito da inserção das tecnologias no cotidiano dos/das jovens rurais, foi possível perceber que todos/as atribuem uma importância a elas. Nas três comunidades a juventude rural tem acesso ao celular, apesar do sinal da telefonia móvel ser um pouco mais difícil para alguns jovens da comunidade Rio do Tigre. É por meio dele que conversam com os amigos/as durante a semana, por meio de ligações ou mensagens, marcam encontros para o final de semana e baixam as músicas que gostam de ouvir.

Em relação à internet, existe uma desigualdade em relação ao acesso. Os/as jovens rurais das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande acessam a rede por meio dos computadores que têm em casa ou ainda pelos celulares. A maioria deles já está conectado nas redes sociais como o *facebook*. Além do celular, também é esse recurso que utilizam para conversarem durante a semana e marcarem seus encontros nos finais de semana. Além do rádio, a internet também é um meio de informação na qual são divulgados os eventos que irão

acontecer na cidade ou na região nos finais de semana. Por este canal, algumas vezes, combinam o espaço de lazer que vão frequentar com o grupo de pares, conforme relatou o jovem AL, da comunidade São Pedro do Interior.

É por meio da rede social *facebook* que estabelecem relações com o grupo de pares da comunidade, quando não podem encontrar-se durante a semana e, também, se conectam a outros jovens da escola ou mesmo com amigos/as mais distantes. Desse modo podemos afirmar que a internet, em especial, a rede social *facebook*, tornou-se para eles/elas como um meio, um novo território, onde podem locomover-se em meio a outros grupos, conhecer novas pessoas ou ainda manter os laços sociais com os/as amigos/as da comunidade. Por meio dela podem estabelecer interações e desenvolver “sociabilidades virtuais” com seus grupos de pares.

Já a juventude rural da comunidade Rio do Tigre tem acesso limitado à internet e as redes sociais. Além da dificuldade de acessar a internet pelo celular, o Telecentro da comunidade está sem funcionamento e, na escola as redes sociais como o *facebook* possuem as páginas bloqueadas. Eles/elas deixaram claro o desejo de acesso instantâneo a esse recurso. Entendem que por meio dele podem estabelecer contatos com outros/as jovens para além do espaço da comunidade.

O acesso à internet apresenta-se ainda como uma forma de adquirir uma série de informações disponíveis em tempo real e, por meio das redes sociais, ampliar a rede de contatos, trocar ideias e fazer novas escolhas. Por meio do rádio, da televisão, do celular e da Internet, a juventude rural busca estar conectada ao mundo. Mesmo não disponível a todos/as da mesma maneira, estas tecnologias apresentam-se como uma possibilidade, para a juventude rural de Laranjeiras do Sul, de conexão com outros lugares e pessoas para além do lugar em que vivem. Resta saber agora, quais os impactos desses processos e recursos na vida dos/as jovens rurais e nas suas relações com o espaço rural, o que acreditamos estar além das possibilidades desse trabalho devido à complexidade das respostas para essa questão.

#### **4.5. Juventude rural em meio às relações familiares e seus olhares sobre os espaços de lazer e projetos de futuro**

Durante o tempo de inserção no qual estivemos junto à juventude rural dessas três comunidades, foram revelados pelos/as jovens rurais uma série de aspectos sobre as transformações que foram sendo engendradas nesses lugares. Pelas suas trajetórias de vida e

vivências nessas comunidades os/as jovens rurais puderam relatar e traçar percepções sobre o lugar em que vivem, sobre o espaço rural no qual estão inseridos cotidianamente e as relações estabelecidas dentro do universo familiar.

Por meio da convivência com eles/elas foi possível identificar que, mesmo inseridos em contextos sociais, econômicos, políticos e culturais semelhantes, possuem uma série de perspectivas distintas em relação aos seus projetos de futuro, sobre a continuidade da agricultura, acerca do trabalho nessa atividade, bem como a respeito das condições e espaços de lazer que têm à disposição para suas vivências juvenis. São alguns desses aspectos que vamos mostrar nesta parte do trabalho.

Em meio ao universo da agricultura familiar, as relações familiares destacam-se como elos importantes para a juventude rural, haja vista ocorrerem nesse espaço os primeiros processos de socialização e educação. As três comunidades pesquisadas caracterizam-se pela presença de pequenas propriedades, nas quais se desenvolve a agricultura familiar, com a maioria dos membros trabalhando nela e cultivando produtos para seu consumo e comercialização. No geral, os agricultores dedicam-se a plantação de milho, soja, fumo, hortifrutigranjeiros e a criação de gado leiteiro.

Como relatamos anteriormente, durante nossa participação junto à juventude rural, um dos assuntos sempre comentados por eles/elas dizia respeito aos trabalhos desenvolvidos dentro da propriedade. A partir da realização das entrevistas individuais ficou evidente uma divisão de tarefas, no que tange ao trabalho desenvolvido por cada um dos membros, como podemos verificar nos relatos abaixo, primeiramente com o jovem JO da comunidade Faxinal Grande:

**JO** - É um trabalho bem organizado. Que nem eu e meu pai nós trabalhamos com as vacas de leite. Minha mãe ajuda também a tratar os terneiros, ajuda assim e também faz os serviços domésticos. Daí negócio da agricultura a maioria do tempo sou eu quem faço, quando é com máquinas sou eu quem faço a maior parte. Mas o pai sempre está ajudando. Então é uma divisão. É unido, mas cada um tem sua tarefa.

E posteriormente com a jovem D, da comunidade São Pedro do Interior:

**C** – E você ajuda nas atividades desenvolvidas aqui na propriedade, como que funciona?

**D** – Eu ajudo na limpeza só da casa. A mãe ajuda o meu pai lá por fora nas vacas. O pai, ele também vai na roça e os meus irmãos ajudam ele na lavoura. Eu e a mãe é mais por casa só.

Os/as jovens rurais da comunidade Rio do Tigre também afirmaram haver uma divisão em relação ao trabalho. A jovem T<sup>85</sup> afirmou que: “(...) *geralmente as meninas ficam mais por casa, porque o trabalho é mais pesado e os pais não gostam que a gente vá na roça, pelo menos o meu não. A gente ajuda mais por casa mesmo*”.

Nas propriedades, via de regra, existe uma divisão de gênero em relação ao trabalho produtivo e doméstico. Os pais e os rapazes são responsáveis pelo trabalho na agricultura, entendido como “mais pesado”. Já as jovens e as mães são responsáveis pelos serviços domésticos e o cuidado com os animais, nesse caso, principalmente, a produção de leite.

Estas características dentro da unidade produtiva familiar também foram observadas por outros autores como Weisheimer (2005) e Branco (2003). Os jovens geralmente acompanham os pais no trabalho na lavoura. Esse processo de socialização do filho no trabalho agrícola pode ser entendido como uma passagem progressiva dos conhecimentos relacionados à produção agrícola e atribuições de responsabilidades para, no futuro, assumir o comando do estabelecimento rural. Weisheimer (2005) destaca também, que os rapazes aparecem como força principal do trabalho junto ao pai nas atividades agrícolas, tal como observamos.

Já o trabalho das jovens, em linhas gerais, encontra-se diluído em meio às atividades domésticas comandados pelas mães, ou ainda se absorve nas atividades em que todos os membros participam. Na própria fala das jovens ficou evidente o termo “ajuda”. Dessa forma, o trabalho das jovens e, mesmo das mães, muitas vezes, é pouco valorizado e entendido como algo complementar. Isso, de acordo com Weisheimer (2005), acaba desestimulando as jovens quanto ao interesse de permanência na propriedade e a continuidade dos trabalhos agrícolas.

Os jovens também acabam desenvolvendo algumas atividades autônomas dentro da propriedade, o que lhes permite uma obtenção de renda, tal como foi apontado pelos entrevistados e participantes do grupo focal das três comunidades. Tal fato pode ser observado na fala do jovem EL, da comunidade Rio do Tigre durante a entrevista individual:

**EL** – (...) na propriedade eu não tenho do que me queixar. O pai cuida das vacas e eu planto fumo. Ele me dá um pedaço de terra e eu planto. Eu tenho minha independência financeira, por isso não tenho interesse em trabalhar fora também.

Conforme afirmaram alguns jovens, os pais lhe oferecem um pedaço de terra na qual cultivam fumo, soja ou milho. Essa renda extra é administrada por eles, lhes garantindo certa autonomia financeira em relação aos pais. De acordo com Weisheimer (2005), tal negociação

---

85 Essa informação foi obtida durante a realização do grupo focal na comunidade Rio do Tigre no dia 14 de junho de 2013.

entre pais e filhos visa proporcionar aos jovens uma renda própria para que reconheçam a importância do seu trabalho na propriedade e, ainda serve como um incentivo para que permaneçam na agricultura. No entanto, isso não foi constatado entre as jovens. Elas relataram depender economicamente dos pais quando querem comprar alguma coisa ou mesmo sair de casa nos finais de semana. Mais uma vez, ficou evidente a exclusão das jovens dentro das relações familiares.

A diferenciação entre os rapazes e as moças também ocorre no que diz respeito ao processo de tomada de decisão dentro da propriedade. Isso pode ser observado na fala do jovem AL da comunidade São Pedro do Interior: “(...) *eles sempre pedem. O pai principalmente. Sempre to ali ajudando, sempre conversamos*”. E na fala da jovem G, da comunidade Faxinal Grande: “(...) *geralmente é o pai e a mãe que decidem, que fazem. Eu acho que não. Eu ouço eles falarem quando vão financiar alguma coisa, mas é eles que decidem mesmo*”.

Foi consenso entre os participantes das três comunidades que os jovens têm voz ativa dentro da propriedade. Isso pode estar correlacionado ao fato do trabalho dos rapazes ser considerado como mais relevante na unidade de produção, se comparado ao realizado pelas moças, muitas vezes entendido como uma ajuda. As jovens afirmaram que em alguns momentos até expõem suas opiniões, mas isso é tratado como descaso pelos adultos, os quais consideram como irrelevantes. Aqui temos uma situação um pouco diferenciada daquela encontrada por Castro (2005), ao realizar uma pesquisa com jovens de um assentamento. A autora afirma que tanto os rapazes como as moças não possuem voz ativa na propriedade e, nem em suas participações nas reuniões do assentamento. Podemos afirmar que, no caso dos jovens estudados por nós, estes já conquistaram uma autonomia dentro da propriedade neste aspecto.

Outra questão presente nas relações familiares da juventude rural pesquisada diz respeito ao namoro. De acordo com os diálogos dos/as jovens rurais durante os grupos focais, os pais incentivam os filhos/as a estabelecerem relacionamentos com outros/as jovens do campo. No entanto, isso não se apresenta como uma regra, pois apesar da preferência, os pais dão a eles/elas liberdade de escolha com quem desejam relacionar-se desde que possuam boa índole. No entanto, os rapazes disseram que a relação com jovens da cidade torna-se bem mais difícil do que para as moças, conforme relatou também o jovem AR da comunidade Faxinal Grande durante a entrevista individual:

**AR** – A gente tenta se relacionar com moças do campo, porque uma moça da cidade não vem morar no campo. É uma coisa triste que está acontecendo, a moça do interior está indo embora para a cidade, tá ficando cada vez menos! Na minha família todos concordam que eu deva me casar com uma pessoa da roça, que goste do mesmo que eu não é? Mas também, pode ser que algum dia, de eu me casar com uma professora por exemplo. Eu exercer minha atividade na agricultura e ela exercer a atividade dentro do município. Mas a gente sabe que é mais difícil de isso acontecer, porque é diferente. (...) A gente sempre comenta com a família e chega no mesmo ponto: encontrar uma pessoa que goste do mesmo que eu, que é a agricultura.

Para os rapazes que pretendem ficar no campo, a relação com uma jovem urbana torna-se difícil devido a condição em que esta estará submetida no campo, principalmente, no que diz respeito ao trabalho agrícola. Já o namoro com jovens moças, filhas de agricultores, possibilita a eles a continuidade da atividade agrícola e a permanência na propriedade, tal como também observou Brumer (2007). O namoro e o casamento de um rapaz com uma jovem do campo dependem da disposição de moças no meio rural, mas isso, segundo a fala desse jovem e dos demais, encontra-se em um processo contínuo de diminuição, pois muitas estão migrando para a cidade. Já para as jovens, o estabelecimento de uma relação com um jovem urbano pode possibilitar a elas a oportunidade para deixar a propriedade e o trabalho na agricultura.

A saída da juventude rural do campo em direção a cidade foi uma das modificações mais citadas entre os/as jovens rurais das três comunidades, quando questionamos sobre algumas mudanças que ocorreram nas comunidades nos últimos tempos. A partir das suas trajetórias de vida, eles/elas pontuaram algumas transformações que podem ter alterado as relações da juventude rural e da população em geral no lugar onde vivem.

De acordo com a jovem G, da comunidade Faxinal Grande, existem poucos jovens na comunidade. Segundo ela, muitos migraram para a cidade em busca de estudo e trabalho. A mesma situação foi citada pela jovem T, da comunidade Rio do Tigre, durante o grupo focal: *“(...) aqui cada ano reduz mais a quantidade de jovens. Eles vão pra cidade pra estudar, trabalhar. Alguns vão até pra Santa Catarina e acabam não voltando. Um dos motivos que não tem grupo de jovens aqui é por isso também. Diminuiu muito”*.

De acordo o jovem JO, da comunidade Faxinal Grande, os rapazes encontram dificuldades quando frequentam os espaços de lazer no campo, conforme nos relatou em um trecho da entrevista individual: *“(...) uma coisa que a gente percebe é que quase não tem moça mais. Você vai numa festa ou num baile tem pouca menina pra dançar. A piazada diminuiu, mas as moça acho que é mais. Aqui na nossa comunidade acho que se for contar deve ter umas três só”*.

Isso foi perceptível durante a realização da observação participante. Tanto nas festas como nos bailes o número de moças sempre era menor que o de rapazes. Como os/as jovens

rurais relataram, é cada vez menor o número de jovens rurais permanecendo no campo e isso tem influenciado diretamente nos espaços de lazer e diversão que frequentam. Assim, como haviam apontado em outros momentos da discussão, isso tem dificultado também na formação de um grupo de jovens nas comunidades.

Vários estudos (CASTRO, 2005; ABRAMOVAY, 1998; GAVIRIA e MENASCHE, 2006; WEISHEIMER, 2005) têm apontado para a saída da juventude rural do campo para as cidades. Essas pesquisas apontam para uma migração seletiva, no qual as jovens estão deixando o campo em maior número do que os jovens. Alguns motivos principais contribuem, segundo os/as autores/as citados/as, para a maior migração das jovens, como a posição que elas ocupam dentro da unidade produtiva, onde seu trabalho é considerado como ajuda, a situação de subordinação a que estão submetidas em relação aos pais até o casamento e a falta de participação delas na tomada de decisões dentro da propriedade. E em alguns casos ainda, como aponta Brumer (2007), as jovens estão excluídas da herança da propriedade e do processo sucessório quando da ausência dos pais, pois em muitos casos, quem assume a propriedade são os filhos do sexo masculino.

Diante do exposto e, das falas citadas anteriormente sobre a relação dos filhos/as dentro da unidade produtiva, podemos inferir que alguns fatores apontados pelos autores também parece influenciar na migração das jovens rurais das comunidades pesquisadas. Pois como vimos, elas não têm liberdade para opinar nas decisões tomadas pelos pais, o trabalho que realizam na unidade de produção também não é valorizado e elas ainda dependem financeiramente da família. Diante disso, podemos afirmar, ao que tudo indica, que pode estar ocorrendo um processo de masculinização do campo em Laranjeiras do Sul, tal como já observado em outros lugares por vários autores como Abramovay (1998) e Castro (2005).

Gontijo (2007) e Brumer (2007) ressaltam que os/as jovens rurais acabam migrando para cidade devido aos atrativos da vida urbana, em especial, no que concerne ao trabalho, estudo e lazer. E também, em razão das dificuldades de vida encontradas no meio rural, em especial, ao trabalho agrícola.

A juventude rural das três comunidades também apontou como uma das principais mudanças nas comunidades a redução do número de famílias. O jovem EL, da comunidade Rio do Tigre, relatou durante a entrevista individual, algumas lembranças da comunidade no seu tempo de infância: *“(...) eu lembro que a igreja era tudo de madeira e hoje já é de alvenaria. Não tinha a escola, a quadra de futsal. O pavilhão hoje tá melhor. Tinha mais*

*piazada pra gente brincar. A igreja nos cultos ficava cheia e hoje não fica mais. Muita gente saiu”.*

Nas três comunidades os/as jovens rurais apontaram melhorias na infraestrutura das comunidades se comparadas ao período em que eram crianças. Hoje em todas elas a igreja é de alvenaria e os pavilhões onde acontecem as festas e bailes também são amplos para abrigar os participantes do evento. As churrasqueiras também estão em boas condições.

Sobre a saída das famílias, a fala do jovem JO da comunidade Faxinal Grande durante o grupo focal também se faz pertinente:

**JO:** (...) O meu pai vai fazer... ano que vem vai fazer 70 anos que ele está morando aqui no Faxinal. Quando ele chegou já era Faxinal Grande, para vocês ter uma ideia de como essa comunidade não é tão nova. Naquele tempo, quando meu pai chegou aqui e ele mesmo relata, tinha moradores de toda a parte aqui. Era um negócio incrível! Onde se via tinha uma casa aqui, tinha em toda parte! E agora são limitadas as famílias que estão morando nessa comunidade.

O jovem AR da comunidade Faxinal Grande também fez um relato interessante, durante a entrevista individual, sobre a saída da população da comunidade em direção as cidades:

**AR -** Da nossa comunidade posso dizer que bastante pessoas saíram. Era maior uma vez. No tempo meu de criança, na outra comunidade vizinha [ele se refere a comunidade Flor do Pinho] tinha até uma vila grande, tinha mais de 100 pessoas, duzentas pessoas naquela vila. E todos conseguiam trabalho em volta aqui, nos vizinhos. As comunidades procuravam aquela comunidade para poder contratar os trabalhadores e hoje essa evasão. Hoje se existir meia dúzia de casas nesse lugar, onde tinha mais de cem é muito! Ou seja, o pessoal fugiu do meio rural! Não se encontra mais mão de obra! Então você trabalha aqui, as pessoas acabaram vendendo o pouco. As pessoas que tinha mais, comprou de quem tinha menos. Então foi diminuindo as pessoas! O êxodo rural foi bem grande! Na nossa comunidade aqui, eu me lembro! Eu lembro que o nosso grupo de círculo bíblico, já existe a 40 anos esse nosso grupo. Então nesse grupo, antigamente, devia ter umas 30 famílias se não tinha mais! E hoje se limita só em 5! Então quer dizer, mudou muita coisa sim. A modernização foi tão grande e como eu vinha falando também, as oportunidades no meio rural foram se dissipando... cada vez menos oportunidade para você produzir, mais difícil, que o pessoal acabou abandonando mesmo o rural e foi para a cidade. Nas favelas!

De acordo com o jovem AL, da comunidade São Pedro do Interior, um dos motivos que levou as pessoas a migrarem para a cidade foi o processo de modernização, conforme relatou em um trecho da entrevista individual:

**AL -** (...) se for ver hoje quase todo mundo tem trator, plantadeira, tem ordenhadeira para tirar leite. Aos poucos as propriedades foram se modernizando. Antes era mais braçal, agora é tudo feito com máquina. Ai por falta de incentivo de algum governante que não apoiou o agricultor, ele acabou vendendo a terra e foi embora. Às vezes o pequeno queria ficar, mas não tinha como, e vendeu para os grande. Sem chance de crescer foi para a cidade. (...) O meu pai planta fumo, só que hoje se precisar de dez pessoas na roça pra ajudar a trabalhar não tem mais, saíram e foram embora.



Na fala dos/das jovens rurais participantes ficou evidente a diminuição no número de famílias da comunidade e a ocorrência do processo de modernização das propriedades e da produção agrícola. Isso, na opinião dos entrevistados, teria influenciado diretamente para o êxodo rural da população que vivia nas comunidades.

De acordo com Hespanhol e Hespanhol (2006), entre as décadas de 1950 e 1980 e anos posteriores, o Brasil passou por um intenso processo de modernização da agricultura, o que gerou mudanças na base técnica e econômica da produção agrícola brasileira. A instalação de uma agricultura moderna introduziu no campo tratores, colheitadeiras, implementos agrícolas, fertilizantes e biocidas à produção, liberando uma grande quantidade de mão de obra da agricultura, disponibilizando-as para as atividades urbanas e provocando um crescimento das cidades.

Diante desse processo de modernização, de acordo com Rodrigues e Soares (2008), os pequenos produtores desprovidos de capitais e sem condições de competir no mercado (e ainda considerados como um impasse para desenvolver o país) acabaram por deixar de forma massiva, a área rural, em direção às periferias das cidades.

Hespanhol e Hespanhol (2006) destacam ainda que o governo disponibilizou crédito aos produtores para se modernizarem. No entanto esse processo foi seletivo, beneficiando os médios e grandes produtores, os quais adquiriram máquinas e insumos viabilizando a construção de modernos segmentos produtivos agrícolas no Brasil. A partir daí, ganham importância no país os complexos agroindustriais da soja, laranja, cana-de-açúcar, bem como avicultura e suinocultura. Já em relação aos pequenos produtores, estes foram excluídos desse processo de acesso ao crédito, pois não possuíam as garantias exigidas pelos bancos para que pudessem custear a produção de forma moderna, adquirir máquinas e implementos agrícolas.

Conforme Buanaim, Romeiro e Guanzioli (2003), a agricultura familiar é a que menos se beneficiou com os investimentos e créditos oferecidos pelo governo brasileiro e, em quase todas as regiões, os agricultores enfrentaram e ainda enfrentam problemas associados à disponibilidade de capital de giro e recursos para investimentos.

Pelos relatos dos/das jovens rurais e também das pessoas pertencentes à geração de 1980, com o passar dos anos, o número de pessoas vivendo nas comunidades rurais foi diminuindo. Isso também pode ser observado pelos dados das tabelas 3 e 4, apresentadas no terceiro capítulo, sobre a dinâmica populacional rural e urbana de Laranjeiras do Sul a partir da década de 1980 até 2010. Ao que tudo indica, a área rural e os agricultores do nosso município estiveram inseridos dentro desse processo que atingiu o espaço agrário brasileiro.

Muitos pequenos agricultores parecem ter sido excluídos desse processo de modernização agrícola, provocando o aumento da população urbana e a diminuição da população rural. No entanto, se situarmos os entrevistados temporalmente, veremos que os relatos correspondem a processos ocorridos na década de 1990, tal como os dados apresentados nas duas tabelas citadas. Assim podemos inferir que essa dinâmica populacional ocorreu de forma mais intensiva nesse período, pouco mais tarde do que no restante do país.

A diminuição do número de famílias nas comunidades rurais e as mudanças no processo produtivo ocasionado pelo processo de modernização também afetaram os espaços de lazer e diversão, segundo relato dos entrevistados.

De acordo com o jovem P, da comunidade Faxinal Grande, muitas coisas mudaram desde sua infância até agora, conforme relatou no grupo focal:

**P** - (...) a gente sempre participou muito na comunidade... que nem meu pai foi presidente da comunidade, foi presidente de uma escolinha que teve aqui. Tinha muita gente que queria ajudar, no caso, assim. (...) A participação era grande mesmo. Em festas, bailes, tudo que é promoção que era feito dava gente. Como a gente falou antes, tinha um grupo de jovens que era muito grande. Tinha muita família. Eu lembro que o pavilhão era pequeno, de madeira, mas as festas enchia de gente por toda a parte, até debaixo das árvores (risos)! Vinha gente de todo lado. Hoje as festas bem dizer, se não fosse o pessoal da cidade, daria pouca gente.

O jovem MA, da comunidade São Pedro do Interior, também destacou durante o grupo focal de como eram as festas na comunidade:

**MA** – (...) as festas aqui no São Pedro enchia. O campo, como eu falei antes, tinha jogo de futebol a tarde inteira. A cancha de bocha ainda era de areia, mas os mais velhos jogavam sempre, faziam torneio. Eu lembro que meu pai jogava. Eles treinavam todo domingo lá no pavilhão, eu era piá e descia jogar bola. A festa começava de manhã e ia até de noite. E isso não faz muito tempo, faz uns 15 anos que parou tudo. Hoje tá bem diferente.

O jovem AR da comunidade Faxinal Grande relembrou, durante a entrevista individual, de algumas festividades que ocorriam nas comunidades e, hoje, não existem mais:

**AR** - Antigamente tinha e eu até participei de festivais musicais que davam um ânimo para as comunidades... Interfest 99, em 1999! Era um festival de música do interior, que eu participei, que tinha apoio da Rádio Campo Aberto. A gente saía... eu saí daqui do Faxinal e fui até Nova Laranjeiras participar, acompanhar na verdade. Acompanhar os festivais, as eliminatórias. Eram dez eliminatórias feitas em várias comunidades do interior. Por exemplo, no Faxinal Grande sediava a primeira eliminatória. Já o Erval Grande sediou a segunda, lá no Virmond sediou a terceira e depois de tudo isso, das eliminatórias teve a final aonde, digamos, movimentava as comunidades. E era muito interessante porque a gente via que as pessoas se interessavam por isso, e todas as eliminatórias que teve nas comunidades, por mais pequenas que fossem, estavam lotadas de gente para ver o pessoal! Depois das apresentações tinha o baile. Nossa! Aquilo tudo enchia! (...) Antigamente tinha cancha de bocha! Cada comunidade tinha uma e hoje poucas comunidades têm sua cancha de bocha, para o pessoal se reunir para jogar. Futebol, antigamente, se faziam campeonatos entre as comunidades, tinha times femininos, tinha masculino, tinha essa confraria entre as comunidades e hoje já não existe mais! Tenho saudade daquelas confraternizações de fim de ano, quando vinha o Papai Noel na igreja. A piazada ficava faceira que ganhava umas balinhas (risos)! E hoje isso tudo acabou.

O jovem JO, da comunidade Faxinal Grande, durante a entrevista individual também fez um relato sobre os bailes em que participou:

**JO** – (...) sempre tinha baile aqui nas comunidades. Faziam aqueles bailes no fim de ano, era tradicional no Alto São João. A gente se reunia e ia tudo pra lá. Hoje quase não tem mais gente, foi diminuindo e acabou. Até mesmo por uma determinação da igreja Católica. Já tá até quase sendo proibido fazer bailes nas comunidades do interior. Hoje é feito praticamente só em centro comunitário, ou salão particular ou como eu falei, em outras cidades, que daí é feito em ginásios de esporte e tudo não é?!

**C** – E por que a igreja tem proibido de fazer?

**JO** – Não sei te dizer bem certo o motivo. Porque antigamente tinha baile quase todo o final de semana no Faxinal e outros lugar. E de um tempo pra cá, parece que os padres não querem que faça esse tipo de evento nas comunidades.

**C** – Para evitar confusão talvez?

**JO** – Acho que até pode ser isso também. Agora tão querendo proibir as comunidades de vender bebidas nas festas. Aí vai acabar tudo de vez.

Como podemos observar no relato dos rapazes<sup>86</sup>, há algum tempo vem ocorrendo mudanças nos espaços de lazer e diversão nas comunidades rurais onde vivem. De acordo com suas narrativas, as festas nas comunidades tiveram uma redução no número de famílias do campo participando. Isso é justificado talvez pelo êxodo rural, que ocorreu anteriormente. Na fala do jovem P, ele deixou evidente a participação da população urbana nessas festas comunitárias. E de fato isso foi observado, durante nossa participação junto aos jovens rurais dessas duas comunidades. Hoje, muitas famílias da cidade participam das festas nessas duas comunidades e acabam movimentando o lugar.

O jovem MA faz uma consideração importante também sobre a diminuição do número de pessoas da comunidade em dias de festas, sobre os torneios de futebol que não acontecem mais. Isso foi ocasionado ainda, como vimos na outra parte do trabalho, pela redução do número de jovens vivendo nesse lugar, pois muitos saíram para trabalhar e estudar fora. Sobre a cancha de bocha, citada pelo entrevistado como um espaço de lazer para os agricultores, hoje está desativada. Nas comunidades do Rio do Tigre e Faxinal Grande elas existem em uma propriedade particular e na comunidade São Pedro do Interior, ela está desativada e funciona como um local para colocar mesas nos dias de festas para abrigar as pessoas na hora do almoço, tal como observamos nas festas em que participamos.

Os bailes nas comunidades rurais também eram importantes espaços de lazer e diversão para a juventude rural e para a população local. Hoje não acontecem mais estes eventos, tal como já havíamos observado. Os jovens relatam que, além da diminuição no

<sup>86</sup> As falas dos quatro rapazes se tornam importantes, pois todos eles vivenciaram os espaços de lazer e diversão no campo de Laranjeiras do Sul, no final da década de 1990, tendo em vista que estão em uma faixa etária de 28 a 30 anos de idade.

número de pessoas, a igreja tem influenciado fortemente para que esse evento não seja mais realizado. O jovem JO não soube explicar exatamente o porquê dessa proibição, como vimos em sua fala. Fomos buscar a resposta junto a outras pessoas dessas duas comunidades. Em conversas informais com alguns moradores sobre este assunto, alguns afirmaram que, realmente, houve uma influência da igreja católica para que não fossem mais promovidos bailes no pavilhão das comunidades.

Em busca de uma resposta mais “concreta” sobre esse assunto, conversamos com uma senhora da comunidade São Pedro do Interior, que inclusive é uma das lideranças da comunidade, no dia 30 de julho de 2013, quando foi realizada uma festa em honra a São Pedro, quatorze dias após a entrevista com o jovem JO. Conversando informalmente com ela, perguntamos a respeito dessa proibição quanto à realização de bailes no pavilhão das comunidades, tal como havia nos relatado o jovem JO.

Diante disso, ela nos relatou que a alguns anos não são mais realizados bailes na comunidade e nas comunidades vizinhas. Houve um tempo em que esses eventos eram comuns e reuniam muitas pessoas. Mas durante a realização do baile e no término, muitas brigas e desentendimentos começaram a ocorrer entre os participantes. A partir daí, os padres, que são representantes da igreja católica junto à população, proibiram as lideranças comunitárias de autorizar bailes no pavilhão das comunidades. Segundo ela, a igreja Católica considera os eventos realizados na comunidade, como os bailes e festas, um espaço familiar. Com o argumento de evitar confusão e garantir a segurança das pessoas da comunidade, os padres proibiram as comunidades de realizar bailes e aos poucos, esses eventos pararam de ser promovidos.

Sobre a proibição da venda de bebidas alcoólicas nas festas, ela falou que isto é mais recente e, que a Igreja Católica tem cobrado muito das lideranças comunitárias. Quando pedimos qual a justificativa para isso, ela respondeu que é a mesma pela qual os bailes terminaram: evitar desentendimentos e proteger as pessoas que vivem ali, tendo em vista ser um espaço frequentado pelas famílias. Ao questionarmos quais as consequências dessa proibição para a comunidade e, para as festas em si, a senhora mostrou-se preocupada, pois é um dos únicos espaços de lazer ainda disponíveis no campo. O setor de bebidas, segundo ela, é o que gera maior renda nas festas, tendo em vista o custo/benefício da carne do churrasco e os outros alimentos vendidos no evento serem muito baixo. Ela acredita que, se isso de fato ocorrer, ocasionará uma diminuição na participação das famílias nessas festas, tanto do campo como da cidade, pois é um dos únicos momentos em que as pessoas da comunidade podem

encontrar os amigos e beber uma cerveja. Acrescentou ainda, que na pior das hipóteses, poderão ter fim tal como ocorreu com os bailes.

Diante disso, fica claro que existe um controle por parte da Igreja Católica sobre as comunidades rurais, inclusive no que diz respeito aos espaços de lazer e diversão como os bailes e as festas. A atitude dessa instituição tira, de certa forma, a autonomia das pessoas da comunidade que cuidam desse espaço e trabalham em conjunto para manter sua infraestrutura e, ainda, as priva de mais um espaço de lazer e diversão, tendo em vista os poucos espaços que têm à disposição no campo para desenvolverem suas sociabilidades. E mais uma vez, os moradores e a juventude rural ficam prejudicados em meio a esse contexto. Durante as conversas com os moradores sobre esse assunto, notamos uma situação de conflito entre as pessoas que vivem ali e a igreja, pois com as pessoas que conversamos todas discordam dessa situação. Resta esperar para ver até quando as comunidades vão resistir a essa pressão, ou melhor dizendo, imposição e, quais os verdadeiros impactos gerados por isso no futuro.

Durante as entrevistas individuais e a realização dos grupos focais, os/as jovens rurais deixaram clara a insatisfação que possuem em relação aos espaços de lazer e diversão disponíveis para a juventude rural no campo. De acordo com o jovem AL, da comunidade São Pedro do Interior, muita coisa ainda deve ser feita: “(...) *Pelo menos aqui na comunidade não tem mais nada. Pelo menos coisas para o esporte poderia ter. (...) Até alguns anos atrás tinha torneio de futebol pelo menos e agora nem isso não tem mais!*”.

Para os/as jovens da comunidade Rio do Tigre também há necessidade de maior incentivo na questão do lazer, conforme declararam durante o grupo focal:

**D** – Eu acho que tinha que ter mais coisas, porque tem muito pouco. Às vezes na cidade tem muitas coisas que eles nem utilizam lá. Eles poderiam investir mais no campo.

**C** – O que vocês pensam que poderia ser feito aqui?

**CL** – Poderia pelo menos ter bola para gente jogar (risos)!

**J** – Nos campo de futebol falta muita coisa... ajeitar, colocar trave.

**T** – A prefeitura poderia ajudar nesse sentido, porque no Alto Alegre, por exemplo, eles falaram que iam arrumar o campo e até agora nada!

**D** – Tipo, na cidade a gente sabe que tem bem mais opção de coisas pra fazer no final de semana. Mas aqui fica difícil pra ir. Se colocassem um ônibus também ficava bom não é gente?  
(RISOS).

A jovem G, da comunidade Faxinal Grande, durante a entrevista individual, fez a seguinte afirmação: “(...) *falta motivação. Às vezes, que nem ali tem o pavilhão, poderia ter baile, seria interessante para reunir os jovens. Reformar o campo também, ter uma quadra de vôlei para as meninas!*”.

O jovem AR, da comunidade Faxinal Grande também pontuou algumas questões sobre a ausência de espaços de lazer para a juventude que vive no campo, durante a entrevista individual:

**AR** – Poderia ter bem mais opção. Não está bom, poderia ter mais! Principalmente valorizando o jovem mesmo. Poderia ter mais coisas, não só campeonato de futebol. O município poderia incentivar mais a parte cultural. Por que não idear e se fazer um festival regional, como tinha antigamente? (...) Eu que já saí participar em outros CTGs de fora, a gente vê, prefeituras dando total incentivo, apoio até financeiro para que aconteça os rodeios, para que as pessoas participem. Eu queria ir num rodeio que vai ter daqui uns dias em Pato Branco, eu gostaria de ir, mas não vou poder ir. (...) Eles poderiam incentivar a parte musical, artística, fazer uma mostra cultural! E na cidade falta coisa também! Não tem um cinema, um teatro, falta muita coisa. (...) Outro ponto que eu queria... a terceira idade do interior está bastante esquecida. Eles ficam ali no final de semana, na sua casinha, tomando seu chimarrão, onde deveria de existir, digamos assim... algo, alguma iniciativa que valorizasse a Terceira Idade! E o jovem também tá esquecido no meio rural! Eles poderiam investir em alguma coisa, fazer uma política.

Os/as participantes das três comunidades sentem falta de maiores opções de lazer para a juventude rural no campo. Destacaram que muitas coisas poderiam ser feitas para que eles/elas pudessem reunir o grupo de amigos/as no final de semana para se divertir. São poucas as opções disponíveis e as que existem necessitam de melhorias.

Os/as jovens rurais consideram os espaços de lazer e diversão no campo como um espaço importante para o encontro com o grupo de pares. De acordo com Brenner, Dayrell e Carrano (2011, p.177), “nos espaços de lazer, os jovens podem encontrar possibilidades de experimentação de sua individualidade e das múltiplas identidades necessárias ao convívio cidadão nas suas várias esferas de inserção social”. A ausência ou a precariedade desses espaços de lazer pode impedir ou dificultar as diferentes práticas de experiência coletiva junto ao grupo de pares no lugar onde vivem.

Ao fazer uma análise do “perfil da juventude brasileira”, Brenner, Dayrell e Carrano (2011) apontam a baixa participação da juventude brasileira no que diz respeito às atividades culturais no tempo livre e em relação aos espaços de lazer e diversão disponíveis no campo e na cidade para eles/elas. Os autores constataram que quanto menor é o município, menor também é a disponibilidade de equipamentos culturais. Os dados desse estudo também revelaram que os jovens com maior renda familiar e escolaridade têm maior participação em projetos culturais, acesso a equipamentos e espaços destinados ao lazer, o que já não ocorre com os jovens das camadas populares que muitas vezes encontram-se excluídos.

O jovem AR, durante sua fala, destacou a ausência de espaços de lazer não apenas no campo, mas também na cidade, como a inexistência de cinemas ou teatro na cidade de Laranjeiras do Sul. De acordo com os dados apresentados por Brenner, Dayrell e Carrano (2011), os cinemas estão presentes em apenas 19% dos municípios brasileiros e os teatros em

17%. Eles destacam a precariedade da democratização da cultura no Brasil, apontando que 83% da juventude rural brasileira nunca frequentou um teatro.

Outros dados apresentados pelos autores, sobre a juventude brasileira, também são interessantes: 88% dos jovens urbanos e 94% dos jovens rurais nunca participaram de atividades culturais ou esportivas oferecidas pelo poder público ou por ONGs; 56% dos jovens urbanos e 67% dos jovens rurais nunca participaram de shows ou atividades culturais realizadas em praças públicas; 73% dos jovens rurais nunca viram um filme em tela grande; 58% dos jovens urbanos e 63% dos jovens rurais nunca participaram em atividades culturais desenvolvidas pelas escolas nos fins de semana.

De acordo com Brenner, Dayrell e Carrano (2011, p.179),

nas médias e grandes cidades brasileiras, as periferias, os bairros populares, os morros e favelas são verdadeiros desertos de equipamentos culturais; ainda que a média de equipamentos seja elevada, estes se encontram concentrados em centros culturais de difícil acesso físico e simbólico aos setores populares.

Quando comparamos os dados apresentados anteriormente, podemos afirmar que o campo, assim como as cidades médias e grandes, encontra-se em uma situação de precariedade maior ainda no que diz respeito ao acesso e disponibilidade de equipamentos culturais e espaços de lazer disponíveis para a juventude rural, se comparada à juventude urbana.

Ao que tudo indica, não apenas em Laranjeiras do Sul, mas no Brasil como um todo, na cidade e no campo, há uma precariedade de políticas públicas culturais que deem acesso aos jovens rurais e urbanos, a equipamentos culturais, esportivos e a espaços públicos destinados ao lazer.

A falta de acesso aos espaços de lazer e diversão, tanto no campo como na cidade, também foi apontado como um dos motivos que levam a juventude rural a sair do campo em direção à cidade, tal como podemos observar na fala da jovem G, da comunidade Faxinal Grande, durante a entrevista individual:

**G:** (...) O jovem às vezes pensa que na cidade é melhor! Tem mais acesso ao lazer, se quer ir numa sorveteria vai. Tem mais opção de lugar pra ir do que no campo, na cidade todo fim de semana tem uma coisa. As vezes muitos vão para a cidade porque aqui não pega internet, é bem mais complicado. Sei lá, falta mais incentivo. Na cidade já tem o acesso.

A cidade é vista pelos/as jovens rurais como um espaço propício para o acesso aos espaços de lazer e diversão, muitas vezes reduzidos ou até inexistentes no campo. Ela é

concebida como um lugar movimentado, divertido e como um local de acesso aos recursos, equipamentos e espaços destinados a diversão (BRUMER, 2007). Em relação à internet, ela adquire uma importância muito grande para a juventude rural, pois além de constituir-se como um importante meio de informação, ainda propicia a formação de uma rede de amizade e sociabilidade com outros jovens. Mas, de acordo com Brenner, Dayrell e Carrano (2011), ainda existe uma exclusão digital muito grande no Brasil e, faz-se necessária, a criação de políticas públicas que estendam o acesso desse recurso também à juventude rural, muitas vezes distantes do contato com esse instrumento digital.

Além disso, os/as jovens rurais fizeram outros apontamentos importantes sobre as dificuldades que, muitas vezes, alguns deles/as encontram para permanecer no campo. Isso pode ser observado em um trecho da fala do jovem AR e do jovem JO, da comunidade Faxinal Grande, durante o grupo focal:

**AR** – Muitas coisas já mudaram no campo. (...) O acesso à informação hoje é muito maior do que antes. Então a gente tem todas as ferramentas possíveis para ser um bom agricultor hoje! (...) Hoje você tem facilidade para plantar a lavoura, tem os técnicos te auxiliando, não precisa contar com a sorte e com o pouco conhecimento que você tinha. Já tem dias de campo sobre produção de grãos, soja e milho também. (...) Hoje a maioria é mecanizado para produzir, tem palestras sobre maquinários. O que falta muitas vezes é incentivo para o jovem ficar, possibilidade para comprar um pedaço de terra às vezes.

**JO** – Eu concordo que está uma facilidade muito grande. (...) As dificuldades se restringem a alguns créditos rurais por causa do governo. Não pela falta de dinheiro. Dinheiro tem para o nosso país produzir. O problema é que a burocracia é muito grande para conseguir um financiamento. E pro jovem nem se fala! Ninguém consegue financiar uma terra e sem terra como que vai plantar?

A fala da jovem D, durante a entrevista individual vem ao encontro da afirmação desses dois jovens, como podemos verificar abaixo:

**D** – O jovem às vezes vai para a cidade porque ganha melhor, tem um salário, tem carteira assinada. Na agricultura falta incentivo até em... os piá ali queriam... os meus irmãos queriam fazer um financiamento e não sai para eles... para comprar terra, não sai para eles! Então, isso faz com que o jovem procure emprego na cidade, para ganhar bem na cidade. Os pais não têm condição de comprar um pedaço de terra e dar para os filhos sabe? E para manter todos na propriedade é complicado, não tem condições, é pouca terra. Até meu irmão mais velho está trabalhando fora para ter um salário extra para ele também e para ajudar um pouco meus pais. Então, falta incentivo sabe, como que vai comprar terra? Os pais já têm pouca e é caro para comprar, sem financiamento não dá.

Como podemos observar, muitas vezes, existem motivos concretos pelos quais os/as jovens rurais são obrigados a sair do campo e buscar outro meio de sobrevivência na cidade. Apesar deles/as perceberem que muitas mudanças positivas ocorreram no campo no que diz respeito à melhoria das propriedades, informação técnica e a modernização da produção agrícola, na maioria dos casos isso não é suficiente para manter todos no campo.



Como os/as jovens rurais participantes são filhos/as de pequenos produtores familiares, também destacaram a falta de terras como um dos fatores limitantes para a permanência no campo, assim como, a falta de incentivo por parte dos governantes no que diz respeito a políticas públicas de acesso a terra. Como as propriedades são pequenas, não é mais viável fazer o seu parcelamento ou ainda manter todos os membros da família com uma renda suficiente, no caso dos filhos/as constituírem um novo lar. A busca por um emprego urbano, muitas vezes, ocorre como uma obrigação ou como uma maneira de exclusão, tal como também observou Brumer (2007).

A falta de acesso a linhas de crédito e a burocracia das políticas públicas no que diz respeito ao financiamento bancário para a aquisição de terras, também foi citado como uma dificuldade encontrada pelos/as jovens rurais. No Brasil existem dois principais planos nacionais correlatos a políticas públicas de acesso a crédito e para a aquisição de imóveis rurais para a juventude rural: o programa “*Nossa Primeira Terra*”, destinado a compra de imóveis rurais e o programa “*PRONAF<sup>87</sup> Jovem*”, uma linha de crédito destinada à produção agrícola. Estes dois programas foram criados em 2004 pelo Governo Federal Brasileiro.

No entanto, ao fazermos uma rápida análise desses dois programas, vemos que existe uma grande burocracia e uma série de exigências que dificultam o acesso as mesmas, conforme reiterado na fala dos/das jovens rurais. Só para citarmos um exemplo dessa burocracia, a linha de financiamento do governo federal para o *Programa Nossa Primeira Terra* é destinada “a jovens rurais, filhos e filhas de agricultores, estudantes de escolas agrotécnicas e centro familiares de formação por alternância, com idade entre 18 e 29 anos, que queiram viabilizar o próprio projeto de vida no meio rural<sup>88</sup>”.

Uma leitura crítica, apenas desse critério, nos levou a pensar em dois problemas principais que afetam diretamente a juventude rural pesquisada e, sem sombra de dúvida, a maioria dos/das jovens rurais brasileiros. O primeiro deles é a precariedade de acesso ao ensino ofertado pelas escolas agrotécnicas, tendo em vista que em nossa região elas são inexistentes. E o segundo, diz respeito ao recorte etário estabelecido pelo programa para o acesso a linha de crédito. Diante disso, constatamos que o critério etário estabelecido pelos órgãos oficiais busca homogeneizar a juventude rural brasileira, não considerando as

---

<sup>87</sup> PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. Esse programa é de responsabilidade do Governo Federal e foi criado por decreto de Lei em meados de 1996. Desde então vem se consolidando como a mais importante Política Pública voltada para a agricultura familiar, viabilizando o financiamento da produção (custeio e comercialização) e de investimentos produtivos, estimulando a implantação de outras linhas de financiamento voltadas à promoção da sustentabilidade e a geração de renda dos empreendimentos, como o Pronaf Mulher, Pronaf Jovem, Pronaf Agroindústria, Pronaf Eco, Pronaf Floresta, Pronaf Agroecologia e outras. (Disponível em: <http://www.emater.tcche.br/site/area/pronaf.php>. Acesso 18 de dez. 2013).

<sup>88</sup> Disponível em: <http://portal.mda.gov.br/portal/sra/programas/credito/2444653>. Acesso 18 de dez. 2013.

diversidades e especificidades dos/das jovens rurais que vivem em nosso país. Tais características não são consideradas no momento da elaboração das políticas públicas. E assim, ao invés de incluir, acabam por excluir cada vez mais os/as jovens rurais do acesso aos seus direitos.

Além destes dois programas citados, existem outros programas a nível federal, estadual e municipal voltados aos jovens rurais. No entanto, analisar sua abrangência, o acesso a elas por parte da juventude rural, suas falhas e benefícios ultrapassam os objetivos dessa pesquisa. O fato é que a permanência dos/das jovens rurais no campo depende, entre inúmeros fatores, do acesso à terra, tal como apontado nas discussões com a juventude rural dessas três comunidades.

Outro aspecto importante identificado junto à juventude rural pesquisada é a valorização atribuída por eles/elas aos estudos. Muitos dos/das participantes já concluíram o Ensino Médio e outros ainda estão completando os estudos. Entre os/as que já concluíram esse período, alguns/as estão fazendo curso superior ou ainda trabalhando na agricultura.

De acordo com os/as jovens rurais das três comunidades o acesso a educação escolar é fortemente apoiada pelos pais. Isso foi afirmado tanto por aqueles/as que já concluíram o Ensino Médio como pelos/as que ainda estão terminando ou fazendo um curso superior. A juventude rural afirmou que os pais incentivam-na a estudarem para que possam ter melhores perspectivas de futuro, seja no campo ou na cidade. Essa afirmação pode ser observada na fala dos/das jovens rurais da comunidade Rio do Tigre, durante o grupo focal, ao serem questionados sobre o apoio dado pelos pais na questão dos estudos:

**C** - E os pais incentivam vocês a estudar?

**J** - Sim!

**CLE** - Bastante!

**J** - Os pais apoiam bastante.

**C** - Por quê?

**D** - Eles apoiam porque muitos pais não tiveram a chance de estudar, por isso que incentivam mais. Eles querem que eu faça uma faculdade.

**T** - É porque a maioria só estudou até a quarta série. Daí eles incentivam mais nós.

**CLE** - Eles incentivam porque o trabalhado na roça é difícil, sofrido.

**T** - Eles querem que a gente estude para ter um futuro melhor.

A jovem G, da comunidade Faxinal Grande, também relatou durante a entrevista individual que seus pais a apoiam nos estudos: *“(...) eles me apoiam, eu acho que por conta de na infância eles terem que trabalhar, ter parado cedo de estudar, acho que mais é por isso. Eles querem que eu continue para ter um futuro melhor, conseguir um emprego na cidade. Sempre me dão um tempo para estudar”*.

O jovem AR, da comunidade Faxinal Grande, já terminou o Ensino Médio, mas relatou durante a entrevista individual que seus pais sempre o apoiaram nos estudos: “(...) sempre, sempre incentivava a gente não é! Eu tinha preguiça de estudar, mas sempre me apoiaram. Me diziam que era importante estudar, para ter uma formação. Então eu fiz o Ensino Médio, mas daí como minha vontade era de ficar no interior e trabalhar, acabei não fazendo faculdade, mas sempre que dá faço outros cursos voltado para o rural”.

Como podemos verificar na fala dos/das participantes, o estudo é muito valorizado pelos pais, os quais muitas vezes não tiveram oportunidade em dar continuidade à educação escolar na sua juventude. Pelo relato dos/das entrevistados/as, a educação é entendida como uma possibilidade de, no futuro, eles/elas terem uma ocupação bem remunerada e menos penosa que a agricultura. A escola é entendida como um espaço de superação das condições existentes na agricultura, muitas vezes interpretada como um trabalho difícil. O acesso a educação pode proporcionar uma ascensão social – *ser alguém na vida* – o que se traduz, na maioria das vezes, na expectativa de melhorar suas condições sem ser agricultor/a (SILVA, 2008; BRANCO, 2003; CARNEIRO, 1998).

Durante as entrevistas e a realização dos grupos focais nas três comunidades, os/as jovens rurais falaram sobre a vontade existente entre alguns em dar continuidade nos estudos, os motivos que os levaram a continuar estudando e sobre seus projetos de futuros. Enquanto outros nos falaram sobre a vontade de permanecer no campo e concretizar seu projeto de futuro na agricultura.

As jovens, de um modo geral, deixaram clara a intenção em dar continuidade nos estudos e fazer uma faculdade. Isso pode ser observado na fala das jovens rurais da comunidade Rio do Tigre, durante o grupo focal. Todas elas estão fazendo o Ensino Médio e falaram sobre seus projetos de futuro:

**C** – Então vamos por partes. As meninas têm vontade de continuar estudando?

**Meninas** – Sim!

**C** – E o que vocês pretendem fazer?

**T** – Eu vou fazer faculdade. Eu, final do ano vou morar com minha mãe em Joinville. Quero fazer faculdade, fazer matemática.

**D** – Eu depois que terminar, vou morar com minha tia também, vou arrumar um emprego na cidade e também fazer matemática.

**CLE** – Eu quero fazer direito.

**E** – Eu não sei ainda. Mas quero estudar e ir para a cidade.

**M** – Eu tenho vontade de continuar estudando. Acho que também vou fazer faculdade e provavelmente vou para a cidade.

**C** – E vocês pensam em permanecer aqui no campo?

**T** – Pelo curso que nós estamos pensando em fazer, acho que vamos ficar acabando na cidade. Eu posso até voltar, mas para passear, não para morar novamente aqui.

Ficou claro na fala das jovens dessa comunidade, que o projeto de futuro delas está ligado a possibilidade de concluírem o Ensino Médio no Colégio da comunidade, ingressarem em uma universidade para fazer um curso superior, seguido de um emprego urbano e a possível permanência na cidade.

Uma das jovens da comunidade Faxinal Grande já concluiu o Ensino Médio e hoje faz o curso de Pedagogia, ofertado pela Unicentro, em Laranjeiras do Sul. Ela pretende terminar o curso superior, atuar como professora e migrar para a cidade, tal como nos disse durante a entrevista individual: *“(...) provavelmente eu vou acabar saindo, até pela questão de trabalhar, na cidade é mais fácil. Para ficar na propriedade dos meus pais é difícil, eles têm pouca terra. Eu estou estudando porque eu gosto mesmo, sempre gostei e não quero ficar na roça”*.

A jovem ALE, também da comunidade Faxinal Grande, está terminando o Ensino Médio e durante o grupo focal relatou seus planos para o futuro: *“(...) eu estou terminando o Ensino Médio e quero fazer faculdade. Provavelmente vou fazer administração, quero tentar na Unicentro. Se eu passar, vou morar em Guarapuava. (...) Eu estudo por que eu gosto e meus pais até teriam terra, mas acho que eu não gostaria de ficar no interior”*.

A jovem JU da comunidade São Pedro do Interior também está terminando o Ensino Médio. Relatou que vai fazer faculdade no próximo ano e vai deixar a propriedade dos pais. Disse que pretende estudar pelos mesmos motivos apontados acima pelas outras entrevistadas: porque gosta de estudar e os pais possuem pouca terra.

Como podemos analisar, as jovens rurais valorizam o estudo como uma condição para conseguir um trabalho urbano e abandonar a atividade agrícola. Os cursos em nível superior que elas pretendem fazer não estão ligados diretamente à agricultura e, provavelmente, assim que terminarem os estudos não irão mais retornar à propriedade dos pais. As jovens disseram ainda, que pretendem estudar para terem maior autonomia em relação aos pais e conseguirem ter seu próprio dinheiro. Tal como já apontaram Silva (2008) e Carneiro (1998), as jovens procuram estudar mais que os jovens. Um dos motivos que podem influenciar as jovens a dar continuidade aos estudos é a posição que ocupam dentro da propriedade, pois muitas vezes, seu trabalho não é valorizado e elas são estimuladas pelos pais para darem continuidade a formação escolar. A continuidade dos estudos pode representar a elas a conquista de maior autonomia em relação aos pais e a possibilidade de não permanecer na agricultura.

A jovem AN, da comunidade São Pedro do Interior, assim como as demais jovens, também ressaltou durante o grupo focal o desejo de dar continuidade aos estudos: “(...) *eu gostaria de ter continuado estudar depois que acabei o Ensino Médio no Gildo. Eu parei mesmo por falta de transporte. Teria que ir morar para a cidade com alguém ou mesmo sozinha, aí meus pais não quiseram. Assim que der quero voltar, pretendo fazer faculdade mas ainda não sei do que*”. No caso dessa jovem, a continuidade dos estudos e a realização do seu projeto de futuro ficaram limitadas às condições de acesso a universidade. Em sua fala deixou evidente a falta de transporte como um dos empecilhos para sua efetivação.

No entanto, alguns rapazes ainda não sabem o que vão fazer ao concluir os estudos, tal como observamos na fala dos jovens da comunidade Rio do Tigre, durante a realização do grupo focal:

**C** – E vocês meninos, pretendem continuar estudando?

**J** – Sim. Eu vou estudar e quero fazer um curso para trabalhar como segurança. Se der certo, vou morar com meu tio e depois eu quero voltar, porque gosto daqui.

**O** – Eu não pensei ainda. Mas sei que não vou estudar.

**J** – Não sei, estou pensando. Talvez eu fique aqui ou vou na cidade arrumar um emprego.

**CL** – Eu já sei! Quero fazer um curso de mecânica, trator. Eu quero aprender para não precisar pagar outros para fazer esse serviço. Quero ficar aqui no Tigre, porque na cidade não tem o que fazer.

Na fala desses jovens fica claro uma situação de ambiguidade em relação aos seus projetos de futuro (CARNEIRO, 1998; GAVIRIA e MENASCHE, 2006). Ela se expressa, por um lado na vontade de investir na educação fora da comunidade, na cidade, tal como apontou a fala do jovem J, e por outro lado, na vontade em permanecer no campo e desempenhar atividades voltadas para a agricultura. Alguns jovens ainda não sabem o que vão fazer assim que concluírem o Ensino Médio. O projeto de futuro desses jovens está ligado ao campo de possibilidades que tem à disposição no lugar onde vivem (CARNEIRO, 1998). Este pode se efetivar no campo, dando continuidade ao trabalho dos pais na propriedade, ou em uma possível migração para a cidade e a inserção em um emprego urbano.

No entanto, alguns jovens que participaram da pesquisa já têm definido, de certa forma, seus projetos de futuro e assim como as jovens, também está ligado a continuidade dos estudos, como podemos observar no trecho de algumas entrevistas.

O jovem EL, da comunidade Rio do Tigre já concluiu o Ensino Médio no colégio da comunidade e também deixou evidente a vontade em continuar os estudos, durante a entrevista individual:

**C** - E agora que você já concluiu o Ensino Médio, o que você pretende fazer?

**EL** – É eu vou fazer o ENEM [Exame Nacional do Ensino Médio] e o vestibular esse ano. Vou começar um curso técnico. Acho que é agora em julho que vai começar, mas pretendo continuar a estudar.

**C** – Você já pensou qual curso pretende fazer?

**EL** – Não, ainda não decidi. Mas pela Federal [se refere a Universidade Federal da Fronteira Sul], se eu passasse na Federal eu iria tentar agronomia. Daí pela Unicentro eu ainda não vi os cursos, não escolhi para Guarapuava a noite.

**C** – Qual Curso técnico você vai fazer?

**EL** – Vou Fazer na FAI [Faculdades Alto Iguaçu]. É sobre parte elétrica de carros. Sobre som, vidro, trava elétrica, esse tipo de coisa.

**C** – E teus pais apoiam você nos estudos?

**EL** – Ah sim! Eles querem que eu vá estudar. E se eu for estudar eu vou sair. Vou morar na cidade, fica mais fácil para estudar e tudo.

**C** – E se você tivesse condição, se teu pai tivesse condição de comprar um pedaço de terra, você ficaria?

**EL** – Não! Eu pretendo estudar. Acho que tem mais futuro estudando do que trabalhando na roça. Eu vou por vontade própria!

**C** – Se fosse você para permanecer, teu pai teria terra para você permanecer?

**EL** – O meu pai já... tipo... me deu opção de escolha: se eu quisesse permanecer aqui ou se eu quisesse morar na cidade. Aí se eu permanecesse aqui ele ajudava a comprar um pedaço de terra ou me dava uma casa na cidade. E eu estou optando por ir morar na cidade.

A fala do jovem AB, da comunidade Faxinal Grande durante o grupo focal, também deixou evidente dois aspectos apontados no trecho da entrevista do jovem EL, da comunidade Rio do Tigre, sobre a continuidade dos estudos, como analisaremos em seguida:

**AB** – Eu estou fazendo engenharia civil. Eu provavelmente vou acabar saindo. Eu gosto do interior, gosto de trabalhar no interior, até poderia dar continuidade mas, com certeza, se eu chegar a me formar, eu vou atuar no que eu for me formar, trabalhar fora. Talvez eu possa até trabalhar no interior em chácara, sítio, mas não com o objetivo de produção de viver daquilo. Se eu voltar vai ser mais no final de semana, feriado.

**C** – E por que você resolveu continuar estudando?

**AB** – No meu caso acho que foi mais por vontade própria mesmo. Se fosse para ficar teria como. Teria condições na terra do meu pai. Mas aí a gente teria que progredir, aumentar a produtividade. (...) Inovar e buscar novas tecnologias principalmente na produção de leite e na agricultura. Mas sobreviveria sim da agricultura. Eu fui porque eu quis.

Como podemos observar na fala dos dois jovens, ambos pretendem e estão dando continuidade aos estudos. Os motivos pelos quais estão dando seguimento ao estudo não estão ligados diretamente aos fatores apresentados pela literatura (BRUMER, 2007; CARNEIRO, 1998; CASTRO, 2005) até então, de que os/as jovens rurais migram para a cidade em busca de trabalho e educação porque não têm condição material, social e cultural para permanecer na propriedade. Nos casos citados acima, a efetivação de um projeto de futuro fora da propriedade está ligado a um anseio individual e a saída da propriedade não representa a presença de uma família descapitalizada no campo, tal como observado por Redin (2012) ao pesquisar a juventude rural pertencente à agricultura familiar, em uma localidade rural de uma cidade do Rio Grande do Sul. De acordo com os jovens rurais, eles teriam condições de permanecer e trabalhar na agricultura se assim quisessem, pois como bem afirmaram, o trabalho na propriedade geraria renda o suficiente para sua permanência na agricultura. No

entanto, por vontade própria, resolveram dedicar-se aos estudos e traçar um projeto de futuro diferente daquilo que teriam possibilidades no campo.

Em outros casos, diferente dos citados até então, os/as jovens rurais saem da propriedade em busca de estudos e empregos urbanos por vontade própria e aliados a necessidade de buscar outras alternativas, pois na propriedade não há possibilidade de permanência de todos/as os/as filhos/as como podemos observar no trecho das entrevistas abaixo, primeiramente com o jovem AL da comunidade São Pedro do Interior:

**C** – Você falou para mim que está estudando? O que é que você está fazendo?

**AL** – Eu faço Agronomia na UFFS, estou no 4º ano.

**C** – E por que você está fazendo faculdade?

**AL** – Por vontade própria, porque eu sempre quis estudar e o fator de meu pai ter pouca terra, foi mais um fator agravante para eu ter que estudar.

**C** – Você tem mais irmãos?

**AL** – Uma irmã.

**C** – E ela vai continuar morando aqui com eles?

**AL** – Provavelmente sim. Ela casou e já está aqui com eles. Até por isso eu pretendo sair. Porque repartir o pedaço de terra para os dois no futuro fica difícil. Então eu vou sair estudar e tentar um concurso público na minha área.

E posteriormente com a jovem D, da comunidade São Pedro do Interior:

**C** – Você está estudando?

**D** – Eu já terminei o Ensino Médio não é! Eu estou fazendo um curso do Projovem na área da saúde<sup>89</sup>.

**C** – E aonde você faz esse curso?

**D** – Estou fazendo na cidade, numa escola. Ele tem duração de 6 meses. Eu faço nas terças, quintas e sextas feiras.

**C** – E você pretende fazer o que depois que terminar?

**D** – Até no final do curso ali, os trinta por cento melhor vão sair com trabalho não é! E quem não sair pode deixar os currículos aonde quer e eu pensei em achar um serviço na cidade.

**C** – Por que você quer trabalhar fora?

**D** – Eu sempre gostei de estudar, a área da saúde é uma coisa que eu gosto. Se eu arrumar um emprego posso ir para a cidade, ter meu dinheiro.

**C** – E você pretende fazer o que no teu futuro?

**D** – Eu gosto de morar no campo! Eu até tenho sonho de ter terra, vaca para vender leite depois e tudo. Eu pretendo ficar no interior. Mas não sei se eu vou ter condição para isso! Por isso que eu já estou estudando, depois, mais tarde ter um serviço na cidade, para juntar dinheiro para depois comprar um pedaço de terra, por que no campo trabalhando está difícil. Eu tenho meus dois irmãos e os dois querem ficar. Terra pra todo mundo não tem e eles não gostam de estudar. Ainda bem que eu gosto, aí tem outra alternativa não é? (risos).

Nesses relatos podemos observar que os dois participantes possuem expectativas e ambições próprias, ligadas a continuidade dos estudos, conquista de um emprego urbano e a possibilidade de conseguir independência da família, ao mesmo tempo em que esse desejo é impulsionado pelas condições econômicas e familiares em que estão inseridos, pois como

<sup>89</sup> Esse curso foi ofertado em uma parceria entre a prefeitura municipal de Laranjeiras do Sul e o Governo Federal. Foram oferecidos cursos de especialização nas áreas de administração, saúde, construção e reparos, gráfica, beleza e estética e telemática.

relataram não há como todos os membros da família permanecerem na propriedade. Do mesmo modo em que existem limitações estruturais no campo, existem indivíduos, como esses dois participantes, que possuem sonhos, desejos e perspectivas de futuro fora do meio rural.

Durante a pesquisa nas três comunidades também encontramos jovens que pretendem permanecer no campo, por diversos fatores. Na comunidade São Pedro do Interior o jovem IV e o jovem MA, durante o grupo focal, deixaram evidentes a intenção de permanecer na atividade agrícola:

**C** – MA e IV, vocês disseram que pararam de estudar, porque não quiseram mais e pretendem ficar no campo. Quais motivos levam vocês dois a permanecer?

**MA** - Mas faça uma conta: se todo mundo sair e trabalhar na cidade, quem vai sustentar eles daí?

**C**- E vocês gostam de trabalhar na agricultura?

**IV**- Sim!

**MA** - É melhor, ninguém manda na gente! Não tem ninguém para ficar pegando no pé!

**IV** - Eu faço meu horário! Não tem patrão, não tem horário. Eu mesmo faço meus horários. E por um lado a remuneração não é... se for comparar com o do campo hoje, se você tiver 10 vacas de leite você está ganhando quase mesma coisa que um empregado na cidade. Então o custo benefício se torna quase igual. No caso a maior dificuldade é o acesso a terra. É difícil para comprar. Porque se for ver de renda, fumo, vaca de leite ou um pedaço de soja dá para se manter bem na agricultura hoje. Dá mais do que muito assalariado! Hoje você vê que nas propriedades quase todo mundo tem carro, trator, uns tem até trator novo, casa, computador com internet e tudo. Já mudou bastante da época dos nossos pais até hoje. Vale a pena continuar! É que nem eu falei, o mais difícil é comprar a terra, mas eu não perco a esperança de conseguir.

Os dois jovens afirmaram querer permanecer no campo e dar continuidade ao trabalho e as atividades desenvolvidas na propriedade. Apesar de perceberem as dificuldades encontradas para a aquisição de um pedaço de terra para trabalhar, veem o campo por uma ótica positiva. Querem permanecer porque gostam do trabalho na agricultura e acreditam que a agricultura lhes dá suporte de renda muito maior do que muitas vezes os trabalhadores encontram na cidade.

O jovem P, da comunidade Faxinal Grande, também relatou durante o grupo focal o desejo em permanecer no campo. Segundo ele, quando terminou o Ensino Médio na cidade, fez vestibular para o curso de Pedagogia da Unicentro e foi aprovado, mas como o curso não estava ligado ao rural, resolveu não cursar. Hoje seus planos de futuro estão ligados ao rural:

**P** - “(...) Eu quero permanecer sim. Lá no sítio eu e meu irmão plantamos fumo, temos vaca de leite, serviço não falta! Eu acho lá bem sossegado e dá pra viver bem. Eu gosto de estudar e tenho vontade de fazer cursos técnicos ou mesmo uma faculdade nessa área, me especializar. Se um dia eu tiver uma oportunidade eu quero fazer, mas quero ficar na roça, trabalhando. É o que eu gosto!. (...) Embora a gente não tenha incentivo do governo para ficar aqui ou conseguir, ter um pouco mais de terra... a gente mora no interior aqui, mas é pequena propriedade. A gente não tem aquela terra para investir e tal, para pensar assim: “eu tenho que pegar meu trator para plantar a minha terra e tal”. As propriedades são pequenas e a gente não consegue crescer mais do que isso, por falta mesmo de incentivo. O pessoal, o governo mesmo poderia ajudar... “oh, você quer comprar terra, então a gente



vai te ajudar!?. Não tem isso! Mas mesmo assim é bom de viver aqui. O que a gente tem dá para se sustentar então... não dá para reclamar muito não.

O jovem AR, da comunidade Faxinal Grande, durante a entrevista individual também destacou o seu interesse em permanecer:

**AR** - Eu quero ficar na roça, sim. A agricultura é uma coisa que eu gosto muito! Eu nasci na agricultura e pretendo ficar, então não pretendo fazer cursos ou faculdade fora da agricultura. Eu quero cursos assim... até cursos técnicos ou até uma faculdade de agronomia que eu possa fazer, mas para trabalhar aqui na agricultura.

**C** - Então você não tem intenção de trabalhar fora da propriedade?

**AR** - Não, não tenho. (...) Digamos... o meu trabalho é muito, é muito assim... para mim é uma coisa assim, muito bonita! Porque eu levo a comida para o jovem lá na cidade. Então para mim, é muito bom morar no interior! Porque eu tenho uma participação direta no desenvolvimento do município e por consequência do desenvolvimento estadual e nacional porque não, não é! As vezes eu penso assim, muitas vezes o jovem não fica por que é difícil conseguir terra, comprar um terreninho. Eu tenho certeza que se tivesse uma política boa isso não estava acontecendo.

Os dois jovens afirmaram querer permanecer no campo, pois gostam do campo e do trabalho que desenvolvem dentro da propriedade. Diferente dos relatos anteriores, esses dois participantes destacaram a importância do acesso a cursos técnicos ou universitários voltados para a área rural. A permanência deles no campo não está desvinculada de em um futuro dar continuidade aos estudos ligados a realidade em que vivem. Além do acesso a terras, destacaram como importantes, a criação de políticas voltadas para cursos profissionalizantes para a juventude rural.

O jovem JO, da comunidade Faxinal Grande, também reiterou durante a entrevista individual, o desejo de dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos na propriedade rural.

**JO** – Eu pretendo continuar no campo. A gente já tem esse propósito. (...) Eu sempre gostei de trabalhar no campo e até hoje eu nunca pensei em sair ou trabalhar fora. (...) No meu caso eu fiz até o Ensino Médio e graças a Deus, até eu terminar o Ensino Médio meu pai nunca precisou ir lá na secretaria para ouvir reclamação e tudo, nunca tirei nota vermelha, nada. A gente ia bem nos estudos. Oportunidade para continuar estudando não faltou! Até bolsa ofereceram pra mim para continuar estudando. Mas eu preferi ficar na roça. Então o meu desejo é continuar na produção que nós estamos, milho, soja, leite e seria isso. Eu gosto do que eu faço lá, é um serviço um pouco mais pesado, um pouco mais... tem que estar trabalhando no sol, mas é o que eu gosto de fazer!

Como podemos observar na fala dos cinco rapazes, o projeto de futuro de todos eles está ligada à possibilidade oferecida na propriedade rural para sua permanência. Os motivos que os levam a querer permanecer, por vezes, tornam-se semelhantes. Como o fato de gostarem daquilo que fazem e acreditarem que no campo existe a possibilidade de continuar trabalhando na agricultura, apesar de todas as dificuldades encontradas e a falta de políticas públicas que lhes dê suporte para ficar. Diferente do que encontramos entre as jovens

participantes, em que uma delas afirmou querer permanecer no campo, entre os jovens esse número é maior.

Os/as jovens rurais das três comunidades também elaboraram diferentes visões sobre o campo e a cidade. O campo é entendido por eles/elas como um lugar tranquilo, sossegado, sem patrão para comandar o serviço e, em outros momentos, é visto pela ótica da negatividade, como um espaço difícil de viver, onde o trabalho na lavoura é penoso e pesado, muitas vezes, depende das condições climáticas, faltam incentivos financeiros e com poucos espaços voltados ao lazer. Já a cidade, pelos pontos positivos é um lugar que oferece trabalho, estudo, lazer, mas ao mesmo tempo não lhes permite a liberdade como no campo.

Carneiro (1998) ressalta que a migração dos/das jovens rurais para a cidade os expõe em contato com um sistema variado de valores, que são incorporados ou negados, atuando tanto no sentido de dar apoio aos laços identitários como a cultura original, quanto no sentido de negá-la. Nesse aspecto, podemos ampliar tal discussão até os/as jovens que estão no campo. Além disso, o fato de estar articulado por meio de um grupo de amigos urbanos, na escola e nos espaços de lazer, ou vivenciar a cidade com seu grupo de pares do campo, já lhes possibilita identificar diferenças e semelhanças entre esses dois espaços e, a partir daí elaborar suas identidades individuais e coletivas e seus projetos de futuro.

Outro discurso recorrente na literatura diz respeito à questão da influência da escola urbana e a relação estabelecida entre a juventude rural com outros/as jovens urbanos/as (SILVA, 2008; CARNEIRO, 1998; GAVIRIA e MENASCHE, 2006; entre outros). Os autores/as defendem que esse contato proporcionado pela escola, pelo grupo de pares ou o contato diário com a cidade e nos momentos de lazer nos fins de semana, coloca os/as jovens rurais a frente de um novo conjunto de símbolos e uma nova cultura, o que resulta na constituição de um novo sistema cultural e a formulação de novas identidades sociais, bem como, atingem diretamente os projetos individuais do/da jovem rural.

Essa afirmação deve ser analisada com muita cautela para não ocorrer generalizações. O primeiro ponto a destacar, é que de fato, a relação da juventude rural com a juventude urbana e com a cidade, influencia na construção de suas identidades individuais e coletivas. No entanto, em relação à construção dos seus projetos de futuro nem sempre isso ocorre.

Tal hipótese pode ser justificada ao fazermos uma análise dos dados apresentados até o momento. Os/as jovens rurais da comunidade Rio do Tigre estudam em um colégio da comunidade, no campo e, não estão no trânsito diário entre o lugar onde vivem e a cidade,

assim como, não possuem uma rede de amizade constituída por jovens urbanos/as como vimos na outra parte desse trabalho. Apesar disso, todas as jovens rurais e alguns jovens afirmaram querer vir para a cidade na intenção de trabalhar e estudar, sem muitas possibilidades de retornarem à comunidade onde vivem atualmente, no futuro. Por outro lado, os jovens AR e P, da comunidade Faxinal Grande, afirmaram na outra discussão apresentada, possuir grupos de amigos constituídos para além da comunidade, com outros jovens urbanos. No entanto, os dois afirmaram querer permanecer no campo e dar continuidade ao trabalho na agricultura.

O que estamos querendo dizer com isso? No primeiro caso, significa que não é porque os/as jovens rurais não estão articulados a grupo de amigos/as na cidade, ou porque não vão para a cidade diariamente para estudar ou mesmo para frequentar os espaços de lazer urbanos, que seus projetos estão ou devam estar diretamente ligados ao campo. Assim como a situação contrária. Não é porque os dois jovens possuem amizade com jovens urbanos/as, que os seus projetos de futuro devam estar pautados no urbano. Ou seja, a juventude rural elabora seus projetos de futuro com base em anseios individuais e pautados naquilo que têm a sua disposição no lugar onde vivem, ligados à ordem econômica, financeira, cultural e social. A relação com a juventude urbana influencia nas suas identidades individuais e coletivas, mas nem sempre o mesmo ocorre quando analisamos os projetos de futuro. Ademais, a discussão sobre os fatores que influenciam na tomada de decisão da juventude rural sobre sair ou ficar no campo, por si só remetem a realização de uma outra pesquisa, o que ultrapassa os limites desse trabalho.

Em relação ao ideal de vida “rururbano”, apresentado por Carneiro (1998), no qual a juventude rural passaria a elaborar seus projetos de futuro e trabalho a partir das novas alternativas que estão surgindo no campo, tais como o turismo rural, hotéis fazendas e pesquepagues etc., este deve ser relativizado no caso da juventude rural pesquisada, ou seja, os elementos do que se tem chamado “novo rural” não estão postos, ainda, em Laranjeiras do Sul.

Na realidade que Carneiro (1998) estudou estava presente a possibilidade da juventude rural estudar fora e retornar para o campo após concluir os estudos, sem necessariamente trabalhar na agricultura como seus pais e sim, desenvolver novas atividades não agrícolas. No entanto, para a juventude rural dessas três comunidades, a realidade é outra. Se os/as jovens rurais optarem por permanecer no campo, não possuem outra possibilidade senão trabalhar na agricultura como seus pais. Dessa forma, o que aparece para eles/elas como

campo de possibilidades, para seus projetos de futuro, é o emprego urbano e, quando possível, continuar os estudos cursando uma universidade. Ou a permanência no campo, na condição de agricultores/as, tal como desejam os jovens AR, P e JO da comunidade Faxinal Grande e os jovens IV e MA da comunidade São Pedro do Interior.

Para finalizar vale a pena citar, algumas considerações traçadas pelos/as jovens rurais, da comunidade Faxinal Grande, durante o grupo focal, sobre as percepções que possuem sobre sua condição/situação juvenil enquanto jovens que vivem no campo:

**C** - Agora a última questão para terminar o diálogo: Como vocês se percebem enquanto jovem rural? O que vocês pensam a respeito “ah eu sou um jovem rural e agora”?

**AR** - Ah... eu me vejo capaz! Eu me vejo, digamos assim, numa estrada com várias opções! Mais com o rural. Me vejo um rapaz assim, que eu posso fazer qualquer coisa, mesmo estando no campo, porque oportunidade tem para a gente fazer! Questão de estudo, oportunidade. Laranjeiras não é tão longe daqui. Mas eu me vejo feliz, contente com o que eu faço, com quem eu sou e é isso aí! Eu me vejo um cara positivo! Pé no chão e bola para frente! E acredito que eu posso melhorar muito mais do que já melhoramos a nossa propriedade, tanto em produtividade... Enfim, tem várias oportunidades, vários leques! Eu vejo isso e sei que tenho capacidade, tem jeito de viver muito melhor, muito tranquilo em todos os aspectos.

**ALE** - Hoje em dia o jovem do interior já não é mais visto como caipira! Ele está bem mais evoluído e é tratado normal. A gente consegue fazer e acompanhar como alguém da cidade.

**G** - Os jovens rurais têm interesse, tem vontade própria de querer continuar aqui ou mesmo estudando. Nós enquanto jovens rurais, temos as nossas necessidades como qualquer outro, como os meninos colocaram. Hoje o jovem não fica mais só aqui, limitado, pode ir mais para a cidade. O jovem tem suas opções.

**AB** - É bem isso. Ele tem mais opção hoje. Para sair, se ele não quiser ficar no meio rural, ele está tendo mais opção. Eu assim, me vejo ainda, como um jovem ativo na propriedade rural. Trabalho, ajudo os meus pais, ajudo em tudo assim, na agricultura. Por mais que eu esteja estudando, que eu esteja procurando, buscando outro caminho, outra opção, ainda eu estou ativo. Mesmo tendo ligação, até muito mais ligação com a cidade, a gente não perde a identidade, a raiz do que é próprio do jovem rural.

**AR** - Eu, de alguma forma queria poder ajudar, para que outros jovens também tenham essa perspectiva! Também queiram ficar dentro da agricultura produzindo neh! O que vai acontecer daqui uns anos? Quem vai produzir o feijão, milho e a soja, vai ser o avô e a avó, porque o jovem não vai ficar no campo! Então, digamos, a mão de obra vai ficar escassa, vai diminuir o percentual de juventude na agricultura e como consequência o êxodo vai ser maior ainda. Então tem que se fazer alguma coisa! Tem que se buscar alternativas, tem que debater, eu acho assim! Só assim vamos conseguir chamar a atenção para que realmente os políticos olhem para o jovem do campo.

Os/as jovens rurais percebem que possuem hoje uma diversidade de opções, no que diz respeito aos seus projetos de futuro na propriedade ou fora dela. A ampliação desse campo de possibilidades também exige uma nova percepção do que é ser jovem rural em meio a todas as transformações que vêm ocorrendo na sociedade e no espaço rural, tanto no que diz respeito ao processo produtivo quanto em suas relações políticas, sociais, econômicas e culturais. O entendimento dessa categoria social perpassa as compreensões sobre seus processos de socialização no rol familiar e educacional; vai além de entender quais os motivos estruturais que os (as) levam a migrar. Para entendê-los/as faz-se necessário apreender suas especificidades enquanto sujeitos sociais que possuem demandas próprias, diferentes anseios e visões de mundo.

E longe de constituírem-se como sujeitos passivos, cada vez mais configuram-se como sujeitos ativos, em busca de uma transformação para aquilo que desejam em relação a continuidade da agricultura familiar. Muito distante de ser um todo homogêneo, cada vez os/as jovens rurais caracterizam-se como uma diversidade de indivíduos que precisam ser ouvidos e compreendidos pela sociedade e pelas políticas públicas governamentais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre juventude rural, enquanto categoria social são recentes em diversas áreas, inclusive na ciência geográfica. Na tentativa de trazer alguma contribuição com possibilidade de auxiliar no entendimento desses sujeitos, é que propomos esta discussão.

Nesse sentido, lançamos uma tentativa de entender quais foram as transformações ocorridas nos espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural de Laranjeiras do sul desde a década de 1980 até hoje. Desse modo, buscamos identificar quais os fatores que contribuíram para esse processo e como estes influenciaram nas redes de sociabilidade desses sujeitos, nas suas territorialidades e na constituição das suas identidades enquanto jovens rurais.

Fomos investigar, primeiramente, quais os espaços de lazer e sociabilidade disponíveis para a juventude rural da geração de 1980. A partir do trabalho com a história oral, por meio da técnica de entrevistas, com as pessoas que vivenciaram sua juventude nessa época, ficou evidente que as festas, os bailes nas comunidades rurais, os torneios de futebol, as matinês nos domingos à tarde, as jantãs de brodo realizadas nas residências e os bailes entre os vizinhos durante a semana, configuraram-se como importantes espaços de sociabilidade e diversão para os/as jovens rurais que viviam nessas comunidades.

Apesar de não serem espaços de sociabilidade especificamente juvenis, pois sempre estavam sob o controle dos pais, principalmente, as jovens, eram os momentos disponíveis para eles/elas conviverem com seus grupos de pares. Eram momentos animados pelas próprias pessoas do lugar, com gaita e violão, assim como os bailes realizados no pavilhão das comunidades. Os finais de semana nas comunidades eram sempre movimentados, quando não havia festas ou bailes, a juventude rural se reunia para conversar, dançar ou mesmo jogar bola. A igreja era o ponto de encontro para eles/elas.

Em um segundo momento, por meio da Observação Participante, das entrevistas individuais e dos grupos focais, entramos em contato com a juventude rural pertencente à geração atual com o objetivo de investigar quais os espaços de lazer e diversão que frequentam hoje, seja no campo ou na cidade.

Na comunidade Rio do Tigre, apesar de uma redução, ainda ocorrem bailes no pavilhão da comunidade e nas comunidades vizinhas. Já nas comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande, esses eventos são praticamente inexistentes e se reduzem a algumas jantãs realizadas à noite, quando posteriormente ocorre a dança. Sobre as partidas de futebol e torneios que movimentavam as comunidades na década de 1980, época na qual havia disputas

entre times femininos e masculinos, hoje está presente, mas com menor expressão, somente na comunidade Rio do Tigre e ao entorno, apesar da pouca estrutura dos campos de futebol. Nas outras duas comunidades, os jogos raras vezes acontecem no campo da comunidade Faxinal Grande e os torneios não são mais promovidos. Os campos destinados a prática esportiva se resumem, em relação ao uso, a estacionamento de carros em dias de festa.

Os encontros nas comunidades, nos domingos à tarde, com matinês entre a juventude rural e as pessoas do lugar, eram rotina na vida dos/as jovens rurais da geração de 1980. Hoje, não ocorrem mais. Os/as jovens rurais da comunidade Rio do Tigre, vez ou outra, se reúnem somente para jogar futebol. Durante a semana, os espaços de lazer oferecidos no campo, como os encontros entre as famílias para as jantãs de brodo e bailes, também não são mais realizados.

Como vimos, aconteceram alterações significativas nos espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural, inclusive com uma redução significativa desses espaços na área rural de Laranjeiras do Sul, ao compararmos as duas gerações estudadas a respeito daquilo que tinham e o que têm atualmente à disposição. Resta saber, quais os fatores contribuintes ou responsáveis para tais mudanças.

Com base nos resultados apresentados, podemos tecer algumas considerações e pontuar algumas transformações de ordem econômica e social, atreladas entre si e, por isso, com difícil delimitação, que afetaram diretamente nas mudanças encontradas nos espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural de Laranjeiras do Sul, com o passar do tempo:

- *Modernização da agricultura*: expropriou os pequenos proprietários que viviam nas comunidades, causando a diminuição no número de famílias e, por consequência, reduziu o número de jovens. A partir disso, houve redução no número de pessoas participando nas atividades desenvolvidas na comunidade;

- *Mudanças nos espaços de lazer durante a semana*: desagregação dos laços de vizinhança, ocasionados principalmente pelo fortalecimento das relações capitalistas no campo, introduzindo novas formas de produção e de trabalho, ocupando o tempo livre. Além disso, após o incremento da energia elétrica, ocorreu a dinamização dos meios de comunicação, em especial por meio da televisão. Esta, por sua vez, passou a ocupar o tempo antes destinado as relações de vizinhança.

A princípio, tais fatores contribuíram para as alterações nos espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural. No entanto, ainda existem outros fatores que serão apresentados à frente.

Já em relação ao grupo de pares, observamos mudanças significativas. A juventude rural pertencente à geração de 1980 possuía grupo de amizades formados por irmãos/ãs, primos/as e vizinhos/as. No entanto, havia uma diferenciação de gênero entre os grupos, pois os rapazes não se misturavam com as moças. Os rapazes geralmente frequentavam os espaços de lazer acompanhados do seu grupo de amigos, o que para as moças era difícil de ocorrer. Estas sempre estavam acompanhadas dos pais ou de algum responsável, podendo este ser um conhecido da família ou um irmão, via de regra, mais velho.

Os espaços de lazer e diversão frequentados por eles/elas no campo, não eram especificamente juvenis e, o único espaço disponível para vivenciar práticas de sociabilidade e vivências com outros/as jovens eram os grupos de jovens, existentes nas comunidades, formados em torno da religião. Tanto os rapazes como as moças tinham horário de retorno preestabelecido pelos pais.

Os jovens, grosso modo, tinham maior autonomia em relação aos espaços de lazer que frequentavam. A esses lugares iam a pé, de bicicleta ou de carro. Assim, participavam de torneios, bailes e festas nas comunidades vizinhas da comunidade onde viviam ou na própria. No entanto, os jovens dessa época também frequentavam, acompanhados do seu grupo de pares formados na comunidade, alguns espaços de lazer no espaço urbano de Laranjeiras do Sul.

Participavam de bailes no CTG, Clube Operário, Clube Pinheiros e no salão conhecido como “Dama de Ouro”. Ainda, assistiam a jogos de futebol no campo do time do Comercial, iam a rodeios, frequentavam as lanchonetes e sorveterias no centro da cidade, os bailes de carnaval e também a discoteca. Apesar de não fazerem isso com tanta frequência, puderam vivenciar espaços de sociabilidade especificamente juvenis, longe do controle dos pais e em um contexto diferente daquele encontrado no campo. As jovens, como não podiam frequentar esses espaços de lazer, ficavam mais restritas ao campo. Em alguns momentos que iam até os espaços de lazer urbanos, o faziam acompanhadas dos pais. Apesar disso, os rapazes não tinham articulação com os jovens urbanos.

Os/as jovens rurais pertencentes à geração atual também possuem grupos de amigos/as formados na comunidade. No entanto, não existe mais uma divisão de gênero. Os grupos são formados por moças e rapazes, que possuem grau de parentesco ou de vizinhança. As jovens da comunidade Rio do Tigre dificilmente saem de casa sozinhas com seu grupo de amigas/os, geralmente vão a festas e bailes acompanhadas dos pais. Os rapazes, por sua vez, circulam em vários espaços de lazer na comunidade e nas comunidades vizinhas. Já a



juventude rural das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande parece ter conseguido uma maior autonomia em relação ao controle dos pais no que diz respeito à circulação nos espaços de lazer e sociabilidade. Nos bailes, geralmente, os rapazes e as moças vão acompanhados/as do grupo de pares e sem a presença dos pais. Assim como os rapazes da comunidade Rio do Tigre, eles/elas não têm horário estipulado para retornarem, característica que os difere da juventude rural pertencente à geração de 1980.

Em relação à frequência nos espaços de lazer urbanos, a juventude rural tem maior possibilidade de frequentá-los se comparado aos jovens rurais da geração de 1980. No entanto, existem diferenças entre a juventude rural atual das três comunidades. Os jovens da comunidade Rio do Tigre vão para a cidade nos finais de semana, mas com pouca frequência, devido a falta de transporte e, principalmente, em função da distância da comunidade até a área central da cidade. Já as jovens, dificilmente frequentam esses espaços com o grupo de amigas da comunidade. Além dos dois fatores citados, ainda não possuem liberdade dos pais para frequentar tais espaços acompanhadas do grupo de amigas. Essa situação assemelha-se com a encontrada pelas jovens rurais da geração de 1980.

Como os/as jovens rurais dessa comunidade dificilmente frequentam os espaços de lazer urbano, também não formam grupos de amigos/as com a juventude urbana. As poucas relações que estabelecem com os/as jovens da cidade estão ligadas a grau de parentesco, mas não a ponto de constituir uma rede de amizade para frequentarem os espaços de lazer urbanos nos fins de semana.

Os/as jovens rurais das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande, sempre que possível, frequentam com seu grupo de amigos/as formados na comunidade, os espaços de lazer na cidade. Fazem isso durante a semana, quando os rapazes vão jogar bola na quadra dos colégios urbanos e nos finais de semana, quando frequentam a pizzaria, o Boliche, alguns bailes promovidos no Iguazu Tênis Clube e no Clube Operário. Como os bailes nas comunidades rurais e ao entorno não ocorrem mais, costumam frequentar esses eventos em outros municípios. Nesses espaços de lazer urbanos conseguem vivenciar experiências especificamente juvenis e em um contexto diferente daquele vivenciado no campo.

Ao contrário dos/das jovens rurais pertencentes a geração de 1980 e da juventude rural da comunidade Rio do Tigre, os/as jovens rurais das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande possuem redes de sociabilidade e grupos de amizades constituídos por jovens urbanos/as e, em alguns casos, essa relação também atinge os espaços de lazer nos

finais de semana na cidade. A escola e a Universidade têm um papel importante nesse aspecto, como veremos adiante.

Para a juventude rural da geração de 1980, a escola não se configurava enquanto um espaço de sociabilidade para os/as jovens rurais, e nem como um período de moratória, haja vista a maior parte dos/das jovens da época não terem acesso a ela na sua juventude. Atualmente, no entanto, a escola exerce um papel central na formação dos grupos de pares e na articulação de redes de sociabilidade que atingem também os espaços de lazer.

Para os/as jovens rurais da comunidade Rio do Tigre, ela ganha centralidade, porque é ali que formam seus grupos de amizade com os quais frequentam os espaços de lazer no campo e, no caso dos rapazes, também os espaços de lazer na cidade. Como nessa comunidade não existe mais grupo de jovens formado em torno da religião, e as jovens dificilmente saem de casa nos finais de semana, a escola aparece para elas, em especial, como um importante espaço de sociabilidade e vivências com o grupo de pares. Diante dos poucos espaços de lazer disponíveis no campo, a escola acaba sendo um ponto importante para a conexão entre os/as jovens rurais.

Os/as jovens rurais das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande, diferentemente da juventude rural da comunidade Rio do Tigre, frequenta as escolas urbanas. É na escola e na Universidade que os/as jovens rurais estabelecem conexões com os/as jovens urbanos/as. A partir das suas relações diárias nesses espaços formam outros grupos de amigos/as diferentes daquele que possuem no campo e frequentam alguns espaços de lazer e sociabilidade na cidade.

A escola e a Universidade são espaços e instituições que não estavam colocadas para a juventude rural da geração de 1980. Elas são importantes porque possibilitam diferentes conexões, em especial, para os jovens das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande, que permitem vivenciar outros espaços de lazer, diferentes daqueles encontrados no campo.

Diante disso, podemos levantar a hipótese de que a maior autonomia conquistada pela juventude rural atual em relação aos pais, quanto à frequência nos espaços de lazer no campo e, também, na cidade, pode estar articulada ao prolongamento dos estudos e ao maior acesso à escola e à Universidade. Acreditamos que isso, grosso modo, gere uma maior confiança por parte dos pais em relação aos filhos/as, permitindo que saiam sozinhos/as com seus grupos de pares. Em relação à juventude rural da comunidade Rio do Tigre e sua participação nos espaços de lazer urbanos, o fator limitante não é a falta de articulação com

jovens urbanos/as e, sim, a condição espacial, visto que, os/as jovens rurais das outras duas comunidades e alguns rapazes dessa comunidade, sempre que possível vão até a cidade nos finais de semana acompanhados dos amigos/as da comunidade.

A articulação em grupo de pares nas comunidades ou com outros jovens urbanos/as está ligada também as territorialidades dos/das jovens rurais. A juventude rural pertencente à geração de 1980 tinha suas práticas de sociabilidades permeadas pela presença da igreja, da família e do trabalho. As relações estabelecidas com os grupos de pares ficavam bastante restritas a comunidade. Os rapazes tiveram a oportunidade de vivenciar espaços de lazer para além da comunidade. A falta de transporte e a distância das comunidades da área central de Laranjeiras do Sul e, no caso das jovens a pouca liberdade em relação a família, afetou de certa forma a territorialização da juventude rural.

Nessa época, a circulação dos/das jovens rurais eram limitados às comunidades rurais. Estas podem ser entendidas como unidades espaciais, como áreas ou zonas que estão conectadas entre si formando um território-rede (HAESBAERT, 2004). Os processos de desterritorialização e reterritorialização dos/das jovens rurais ocorriam entre os espaços de lazer presentes no campo: bailes, festas e torneios de futebol. Ao circular por esses espaços os/as jovens rurais podiam vivenciar diferentes espaços no campo, podendo-se falar em território-rede. A partir das relações estabelecidas nesses espaços de lazer no campo, vivenciavam a experiência da multiterritorialidade e um processo de multiplicação dos territórios. Para os rapazes, a multiplicação territorial também foi possibilitada nos momentos em que tinham acesso aos espaços de lazer urbanos, com o grupo de pares da comunidade. A frequência a alguns espaços de lazer urbanos possibilitou a eles vivenciar a experiência da multiterritorialidade em um contexto socioespacial mais plural e o contato com um universo simbólico, em muitos aspectos, diferentes daqueles encontrados nas comunidades rurais onde viviam.

Ao analisarmos a territorialização da juventude rural atual, nos espaços de lazer disponíveis hoje, é possível identificar continuidades e rupturas em relação à geração de 1980. Os/as jovens rurais pertencentes à comunidade Rio do Tigre ainda desenvolvem suas práticas de sociabilidade com algumas das características apresentadas anteriormente. Apesar da ampliação dos meios de transporte, com o incremento dos automóveis e das motos, eles/elas ainda encontram-se restritos aos espaços de lazer e diversão disponíveis no campo. A condição do acesso aos espaços de lazer urbanos é dificultada, entre outros fatores, pela distância da área central da cidade.

Por outro lado, a maior mobilidade proporcionada pelos carros e motos possibilita aos jovens e as jovens rurais dessa comunidade circularem entre os diversos espaços de lazer disponíveis nas comunidades vizinhas ao Rio do Tigre e, também, nas comunidades rurais pertencentes à Nova Laranjeiras. Desse modo, os processos de des-re-territorialização dos/das jovens rurais ocorre de forma mais intensa entre as comunidades rurais. A juventude rural da comunidade Rio do Tigre tem a possibilidade de conectar-se a redes de sociabilidades mais amplas no campo, tendo em vista as experiências urbanas serem mais limitadas.

A juventude rural das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande, diferentemente dos/das jovens rurais pertencentes à geração de 1980 e a juventude rural da comunidade Rio do Tigre, tem disponível uma maior pluralidade de conexões espaciais que vão além do campo e podem vivenciar uma rede de sociabilidade mais ampla, para além da comunidade.

Com o grupo de pares formados na comunidade, os/as jovens rurais desses dois lugares, podem vivenciar múltiplos territórios no campo, na cidade e nos municípios vizinhos. Isso é possível por dois fatores principais: tem à disposição os carros e motos como meio de transporte e, principalmente, porque já conseguiram uma maior autonomia em relação aos pais. Tanto os rapazes como as moças têm maior liberdade para circularem sozinhos/as com seus grupos de pares nos espaços de lazer e diversão no campo e na cidade. Esses/as jovens, assim como os rapazes da comunidade Rio do Tigre, podem vivenciar espaços e práticas de sociabilidade, especificamente juvenis e a conquista do espaço-tempo da noite já é uma realidade vivida por eles/elas.

Outra ruptura alcançada pelos/as jovens rurais dessas duas comunidades é a possibilidade de vivenciarem experiências juvenis com o grupo de pares formados por jovens urbanos/as. A conexão com estes, como vimos anteriormente, foi possibilitada em especial pela ida diária à escola urbana e à Universidade. A experiência da multiterritorialidade ocorre para a juventude rural dessas duas comunidades em dois contextos distintos: quando circulam com o grupo de pares da comunidade nos espaços de lazer no campo e na cidade e, a partir do momento em que se conectam com o grupo de pares formados por jovens urbanos/as e circulam nos espaços da cidade e até em outros municípios. Para os/as jovens rurais das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande não persistem mais somente o grupo de amigos/as formados por pessoas com vínculo parental ou filhos/as de amigos ou vizinhos dos pais.

Enquanto a juventude rural da geração de 1980 tinha suas referências culturais quase que exclusivamente voltadas ao campo, pois o contato com o espaço urbano era limitado às idas para a aquisição de suprimentos de primeira necessidade ou, eventualmente, quando frequentavam algum espaço de lazer. Além disso, não tinham uma rede de amizade com jovens urbanos e nem recursos tecnológicos, como televisão, celular e internet para estabelecer contato com um universo cultural distinto daquilo que tinham a disposição na comunidade.

O universo simbólico e cultural, a partir dos quais os/as jovens rurais elaboravam suas identidades individuais e coletivas, possuía características de um modo de vida eminentemente rural, permeado por relações sociais comunitárias e familiares. As vivências juvenis eram limitadas ao grupo de amigos/as formados na comunidade. As referências musicais estavam ligadas ao rural, a moda e a formação de um estilo cultural também não ganhavam importância, mesmo pela falta de acesso a esse tipo de informação. As experiências territoriais estavam limitadas ao espaço rural. É partir das relações estabelecidas no lugar, que os/as jovens rurais formavam suas identidades individuais e coletivas.

Aos poucos as comunidades foram ganhando novos conteúdos técnicos e informacionais, que alteraram não só as relações de trabalho, mas influenciaram nas dinâmicas e práticas sociais e de lazer da juventude rural.

Hoje, a juventude rural das três comunidades tem um contexto diferenciado para elaboração de suas identidades individuais e coletivas em relação à juventude rural da geração de 1980. A expansão dos meios de informação, como a televisão e a internet, expõe os/as jovens rurais cotidianamente a um conjunto de novas informações, ligadas ao mundo da moda, política, cultura, etc. e a um mercado cultural voltado especificamente ao público juvenil.

Por meio dos celulares e das redes sociais, como o *facebook*, os/as jovens rurais estabelecem contatos com os grupos de pares da comunidade, mesmo quando não se encontram durante a semana ou ainda, permite a eles/elas o estabelecimento de outras redes de sociabilidade, para além do lugar onde vivem. A articulação em grupo de pares não está restrita somente à comunidade. Por meio da escola urbana e da Universidade (em especial para a juventude rural das comunidades São Pedro do Interior e Faxinal Grande) articulam-se aos jovens urbanos/as e com estes, ou ainda com o grupo de amigos/as da comunidade, frequentam diferentes espaços de lazer também na cidade.

Todos esses processos, unidos ou não, expõem a juventude rural atual a um novo conjunto de símbolos, visões de mundo, formas de agir e pensar, ou seja, a um universo simbólico e cultural diferente daqueles vivenciados na comunidade, influenciando diretamente na constituição de suas identidades individuais e coletivas. No entanto, essas novas conexões não anulam as referências até então constituídas no campo, mas possibilitam a eles/elas uma multiplicidade de identidades que também são territoriais. Essas novas experiências espaço/temporais, as quais a juventude rural atual está submetida, são responsáveis pela constituição de identidades mais flexíveis e híbridas.

São esses processos, aliados a outros de ordem estrutural, que influenciam também na construção dos projetos de futuro da juventude rural da geração atual.

Para a juventude rural pertencente à geração de 1980, os projetos de futuro estavam limitados as possibilidades encontradas no lugar. A juventude rural dessa época gostaria de ter dado continuidade aos estudos e, para as jovens em especial, o acesso a educação poderia ter proporcionado uma maior autonomia em relação à família e à superação da posição que ocupavam dentro da propriedade. Como a escola e a continuidade dos estudos não era uma situação disponível para eles/elas, efetuaram seus projetos de futuro ligados à permanência no campo e na atividade agrícola. Nessa época, apesar do número de filhos/as ser maior do que atualmente, havia disponibilidade de terras para serem compradas ou mesmo parceladas entre os membros da família. A constituição de uma família no campo e aquisição de um pedaço de terra era um sonho possível de ser realizado.

A juventude rural da geração atual tem à disposição outro conjunto de possibilidades para a efetivação de seus projetos de futuro, diferente daquela encontrada pela geração anterior. O acesso à escola e à possibilidade de cursar uma Universidade tem possibilitado aos jovens rurais, a elaboração de projetos de futuro ligados a migração para a cidade e a conquista de um emprego urbano, em especial no caso das jovens.

Assim como existem os/as jovens rurais que deixam o campo e o trabalho na agricultura por vontade de efetivar um anseio individual, muitos/as o fazem devido a fatores estruturais de diversas ordens, como vimos no decorrer da discussão. No entanto, dois fatores foram apontados para a saída dos/das jovens rurais do campo: a falta de incentivo por parte do Poder Público para a aquisição de terras e a pouca disponibilidade de espaços de lazer no campo para a juventude rural. Mesmo aqueles/as que desejam permanecer, sabem das dificuldades encontradas para o desenvolvimento da atividade agrícola sem o incentivo governamental.

A saída da população jovem do espaço rural tem implicações diretas nos rumos da agricultura familiar e nos espaços de lazer no campo. Com a migração da juventude rural de Laranjeiras do Sul para a cidade, está em curso um processo de envelhecimento do campo, devido à pequena permanência de jovens rurais na atividade agrícola. Por outro lado, temos em curso um processo de masculinização do campo, pela maior migração das jovens. Esse processo tem incidido diretamente nos espaços de lazer no campo, pois, como vimos, o número de jovens nas três comunidades tem diminuído ao longo do tempo, o que justifica, além de outros fatores, a falta de rapazes para constituir times de futebol nesses lugares, assim como a redução na presença das jovens rurais nos bailes e festas das comunidades.

Diante disso e de todas as transformações ocorridas nos espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural de Laranjeiras do Sul, destacamos, outrossim, a necessidade da criação de políticas públicas que venham de encontro às necessidades e aos anseios dessa categoria social. Como vimos, a redução na oferta e qualidade dos espaços de lazer e sociabilidade disponíveis no campo, são decorrentes de fatores de diversas ordens, tanto econômicas quanto sociais.

Ao dar voz às pessoas pertencentes à juventude rural da geração de 1980 e à juventude rural atual de Laranjeiras do Sul, ficou evidente a necessidade de elaboração de políticas governamentais efetivas, que deem apoio à permanência do/da jovem rural no campo.

Sabemos que existem uma série de programas, projetos e linhas de crédito que visam atender algumas necessidades da juventude rural brasileira. No entanto, no caso da realidade estudada, podemos afirmar que, muitas vezes, os/as jovens rurais não conseguem beneficiar-se desses recursos e projetos. E, quando isso é possível, eles não têm trazido os resultados esperados. Um dos motivos pelos quais acreditamos ocorrer um “fracasso” nessas tentativas de efetivação de políticas públicas voltadas à juventude rural, em linhas gerais, é devido ao fato dos órgãos responsáveis pela sua elaboração compreenderem essa categoria social como um todo homogêneo.

Um ponto a destacar, devido a sua importância para a sociedade brasileira como um todo, é que as políticas públicas destinadas à juventude rural devem considerar os diversos modos de ser jovem existentes no campo na atualidade. Como vimos, a juventude rural possui especificidades que vão além do trabalho desempenhado na agricultura e a posição que ocupam dentro das relações familiares ou comunitárias. Longe de serem sujeitos passivos, possuem opiniões próprias, visões de mundo e anseios individuais. Acreditamos que, para

compreender a juventude rural, é preciso apreender as suas dinâmicas territoriais e as articulações que estabelecem no campo, na cidade, na escola e nas suas vivências e práticas de sociabilidade no âmbito do lazer.

É ali, no tempo livre destinado ao lazer e por meio das vivências e práticas de sociabilidade com seu grupo de pares, seja ele composto por jovens rurais ou urbanos, que podem falar de si, dos seus sentimentos, emoções, refletem sobre a realidade em que vivem e elaboram seus projetos de futuro e suas identidades individuais e coletivas.

As políticas públicas destinadas aos jovens rurais devem possibilitar a eles/elas a opção de permanência no campo, se assim preferirem, por meio do acesso a um pedaço de terra que lhes garanta renda e qualidade de vida no âmbito do trabalho, bem como a criação de espaços destinados a realização de atividades culturais e recreativas. Talvez isso possibilitasse ao jovem desenvolver práticas juvenis no campo, diminuindo os limites da dualidade campo e cidade.

Esperamos, em linhas gerais, que nosso trabalho, ao dar voz a esse grupo social, tenha conseguido dar maior visibilidade à juventude rural, mostrando a existência de um grupo social com uma vivência cultural significativa, que precisa de infraestrutura para práticas culturais, de lazer e entretenimento no lugar onde vivem e, também, para além das fronteiras da comunidade. Ao mesmo tempo, esperamos que a ciência geográfica, em especial a geografia humana, possa contribuir no sentido de pensar o espaço rural para além de um espaço de produção, mas também, permeado por relações sociais e culturais próprias.

Frente a isso, acreditamos ainda, que nossa pesquisa possa contribuir com outros estudos que já vêm pensando a juventude rural em suas especificidades e, na Geografia, esperamos que se abram caminhos para pensar mais a fundo a juventude rural e suas territorialidades nos mais diferentes contextos socioespaciais.

Para finalizar, temos consciência que nosso trabalho representa a “ponta de um iceberg”. Ele não exaure e, nem tem a ousadia de pretender tal fato, toda a discussão possível acerca dessa categoria social, seja na Geografia ou nas outras ciências, devido as suas limitações teóricas, lacunas e escolhas metodológicas, bem como a complexidade e a diversidade da juventude rural. Sentimos a necessidade, no decorrer da pesquisa, de maiores reflexões a respeito dos espaços de lazer e sociabilidade destinados à juventude rural e abordagens que articulem essa categoria às políticas públicas disponíveis para eles/elas, podendo esse ser um caminho para ser investigado no futuro.



## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Contexto histórico e condição juvenil. *In:* \_\_\_\_\_. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano.** São Paulo: Scritta, 1994. p 1-53.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *In:* FÁVERO, O. *et al.* **Juventude e contemporaneidade.** Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. p. 73-90.

ABRAMOVAY, R. *et al.* **Juventude e agricultura familiar: desafio dos novos padrões sucessórios.** 2. ed. Brasília: Edições Unesco, 1998. 101 p.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: texto em história oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 196 p.

\_\_\_\_\_. **Manual de história oral.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 236p.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, 304 p.

BARCELLOS, S. B. **Juventude rural e políticas públicas no Brasil: breve contextualização e reflexões.** 1º Seminário Nacional de Juventude Rural e Políticas Públicas. Secretaria Nacional da Juventude. 2012, p. 1-12.

BRANCO, Maria Teresa Castelo. **Jovens sem - terra: identidades em movimento.** Curitiba: Ed. da UFPR, 2003. 176 p.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. *In:* ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2011, p.175-214.

BRUMER, Anita. **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade.** 2007. p. 1-19.

BUAINAIN, A. M.; ROMEIRO, A. R.; GUANZIROLI, C. Agricultura familiar e o novo mundo rural. **Sociologias Dossiê.** ano.5, n.10, p.312-347. Jul/dez 2003.

CALDAS, Alberto Lins. Outra história oral. **Caderno de Criação,** Porto Velho, v. 30, s.p, jun. de 2003. Disponível em: <http://www.albertolinscaldas.unir.br/historal.html>. Acesso: 02 jul. 2012.

CAMARGO, João Olivir. **Nerje Laranjeiras do Sul – “raízes da nossa terra”, a história épica e contemporânea.** 1ªed. Curitiba: Vicentina Gráfica e Editora, 1999. 228 p.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: HUCITEC, 1996. 85p.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. *In:* ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira.** Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. **O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais.** Mundo Rural e Política, Rio de Janeiro: Ed. Campus/ Pronex, 1998. p. 1-21.

CARRANO, P.C.R. Práticas sociais educativas na cidade. *In:* \_\_\_\_\_.(org.). **Juventudes e cidades educadoras.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 15-36.

CASTRO. Elisa Guaraná de. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural, contribuições para o debate.** 2005. p. 1-20.

CASTRO. Elisa Guaraná de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista latinoam.cienc.soc.niñez juv.** Jan 2009, v. 7, n.1, p. 179-208.

CENSO AGROPECUÁRIO DE 2006. **Agricultura familiar, primeiros resultados:** Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Rio de Janeiro, 2006. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE).

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. *In:* GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 87-121.

COLOGNESE, S. A; MÉLO, J. L. B de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia,** Porto Alegre, v. 9, p. 143-159. 1998.

CRUZ NETO, O. C.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. **Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação.** *In:* Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Ouro Preto, 4 a 8 de novembro de 2002. Disponível em: [www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/com\\_JUV\\_PO27\\_Neto\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf). Acesso em: 12 fev. 2013.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. Juventude, grupos de estilo e identidade. *Educação em Revista,* Belo Horizonte, n. 30, p. 25-39, dez. 1999.

\_\_\_\_\_. A escola como um espaço sócio-cultural. *In:* \_\_\_\_\_.(org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** 2ª. reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 136-161.

\_\_\_\_\_. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade.** Disponível em: [www.fae.ufmg.br:8080/objuventude/acervo/textos%5caba2004.html](http://www.fae.ufmg.br:8080/objuventude/acervo/textos%5caba2004.html) – Acessado em 13 ago.2007.

\_\_\_\_\_. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude.** Belo Horizonte: humanitas, 2005. p. 21 - 44.

FAJARDO, Sérgio. **Territorialidades corporativas no rural paranaense.** Guarapuava: Unicentro, 2008. 414p.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário de diferenças. *In:* **Entrevistas: abordagens e usos da história oral.** MORAES, Marieta de Moraes. (org.). Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 1-13.

\_\_\_\_\_. **História, tempo presente e história oral.** Topoi, Rio de Janeiro, p. 314-332, 2002.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 77-86.

GAVIRIA, M. R.; MENASCHE, R. A juventude rural no desenvolvimento territorial: análise as posição e do papel dos jovens no processo de transformação do campo. **ESTUDO & DEBATE**, Lajeado, v. 13, n. 2, p. 69-82, 2006.

GOMES, M. E. S.; BARBOSA, E.F. **A técnica de grupos focais para a obtenção de dados qualitativos**. Educativa: Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais (Publicação Interna). 1999, p.1-7.

GOMES, Sandra Regina. Grupo Focal: uma alternativa em construção na pesquisa educacional. **Cadernos de Pós Graduação**. São Paulo: Educação. 2005, v., 4, p. 39-45.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**. Ribeirão Preto, 2003, v., 12, n. 24, p. 149-161.

GONTIJO, Cyntia Rúbia Braga. Juventudes do campo no contexto de ruralidades a serem (re) construídas: um estudo exploratório em um acampamento dos sem-terra. **Anais do II Seminário Nacional: Movimentos sociais, participação e democracia**. Florianópolis, abril de 2007. p. 195-209.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2009. 186p.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade**. In: \_\_\_\_\_. (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 400 p.

HESPANHOL, A.N; HESPANHOL, R.A.M. Dinâmica do espaço rural e novas perspectivas de análises das relações campo-cidade no Brasil. **Revista Terra Livre**, Presidente Prudente, v.2, n.27, p.133-148. Jul/dez. 2006.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário de 2006**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/territorio/unit.asp?codunit=4205&z=t&o=4&i=P>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico de 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 06 jan. 2013.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Base de dados do Estado do Paraná**. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/imp/index.php>>. Acesso em: 06 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. **Leituras regionais:** Mesorregião Geográfica Centro-Sul Paranaense. Curitiba: IPARDES, 2004. 139 p.

\_\_\_\_\_. **Diagnóstico socioeconômico do Território da Cantuquiriguaçu.** Curitiba: IPARDES, 2007. 145 p.

LOPES, Sérgio. **O Território do Iguaçu no contexto da “Marcha para o Oeste”.** 2ªed. Cascavel: Edunioeste, 2008. 264 p.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral.** 8ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 15-25.

MAGALHÃES FILHO, F. Evolução histórica da economia paranaense. **Revista Paranaense de Desenvolvimento.** Curitiba, n.87, jan/abr., 1996, p.131-148.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La construcción social de la condición de juventud. In: MARGULIS, M. et al. (org.). **Viviendo a toda:** jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores/Departamento de Investigaciones Universidad Central, 1998. p. 3 – 21.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). **O espaço da diferença.** Campinas: Papirus, 2000. p. 176 – 185.

MAY, Tim. **Pesquisa social:** questões, métodos e processos. In: \_\_\_\_\_. (org.). Tradução: Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 173-203.

MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de história oral.** 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2002. 246p.

MUSSOI, Arno Bento. **Laranjeiras do Sul:** o espaço em construção. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002. 174 p.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica:** o caso paranaense. 2.ed. Curitiba: IPARDES. 2006. 306p.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. 401p.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação, n. 5 e 6, p. 15 – 24, mai/dez, 1997.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História,** n. 15, São Paulo, p. 13-33. Abr. 1997.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993. 269 p.

REDIN, Ezequiel. Jovem Rural em questão. **Sociais e Humanas,** v.25, n.01, Santa Maria, p.123-139. Jan/jun, 2012.

RODRIGUES, H. F.; SOARES, P.R.R. **Quando a cidade e o campo se encontram: tendências atuais da relação urbano-rural no Vale dos Sinos em Paranhana**. 2008. s.p.

SACK, Robert. **Territorialidade Humana: sua teoria e história**. Cambridge: University Press, 1986. 271 p.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. O lugar: encontrando o futuro. **Revista de Urbanismo e Arquitetura**. v. 4, n. 1, 1996. p. 34-39.

SAQUET, Marcos Aurélio. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i) materialidade. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, jan./jun. 2007. p. 55-76.

**Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná – SEAB**. Valor Bruto da Agropecuária Paranaense em 2006. Disponível em: <<http://www.agricultura.pr.gov.br/>>. Acesso: 03 de março de 2013.

SILVA, Catarina Malheiros da. Escola, projetos de futuro e cotidiano- o que dizem as jovens rurais de um município baiano. **Fazendo Gênero 8 – corpo, violência e poder**. Florianópolis, 2008. p. 1-5.

SILVA, R. N. da.; CAPELO, M. R. C. Juventude do campo e políticas públicas: algumas reflexões de um texto em construção. **Colloquium Humanarum**. v. 3, n.1, p. 36-48. 2005.

SIMMEL, G. Sociabilidade – um exemplo de Sociologia Pura ou Formal. *In*: \_\_\_\_\_. **Sociologia** (org. MORAES FILHO). São Paulo: Ática, 1983. p. 165 – 181. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 77 – 116.

SPOSITO, Marília Pontes. Juventude: crise, identidade e escola. *In*: DAYRELL, Juarez. (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 96-104.

\_\_\_\_\_. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Caxambu, n.13, p.73-94, Jan/Abr. 1999.

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950**. Londrina: Editora UEL, 2008. 206 p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982. 385 p.

TURRA NETO, Nécio. A Geografia no ensino médio: uma questão de identidade entre o lugar e o mundo. **MELL – Mostragem de Estudos Lingüísticos e Literários**. Porto Nacional: Letras/UNITINS, 2003. p. 21-37.

\_\_\_\_\_. **Observação participante como metodologia de pesquisa de campo em Geografia Cultural.** Anais da XIII Semana de Geografia – Paraná 150 anos: natureza e formação socioespacial. Guarapuava: Ed. Unicentro. 2004. p. 81-95.

\_\_\_\_\_. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade.** 2008. 533f. Tese (Doutorado em Geografia/ Área de Concentração: Produção do espaço) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

\_\_\_\_\_. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. **Rev. RA’EGA: o espaço geográfico em análise.** Curitiba, v. 23, p. 340-371. 2011.

VALE, A. L. F.; SAQUET, M. A.; SANTOS, R. A dos. O território: diferentes abordagens e conceito-chave para a compreensão da migração. **Faz Ciência**, UNIOESTE, v. 7, n.º 1. 2005. p.11-26.

VIANNA, Heraldo Marelin. Metodologia da observação. *In:* \_\_\_\_\_. (org.). **Pesquisa em educação: a observação.** Brasília: Líber Livro Editora, 2007. v. 5, cap. I, p. 9-70.

WACHOWICZ, Ruy Christowam. **História do Paraná.** 7ª ed. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, 1995. 276 p.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes históricas do campesinato brasileiro. *In:* TEDESCO, João Carlos (org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas.** Passo Fundo, RS: EDIUPF, 1999, p.23-56.

\_\_\_\_\_. Raízes históricas do campesinato brasileiro. **XX Encontro Anual da ANPOCS – Processos Sociais Agrários.** Caxambu, MG. Out.1996. p. 2 - 18. Disponível em: <http://gipaf.cnptia.embrapa.br/publicacoes/artigos-e-trabalhos/nazareth96-1.pdf>. Acesso: 12 dez. 2008.

WEISHEIMER, Nilson. Jovens agricultores: gênero, trabalho e projetos profissionais. **Trabalho apresentado no XXIX Encontro Anual da ANPOCS- 25 a 29 de outubro de 2005.** p. 1-25, 2005.

\_\_\_\_\_. **A situação juvenil na agricultura familiar.** 2009. 330 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. *In:* \_\_\_\_\_. (org.). **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo.** Campinas: Papirus Ed. 1998.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1

### ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL COM PESSOAS DA JUVENTUDE RURAL DA GERAÇÃO DE 1980

#### **1) Origens: família e o período da infância:**

- Os pais sempre moraram em Laranjeiras do Sul? No campo ou na cidade?
- Desde quando a família mora na comunidade?
- Quando nasceu, seus pais já viviam na comunidade?
- Onde passou a infância?
- Do que brincavam?
- Frequentou a escola? Estudou até que série? Onde estudava?

#### **2) Período da Juventude: grupo de amigos, espaços de lazer...**

- Como era o lugar? (as pessoas, condições de acesso, a comunidade em si, a cidade...)
- Com era rotina durante a semana na comunidade?
- Como eram os finais de semana? (sábado e domingo, pedir um relato...)
- Quais eram os principais pontos de encontro da juventude rural na época?
- Quais os espaços de lazer que frequentavam?
- O que havia de espaços de lazer e diversão no campo? (festas, bailes, movimento das pessoas...)
- Com quem iam? Como iam? O que as pessoas faziam nesses lugares?
- Os pais davam liberdade para sair sozinhos com os amigos?
- Quem era seu grupo de amigos? Com que frequência iam a esses lugares?
- Como ficavam sabendo das festas, bailes e outros eventos que aconteciam nos finais de semana?
- Que músicas seu grupo de amigos gostava de ouvir?
- Como os lançamentos de músicas chegavam até vocês?
- Como era a moda no período? Quais os estilos dos jovens na época? (roupas que usavam, onde compravam...)
- Qual era a posição dos pais em relação ao namoro?

#### **3) Vida na comunidade:**

- Como era a vida social na comunidade: as pessoas participavam? As relações sociais ocorriam entorno da família, escola, igreja...?
- Havia grupo de jovens na comunidade? Você participava de algum grupo? Como se organizavam, o que faziam?

#### **4) Espaços de lazer e diversão na cidade:**

- E na cidade, frequentavam algum espaço de lazer?
- Quais? (Rua XV, Clube Operário e Iguaçu...)
- Com quem iam, como iam? O que faziam nesses espaços?
- Com qual frequência iam a esses lugares?
- Quem mais frequentava esses lugares? Havia outros grupos de jovens rurais ou urbanos?
- Quais outros pontos que a juventude se encontrava na cidade?
- O seu grupo de amizade tinha alguma diferença em relação aos demais jovens na cidade?



- **Se não frequentavam:** por que motivos não iam? (difícil acesso, os pais não deixavam...)  
Tinha conhecimento dos espaços de lazer que haviam na cidade na época? Como ficava sabendo? Tinha vontade de conhecer?

- Na época tinha vontade de continuar os estudos? Trabalhar fora? Os pais incentivavam?  
- Como você se percebia enquanto jovem rural na época? (pensava no futuro, na sua vida na comunidade e na propriedade, quais eram seus anseios...)

### **5)Atualmente:**

- Frequenta algum espaço de lazer? Onde vai? Com quem? Fazer o que?  
- Participa de algum grupo de amigos, associação, clube de mães (no caso das mulheres), como é a vida pública atualmente?  
- O que faz nos fins de semana? (assiste algum filme, televisão, fica em casa...)  
- Percebe alguma mudança na comunidade e no campo em relação ao período da sua juventude? Quais?  
- Saberria me dizer por que mudou?  
- Como você vê a juventude rural hoje? (em relação ao que eles tem acesso, o que fazem nos finais de semana, espaços de lazer que frequentam...)  
- E em relação as condições e possibilidades para permanecer no campo ou sair?

## APÊNDICE 2

### ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL COM PESSOAS DA JUVENTUDE RURAL DA GERAÇÃO ATUAL

#### 1) Origens: família, o período da infância, relação na propriedade:

- Onde nasceu? Seus pais sempre moraram na comunidade? (se não: onde? No campo, cidade, comunidade próxima...)
- Como foi sua infância? Com quem brincava? Do que brincava? Possui irmãos?
- Com era a comunidade? (ver se lembra detalhes...)
- Seus pais trabalham na agricultura? Possuem terra? Quanto? O que plantam?
- Você ajuda nas atividades desenvolvidas na propriedade? Quais as tarefas que desempenha? Existe uma divisão? Família dá liberdade para participar das decisões dentro da propriedade?

#### 2) Juventude: grupo de amigos, espaços de lazer...

- O que você faz nos fins de semana? (sábado e domingo, pedir um relato...)
- Quais os espaços de lazer e diversão que você frequenta nos finais de semana no campo? - Com quem você vai? Como vai?
- Quais são os principais pontos de encontro dos jovens nos fins de semana no campo? (bailes, festas, igreja, cachoeira, campo, comunidade...)
- Você possui um grupo de jovens com quem sai nos fins de semana? São jovens da comunidade, vizinhos, primos, irmãos?
- A quanto tempo o grupo se formou e sai junto nos fins de semana?
- Com que frequência vocês vão a estes lugares?
- Como são esses lugares? (quais pessoas frequentam, de onde vem, o que fazem...)
- Existem outros grupos de jovens nesses lugares? Vocês se comunicam?
- O que mais gostam de fazer nesses espaços de lazer e diversão?
- Existem muitos espaços de lazer no campo?
- Os pais se importam de você sair sozinho ou com seus amigos nos finais de semana? (se sim: por que não gostam...)
- Quando você sai, existe alguma restrição quanto ao horário de voltar? E em relação as suas amizades?
- Como você se comunica com seus amigos? (celular, internet...)
- Você encontra seus amigos durante a semana para fazer alguma coisa ou somente no final de semana? (se sim: o que fazem)
- Você gosta de música? Seu grupo curte o mesmo estilo?
- Você e seu grupo acompanham os lançamentos musicais e as roupas que estão na moda? Como? Compartilham de algum estilo próprio?

#### 3) Vida na comunidade:

- Você participa da vida social na comunidade?
- Participa de algum grupo de jovem? (se não: por quê?)

#### 4) Espaços de lazer e diversão na cidade:

- Você e/ou seu grupo vem para os espaços de lazer na cidade nos fins de semana?

##### SE SIM:

- Como você vem? Quais espaços de lazer você (s) frequenta? (Rua XV, parque aquático, Clube Iguaçu e Operário...)
- Com que frequência vocês vem para a cidade se divertir?

- Seu grupo de amizades tem alguma diferença em relação aos demais jovens da cidade?

**SE NÃO:**

- Por que vocês não vêm? Por causa da distância? Não gostam? Os pais não deixam? Ou não tem como vir?

#### **5) Estudos:**

- Você ainda estuda?

- Qual a importância que a escola ou a Universidade tem para sua vida? Os pais apoiam os estudos? Por quê?

**SE NÃO ESTUDA:** Por que parou de estudar? Gostaria de continuar estudando? O que seus pais pensam sobre isso?

#### **6) Trabalho:**

- Você gostaria de trabalhar fora da propriedade?

- Em que? Por que gostaria?

**SE JÁ TRABALHA FORA:** por que está trabalhando fora? Em que trabalha? Seus pais lhe dão apoio?

#### **7) Pensando a juventude rural: mudanças e permanências, espaços de lazer e futuro**

- Você percebe alguma mudança na comunidade desde que você era criança? (participação das pessoas, jovens).

- O que pode ser a causa?

- O que você pensa sobre os espaços de lazer oferecido a juventude rural nas comunidades? (o que falta, o que poderia ser melhorado...)

- E em relação aos espaços de lazer urbanos?

- Consegue identificar quais as maiores dificuldades enfrentadas hoje no campo pelas pessoas e pela própria juventude rural? O que falta?

- O que você pensa sobre a cidade?

- Pretende continuar morando no campo? **SE SIM:** por quê? Qual seu projeto de futuro?

**SE NÃO:** pretende morar na cidade? Por quê?  
Qual seu projeto de futuro?

- Como você vê a juventude rural hoje?

- Como você se percebe enquanto jovem rural diante de todas as transformações que o mundo, o campo e a cidade vêm passando hoje?

### APÊNDICE 3

#### DADOS DO/A ENTREVISTADO/A

- 1) **Nome Completo:** \_\_\_\_\_
- 2) **Local e data de nascimento:** \_\_\_\_\_
- 3) **Nome da comunidade em que mora:** \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_
- 4) **Profissão Atual:** ( ) Agricultor(a) ( ) do Lar ( ) Estudante  
( ) Atua em outra atividade Qual: \_\_\_\_\_
- 5) **Estado Civil:** \_\_\_\_\_
- 6) **Possui filhos:** ( ) sim ( ) não Quantos: \_\_\_\_\_
- 7) **Escolaridade:** \_\_\_\_\_
- 8) **Renda:** \_\_\_\_\_
- 9) **Religião:** \_\_\_\_\_
- 10) **Mora com:** ( ) filhos ( ) marido/esposa ( ) sozinho/a ( ) amigos/as ( ) filhos +  
marido/esposa ( ) pais ( ) tios e/ou Avós

## APÊNDICE 4

### UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE – UNICENTRO CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

#### TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DA ENTREVISTA (Geração de 1980)

A Pesquisa “**Transformação dos espaços de sociabilidade da juventude rural de Laranjeiras do Sul a partir da década de 1980**”, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Karla Rosario Brumes, visa analisar e compreender quais os espaços de sociabilidade vividos pela juventude rural de Laranjeiras do Sul e como estes foram se modificando ou sendo alterados pelas transformações ocorridas no lugar, olhando, sempre, para outros contextos mais abrangentes.

Para isso, este documento visa solicitar a sua participação no fornecimento de informações importantes que poderão contribuir para o desenvolvimento deste trabalho. Por meio deste Termo são-lhes garantidos o direito de solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta pesquisa; os dados dos depoimentos estarão sob sigilo ético e não deverão ser divulgados até o momento de conclusão da pesquisa, de modo que ela não ofereça nenhum risco ao/a informante.

A pesquisadora responsável pela pesquisa é a mestrande Claudete Kuhn, do Programa de Pós Graduação *Strictu Sensu* em Geografia da Universidade Estadual do Centro Oeste-UNICENTRO. A pesquisadora se compromete a esclarecer todas as dúvidas dos/as informantes, antes, durante e depois das entrevistas. Podendo ser contatado pelo telefone: (42) 9134-6977; ou ainda pelos correios eletrônicos: [claudetekuhn@hotmail.com](mailto:claudetekuhn@hotmail.com) ou [tede\\_kuhn@yahoo.com.br](mailto:tede_kuhn@yahoo.com.br).

Eu \_\_\_\_\_, portador/a do documento \_\_\_\_\_, residente \_\_\_\_\_

Declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista para que seja transcrita, analisada e utilizada, no todo ou em partes, no âmbito da pesquisa acima citada. Da mesma forma, autorizo que seja usada posteriormente por terceiros vinculados á UNICENTRO, que ficará com a guarda do material após o término da pesquisa.

Também informo que ( ) permito a citação do meu nome na redação final da pesquisa ( ) não permito a citação do meu nome na redação final da pesquisa.

Laranjeiras do Sul, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora Claudete Kuhn

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE – UNICENTRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DA ENTREVISTA (Geração Atual)**

A Pesquisa “**Transformação dos espaços de sociabilidade da juventude rural de Laranjeiras do Sul a partir da década de 1980**”, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Karla Rosário Brumes, visa analisar e compreender quais os espaços de sociabilidade vividos pela juventude rural de Laranjeiras do Sul e como estes foram se modificando ou sendo alterados pelas transformações ocorridas no lugar, olhando, sempre, para outros contextos mais abrangentes.

Para isso, este documento visa solicitar a sua participação no fornecimento de informações importantes que poderão contribuir para o desenvolvimento deste trabalho. Por meio deste Termo são-lhes garantidos o direito de solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta pesquisa; os dados dos depoimentos estarão sob sigilo ético e não deverão ser divulgados até o momento de conclusão da pesquisa, de modo que ela não oferece nenhum risco ao/a informante.

A pesquisadora responsável pela pesquisa é a mestrande Claudete Kuhn, do Programa de Pós Graduação *Strictu Sensu* em Geografia da Universidade Estadual do Centro Oeste-UNICENTRO. A pesquisadora se compromete a esclarecer todas as dúvidas dos/as informantes, antes, durante e depois das entrevistas. Podendo ser contatado pelo telefone: (42) 9134-6977; ou ainda pelos correios eletrônicos: [claudetekuhn@hotmail.com](mailto:claudetekuhn@hotmail.com) ou [tede\\_kuhn@yahoo.com.br](mailto:tede_kuhn@yahoo.com.br).

Eu \_\_\_\_\_, portador/a do documento \_\_\_\_\_, residente \_\_\_\_\_

Declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista para que seja transcrita, analisada e utilizada, no todo ou em partes, no âmbito da pesquisa acima citada. Da mesma forma, autorizo que seja usada posteriormente por terceiros vinculados á UNICENTRO, que ficará com a guarda do material após o término da pesquisa.

Também informo que ( ) permito a citação do meu nome na redação final da pesquisa ( ) não permito a citação do meu nome na redação final da pesquisa.

Laranjeiras do Sul, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora Claudete Kuhn

Como responsável pelo (a) jovem \_\_\_\_\_ declaro meu consentimento para sua participação nesta pesquisa:

Responsável: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE 5

### ROTEIRO DE DEBATE DO GRUPO FOCAL COM PESSOAS DA JUVENTUDE RURAL ATUAL.

#### **QUESTÃO CHAVE 1: grupos de amizade e espaços de lazer que frequentam**

- Se possuem e quem são os grupos de amigos dos quais fazem parte.
- O que fazem nos finais de semana e quais espaços de lazer frequentam (no campo e na cidade).
- Como e com quem vão, o que fazem.
- Identificam outros grupos de jovens nos espaços de lazer e diversão na cidade.
- Conseguem identificar alguma diferença em relação aos jovens urbanos ou outros grupos.
- Relação com outros grupos de jovens e o que eles fazem.
- Como são esses espaços de lazer e diversão.
- Como se organizam nos espaços de lazer e diversão quando chegam (conversam com outros jovens, se misturam, o que conversam)

#### **QUESTÃO CHAVE 2: Relação na comunidade**

- Se os jovens participam ou não da comunidade.
- Solicitar exemplos de como participam
- Participam de algum grupo de jovem na comunidade (se existe ou não, como organizaram, ou ainda porque não fizeram, o que falta...)
- Caracterização de algumas mudanças que os/ as jovens rurais conseguem identificar na comunidade de quando eram crianças e agora.

#### **QUESTÃO CHAVE 3: campo e a cidade**

- Qual a opinião da juventude rural sobre os espaços de lazer e diversão no campo e na comunidade, o que falta, quais as dificuldades encontradas.
- O que pensam sobre os espaços de lazer e diversão urbanos
- Do que sentem falta.
- O que pensam sobre o campo e a cidade (pontos negativos e positivos)
- Possuem alguma ideia das transformações que vem ocorrendo no campo (se realmente estão acontecendo) quais seriam, e como percebem o futuro no campo.

#### **QUESTÃO CHAVE 4: música, moda e estilos**

- Acesso as novas tecnologias (quais meios de informação tem acesso; rádio televisão, internet...; quais aparelhos eletrônicos utilizam: celular, MP3, câmera digital...)
- Relação com os lançamentos musicais, modas.
- Tipo de música que os integrantes dos grupos compartilham, por que. (investigar o que acham das músicas com “caráter mais urbano”: funk, hip-hop, rock...)

#### **QUESTÃO CHAVE 5: Estudos**

- Estão estudando? (Quais motivos que os levam a seguir com os estudos, posição dos pais. Se não estão, por que pararam, gostariam de continuar...)
- Possibilidade de permanência no campo (por que pretendem ficar, o que os leva a permanecer...)
- Possibilidade de sair do campo (por que querem sair, motivos...)
- Posição dos pais em relação às decisões dos filhos.
- Visão de futuro. (projetos)

- Como percebem a juventude rural hoje e como se percebem enquanto jovens rurais diante de todas as transformações que vem ocorrendo no campo e na cidade nos últimos tempos...

## APÊNDICE 6

### UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE – UNICENTRO CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

#### TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DA ENTREVISTA (Grupo Focal)

A Pesquisa “**Transformação dos espaços de sociabilidade da juventude rural de Laranjeiras do Sul a partir da década de 1980**”, sob a orientação da Professora Dra. Karla Rosario Brumes, visa analisar e compreender quais os espaços de sociabilidade vividos pela juventude rural de Laranjeiras do Sul e como estes foram se modificando ou sendo alterados pelas transformações ocorridas no lugar, olhando, sempre, para outros contextos mais abrangentes.

Para isso, este documento visa solicitar a sua participação no “**grupo focal**” realizado no... (data, local de realização)... com o objetivo de debater temas sobre o lazer, o cotidiano da juventude rural durante a semana e fins de semana, relação na comunidade, estudos, trabalho, etc. Esta discussão busca obter informações importantes que poderão contribuir para o desenvolvimento deste trabalho. Por meio deste Termo são-lhes garantidos o direito de solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta pesquisa; os dados dos depoimentos estarão sob sigilo ético e não deverão ser divulgados até o momento de conclusão da pesquisa, de modo que ela não oferece nenhum risco ao/a informante.

A pesquisadora responsável pela pesquisa é a mestrande Claudete Kuhn, do Programa de Pós Graduação *Strictu Sensu* em Geografia da Universidade Estadual do Centro Oeste-UNICENTRO. A pesquisadora se compromete a esclarecer todas as dúvidas dos/as informantes, antes, durante e depois das entrevistas. Podendo ser contatado pelo telefone: (42) 9134-6977; ou ainda pelos correios eletrônicos: [claudetekuhn@hotmail.com](mailto:claudetekuhn@hotmail.com) ou [tede\\_kuhn@yahoo.com.br](mailto:tede_kuhn@yahoo.com.br).

Eu \_\_\_\_\_, portador/a do documento \_\_\_\_\_, residente \_\_\_\_\_

Declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista para que seja transcrita, analisada e utilizada, no todo ou em partes, no âmbito da pesquisa acima citada. Da mesma forma, autorizo que seja usada posteriormente por terceiros vinculados á UNICENTRO, que ficará com a guarda do material após o término da pesquisa.

Também informo que ( ) permito a citação do meu nome na redação final da pesquisa ( ) não permito a citação do meu nome na redação final da pesquisa.

Laranjeiras do Sul, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora Claudete Kuhn

Como responsável pelo (a) jovem \_\_\_\_\_ declaro meu consentimento para sua participação nesta pesquisa: Responsável: \_\_\_\_\_



**DADOS DO/A PARTICIPANTE – GRUPO FOCAL**

- 1) **Nome Completo:** \_\_\_\_\_
- 2) **Local e data de nascimento:** \_\_\_\_\_
- 3) **Nome da comunidade em que mora:** \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_
- 4) **Profissão Atual:** ( ) Agricultor(a) ( ) do Lar  
( ) Estudante ( ) Atua em outra atividade Qual:
- 5) **Estado Civil:** \_\_\_\_\_
- 6) **Escolaridade:** \_\_\_\_\_
- 7) **Renda:** \_\_\_\_\_
- 8) **Religião:** \_\_\_\_\_
- 9) **Mora com:** ( ) sozinho/a ( ) amigos/as ( ) pais ( ) tios e/ou Avós